UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Centro de Ciências Humanas – CENTRO 1

Programa de Pós-Graduação em História

"Voluntários da Liberdade": Militares Brasileiros nas Forças Armadas Republicanas durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939).

Jorge Christian Fernandez

São Leopoldo

2003/1

ARCHIVO HISTORICO de la Provincia de Buenos Aires

1.3.005 (fs.318)

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Centro de Ciências Humanas – CENTRO 1

Programa de Pós-Graduação em História

"Voluntários da Liberdade": Militares Brasileiros nas Forças Armadas Republicanas durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939).

Jorge Christian Fernandez*

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em História, na Área de Estudos Históricos Latino Americanos.

Orientador: Prof. Dr. Werner Altmann

São Leopoldo
2003/1

*** Bacharel em História, UFRGS 1999/2**

AGRADECIMENTOS

A CAPES e ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Unisinos.

Ao Prof. Dr. Werner Altmann pela sua competente orientação e calma.

Aos professores do PPGH da Unisinos e do IFCH da UFRGS, todos responsáveis por minha formação profissional.

A todos colegas da Unisinos e da UFRGS com os quais tive edificantes discussões acadêmicas.

Aos funcionários do PPGH da Unisinos e do IFCH da UFRGS.

Aos funcionários do Arquivo Edgard Leuenroth – AEL (Campinas), do Arquivo do Estado de São Paulo – AESP (São Paulo), do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro – APERJ (Rio de Janeiro) e do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul – AHRGS (Porto Alegre).

Ao Enrique Serra Padrós, mestre e amigo com quem compartilho o interesse pela Guerra Civil Espanhola. Salut!

Aos meus colegas e amigos Luiz Dario Teixeira Ribeiro, Daniel Milke, Gérson W. Fraga e Claudira Cardoso pelas discussões e o auxílio com as diversas fontes. Muito obrigado, mesmo.

Aos ex-combatentes coronel-aviador reformado Delcy Silveira e coronel-artilheiro reformado Apolônio de Carvalho, sem dúvida, pessoas feitas de uma têmpera especial.

Aos meus amigos Fávio Dragovic, Marcelo Niederauer, Jorge Heinzelmann, Felipe Silva, Gerson Anversa e Carlos Goraieb pela troca de idéias, o apoio e a paciência com este indivíduo.

A los señores Prof. Dr. Héctor Carricart, Rodolfo Beccaria, Carlos Artola y Pablo Svartmann por el envio de material y las charlas. Muchas gracias

To Carl Geiser, historian and veteran of the XV Bde., to Prof. Dr Victor Berch, and Prof. Jim Monaghan for their help in my research.

E, *at least but not the last*, a meus saudosos pais, a minha família "política" e especialmente a companheira inseparável de todas as horas, Vanessa.

Este trabalho também é dela.

Como de praxe, os erros são de inteira responsabilidade do autor.

ARQUIVO HISTÓRICO Del La Provincia de Buenos Aires

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS **06**

LISTA DE TABELAS **08**

LISTA DE FIGURAS **08**

LISTA DE ANEXOS **08**

ABSTRACT **10**

RESUMO **11**

INTRODUÇÃO **12**

CAPÍTULO 1: "À ESPERA DA REVOLUÇÃO, VENTOS DE GUERRA". **26**

1.1 O Conturbado Contexto Mundial nos Anos 30: crise de 1929, nazi-fascismo e antifascismo. **26**

1.2 Brasil e Espanha nos Anos 30: ecos, diferenças e semelhanças. **33**

1.3 A Delegação Brasileira: grupos, origem, formação e atividade político-militar no Brasil. **75**

CAPÍTULO 2: "GUERRA, INTERVENÇÃO E SOLIDARIEDADE". **120**

2.1 O Início da Guerra Civil Espanhola. **120**

2.2 A Internacionalização da Guerra Civil Espanhola: as intervenções estrangeiras. **126**

2.3 Voluntários Estrangeiros: das milícias populares ao Exército Popular Republicano. **145**

CAPÍTULO 3: "VIVAN LAS BRIGADAS INTERNACIONALES". **164**

3. 1 Os Combatentes Internacionais: de Madrid a Teruel (chegada do primeiro contingente brasileiro). **164**

3. 2 Os Combatentes Internacionais: de Teruel ao Ebro (chegada do segundo contingente brasileiro). **203**

3.3 A Desmobilização dos Internacionais e o Colapso da República Espanhola. **230**

CAPÍTULO 4: "NACIONALISMO E INTERNACIONALISMO". **247**

4.1 Os Combatentes Internacionais: nacionalismo antifascista sob a égide do internacionalismo. **247**

4.2 Identidades e Conflito Nacional nas Brigadas Internacionais. **261**

4.3 Os Voluntários Brasileiros: política e ideologia. **287**

4.4 O Pós Guerra Espanhol e o Destino dos Combatentes Internacionais. **311**

CONCLUSÃO **325**

ANEXOS **333**

BIBLIOGRAFIA **382**

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

LISTA DE ABREVIATURAS

AIB	Ação Integralista Brasileira
AIT	Associação Internacional dos Trabalhadores
ANL	Aliança Nacional Libertadora
BI	Brigadas Internacionais
BP	Bureau Político
CC	Comitê Central
CEDA	Confederación Española de Derechos Autonomos
CMPA	Colégio Militar de Porto Alegre
CMR	Comitê Militar Revolucionário
CNT	Confederación Nacional del Trabajo
COPA	Centro de Organización e Preparación de Artilleria
CPUSA	Communist Party of United States of America
CTU	Corpo di Truppo Volontarie
DEOPS	Delegacia Especial de Ordem Política e Social
EB	Exército Brasileiro
EMR	Escola Militar do Realengo
EPR	Ejército Popular Republicano
EUA	Estados Unidos da América
FAI	Frente Anarquista Ibérica
FARE	Fuerzas Aéreas de la República Española
FP	Frentes Populares
GCE	Guerra Civil Espanhola
IC	Internacional Comunista

JONS	Juntas de Ofensiva Nacional-Sindicalistas
JSU	Juventud Socialista Unificada
LdN	Liga das Nações
LSN	Lei de Segurança Nacional
MAOC	Milicias Antifascistas Obreras y Campesinas
NKVD	Narodny Kommiisari at Vnutrennikh Del (Comissariado Popular para Assuntos Internos)
OGPU	Obyedinyonnoy Gosudarstvennoy Politicheskoy Upravlenie (Diretorado Estatal Político Unificado)
PC('s)	Partido(s) Comunista(s)
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PCE	Partido Comunista de España
PCF	Parti Communist Français
PCI	Partido Comunista Italiano
POUM	Partido Obrero de Unificación Marxista
PSOE	Partido Socialista Obrero Español
PSUC	Partido Socialista Unificado da Cataluña
SVI	Socorro Vermelho Internacional
TSN	Tribunal de Segurança Nacional
UGT	Unión General de los Trabajadores
UHP	Unión de Hermanos Proletários
UME	Unión Militar Española
UMRA	Unión Militar Republicana Antifascista
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

LISTA DE TABELAS

TABELA 1. Lista de civis brasileiros ou estrangeiros residentes no Brasil que serviram na Espanha republicana. **80**

TABELA 2. Relação dos militares brasileiros que combateram na Espanha. **98**

TABELA 3. Número estimado de indivíduos que participaram das BI e do EPR distribuídos por nacionalidade e região. **312**

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: A ofensiva republicana no Ebro em julho de 1938. **221**

Figura 2: A queda da Catalunha, dezembro de 1938 – fevereiro 1939. **239**

LISTA DE ANEXOS

Anexo A: Ficha de ingresso de José Homem Correa de Sá nas BI. **333**

Anexo B: Carnê de filiação ao PCE de Dinarco Reis. **335**

Anexo C: Carta de apresentação dos comunistas brasileiros enviada por "Arnaldo", secretário nacional do PCB ao CC do PCE. **337**

Anexo D: Carta do CC do PCE ao dirigente do PCB Roberto Morena, aliás "Cláudio Ballesteros Gonzalez". **339**

Anexo E: Carta de "Maria" do SVI ao CC do PCE alertando sobre a presença do "trotskista" Besouchet na Espanha. **341**

Anexo F: Documentos destinados ao PCE e a Comissão de Quadros das BI acusando a presença de dois suspeitos de serem "trotskistas", Joske e Beinermann. **343**

Anexo G: Ficha padrão de repatriamento dos membros das BI, emitida pelo Comissariado de Guerra das BI. **345**

Anexo H: Biografia de militante. Documento padrão emitido pelo PCE para controle de seus quadros. **352**

Anexo I: Parecer – apresentação emitido por Carlos da Costa Leite para o serviço de quadros do PCE. **357**

Anexo J: Exemplos de vários pareceres político militares a respeito de David Capistrano da Costa. **359**

Anexo K: Parecer final do Comitê do PCE em nível de Brigada sobre o voluntário internacional Ernesto Joske. **361**

Anexo L: Relação de quadros brasileiros do PCE para utilização futura. **363**

Anexo M: Salvo-conduto para a França e certificado de presença no campo de prisioneiros de Saint Cyprién, de Delcy Silveira. **365**

Anexo N: Apresentação e relação de nomes de brasileiros que fizeram parte das BI ou do EPR aos encarregados da Delegacia Especial de Segurança Política e Social no Brasil. **367**

Anexo O: Fichas de qualificação e identificação policial de Homero Jobim de Castro e Nemo Canabarro Lucas. **369**

Anexo P: Ofício notificando a chegada de um grupo de exilados políticos vindo do Uruguai em setembro de 1942. **371**

Anexo Q: Fotografias de José Homem Correa de Sá e Enéas Jorge de Andrade. **372**

Anexo R: Fotografias de Eny e Delcy Silveira e José Gay da Cunha. **373**

Anexo S: Fotografia de Milicianas anarquistas. **374**

Anexo T: Imagens da chegada dos primeiros contigentes organizados de voluntários internacionais. **375**

Anexo U: Negrín e os principais comandantes militares do EPR na parada de despedida às BI em Barcelona, 28 de novembro de 1938. **376**

Anexo V: Os internacionais desfilam na parada militar feita em sua homenagem como despedida, Barcelona, 28 de novembro de 1938. **377**

Anexo W: Homenaje a las Brigadas Internacionales. Cartaz madrilenho de 1937. **378**

Anexo X: Homenaje a las Brigadas Internacionales. Cartaz de Madrid, também provavelmente de 1937, da mesma série. **379**

Anexo Y: As BI vistas pelo inimigo, caricatura. **380**

Anexo Z: Mapa mostrando o desenvolvimento da GCE. **381**

ARCHIVO HISTÓRICO Gestión Provincia de Buenos Aires

ABSTRACT

This Master thesis main objective is to examine the trajectories of a group of ex-Brazilian Armed Forces men who served within the International Brigades and the Spanish Republic People's Army during the Spanish Civil War of 1936-1939. The group is fully inserted in the dynamical complex political background of the '30 and their history was pointed out both with radical political views and armed revolts. In Brazil, they followed the path made by the Tenentes *(a radical faction inside the Brazilian Army since the early '20) and especially one of their prominent leaders, Captain Luiz Carlos Prestes, which tended to left and become later one of the chiefs of the Brazilian Communist Party (PCB) and the National Liberation Alliance (ANL), a popular front like movement sponsored by the Communist Party worldwide to coordinate the antifascist struggle. In November 1935 the PCB and ANL launched a general uprising to knock down the Getúlio Vargas dictatorship. Our group were involved in such conspiracy although some of them doesn't took active part in the revolt. With the defeat of the uprising, the group was arrested along with thousands of suspects. In prison, they reinforced their ideological commitment with communism, melted it with nationalism and accompanied the events in Spain. After prison, the PCB sent some of them to Spain. The others remained in Brazil and unsuccessfully tried another conspiracy against Vargas. Therefore, they joined their colleagues and engaged themselves fighting against what they consider "the same enemy in other lands": the international fascism.*

INDEX TERMS: *Spanish Civil War, International Brigades, nationalism, internationalism, antifascism, communism, militarism..*

RESUMO

O objetivo principal desta Dissertação é examinar a trajetória de um grupo de ex-militares do Exército Brasileiro que fizeram parte das Brigadas Internacionais e do Exército Popular Republicano durante a Guerra Civil Espanhola de 1936-1939. O grupo se insere no dinâmico e complexo quadro político dos anos 30, sendo sua história duplamente marcada por posturas políticas radicais e levantes armados. No Brasil, o grupo seguiu os caminhos traçados pelos "tenentes" e, principalmente, por Luiz Carlos Prestes, um de seus líderes. Prestes se tornou uma figura proeminente no Partido Comunista Brasileiro (PCB) e na Aliança Nacional Libertadora (ANL), um movimento de massas baseado nos moldes das frentes populares, as quais eram incentivadas pelos comunistas, em vários países, para coordenar a luta antifascista mundial. Em novembro de 1935, o PCB e a ANL lançaram uma insurreição com o objetivo de derrubar a ditadura de Getúlio Vargas. O grupo esteve envolvido de diversas formas no levante, embora somente alguns participaram ativamente da ação. Com a derrota, o grupo foi preso em conjunto com outros milhares de suspeitos. No cárcere, os ex-militares reforçaram a sua crença no comunismo em justaposição ao nacionalismo que traziam dos quartéis. Paralelamente, eles acompanhavam os acontecimentos da Espanha. Ao serem libertados, parte do grupo foi enviado para a Espanha pelo PCB, enquanto os outros prosseguiram numa fracassada manobra conspirativa contra Vargas. Posteriormente, o restante do grupo se juntou aos colegas na luta contra o fascismo na Espanha. Para eles, o fascismo era o "mesmo inimigo, só que em terras distantes". Um inimigo internacional.

TERMOS DE INDEXAÇÃO: Guerra Civil Espanhola, Brigadas Internacionais, nacionalismo, internacionalismo, antifascismo, comunismo, militarismo.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

CAPÍTULO 1: "À ESPERA DA REVOLUÇÃO, VENTOS DE GUERRA".

1.1 O Conturbado Contexto Mundial nos Anos 30: crise de 1929, nazi-fascismo e antifascismo.

Seria praticamente impossível abordarmos uma problemática como a que propomos sem antes situarmos a Guerra Civil Espanhola (GCE) enquanto evento gerador. O conflito espanhol deve ser entendido principalmente como reflexo da complexa situação em que se encontrava não somente a Europa mas o mundo todo na década de 30 do século XX. No entender do autor, uma correta introdução a este assunto passa forçosamente por uma caracterização do palco mundial onde se desenvolvia a ação, destacando não somente a crise político-institucional do liberalismo e o embate das ideologias antagônicas, revolucionárias e contra-revolucionárias naquele período, mas também assinalando estes fenômenos como desdobramentos de uma problemática de fundo estrutural: a crise do sistema capitalista. No entanto, não pretendemos hipervalorizar os fatores externos que influíram na GCE, negando o seu caráter intrínseco, fruto de um longo processo de desagregação interna do conjunto da sociedade espanhola e da complexidade da sua formação histórica e social. Concordamos com Pierre Vilar quando diz:

> *Cualquier investigación, aún parcial, incluso monográfica, sobre un cambio histórico real, será superficial si no se fundamenta en el exámen*

> *sistemático de las estructuras sociales y de la lucha de clases en el complejo interesado por este cambio*[1].

Acreditamos também que para termos uma idéia mais acurada do que representou a luta na Espanha e dada a proporção do evento que superou amplamente os seus limites geográficos para toda uma geração que se engajou direta ou indiretamente nele, fosse apoiando a causa ou acompanhando de perto e assim sentindo-se partícipe de forma ou outra no confronto, é interessante traçarmos um panorama da situação mundial nos anos 30. Afinal, como escreveu Eric J. Hobsbawm:

> (...)*não foi por acaso que a política interna desse país* [Espanha] *notoriamente anômalo e auto-suficiente se tornou o símbolo de uma luta global na década de 1930. Suscitou os principais problemas políticos da época: de um lado, democracia e revolução social,...do outro um campo singularmente rígido de contra-revolução ou reação*(...)[2]

Esta década permanece marcada até hoje como sendo uma "era negra" para a história mundial. Acontecimentos como a crise de 1929, a ascensão do nazismo ao poder, a consolidação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e a guerra espanhola, por exemplo foram, de um modo geral, decisivos dado a sua abrangência, profundidade e grau de interação entre si. Todos são fenômenos que possuem características muito específicas, podendo ser estudados em separado mas sem perdermos de vista que, dadas as múltiplas implicações conjunturais e

---

[1]VILAR, Pierre. "História e Historiografia de la Guerra Civil Española: algunas reflexiones metodológicas". In: BROUË, Pierre, FRASER, Ronald, VILAR, Pierre. Op. cit., p.75.

[2] HOBSBAWM, Eric J. **A Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.158.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

estruturais, também encontram-se fortemente imbricados e inter-dependentes no seu desenvolvimento. Desta forma, podemos dizer que os eventos supracitados, além de exporem a instabilidade do sistema capitalista e de sua frágil ordem burguesa, de certo modo ameaçaram a sobrevivência do próprio sistema tal como era conhecido. Outrossim, dadas as suas amplas consequências, assinalaram de antemão a grande catástrofe por vir: a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

A Grande Depressão de 1929 abalou fortemente os alicerces do sistema capitalista mundial, evidenciando sua fragilidade estrutural e cujos desdobramentos e efeitos residuais se fizeram sentir até o fim da década de 40. A quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque e o conseqüente esfacelamento do sistema bancário norte-americano levaram a um refluxo dos capitais norte-americanos na Europa e América Latina, bem como à quebra das economias locais que se encontraram desprovidas de recursos para financiamento, essenciais para a manutenção da máquina produtiva. A desestruturação econômica levou à estagnação da produção industrial nas economias centrais e, da produção agrícola nas economias de tipo periférico. Os países primários exportadores, tanto da América Latina (como o Brasil) quanto da Europa (como a Espanha) e dependentes quase exclusivamente da venda de seus produtos manufaturados para a Europa industrializada ou os Estados Unidos da América (EUA) foram atingidos em cheio pelo retraimento operado nos mercados dessas potências industriais. A ausência de uma demanda mínima para seus produtos primários gerou uma crise de superprodução sem precedentes e suas economias dependentes e voltadas "para fora" expuseram assim toda sua fragilidade e incapacidade de resistir às flutuações do mercado. Ao estado de paralisação das atividades produtivas em geral seguiu-se uma onda de desemprego em massa que

atingiu não somente os países periféricos, mas principalmente as economias centrais: EUA, Grã-Bretanha, Alemanha e Japão.

Logo, a crise de 29 evidenciou claramente o esgotamento do modelo liberal neoclássico não somente no plano econômico mas também no plano político e social. Embora grande parte dos economistas e intelectuais conservadores ainda acreditassem na capacidade auto reguladora do mercado (como no caso da Inglaterra), era evidente para outros especialistas mais perspicazes, como John M. Keynes, que saídas alternativas à crise internacional deveriam ser tomadas sem demora.

Neste contexto, as propostas de intervencionismo estatal no plano econômico, com uma política de geração de empregos (o *New Deal* de Roosevelt, por exemplo), tornaram-se a tendência mais em voga para a superação da crise e para a salvação do capitalismo, o qual parecia à beira do colapso final. Tanto na modalidade de intervenção estatal com a preservação da democracia, como no caso americano, quanto na vertente autoritária das experiências fascistas, cada país reagiu de forma distinta aos efeitos da crise econômica. Esta reação indicava um empenho em retomar o fluxo normal da economia, reduzindo também a dimensão do problema social gerado pela diminuição das atividades produtivas, haja vista a grave crise política ocasionada.

As pessoas demonstraram nas ruas e nas urnas que pretendiam mudanças mais radicais e não estavam dispostas a dar suporte a governos incapazes de superar ou ao menos contornar a Grande Depressão. Por exemplo, na Espanha a crise favoreceu a queda do regime monárquico e no Brasil, a derrubada da oligarquia cafeeira. Além disso, não podemos esquecer o espectro do comunismo que

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

assombrava as elites e as classes médias conservadoras, mas também seduzia uma importante parte das massas empobrecidas através dos relatos das conquistas sociais e econômicas obtidas pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), a qual, por não estar inserida na dinâmica do sistema capitalista, passou quase incólume pela Grande Depressão[3].

Na Alemanha a crise provocou efeitos desastrosos e profundos em todos os sentidos. Numa economia frágil e já anteriormente depauperada pelas extorsivas reparações de guerra, os efeitos da Grande Depressão sobre a população alemã levaram a uma busca desesperada por saídas radicais. Neste terreno fértil grassou a política nazista que, com seu discurso ultranacionalista, revanchista em relação ao tratado de Versalhes e ferrenhamente anticomunista, foi conquistando inicialmente a pequena burguesia, temerosa de um colapso econômico sem precedentes e assustada também com a possibilidade de radicalização das classes subalternas que levassem o país a uma revolução social.

O nazismo, além de parecer um elemento eficaz no controle social, também parecia ser capaz de trazer para a Alemanha a grandeza imperial perdida no pós guerra. Além disso, após ser depurado de sua ala esquerda subalterna (de Röhm e Strasser[4]), conquistou para o capitalismo alemão uma posição de relevo internacional, graças à implantação de uma economia intervencionista e dirigida para a produção bélica, aliada a uma política externa agressiva. Segundo Hobsbawm, a vitória dos nazistas na Alemanha (e dos militaristas no Japão) constituiu-se como *a*

[3] Para uma análise mais ampla sobre a Crise de 29 e suas posteriores implicações, ver: HOBSBAWM, Eric J. Op. cit., 1995, p. 100-101.
[4] Sobre o curioso "esquerdismo" nazista, ver: TOLSTOY, Nikolai: **A Noite das Longas Facas.** Rio de Janeiro: Renes, 1976.

conseqüência política mais sinistra e de mais longo alcance da Grande Depressão. Os portões para a Segunda Guerra Mundial foram abertos em 1931[5].

A vitória dos nazistas na Alemanha (1933) inspirou, de um modo geral, as forças conservadoras, antiliberais e anticomunistas do mundo todo. O sucesso econômico atingido por Adolf Hitler nos primeiros tempos (graças à reativação da indústria bélica) serviu de *leitmotiv* para massas desesperadas que apoiaram diversos governos ultraconservadores e reacionários surgidos na Europa inspirados no nazismo, mas que na realidade não poderiam ser catalogados como "fascistas" propriamente ditos. Por outro lado, provocou também a reação opositora dos setores democráticos, liberais e esquerdistas das mais variadas tendências, alarmados com a rápida expansão do fenômeno nazi-fascista e dispostos a tentar contê-lo.

Portanto, é importante ressaltar que havia também uma atmosfera social propícia para a formação de coligações amplas de oposição ao nazi-fascismo. Desta forma, um pensamento "antifascista" fomentava a criação das chamadas Frentes Populares (FP), coligações de partidos e organizações de variados espectros políticos, cujo princípio aglutinador era a firme decisão de impedir que outros regimes nazi-fascistas chegassem ao poder.

A primeira tentativa bem sucedida de uma frente ampla de resistência ao fascismo foi colocada em prática na França já em fevereiro de 1934, face ao perigo das agitações golpistas promovidas pelas ligas paramilitares de inspiração fascista e que levaram à renúncia do gabinete Daladier (do Partido Radical Socialista)[6]. O sucesso inicial da experiência francesa ao coadunar diversas forças oposicionistas (socialistas, comunistas, radicais e republicanos) partindo do princípio do

[5]HOBSBAWM, Eric J. Op. cit., 1995, p.105.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

antifascismo, serviu como modelo inspirador para a formação de outras FP's. Nos cabe destacar principalmente a ação dos comunistas franceses que, orientados em parte pela Internacional Comunista (IC), abandonaram seu isolamento sectário e excludente das outras correntes da esquerda como os trabalhistas e social-democratas (estes últimos, erroneamente acusados por Stalin de serem "irmãos gêmeos" do fascismo)[7] e passaram a apoiar uma ação em comum com outros partidos (inclusive burgueses), no sentido de bloquear a ação avassaladora do nazismo aderindo desta forma à causa da segurança coletiva.

Surgia assim, após o VII Congresso da IC em julho de 1935, uma proposta de um programa "antifascista democrático" da IC que se diferenciava ideologicamente tanto do antifascismo de origem "não comunista" quanto do "antifascismo primitivo" da Internacional (baseado em frentes únicas proletárias) por sua virada "à direita" de acordo com a ótica comunista, visto que pretendia uma ação tática conjunta que incluía desde setores burgueses, considerados democráticos, até outros partidos proletários[8]. Obviamente, este posicionamento da IC e que foi irradiado às respectivas seções nacionais dos Partidos Comunistas (PC) correspondia mais a uma necessidade de proteção da URSS frente a uma possível agressão nazista e de manutenção (ou obtenção) da legalidade dos PC's do que a uma autêntica proposta de ação conjunta entre os diversos setores de oposição ao nazi-fascismo[9].

No Brasil, em 30 de março de 1935 foi criada, no espírito das Frentes Populares antifascistas, a Aliança Nacional Libertadora (ANL) com o apoio do

---

[6] LEFRANC, Georges. "A França e o Frente Popular". In: **História do Século XX.** São Paulo: Abril Cultural, 1974, p. 1691.
[7] KERNIG, C. D (org.). **Marxismo y Democracia.** Madrid: Rioduero,1975 p.44.
[8] A tática das Frentes Populares antifascistas foi introduzida oficialmente pela IC a partir do Informe Dimitrov. Utilizava como base a formação da Frente única dos trabalhadores para construir depois a aliança com os setores progressistas da burguesia. Ver DIMITROV, Jorge. **El Frente Único,Vigencia Actual.** México: Cartago, 1983, p. 100 e ss.

Partido Comunista Brasileiro (PCB). Dada a peculiar situação brasileira, que será examinada mais adiante, podemos dizer que ANL possuía um alcance social abrangente, visto que propugnava a realização de um programa reformista de cunho nacionalista e anti-imperialista. No entanto, após ser colocada na ilegalidade pelo governo Vargas acabou por trilhar um precipitado caminho insurrecional que culminou no desastre do levante de novembro de 1935.

Na Espanha também se forjou uma ampla FP antifascista que incluía desde socialistas, republicanos burgueses, partidos regionalistas e, é claro, comunistas[10]. Surgida como recurso eleitoral para poder enfrentar a coligação direitista "Frente Nacional" nas eleições gerais em 16 de fevereiro de 1936, esta agrupação suprapartidária, de caráter democrático e apoiada numa plataforma reformista, saiu vitoriosa no plano eleitoral. Contudo, devido ao processo de radicalização da situação social na Espanha, o governo da FP já nascera com os seus dias contados, como veremos mais detalhadamente a seguir.

1.2 Brasil e Espanha nos Anos 30: ecos, diferenças e semelhanças.

Apesar das distâncias que separam ambos países, não somente geográficas, mas também culturais, assim como as particulares diferenças observadas no processo de formação histórico-social de cada um deles, podemos dizer que na década de 30 uma determinada conjunção específica de processos internos, sob a influência do contexto externo, nos permite a possibilidade de estabelecer alguns paralelos históricos entre eles.

[9] KERNIG, C. D (org.). Marxismo y Democracia. Madrid:Rioduero,1975 p.51.
[10] Utilizamos ao longo do texto o termo "comunista" para identificar pessoas e partidos ligados de uma forma ou outra a III Internacional, a Internacional Comunista de Moscou.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

Um paralelo inicial pode ser traçado no âmbito dos novos arranjos entre os grupos no poder e as alterações na política interna, resultantes do impacto da já citada Crise de 1929 e que produziu dois eventos históricos essenciais para ambos países: a Revolução de 30 no Brasil[11] e a proclamação da Segunda República na Espanha. Num segundo momento outro paralelo pode ser desenhado a partir das influências das idéias políticas forâneas, ou seja, as clivagens ideológicas presentes no contexto mundial: fascismo *versus* comunismo, democracia *versus* totalitarismo e seus desfechos históricos até o nosso ponto de inflexão que é a Guerra Civil Espanhola. Sem esquecermos, é claro, que sobre estes processos pairam os efeitos da crise mundial, cujos reflexos e inter-relações devem estar contemplados na análise feita tanto para o Brasil quanto para a Espanha.

Para traçarmos de modo coerente estes paralelos necessitamos estabelecer uma linha histórica retrospectiva que nos situe no contexto interno do Brasil e da Espanha. Tendo em vista nosso objetivo e a organização deste subcapítulo, o recorte temporal que delimita a presente retrospectiva, no caso da Espanha, vai desde os anos 30 até o início da GCE em 17/18 de julho de 1936. A guerra propriamente dita, que representa o nosso "palco", será discutida gradualmente ao longo do Capítulo 2. Já a retrospectiva da situação no Brasil vai desde 1930 até o golpe do Estado Novo em 1937, visto que é após este que nossos "atores" se desvinculam das lutas políticas locais e partem rumo a Espanha.

[11] Uma discussão sobre o caráter da Revolução de 1930 parece-nos desnecessária, visto que fugiria aos objetivos deste trabalho, além do mais o tema já foi extensivamente tratado pela historiografia nacional. Se mantêm aqui o emprego do termo "Revolução" , visto que apesar de seu caráter dúbio, ele foi consagrado pela historiografia nacional. Destacamos aqui o trabalho coletivo **Revolução de 30:Seminário Internacional.** Brasília: UNB, 1983, e em especial o texto de Aspácia Camargo: "A revolução das elites, conflitos regionais e centralização política", p.11 a 43.

No jovem Brasil republicano a dinâmica conjuntura interna nas primeiras décadas do século XX havia favorecido o surgimento de setores médios, fossem eles ligados ao aparelho burocrático estatal (funcionalismo público civil e o setor militar) ou ao setor de serviços e comércio, principalmente nas regiões urbanas, em lenta mas constante expansão. O conjunto das camadas médias questionava seriamente o corpo político da chamada República Velha: suas práticas arbitrárias, sua corrupção e sua incapacidade para integrar as outras camadas sociais na vida política. No entanto, as críticas mais contundentes eram feitas contra a vigência do modelo exportador, visto que este tolhia qualquer projeto de desenvolvimento autônomo e autenticamente nacional. Frente ao regionalismo das elites no poder, os setores médios buscavam uma unidade nacional. Neste quadro, a crise advinda da Grande Depressão reafirmou aos setores médios que tanto o modelo político quanto o econômico estavam obsoletos e necessitavam reformas que levassem a um novo ordenamento da sociedade.

Provavelmente, as classes subalternas foram as mais atingidas pelo impacto direto da Crise de 1929, devido à onda de desemprego que invadiu o campo e que levou, consequentemente, a um êxodo de populações empobrecidas em direção aos centros urbanos, fator que certamente contribuiu para o agravamento do quadro social. Por outra parte, as necessidades urgentes dos camponeses despossuídos de terra e do nascente operariado industrial encontravam afinidades, já havia algum tempo, nas idéias modernas trazidas por trabalhadores imigrantes europeus, especialmente espanhóis e italianos. Logo, as classes subalternas urbanas começariam também a questionar a ordem oligárquica vigente e as tradicionais

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

classes abastadas mas amparadas por ideologias libertárias como o anarquismo, o socialismo e, posteriormente, o comunismo.

À oposição feita pelas camadas médias e inferiores somavam-se ainda as críticas que os nascentes setores burgueses industriais (ansiosos por ampliar espaços) faziam ao Estado oligárquico e sua forma de dominação. Cabe ainda mencionar o papel das elites regionais periféricas que não integravam o "centro" do poder político, encontrando-se consequentemente alijadas tanto das tomadas de decisões quanto no reparto das benesses. Inseridos nesta dinâmica complexa é que se desenvolvem os acontecimentos que levam ao movimento de 1930.

No entanto, deve ser destacada a presença de um grupo específico, com uma identidade profissional acentuada, e que, mesmo dentro da máquina estatal, questionava seriamente a forma com que as elites regiam o Brasil. Eram os chamados "tenentes". Eles se tornariam um dos principais e mais ativos grupos de oposição às elites políticas. Os tenentes representavam uma significativa parcela dos jovens oficiais das Forças Armadas que, desde 1922, questionavam de forma contundente, ou seja *manu militarii*, os governos civis aos quais serviam. Inicialmente, as suas críticas partiam de uma perspectiva ética-moralista e sua oposição era unilateral e autônoma, ou seja, agiam enquanto militares e se mantinham coesos em torno de sua condição militar evitando contatos com grupos dissidentes civis. Nesta etapa, o movimento era puramente militarista[12].

Mas a partir das marchas efetuadas em 1927 pelas colunas rebeldes chefiadas por Miguel Costa e Luiz Carlos Prestes, o tenentismo começou a revelar uma face

[12] Para uma discussão a respeito do tenentismo da primeira fase (1922-1926) é recomendada a leitura de: DRUMMOND, José A. **O Movimento Tenentista: A Intervenção Política dos Oficiais Jovens 1922-1935**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

mais politizada ao entrar em contato direto com a realidade da sociedade brasileira. Nesta etapa ocorre uma primeira tentativa de aproximação entre os tenentes e os comunistas, que buscavam captar as simpatias dos "rebeldes pequeno-burgueses".

Contudo, a aproximação entre eles ocorreria mais tarde, em outro contexto. Faltava clareza e definição nos objetivos políticos, além de unidade de ação ao grupo tenentista (basta lembrarmos o debate a respeito dos rumos a serem tomados pela "revolução brasileira" ocorrido em 1930, entre dois líderes dos tenentes: Luiz Carlos Prestes e Juarez Távora). Podemos dizer também que os tenentes eram carentes de uma orientação ideológica mais elaborada, tendo sua rebeldia sido cooptada e instrumentalizada pela burguesia industrial e oligarquias dissidentes que tomaram as rédeas do processo "revolucionário" em outubro de 1930[13].

Assim, na "Revolução de 1930" vamos observar uma alteração no quadro do poder. As classes dominantes, de um modo geral, permaneceram no comando, mas não eram mais as mesmas: setores jovens e dinâmicos (industriais) das elites periféricas ocuparam o Estado apoiadas pelos setores emergentes citados anteriormente. Podemos dizer portanto, que houve um certo reordenamento do quadro social, com o fortalecimento das classes médias urbanas por um lado, e o enquadramento do operariado industrial e a decadência do campesinato por outro. Deve-se destacar também a centralização e o fortalecimento do Estado "pós-revolução de 30" que, ao perder sua antiga descentralização regionalista, acabou por aumentar as cisões e atritos entre as diversas unidades da federação. Neste quadro, podemos conferir um acirramento das contradições inerentes entre o centro e a

[13] No item seguinte, será retomada em parte a questão do tenentismo, tendo em vista a influência direta ou indireta, deste movimento sobre os atores principais deste trabalho.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

periferia do país, dados os deslocamentos dos eixos do poder político nacional, bem representado pelas disputas de poder entre as diversas facções das elites regionais.

Neste sentido, a propalada "revolução" ocorreu para salvaguardar o *status quo* das classes dominantes no plano nacional, efetuando uma renovação exatamente para poder perpetuar a sua existência enquanto categoria social.

Ainda foi preciso passar por alguns percalços para atingir a homogeneidade interna e a efetiva renovação geracional da elite, as quais eram almejadas pelo grupo de Vargas no poder. Em 9 de julho de 1932, a elite paulista sublevou-se contra a ordem getulista e *a política arbitrária e attribiliária dos tenentes*[14], tendo como pretexto a exigência de uma constituição. Na verdade, as "oligarquias carcomidas"[15] de São Paulo pretendiam voltar à sua posição hegemônica.

Finalmente, após uma insólita guerra civil que durou até outubro do mesmo ano e dada a esmagadora supremacia bélica do governo federal, as elites paulistanas tiveram de capitular. Posteriormente, chegariam a um consenso com o governo de Vargas. As insatisfações provenientes da elite estavam aparentemente resolvidas com o redesenhamento do pacto político e sedimentadas com a promulgacão da Constituição em 1934, que colocava Getúlio Vargas em uma posição privilegiada.

Entretanto, o problema maior situava-se logo "abaixo" das classes dominantes. As camadas inferiores que haviam permanecido praticamente à margem dos acontecimentos de 1930 e 1932, e que haviam sido duramente atingidas pela depressão econômica, começaram a ser lentamente cooptadas pelo regime de Vargas

---

[14] BRUSSOLO, Armando. **Tudo pelo Brasil.** São Paulo: Editorial Paulista, 1932, p.20.
[15] Termo frequentemente empregado na época pelos membros da Aliança Liberal para designar seus oponentes políticos.

com o enquadramento dos sindicatos pelo Ministério do Trabalho, o que apavorava as diversas correntes do movimento operário independente (em especial os comunistas) que viam seu alvo político principal à mercê da ditadura.

Por outro lado, os tenentes passavam por um período obscuro e de desagregação definitiva: boa parte deles havia sido incorporado ao governo após um processo de reabsorção das idéias "revolucionárias" e neutralizados enquanto grupo. Um grupo menor havia apoiado a guerra paulista e se encontrava preso ou exilado. Destes, alguns passariam a adotar posições de direita apoiando a criação da Ação Integralista Brasileira (AIB), como se denominaria o partido de inspiração fascista tupiniquim. Um último grupo passava a assumir uma posição ideológica à esquerda, mais definida e dentro dos preceitos do marxismo, fruto de uma aproximação efetiva com alguns socialistas e principalmente com os comunistas, a partir da aceitação de Prestes pelo PCB[16].

Alguns dos dirigentes do PCB buscavam uma aproximação com a figura lendária do Cavaleiro da Esperança desde 1927, mas devido ao conflito entre as visões sectárias de alguns dirigentes (da corrente obreirista, que não aceitavam Prestes, dado sua origem pequeno-burguesa) e as diretrizes teóricas emanadas pela IC, o partido somente aceitou a sua inscrição em 1934[17]. O prestígio nacional da figura de Prestes, muito maior que o do PCB, na época um partido obscuro e inexpressivo numericamente, trouxe para o PCB um expressivo volume de militares

[16] Já em 1927, o comunista Octávio Brandão preconizava o momento em os rebeldes de Prestes se uniriam a causa do proletariado. Ver: MORÃES, João Quartim de. **A Esquerda Militar no Brasil: da Coluna à Comuna.** São Paulo: Siciliano, 1994, p. 34 e ss. J. O brasilianista W. F. Dulles, destaca o início da influência do PCB no meio militar com a nomeação do ex-sargento Antônio Maciel Bomfim, o "Miranda", como secretário geral do partido em junho de 1934. DULLES, John W. F. **Anarquistas e Comunistas no Brasil.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p.417-418.

[17] Prestes intentava a filiação ao PCB desde 1930, sendo recusado e criticado pela direção do partido. Foi aprofundar seus conhecimentos sobre marxismo na URSS, a convite da IC e lá ficou até março-abril de 1935, quando retornou clandestino ao Brasil.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

(jovens tenentes e capitães, em geral) que foram posteriormente assumindo posições chave dentro do partido. O ingresso dos militares, além de alterar a composição interna do partido, significou um incipiente processo de "militarização" do mesmo: um hálito de "tenentismo" tardio. Desta última geração de "tenentes" sairia a leva de militares que acabou combatendo na Espanha, como veremos adiante.

Por outro lado, a formação da AIB e seu rápido crescimento entre a pequena burguesia em âmbito nacional levou à organização e reação por parte das forças políticas que se opunham à expansão do fascismo, identificado no discurso e prática da AIB. A tolerância e a simpatia por parte de elementos do governo com o integralismo, associado ao crescente autoritarismo manifestado nos meios governamentais (apesar da Constituição de 1934), forneceu subsídios aos opositores do regime, em especial os de esquerda, para associar ou identificar Getúlio Vargas também como elemento "fascista". Lembremos ainda que os integralistas surgiram em um momento crítico quando o nazi-fascismo se consolidava como uma tendência mundial em franco crescimento, principalmente após a tomada do poder por Adolf Hitler na Alemanha, em 1933.

A ANL, com sua proposta de frente ampla antifascista, veio para galvanizar todos os partidos ou agremiações que se opusessem ao fascismo, independente das suas opções políticas ou mesmo de origens de classe. Não podemos esquecer que a ANL foi fundada por seis membros civis e por seis membros militares, alguns deles antigos "tenentes" os quais, significativamente, aclamaram como presidente de honra o "general" Luiz Carlos Prestes (assim o chamavam seus seguidores).

Podemos observar que a efetiva participação do PCB na ANL também possibilitou uma extensão da influência dos comunistas nas camadas intermediárias

da sociedade permitindo-lhes sair do ostracismo sectário em que se encontravam e fazendo com que seu ideário político permeasse a malha social e atingisse um público maior.

Finalmente, a constituição de uma "frente ampla democrática" na sociedade civil (somada ao ingresso dos militares no PCB ou na ANL) abriu para os comunistas um leque de posturas e reivindicações de cunho nacionalista e democrático sem precedentes. Ou ainda, no dizer de Leôncio Martins Rodrigues, (...) *com Prestes, a partir da ANL, o PCB tornou-se mais "popular" e menos "operário", enquanto as preocupações com os problemas da "nação" predominaram sobre os da "classe"*[18].

Contudo, a mistura de "bolchevismo" com "tenentismo" não poderia ser mais explosiva. Em vez de assumir uma postura mais ativa pela manutenção do estado democrático de direito repelindo energicamente as medidas de cunho arbitrário, que encaminhavam o governo Vargas a um claro sentido autoritário (por exemplo, a Lei de Segurança Nacional (LSN), de abril de 1935), a ANL, ou mais precisamente o núcleo prestista, lançou um contundente manifesto onde, em linhas gerais, evocava a epopéia tenentista e revolucionária, adotava uma postura nacionalista, denunciava o imperialismo, o fascismo e ainda, conclamando o povo à insurreição, encerrava com as seguintes palavras de ordem: *Abaixo o Fascismo! Abaixo o governo odioso de Vargas! Por um Governo Popular Nacional Revolucionário! Todo o poder à Aliança Nacional Libertadora!*[19]

Este manifesto deu a Vargas o pretexto desejado para enquadrar a ANL na Lei de Segurança Nacional e torná-la ilegal via decreto. A organização, antes um

[18] RODRIGUES, Leôncio M. "O PCB: os dirigentes e a organização" In: **História Geral da Civilização Brasileira.** São Paulo: Difel, 1981, p.371.
[19] Citado em MORÃES, João Quartim de. Op. cit., p. 163.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

pólo de atração popular em pleno desenvolvimento, se esvaziou e o movimento antifascista experimentou um refluxo considerável. Os elementos não comunistas e "civis" da frente se dissolveram, porém se fortaleceram os vínculos da ANL com os comunistas, e o PCB passou praticamente a dominar a organização. Prestes e a cúpula do PCB fizeram uma particular leitura da realidade brasileira, superestimando a atuação e influência da ANL nas camadas populares e considerando a situação do momento como sendo "pré-revolucionária". Deste modo, Prestes e o setor "militar" do PCB e da ANL se lançaram a planejar uma aventura insurrecional com o beneplácito apoio (inclusive material) da IC em Moscou, a qual, evidentemente mal informada da situação brasileira, aceitou como verídicas as efusiantes informações transmitidas do Brasil através dos comunistas nativos [20].

Cabe destacar aqui que a "via insurrecional" seguida por Prestes e seus companheiros não era incompatível de forma alguma com a política das Frentes Populares, pois, no seu entender, face à impossibilidade da luta no plano legal, o levante da ANL expressaria o ponto alto da luta antifascista e se revestiria de um caráter preventivo antecipando-se à instauração de um governo fascista em gestação. Portanto, o levante não seria para implantar uma "ditadura do proletariado" mas sim para colocar no poder um "governo nacional popular revolucionário" dentro das teses da frente ampla da IC.

Uma vez vitorioso e instalado, o "governo nacional libertador" de caráter "democrático burguês" poderia evoluir, num futuro próximo, em direção a um

[20] A esta altura Prestes já era membro do Comitê Central da IC, portanto estava atrelado a uma cadeia de comando com sede em Moscou. As informações otimistas a respeito da situação brasileira dadas a IC, foram transmitidas por dirigentes do PCB que se encontravam em Moscou para participar de um congresso. Eram eles: Antonio Maciel Bomfim, Fernando de Lacerda e José Caetano Machado. Ver RODRIGUES, Leôncio M. Op. cit., p. 375.

"Governo da Ditadura Democrática dos Operários e Camponeses"[21], projeções estas bem típicas do etapismo staliniano.

Por outro lado, basta lembrar que as rebeliões militares eram um fato corriqueiro desde a República Velha, o próprio governo getulista tinha se implantado pela violência, assim o "assalto ao poder" por parte de setores das forças armadas (apoiadas ou não por civis) era um dado objetivo da realidade nacional. Portanto, consideramos que o levante de novembro de 1935 se insere muito mais na tradição insurgente dos tenentes, mesmo que tardia e com um posicionamento ideológico mais definido, do que numa "intentona" puramente comunista, teleguiada desde Moscou, como pretendem alguns autores[22]. Entretanto, cabe destacar que o debate historiográfico a respeito deste evento não está contido na principal premissa deste trabalho. Para nós, a chamada "intentona comunista" indica um ponto de radicalização e ruptura por parte de um setor dentro do Exército alinhado com Prestes para derrubar Vargas.

Especulações à parte, de fato o projeto insurrecional fracassou rotundamente. O levante de Natal (RN) eclodiu de forma espontânea e isolada em 23 de novembro, mobilizando basicamente suboficiais e praças ameaçados de expulsão do Exército. A justificativa apresentada pelo governo Vargas para depurar elementos esquerdistas ou suspeitos era a necessidade de cortes orçamentários. Houveram adesões de civis, membros de sindicatos e elementos afins com o PCB. A rebelião veio não da cúpula do PCB ou da ANL, mas da própria insatisfação dos subalternos. O mesmo ocorreu

[21] Os termos marcados com aspas duplas, são para ressaltar a terminologia específica utilizada pelos comunistas então. Os termos estavam presentes tanto nos Anais do VII Congresso da IC, quanto no discurso de G. Dimitrov, e o Manifesto de Prestes. Ver também DULLES, John W. F. **O Comunismo no Brasil: 1935-1945**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p 20.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

com a insurreição em Recife (PE) que se constituiu num reflexo do levante de Natal. Nesta rebelião, assim como na primeira, observou-se uma incipiente participação popular.

No Rio de Janeiro o quadro adquiriu um matiz diverso. Uma vez consumados os levantes do Nordeste, restou a Prestes e seus acólitos apenas acompanhar a insurreição que haviam insuflado, sem terem ainda data marcada. O levante iniciado no Rio de Janeiro, na alvorada do dia 27 de novembro, além de começar quando as rebeliões de Natal e Recife já estavam em seus estertores, constituiu-se numa típica quartelada latino-americana, ainda que colorida com nuances vermelhas. Duas guarnições militares se rebelaram no Rio: o 3º Regimento de Infantaria na Praia Vermelha e a Escola de Aviação Militar no Campo dos Afonsos. O levante já nascera sob o signo da derrota, visto que as tropas legalistas já se encontravam de prontidão.

Na mesma tarde os rebeldes esgotados depuseram suas armas às tropas do general Eurico Gaspar Dutra e, posteriormente, conduzidos à prisão. Ao contrário de Natal, o levante carioca foi comandado pelos oficiais comunistas e aliancistas, sem nenhuma participação civil. No resto do país tudo transcorreu tranquilamente. Mais uma vez o povo assistiu a tudo passivamente…

Logo, a virada do ano de 1935 e o início de 1936 iniciaram como um período de "caça aos comunistas" e a tudo que o governo considerasse próximo ou simpatizante do comunismo. Neste sentido, as vítimas passaram a ser desde simples operários e trabalhadores urbanos até professores, médicos e políticos proeminentes. O fracasso das insurreições aliancistas significou o fortalecimento do regime de

[22] Principalmente os brasilianistas, como John W. F. Dulles. No item seguinte retomaremos parcialmente a discussão sobre o levante de 1935, onde examinaremos a atuação de nossos "atores" no

Vargas. Sem advertí-lo, Prestes e seus companheiros haviam dado a Getúlio a justificativa que ele necessitava para legitimar uma onda repressiva que se estendeu não somente aos envolvidos no levante mas, posteriormente, também aos opositores "pacíficos", de esquerda[23] ou não.

Assim, após a instauração de um estado de sítio quando ainda se garantiam algumas liberdades individuais, Vargas declarou o estado de guerra em março[24], o primeiro episódio da "fascistização" do regime, firmemente decidido a eliminar todos os seus opositores. Ou seja, depois da *debâcle* comunista viria o seu ajuste de contas com as dissidências oligárquicas estaduais. Sem mais entraves políticos e apoiado por uma camarilha militar de corte pró-fascista, Vargas poderia finalmente consolidar seu poder pessoal rumo ao Estado Novo.

Conforme o panorama histórico apresentado acima, podemos dizer que a "Revolução de 30" parecia trazer em seu bojo mudanças significativas no sentido de uma sociedade mais ética, justa e democrática. No entanto, não houve nenhuma ruptura estrutural, pois a "revolução" acabou gerando paradoxalmente um governo que foi progressivamente se encaminhando num viés autoritário e antidemocrático.

Por outro lado, na Espanha, a queda do Monarca e a proclamação da República também pareciam apontar no mesmo sentido das reformas sociais. No entanto, a própria incapacidade dos governos encarregados de realizarem estas

---

episódio.

[23] A repressão imediata ao levante incluiu a pequena dissidência trotskista que havia "rachado" com o PCB. Apesar de haverem participado da ANL, os trotskistas não haviam apoiado o levante, por considera-lo "pequeno burguês" e "não comunista". A respeito, veja DULLES, John W. F. Op. cit., 1985, p. 45-49.

[24] Cabe lembrar que tanto o governo como os insurgentes, ainda acreditavam que outras revoltas, seguidas de guerrilhas rurais poderiam ainda estourar no país, pelo menos até a prisão de Prestes em março. Ver a respeito do assunto, DULLES, John W. F. Op. cit., 1985, p 33-35.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

tarefas acabou por acirrar as diferenças sociais, levando o país a uma explosiva e insustentável polarização, como veremos a seguir.

A Espanha dos anos 30 não era mais que um sombrio espectro do seu glorioso passado colonial. Era um país empobrecido com graves e profundos problemas sociais, frutos de uma rígida estrutura política e econômica. A disparidade regional no país contribuiu para gerar níveis desiguais de concentração de renda e desenvolvimento. Assim como algumas regiões se encontraram em condições adequadas para empreender um processo de industrialização moderno, como no País Basco e na Catalunha por exemplo, a maioria das regiões mantiveram suas características tipicamente agrárias, estando sujeitas a formas arcaicas de produção.

Em contrapartida, nas regiões onde não imperava a estrutura do latifúndio desenvolveram-se uma média e uma pequena burguesia de origem comercial e urbana, mas que se encontrava ,de um modo geral, à margem do processo político. A partir destes setores "pequeno burgueses" surgiria a oposição de corte republicano e liberal, responsável pela pressão que acelerou a queda do regime monárquico[25].

Entretanto, a tendência centralizadora e hegemônica da capital, Madrid, acirrava a disparidade regional. Assim, onde floresciam melhores condições econômicas começaram a despontar sentimentos autonomistas que, por volta da virada dos anos 20, já se configuravam em sólidas reivindicações de autonomia regional frente ao Estado espanhol. Logo, o problema da unidade nacional era de antiga data.

Até 1931, a Espanha permaneceu sob domínio monárquico. Fortemente conservadora e retrógrada, a monarquia era basicamente apoiada pelas hostes do

Exército, da Igreja, cercada por uma aristocracia latifundiária, e da alta burguesia industrial e financeira.

As Forças Armadas, que compreendiam Exército, Marinha e a Guarda Civil, uma espécie de polícia, funcionavam como um dos principais sustentáculos do regime monárquico. Possivelmente porque as atribuições e os valores militares, de um modo geral, estiveram sempre presentes na formação da sociedade espanhola que se forjou, mediante violentas disputas, ao longo dos séculos. Logo, a atividade castrense manteve sempre uma destacada preponderância no meio social.

Além disso, os militares possuíam uma longa tradição no que se refere a rebeliões e golpes (os chamados *pronunciamientos*) desafiando o poder do Estado em prol de sua própria visão de "ordem", mas visando sempre proteger os interesses de classe dos grandes latifundiários e dos setores conservadores monarquistas, aos quais estavam vinculados organicamente[26]. Não obstante, é importante lembrar que uma pequena parte das Forças Armadas, geralmente aquela oriunda da classe média, também cultivava simpatias republicanas, cujo matiz político extendia-se desde a direita liberal até a esquerda moderada. Nota-se também que a partir dos anos 20 muitos militares começaram a perder a confiança no Rei e no sistema monárquico, considerado como "o culpado" dos desatinos na crise militar no Marrocos e das sucessivas e crescentes agitações internas no campo e na cidade.

Outro importante pilar de sustentação da realeza era a Igreja Católica, uma instituição que possuía profunda influência nas estruturas políticas e econômicas,

---

[25] Sobre a complexa relação entre os setores da elite e o surgimento dos setores médios, consultar a obra de TEMIME, Emile, BRODEL, Albert, CHASTAGNARET, Gérard. **História de la España Contemporánea.** Barcelona: Ariel, 1995, p. 190 à 193.

[26] LLEIXÁ, Joaquim. **Cien Años de Militarismo en España.** Barcelona: Anagrama, 1986, p.60-71.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

atuando sistematicamente como um poderoso instrumento de controle social, ainda mais tendo em conta o baixo nível de instrução da população, analfabeta em sua grande maioria e em condições de sobrevivência extremamente precárias, principalmente no campo, onde a Igreja possuía sólidas bases. Por último, mas não menos importante, a aristocracia terratenente, dona de vastas extensões de terra trabalhadas por um exército de camponeses sem terra.

Dado o caráter agrário, predominante na sociedade espanhola, assim como o perfil agroexportador da sua economia e a permanência de uma mentalidade medieval podemos imaginar o que significava naqueles tempos a posse e o controle de grandes extensões de terra. A própria mística do "senhor feudal" ou do grande proprietário perpassava as diversas classes sociais.

Neste sentido, devemos destacar também que a alta burguesia industrial e financeira, embora geralmente não possuindo linhagem nobre e com um perfil "moderno", liberal e ligado à dinâmica capitalista, ainda cultivava os mesmos valores aristocráticos e senhoriais, investindo também no latifúndio[27]. De um modo geral, o conjunto da burguesia espanhola sempre se mostrou organicamente débil e foi incapaz de gerar um efetivo antagonismo entre ambas as classes que viabilizasse um projeto próprio de desenvolvimento capitalista. Durante o século XIX seis tentativas diversas de realizarem uma revolução burguesa haviam fracassado na Espanha[28]. Ou seja, assim como no Brasil, em plenos anos 30 do século XX, a Espanha ainda não havia realizado sua revolução burguesa e, neste sentido, podemos explicar também a falência dos liberalismos espanhol e latino-americanos em geral, visto que correspondia mais a uma importação ideológica do que a uma forma de consciência

[27] THOMAS, Hugh. **La Guerra Civil Española.** Barcelona: Grijalbo, 1996, vol.1, p.103.

social que fosse fruto da própria formação social. Por isso mesmo o seu caráter transitório e sua fraqueza estrutural, que permitiu sua derrocada já no momento da GCE[29]. Esta incapacidade burguesa e liberal de "tomar as rédeas da história" deslocou o foco do antagonismo das classes "para baixo". Como havia escrito Pierre Vilar:

> *En un país predominantemente agrícola, donde se acentúa la crisis agrária, donde un sistema aristocrático desgastado se resquebraja en medio de las catástrofes políticas y donde las clases medias tienen poco peso social, no basta con algunos núcleos proletários superexplotados por un capitalismo frequentemente extranjero, para que el movimiento obrero tome valor decisivo de dirección?*[30]

Esta assertiva de Vilar baseou-se nas análises feitas por Lenin em 1923 quando, comparando a situação da Rússia em 1917 com a da Espanha, concluiu que desta poderia sair uma segunda revolução socialista, visto que as condições lá encontradas pareciam anunciar efetivamente a iminência de uma revolução social. Esta visão *quasi* premonitória de Lenin sobre a "revolução espanhola" tornou-se tão em voga na época que tanto aqueles que a desejavam quanto aqueles que a temiam pareciam antever com certeza a sua chegada em cada momento social convulsivo. Ou seja, a peculiar formação histórica da Espanha parecia colocar a chave do progresso social nas mãos dos trabalhadores.

O movimento revolucionário espanhol contava com uma longa tradição de resistência. No século XIX, a chegada de correntes políticas com propostas libertárias e emancipadoras, tais como o socialismo e o anarquismo, forneceram um

---

[28] ABDALA, Miguel & D"ELIA, Germán. **La Guerra Civil Española.** Montevideo: FCU, 1990, p.17.
[29] ABDALA, Miguel & D"ELIA, Germán. Op. cit., p.35.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

corpo político-ideológico coerente para a organização das classes subalternas, marcando um horizonte a ser atingido. Em particular, o anarquismo atingiu uma preponderância inusitada como movimento de massas. Este sucesso foi atribuído às mais variadas causas, desde a origem rural do proletariado espanhol até o fato de que o arcabouço ideológico anarquista parecia combinar perfeitamente com o espírito individualista do povo espanhol[31].

Surgiram os primeiros sindicatos e associações organizadas de trabalhadores: em 1882, a *Unión General de los Trabajadores* (UGT), socialista e, em 1910, a *Confederacíon Nacional del Trabajo* (CNT), anarquista, que em 1931 já atingia mais de meio milhão de filiados[32]. As antigas reivindicações mal ou não atendidas passaram a ser secundadas por protestos e greves e, dado o crescente processo de radicalização política, muitas vezes terminando em revoltas e atentados num crescente alarmante para a ordem constituída. Portanto, desde o alvorecer do século XX o caos social espalhava-se paulatinamente pelas diversas regiões da Espanha.

Em 1923, em meio a crise marroquina, as elites espanholas procuraram uma saída autoritária para ordenar o complexo quadro interno. Fecharam-se as Cortes e instaurou-se uma ditadura militar comandada pelo general Miguel Primo de Rivera, sob beneplácito real. O objetivo deste governo era restaurar a ordem social mediante uma política intervencionista do Estado, tanto na economia quanto na vida social do país, baseado na mística de um "Estado forte". Este atingiu temporariamente um certo sucesso, utilizando medidas protecionistas na economia, exercendo controle dos sindicatos (com apoio socialista, fator que cindiu o movimento operário) e

[30] VILAR, Pierre. **História de España.** Barcelona: Crítica, 1978, p. 107.
[31] Sobre a complexa questão do Anarquismo na Espanha, recomendamos a leitura de JOLL, James. **Anarquistas e Anarquismo.** Lisboa: Dom Quixote, 1977, p.265 a 324.
[32] Idem, p.290.

efetuando uma forte repressão política. Estes aspectos peculiares pincelaram este governo com um nítido verniz fascista, mas não podemos caracterizar este governo de exceção como tipicamente "fascista". Tratava-se em verdade de mais uma ditadura militar, apenas modernizada com elementos inspirados no fascismo italiano, então em voga. Todavia, a ditadura de Primo de Rivera e a do seu sucessor, o general Berenguer, com um modelo de ditadura mais branda e "liberal" não foram suficientes para salvar a dinastia dos Bourbon de sua *débâcle*.

Pressionado pela oposição e a sociedade em geral, que exigiam um governo democraticamente eleito e de cunho republicano, conforme havia ficado demonstrado pelos resultados das eleições municipais, o impopular rei Afonso XIII (carente do apoio das elites que antes o sustentavam) decidiu abdicar de seu trono e partir para a Inglaterra afim de "evitar um banho de sangue". Com este gesto apenas postergava um confronto inevitável[33].

A República foi proclamada em junho de 1931 e, logo após a saída do Rei, instalou-se no poder uma coalizão de burgueses republicanos, radicais e socialistas moderados, inicialmente presidido por Niceto Alcalá-Zamora e depois por Manuel Azaña. Ambos gabinetes se propuseram a introduzir uma série de reformas sociais, a começar por um processo profundo de laicização do Estado, o que reacendeu a luta anticlerical entre os liberais e catalisou o ódio dos setores conservadores e católicos contra a república. A reforma educacional, de corte liberal, tendente à modernização e valorização profissional do ensino, também provocou a ira religiosa. Por outro lado, o projeto de reforma militar, visando redução e modernização dos efetivos do

[33] JACKSON, Gabriel. **A República Espanhola e a Guerra Civil 1931-1939.** Lisboa: Europa-América, s.d., p.44.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

exército adequando-o à realidade, também encontrou resistência por parte da anquilosada camarilha militar que detestava Azaña que por sua vez, desprezava os militares.

O regionalismo foi parcialmente contemplado pelo novo governo que concedeu autonomia à estratégica região catalã, com direito a parlamento próprio e passando o catalão a ser considerado (além do espanhol) uma língua oficial. Os bascos ainda deveriam esperar mais um pouco. Mas o principal problema continuava sendo a questão da posse da terra. Neste sentido, foi criado um organismo de fomento da reforma agrária que, teoricamente, deveria reassentar camponeses sem-terra em terras improdutivas expropriadas pelo governo, mediante indenização.

Contudo, os entraves da burocracia, a lentidão da própria máquina estatal e inclusive a indiferença de alguns membros do governo, desinteressados em atingir o cerne do problema, acabaram relegando a reforma agrária a um segundo plano, causando evidente insatisfação nos meios populares.

Se, por um lado, o conjunto das reformas intentadas pelo primeiro governo republicano demonstraram ser insuficientes para atender às necessidades prementes das classes menos favorecidas, por outro foram suficientemente agressivas para irritar as camadas dominantes, principalmente pelo lado do anticlericalismo governamental. Em 1932, conspiradores monarquistas apoiados por alguns militares, comandados pelo general José Sanjurjo, intentaram um golpe militar de signo restaurador que acabou fracassando devido ao seu caráter limitado e ao vazamento de informação sobre a conspiração. Refeita da derrota, a direita aprendeu a lição: as condições não estavam ainda maduras para um assalto ao poder.

Além da acirrada oposição da direita o governo burguês teve de enfrentar problemas com o setor operário, que exigia mais ênfase nas reformas econômicas, e com o campesinato, que clamava pela efetiva realização da reforma agrária, a qual a essas alturas era considerada quase um mito. A impaciência dos camponeses chocou-se frontalmente com a morosidade do Estado.

No início de 1933 houve um ressurgimento de distúrbios no campo, quando os camponeses anarquistas incitaram a ocupação das terras e chegaram até a ocupação temporária de alguns povoados, como ocorreu em Casas Viejas, na Andaluzia. A repressão do governo foi desigual, brutal e repercutiu negativamente na opinião pública de todo o país.

Isolado e abandonado por seus aliados socialistas, o governo burguês reformista caiu presa da sua própria inflexibilidade e falta de ousadia. Não havia enfrentado decididamente a direita nem conseguido superar o seu preconceito de classe, visto que não procurou suporte nas camadas subalternas para o seu programa de reformas.

Desmoralizado politicamente e sem poder contar com o apoio das massas, cada vez mais atraídas para opções políticas mais radicais como o anarquismo ou o comunismo, o governo reformista perdeu as eleições de 1933 para uma coalizão de partidos de direita capitaneada pela *Confederación Española de Derechas Autónomas* (CEDA), um partido católico. Neste contexto, as esquerdas divididas não somente por questões programáticas mas também entre as que haviam ou não apoiado o governo burguês, também saíram prejudicadas, visto que o momento político favorecia as coalizões e não partidos isolados. Desta forma, a divisão entre

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

as esquerdas cobrava seu primeiro preço ao favorecer indiretamente a ascensão da direita.

A coalizão conservadora, eleita principalmente pelos votos da classe média e pelo novíssimo eleitorado feminino, tinha uma finalidade essencialmente "restauradora" e um caráter regressivo em relação às reformas sociais. Em síntese, passou a remover por via constitucional as conquistas sociais obtidas pelas classes trabalhadoras durante o governo anterior. Não foi mera casualidade que este período passou para a história denominado como o "Biênio Negro".

Frente às medidas involutivas e reacionárias do governo da direita, parte da esquerda reagiu partindo para um processo de radicalização da sua prática política, mesmo que ainda dividida quanto a ação.

Os socialistas, embora reunidos em torno do *Partido Socialista Obrero Español* (PSOE) e do poderoso sindicato UGT, encontravam-se divididos internamente. Um grupo mais moderado buscava manter a aliança com a burguesia democrática, mas o setor mais jovem do partido (por ironia liderados por um ex-moderado, Largo Caballero)[34] passou a desafiar abertamente a legalidade burguesa, conclamando a conquista do poder pela via revolucionária, e começou o treinamento clandestino de seus filiados. Pretendiam também disputar espaços políticos com os rivais anarquistas que cresciam na violência revolucionária, principalmente desde a criação da ilegal *Frente Anarquista Ibérica* (FAI), uma autêntica força de choque

[34] Francisco Largo Caballero, popular líder das juventudes socialistas. Curiosamente, "o Lenin espanhol", como era chamado por seus seguidores, era um sexagenário que durante a ditadura de Primo de Rivera (1923-1930) havia sido a favor da colaboração do seu sindicato UGT com o governo, em desafio a política oposicionista da CNT anarquista, que o acusava de "traidor" da classe operária. Seu processo de radicalização se aceleraria a partir do levante asturiano em 1934.

libertária forjada nos moldes de uma sociedade secreta, cujo decidido objetivo era destruir a "ordem burguesa".

Ainda no campo da esquerda, um pequeno e organizado partido criado nos anos 20 permanecia isolado e hostil tanto aos anarquistas quanto aos socialistas. Era o Partido Comunista da Espanha (PCE) que, seguindo a tendência revolucionária local e as indicações de Moscou, montara também uma organização paramilitar clandestina: as *Milícias Antifascistas Obreras y Campesinas* (MAOC). O rótulo "antifascista" designava claramente o inimigo escolhido. Entretanto, seu caráter era dúbio, pois na Espanha de 1933 haviam grupos que tanto se declaravam como "fascistas" quanto grupos a quem os comunistas (presos no seu sectarismo) identificavam também como sendo "fascistas", ainda que não o fossem, como os socialistas e principalmente os marxistas não stalinistas. Ainda num futuro próximo a estrutura destas milícias revelaria sua vital importância, sendo consideradas como a gênese de um novo exército em formação durante a guerra civil.

Para concluirmos nossas considerações acerca do complexo e compartimentado bloco da esquerda cabe ainda mencionar uma agrupação marxista dissidente do PCE , a qual, como a maioria dos comunistas espanhóis, era oriunda do anarquismo: a *Izquierda Comunista*. Apesar de contar com poucos seguidores tinham como líderes dois intelectuais muito ativos e críticos ferrenhos do stalinismo que o haviam vivenciado na URSS: Andreu Nin e Julián Gorkin. Embora próximos ideologicamente da linha trotskista, o grupo recebia severas críticas por parte de Leon Trotsky, no entanto, para os marxistas ortodoxos a *Izquierda Comunista* sempre foi considerada como um grupo "trotskista". Posteriormente, se tornariam o

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

Partido Obrero de Unificación Marxista, mais conhecido pela sigla POUM, embora sem perder a pejorativa classificação dada pelos comunistas da linha moscovita.

Contudo, a crescente radicalização da política e o abandono das práticas pacíficas em detrimento da "ação direta"[35] não era monopólio exclusivo das esquerdas. As direitas também se encaminhavam no mesmo sentido. Desde 1931 já existiam as *Juntas de Ofensiva Nacional-Sindicalistas* (JONS). Estas eram fruto da fusão de dois pequenos grupos radicais formados, basicamente, por estudantes de classe média que cultivavam a violência como método para atingir seus objetivos políticos, fazendo releituras locais de programas nazi-fascistas (ultranacionalismo) evocando o retorno a um passado "imperial", um Estado forte, corporativo, centralizado e capaz de impor verticalmente a justiça social.

Por fim, a idéia de uma Espanha "unitária", o que equivale dizer que se opunham aos autonomistas. Seus inimigos acérrimos eram todos os marxistas, os liberais, e ao final, ironicamente, eram contra os "estrangeirismos" visto que consideravam que os grandes males da Espanha provinham da importação de ideologias, obviamente se referindo apenas aos seus antagonistas. Minimizando e ocultando a sua própria influência forânea, eles mesmos se consideravam autenticamente "espanhóis". Talvez um indicativo da estranha simpatia que tinham pelos anarquistas, considerados também como uma manifestação tipicamente espanhola. Em 1933, as JONS se fusionaram com outro grupo mais orgânico e articulado, a *Falange Española.*

---

[35] Entendemos por "ação direta" o uso de meios ilegais ou não institucionais para atingir um determinado fim político. Ver ANDRADE, John. **Acção Directa: diccionário de terrorismo e activismo político**. Lisboa: Hugin, 1999, p. 5.

A *Falange* havia sido fundada pelo filho do ex-ditador Primo de Rivera, José Antonio, um jovem advogado vinculado aos grupos dominantes, principalmente do setor financeiro e dos monarquistas. Também possuía estreita vinculação com Mussolini e os fascistas italianos, dos quais recebeu vultosas somas em troca de relatórios sobre a economia espanhola[36]. Aos poucos, a *Falange*, com seus vastos recursos materiais e com um arcabouço teórico mais coerente, que possibilitava também um discurso mais elaborado e menos radical no sentido sindicalista (que assustava a elite), na verdade foi absorvendo as toscas JONS e se transformando num grupo coeso, organizado e com uma ampla estrutura paramilitar destinada a varrer a "canalha marxista" e a "decadência liberal e democrática" dos burgueses.

Outro importante grupo da extrema-direita, mas não fascista, era formado pelos monarquistas carlistas, unidos na *Comunión Tradicionalista.* O carlismo era na verdade um ramo extremista dos monarquistas que igualmente pretendiam a restauração da monarquia, embora de outra linhagem dinástica diferente daquela do rei deposto, Alfonso XIII. Ultracatólicos, antiliberais e antimarxistas representavam sem dúvida o setor mais reacionário da sociedade espanhola e pretendiam um autêntico retorno da roda da história à vida medieval. Significativamente, se referiam à sua luta como uma "cruzada".

Desde 1931-32 os carlistas já conspiravam contra a república e pouco depois dariam início a formação de sua milícia privada, os chamados *requetés,* treinados por militares e armados com equipamento obtido da Itália mussoliniana.

Pelo exposto acima, podemos auferir que tanto a "revolução" quanto a "contra-revolução" pareciam estar preparadas para a ação e prestes a espocar a

[36] PADRÓS, Enrique S. "O Fascismo Espanhol e a Guerra Civil" In: **História: Ensino e Pesquisa**. Porto Alegre: Mercado Aberto, ano 2, número 1, p.14.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

qualquer momento. A demissão do chefe do governo, Alejandro Lerroux, em abril de 1934, deixou um vácuo de poder que abriu caminho para a direita católica, a CEDA que, inspirada no estilo do chanceler austríaco Engelbert Dolfuss, estava adquirindo suaves matizes fascistas. Logo, os socialistas interpretaram o momento como um sinal de que o fascismo se consolidaria de fato no poder e, ironicamente, pela vias democrática institucional, tal como o fizera há pouco na Alemanha e na Áustria. O atroz destino dos socialistas alemães e austríacos, massacrados pelo fascismo, era uma realidade presente e muito recente para os colegas espanhóis.

Diante do que consideraram uma possibilidade concreta de ascensão fascista, somada à crescente impopularidade do governo e a sua desilusão com as promessas republicanas, os socialistas tomaram a iniciativa de romper com a legalidade constitucional e intentaram desencadear uma insurreição em nível nacional.

Na capital, o levante foi facilmente sufocado pelas tropas do governo. Na Catalunha, os autonomistas cansados pela morosidade do governo central em relação à concessão do estatuto de autonomia catalã, aproveitaram a radicalização dos dirigentes e das massas "de esquerda" e proclamaram a "República Catalã". Mas esta teve curta duração, pois o Exército não aderiu, abortando a fugaz intentona separatista. O levante se consolidou somente na região mineira das Astúrias, graças a uma efetiva união das esquerdas, como uma decisão tomada a partir das bases que atropelaram os seus respectivos dirigentes, imersos em divagações teóricas. Socialistas, comunistas e anarquistas superaram querelas políticas e se uniram numa espontânea frente unida antifascista, a UHP, *Unión de Hermanos Proletários*[37].

[37] THOMAS, Hugh. Op. cit, p.160-163.

Foi proclamada uma "República Socialista" em outubro de 1934, com sede em Oviedo, e foram mobilizados para a luta mais de trinta mil trabalhadores os quais montaram um *soviet* de soldados, operários e camponeses, *a la russe* nos moldes de 1917. Esta união suscitava espanto e admiração mesmo entre os próprios membros do grupo. A análise, ou "visão profética" de Lenin parecia concretizar-se, afinal.

Não obstante, o governo não esperaria o alastramento das chamas revolucionárias, chamando dois experientes generais para dirigir as operações de guerra com a finalidade de suprimir a rebelião. Eles eram Manuel Goded e Francisco Franco, ambos pouco simpáticos aos republicanos e esquerdistas em geral, além de saudosos defensores da monarquia. Franco comandaria as unidades mercenárias da Legião estrangeira espanhola, o *Tércio de Extranjeros*, e as cruéis tropas coloniais do Marrocos, sem dúvida as duas mais preparadas tropas do Exército espanhol apoiadas pela aviação.

Os rebeldes, frente ao poderoso e moderno Corpo de Exército formado para destruir o movimento, pouco tinham a opor, além de alguns fuzis e dinamite e de sua "vontade e fé revolucionárias". Ainda mais que os levantes esperados em outras províncias não eclodiram como havia sido previsto. O foco de Astúrias permaneceu isolado do resto da Espanha.

O movimento revolucionário capitulou após alguns dias de intensos combates. A seguir, as forças de ocupação dedicaram-se à tortura e aos assassinatos. A brutalidade da repressão empregada contra o levante produziu mais de 1.500 mortos, três mil feridos e trinta mil presos políticos[38]. Estes dados repercutiram assustadoramente não somente na Espanha, mas no mundo todo.

[38] THOMAS, Hugh. Op. cit., p.167.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

A derrota do levante asturiano suscitou várias leituras possíveis de acordo com o prisma político empregado. A esquerda, com a maioria de seus dirigentes presos, idealizou a gesta revolucionária e tomou-a como um "ensaio geral". A repressão serviu para fortalecer a consciência dos revolucionários. As classes médias mostravam-se cada vez mais atemorizadas e buscavam a proteção dos grupos e partidos autoritários. A direita, ciente da pressão exercida pelas classes subalternas, não somente pelo levante mas pelas greves, *lock-outs*, paralisações e tudo o que considerava como "distúrbios da ordem", não escondia seus anseios de acabar com a democracia e instaurar um governo autoritário. Após o desastre de Astúrias notamos um acelerado processo de fascistização no mosaico da extrema direita. Os grupos de jovens católicos e monarquistas, por exemplo, passavam a adotar uma estética e atitudes de cunho fascista.

Mas o efeito mais profundo e duradouro do episódio de Astúrias foi a ampla fratura que ocasionou no seio da sociedade, extrapolando como nunca a polarização política entre as mais variadas classes e setores da população. A essas alturas era impossível manter uma neutralidade ou evitar assumir uma posição definida. E dado o rancor existente entre ambos os espectros políticos e o ódio entre as classes, também seria cada vez mais impossível chegar a uma conciliação capaz de reatar o desfeito pacto social.

O ano de 1935 marcou uma desesperada (e fracassada) tentativa de conciliação social por parte dos partidos de centro-direita, ainda no poder, tolerando até uma reorganização parcial das forças da esquerda, graças à distensão do governo. Esgotadas as possibilidades de mediação política e com a governabilidade abalada devido às sucessivas manobras conspirativas de chefes militares com o líder da

direita católica, José Gil Robles, o presidente Niceto Alcalá-Zamora dissolveu as Cortes (parlamento) e fixou uma data para nova eleição em 16 de fevereiro de 1936.

Começava imediatamente a campanha eleitoral e com ela a conformação de dois grandes blocos ideologicamente antagônicos que dominariam a cena política nacional: a Frente Nacional, representando a união das direitas e a Frente Popular, pela esquerda. Na verdade, ambas coligações apresentavam complexos amálgamas desiguais quanto à composição e de homogeneidade dúbia. Mantiveram-se afastadas das frentes por divergências programáticas ou filosóficas a *Falange* e os anarquistas da CNT-FAI. No entanto, cada grupo já havia instruído taticamente seus militantes no tocante à postura a ser tomada no pleito eleitoral.

Longe de ser "revolucionária", a plataforma da Frente Popular incluía a retomada de uma série de medidas reformistas do primeiro governo republicano, embora intensificada na ação estrutural. Tais como a ênfase na reforma agrária, a efetiva implantação do ensino laico e as medidas protecionistas dirigidas às classes trabalhadoras. Alguns termos do programa pontuavam reivindicações conjunturais importantes, tais como a outorga definitiva dos estatutos autonômicos aos catalães e bascos e, principalmente, a anistia geral aos presos em decorrência do malfadado levante de 1934.

Cabe lembrar que a Frente Popular antifascista somente foi possível graças à aproximação dos republicanos de Manuel Azaña com a fração socialista moderada de Indalécio Prieto, os quais contaram com o vigoroso incentivo dos comunistas que, seguindo as orientações da *Komintern*[39], instavam todas "as forças democráticas e progressistas" (exceto os "trotskistas") a superarem suas diferenças e se aliarem em

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

prol da luta contra o fascismo. Ela teve o mérito de atingir um amplo espectro político nunca antes visto, pois incluía desde os socialistas (das duas correntes: moderados e revolucionários), o conjunto dos partidos da burguesia republicana, os partidos regionalistas (bascos e catalães) e, por fim, os comunistas. Claro está que um dos partido da esquerda não participava da FP, embora votasse nela, o POUM. Vale ressaltar que a não abstenção dos anarquistas que apostaram na anistia proposta pela FP foi o fator decisivo que pesou nos números dos votos obtidos pelas esquerdas.

Após eleições relativamente pacíficas para um clima normalmente tenso, as urnas confirmaram a estreita vitória da FP: 4.654.116 votos contra 4.503.505 da Frente Nacional, e apenas 526.615 dos partidos de centro[40].

Inconformados após sucessivas e infrutíferas recontagens de votos, os setores da direita reiniciaram as ligações conspirativas, enquanto o novo governo, empossado às pressas e pressionado por um eleitorado impaciente, deveria implementar com urgência as reformas prometidas. Os presos políticos começaram a ser libertos pelos companheiros mesmo antes da anistia ser promulgada. Muitas terras começaram a ser ocupadas antes da reforma agrária, principalmente aquelas que haviam sido abandonadas pelos seus donos devido a vitória da FP. Nas cidades, atentados à bomba e incêndios contra jornais de direita e igrejas, o anticlericalismo reacendia. O boicote dos empresários contra a política trabalhista do governo

---

[39] Optamos por indicar *Komintern* no gênero feminino visto que se trata da abreviação do termo original em alemão *Die Kommunistische Internationale* (A Internacional Comunista).

[40] As cifras ainda hoje são objeto de discussão. Preferimos a apresentada em THOMAS, Hugh. Op. cit., p.179.

impulsionou os sindicatos a declararem greves que assolaram o país durante todo o período, além da ocupação das fábricas[41].

O clima, no campo e nas cidades, tornava-se cada vez mais instável e suscetível à explosão da violência: simples discussões políticas em cafés e bares terminavam em tiroteios, com mortos ou feridos. Bandos armados das milícias de ambos os lados caçavam-se mutuamente, dando origem ao que se denominou de "gangsterismo político". A polarização ideológica atingia o auge do extremismo: os partidos extremistas de direita como a *Falange* e de esquerda como a CNT-FAI e a *Juventud Socialista Unificada* (JSU) transbordavam de jovens decididos a empunharem armas pelas suas crenças.

É significativo desse período o esvaziamento dos partidos de centro, principalmente nas suas alas jovens. A situação indicava sinais de "maus tempos" que se avizinhavam. Pouco a pouco, a estrutura da FP se desintegrava devido aos seus interesses desiguais, pois o governo pretendia a manutenção da legalidade burguesa e as paulatinas reformas, enquanto a esquerda radical avançava em sentido revolucionário. Essa fragilidade da FP propiciou que o mosaico das forças reacionárias se tornasse um bloco monolítico cerrando as suas fileiras em torno de um objetivo único: tomar o poder antes que a esquerda radical derrocasse o governo. Apenas quatro meses após a eleição, em meados de julho de 1936, produziu-se uma tentativa de golpe, cujo processo desembocaria, pouco depois, numa guerra civil como conseqüência final.

Traçadas as respectivas trajetórias históricas do Brasil e da Espanha podemos estabelecer os paralelos que nos permitem desenhar um vínculo ou aproximação entre ambas as realidades, para assim podermos entender melhor o que levou um

[41] PAZ, Abel. **O Povo em Armas.** Lisboa: Assírio &Alvim, 1974, p.227-228.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

punhado de brasileiros a empreender uma luta de vida ou morte em terras longínquas. Ao examinarmos o plano das mudanças políticas internas, operadas tanto na Espanha (a proclamação da Segunda República em 1931) quanto no Brasil (a "Revolução de 30"), podemos concluir que, embora sejam fenômenos histórico-sociais com características locais específicas e peculiares, ambos possuem no entanto, um significado semelhante: um momento de inflexão que pode ser considerado como um marco histórico.

Ambos movimentos apresentavam um caráter "renovador", modernizante e reformista, um rejuvenescimento da máquina política e estatal. Simbolizavam assim a tentativa de superação de uma etapa, se não em uma dimensão vertical e profunda ao ponto de abalar as estruturas sociais de cada país, ao menos o fizeram no plano da superestrutura política, efetuando mudanças na composição orgânica do poder ao deslocar para fora do cenário principal (ainda que temporariamente) as tradicionais oligarquias agrárias, no caso brasileiro, ou o afastamento da Monarquia e parte de seu suporte, a Igreja e a aristocracia latifundiária, no caso da Espanha. Ou seja, de alguma forma ambos eventos históricos permitiram uma certa ascensão política de setores da burguesia que antes se encontravam alijados do poder.

Mas é importante ressaltar que tanto no Brasil quanto na Espanha havia um problema crônico em torno do fortalecimento do poder central em detrimento aos poderes regionais. Nas regiões mais modernas e desenvolvidas economicamente, onde a burguesia, ou uma elite "aburguesada", atuavam efetivamente como "motor propulsor" da dinâmica capitalista, desenvolveram-se forças centrífugas tendentes ao autonomismo regional e, por vezes, ao separatismo, favorecendo assim uma perspectiva de desagregação nacional em oposição à unidade nacional.

No Brasil, temos o caso de São Paulo, "a locomotiva que puxa os outros vinte vagões", onde a burguesia imbricada à elite cafeicultora manifestava-se em momentos críticos a favor do separatismo, tal como em 1932[42].

Na Espanha, o problema era mais grave, pois além da questão econômica havia uma dimensão superestrutural representada pela pluralidade da formação étnico-cultural espanhola inserida no jogo: poder central *versus* poder regional. É o caso dos catalães e bascos, por exemplo.

Entretanto, uma diferença marcava os dois casos em particular. Se a "Revolução de 30" no Brasil significou a vitória de um projeto político centralizador (com um corte inicialmente "progressista", mas depois "progressivamente autoritário") buscando forjar na unidade nacional uma oposição ao autonomismo desejado pelas elites locais "retrógradas", na Espanha a proclamação da República significou a possibilidade de uma reestruturação do Estado que permitisse o exercício do autonomismo regional dentro dos limites do Estado federativo. A unidade nacional espanhola, ao contrário da brasileira, deveria ser atingida respeitando a diversidade, uma unidade integradora e pluralista[43]. Logo, podemos ver que o "autonomismo" possuía um significado concreto diferente e de sinal invertido em ambos países, assim como foram inversos os meios utilizados para atingir a unidade nacional.

---

[42] Sobre a visão separatista paulista em 1932, veja BORGES, Vavy P. **Tenentismo e Revolução Brasileira.** São Paulo: Brasiliense, 1992, p. 187 e ss.

[43] ABDALA, Miguel & D"ELIA, Germán. Op. cit., p.42. No entanto, a vitória de Franco abortou os autonomismos e implantou uma idéia unitária de Espanha baseada na tradicional hegemonia de Castela, o que gerou um tensionamento que pode ser observado ainda nos dias de hoje, principalmente no Pais Basco.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

Ainda podemos dizer que tanto a "Revolução de 30" quanto a proclamação da República Espanhola sofreram também a marcada influência da Crise de 1929. Todavia, é interessante que relativizemos a intensidade do impacto local deste evento global em cada país ao relacioná-lo diretamente com a dinâmica interna[44].

Todavia, é fato que a Crise de 1929 havia afetado rápida e profundamente as bases de todas as economias exportadoras baseadas essencialmente em produtos do setor primário. Devido à sua função na compartimentada dinâmica capitalista, tanto o Brasil quanto a Espanha ocupavam lugares periféricos na economia mundial e se enquadravam num perfil "dependente" dos mercados estrangeiros. Portanto, a retração dos mercados externos significou simultaneamente um acirramento dos problemas sociais preexistentes em ambos países e o conseqüente agravamento da situação política interna, como vimos anteriormente.

Por fim, no plano das clivagens ideológicas, podemos perceber que ambos países apresentavam, desde longa data, uma marcada influência das tendências políticas presentes nos países centrais assim como a penetração de ideários estrangeiros. Na década de 30 o processo de polarização político-ideológica, iniciada a partir da vitória da revolução bolchevique em 1917, já se encontrava avançado em ambos países.

Com o dramático colapso do liberalismo econômico e político em 1929 tivemos, em ambos países, reflexos locais da ascensão dos fascismos, surgidos como um meio de conter a revolução social, exacerbando essa polarização ao radicalizar as antinomias ideológicas entre a esquerda e a direita. Logo, tanto no Brasil quanto na

[44] E. Hobsbawm em " A Era dos Extremos", página 108, parece sobrepor os efeitos da Grande Crise à dinâmica interna, no tocante a queda da monarquia e a subsequente proclamação republicana espanhola. Já autores hispanistas como Gabriel Jackson, destacam o caráter multifacético e destaca a conjuntura interna do evento. Ver JACKSON, Gabriel. Op.cit.

Espanha, a falência geral do tradicional sistema político democrático-liberal favoreceu o crescimento dos grupos e partidos alinhados com propostas revolucionárias à esquerda ou contra-revolucionárias à direita, movimentos de nítida inspiração fascista ou simplesmente "anticomunistas", em oposição a grupos francamente comunistas e também aos componentes das frentes "antifascistas". Em síntese, em cada país se geraram movimentos análogos e sintonizados com os novos rumos do contexto político e histórico mundial, mas profunda e irreconciliavelmente antagônicos entre si.

Mesmo antes do início da guerra civil na Espanha que acabou por projetar a luta de classes no plano internacional, nos parece clara a identificação da ANL com a Frente Popular espanhola, já que representariam a mesma luta em outras terras. Assim, na Espanha republicana pré-revolucionária ecoava o desastre da Insurreição aliancista no Brasil e a penosa situação em que se encontravam os seus artífices. Quando da prisão de Prestes, o Socorro Vermelho Internacional (SVI)[45] organizou em várias cidades ao longo da Espanha, no final de março de 1936, várias manifestações de solidariedade aos "*camaradas brasileños*" que contaram inclusive com a presença do famoso dramaturgo e poeta Frederico Garcia Lorca e com a mãe de Prestes, Dona Leocádia, que denunciou as atrocidades cometidas pela polícia especial de Getúlio Vargas contra os presos políticos[46].

É possível imaginarmos a repercussão destas denúncias numa Espanha que recentemente havia passado por um acontecimento similar, a insurreição asturiana,

---

[45] O Socorro Vermelho Internacional (SVI) era uma instituição montada paralelamente pela *Komintern* para fornecer apoio material e financeiro aos revolucionários e suas famílias, quando em situação de necessidade ou perigo. Mas não era simplesmente uma "sociedade filantrópica comunista", pois exercia tarefas de propaganda e proselitismo político. Era mais um braço atuante da *Komintern.*

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

em outubro de 1934. Esta mobilização a favor de Prestes e seus companheiros teve como resultado direto um cabograma de protesto redigido por um grupo de deputados espanhóis da FP e que foi enviado diretamente ao palácio do Catete. Em 27 de maio de 1936, o mesmo foi publicado na primeira página do jornal "Correio do Povo" de Porto Alegre e em outros jornais do país, com a seguinte manchete:

> *Exigindo a liberdade de Prestes!*
> *DEPUTADOS HESPANHOES DA FRENTE POPULAR TELEGRAPHAM AO PRESIDENTE DA REPUBLICA*
> *Rio, 26 (UP) – Em composição destacada de sua primeira pagina, publica hoje o "Correio da Manhã"*
> *Por intermédio do Departamento Nacional de Propaganda, recebemos o seguinte:*
> *O Presidente da Republica recebeu o seguinte telegrama:*
> *MADRID, 25 – Deputados da Frente Popular Hespanhola, exigimos, com grande energia, que o processo do capitão Prestes, chefe da Alliança Nacional Libertadora, seja publico e possa elle escolher os advogados que entender. Exigimos a sua liberdade e a de todos os presos políticos. O telegrama é subscripto por sessenta deputados, figurando em primeiro lugar o sr. Largo Caballero, chefe do Partido Communista (sic) da Hespanha*[47].

O caráter ousado da reclamatória levou o redator do jornal a fazer um comentário, no mínimo curioso, onde se dizia duvidar da veracidade do documento:

> *Publicamos o telegrama acima, por dever profissional. Não acreditamos, porém, na sua authenticidade. Elle é tão absurdo, que não pode ser*

[46] GIBSON, Ian. **O Assassinato de Garcia Lorca.** São Paulo/Porto Alegre: 1988, p.35

[47] Correio do Povo, 27/05/1936, p.1. Largo Caballero, como já dissemos, era o líder da ala jovem e revolucionária dos socialistas.

> *veridico e justamente não o pode ser pelos nomes que o subscrevem. Estadistas que vêm tomando parte nos negocios politicos da Hespanha, que não é um paiz inculto, seria o cumulo que commettessem semelhante "gaffe"*[48].

Como era de se esperar, o recado teve efeito bombástico no Brasil e os ardorosos defensores de Vargas no Congresso (ainda não fechado) prontamente argüiram que o Brasil (e seu governo) havia se tornado *alvo de objurgatórias por parte dos mercenários de Moscou* [49]. Os protestos contra os comunistas espanhóis, ou melhor, contra a Espanha "bolchevizada" eram estampados nas primeiras páginas dos jornais brasileiros indignados com:

> *A insolencia dos deputados hespanhóes*
> *O PROTESTO DOS ESTUDANTES PAULISTAS*
> *São Paulo, 1° (C.P.) – Continua a opinião publica revoltada contra a attitude dos deputados communistas hespanhoes.*
> *O Syndicato dos Bancarios telegraphou ao presidente da Republica, hypothecando-lhe solidariedade e chamando-o de "bravo Getúlio Vargas".*
> *No "Centro Acadêmico XV de Agosto", os estudantes de direito realizaram agitada reunião, protestando, também vehementemente.*
> *Em tudo isso, por outro lado, nota-se a repulsa, também, da própria colonia hespanhola de São Paulo, contra a attitude insolente dos patricios communistas*[50].

Notamos que pelo menos uma parte da comunidade espanhola radicada no país prontamente enviou a Vargas um telegrama de "solidariedade", expressando o

[48] Correio do Povo, 27/05/1936, p.1.
[49] DULLES, John W. F. Op. cit., 1985, p 53.
[50] Correio do Povo, 02/06/1936, p.1.

ARQUIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

seu pesar pela interferência nos assuntos internos do Brasil. Na verdade, buscava com isto não somente alinhar-se com o regime, mas contrapor-se a seus compatriotas comprometidos com a esquerda e que nos Centros Espanhóis faziam proselitismo a favor da República na Espanha. No microcosmos da colônia espanhola no Brasil reproduziam-se, em menor escala, mas com a mesma intensidade as contradições políticas, sociais e culturais da *Madre Pátria*[51]. Com a deflagração do conflito alguns cidadãos espanhóis residentes no Brasil, assim como alguns brasileiros de origem espanhola, tentaram participar diretamente do confronto, cada um deles seguindo suas particulares inclinações políticas. No entanto, poucos conseguiram chegar a Espanha em guerra, como veremos adiante.

Em 19 de julho de 1936, Joaquim Soares D'Azevedo, um jornalista carioca do matutino "Correio da Manhã", vindo de Paris e de passagem pela Espanha, encontrou-se pego de surpresa pelo levante anarquista na Catalunha organizado em resposta à tentativa de golpe militar deflagrado no dia anterior. Segundo ele próprio fez constar, era o único membro da imprensa brasileira na Espanha naquele momento crucial. Seus relatos sobre os momentos iniciais do conflito, publicados no Brasil já em outubro de 1936, são um raro testemunho de época e podem nos passar uma idéia (embora um tanto preconceituosa e muito pessoal) da atmosfera existente na Espanha de então e, especialmente, em relação aos acontecimentos recentes no Brasil. Ao longo do texto são freqüentes as referências a Prestes ou ao levante no Brasil.

Quando chegava a Madrid, D'Azevedo foi surpreendido por (...) *grupos de mulheres em desalinho erguem os punhos fechados e gritam: de norte a sul, de léste*

[51] Sobre a perseguição policial aos republicanos espanhóis no Brasil durante o Estado Novo, ver SOUZA, Ismara I. **República Espanhola: um Modelo a ser Evitado.** São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa Oficial, 2001.

a oéste, libertad de Prestes[52]. Curioso, perguntou a um "civil armado" o que isso significava:

> *Não sabe? Prestes, a maior victima dos vaticanistas brasileiros. Mas também chegará a vez do Brasil. Toda a Espanha tem vivido meses de revolta com o attentado brasileiro aos operários, camponezes e soldados, que o bravo Prestes tão bem encarnava. Ouvirá o senhor essa canção em todas as províncias, em todos os "pueblos", grito de protesto da alma espanhola livre*[53].

Fervorosamente católico e anticomunista (mas crítico do nazismo, que qualifica de "bárbaro") seu relato certamente contribuiu para manter o clima de histeria anticomunista reinante no Brasil desde novembro de 1935 e que serviu para justificar, perante a sociedade brasileira, os rumos tomados por Getúlio em direção à ditadura estadonovista. Ao estabelecer um parâmetro entre a situação brasileira e o conflito na Espanha expressou-se em um pessimismo apocalíptico, quase um sermão:

> *Seja como for, a Europa está attingindo a encruzilhada, e nós, no Brasil, também haveremos de chegar a ella. Não há mais o que hesitar. Ou a força com a ordem, ou a violencia como cáos. O liberalismo e a democracia morreram em Versalhes. Só há que escolher, nesta Europa estraçalhada e ensanguentada, entre o fascismo e o communismo. Eu sei que não se oferecem ainda ao nosso paiz as pontas deste dilemma, mas lá chegaremos, para bem ou mal da nossa terra e da nossa gente*[54].

Podemos concluir que, independentemente do seu posicionamento ideológico, a opinião e a análise do autor exprimia uma visão corriqueira na época e que,

[52] D'AZEVEDO, Soares, J. **Espanha em Sangue**. Rio de Janeiro: Cruzada da Boa Imprensa, 1936, p.17.
[53] D'AZEVEDO, Soares, J. Op. cit., p.17.
[54] Idem. p.179-180.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

curiosamente, era compartilhada tanto pela direita quanto pela esquerda. Que era a certeza de que não existia saída a não ser nos extremismos e que o mundo se encaminhava irreparavelmente em direção a um ou outro. Significativo também é o prefácio do livro escrito pelo Padre Huberto Rohden, diretor da conspícua editora "Cruzada da Boa Imprensa"[55]. No seu discurso articula um nexo, uma "união maldita" entre a Espanha e a URSS contra o Brasil e alerta contra os perigos do bolchevismo, uma análise bastante empregada na imprensa brasileira naquele contexto[56]. Os grifos são nossos:

> *Onde está o Prestes? Liberdade para Prestes! Estas palavras soavam, todos os dias, aos ouvidos do nosso collega. O Brasil é alvo de ódio da parte da Espanha sovietizada. Luiz Carlos Prestes encarnava a esperança de Moscou na América do Sul. O polvo bolchevista estende para além do Atlantico os tentáculos traiçoeiros, empolgando nos seus amplexos mortíferos, milhares de espíritos incautos, que buscam a salvação da sociedade entre a foice e o martello fatídico de Lenine*[57].

Enquanto isso, os setores progressistas no Brasil encontravam-se amordaçados devido à forte repressão do estado de guerra. Assim, as vozes favoráveis às transformações operadas na Espanha não atingiam o *mainstream*, ficando limitadas aos jornais ilegais da esquerda como "A Classe Operária" ou "A

[55] O próprio nome é sugestivo, já que o termo "cruzada" sugere um enfrentamento em defesa da fé cristã. A direita espanhola se referia a GCE como sendo uma "cruzada" contra o ateísmo marxista. A "Boa Imprensa" pontualiza o caráter maniqueista. Ou seja, havia no entender deles, uma "má imprensa" que certamente estava personificada nos jornais da esquerda que infimamente circulavam de modo ilegal no Brasil. Veja a respeito DULLES, John W. F. Op. cit., 1985.

[56] A este respeito, deve ser consultado o artigo de Gisálio Cerqueira Filho e Gizlene Neder: "Ecos da Segunda República e da GCE no Brasil" In: **Tempo**. Rio de Janeiro: Departamento de História UFF, 1999, vol.4, n.8, p. 89-109.

Luta de Classes", com pouca circulação e abrangência, e a excertos de intelectuais na Revista Acadêmica, uma publicação literária onde figuras exponenciais como Mário de Andrade, Rubem Braga, Érico Veríssimo e Cândido Portinari manifestavam as únicas notas favoráveis a República Espanhola [58]. Porém, ainda que geralmente ostentando uma visão negativa, e servindo para reforçar a ideologia repressiva de Vargas, além de fomentar uma mentalidade anticomunista, as notícias referentes a Espanha chegavam em profusão e ocupavam boa parte da imprensa.

Em síntese, o problema espanhol refletia como um espelho as contradições históricas e sociais brasileiras, revestindo-se com um caráter simbólico e representativo de um momento de inflexão mundial e que permitiu uma multiplicidade de análises e leituras possíveis, cujo espectro ideológico oscilava radicalmente dentro da pluralidade das correntes de esquerda, chegando até aos vários grupos na direita. Logo, o PCB e a ANL denunciavam a ação direta dos "fascistas" na Espanha contra o Governo institucional, do mesmo modo que atacavam as oligarquias locais, a quem buscavam identificar também com o "fascismo". Os setores médios que buscavam livrar-se do fardo das elites "carcomidas" em geral mostravam-se simpáticos ao Governo republicano espanhol, mas temiam, como ele, a ascendência dos grupos extremistas como os anarquistas e comunistas. Outros, como os integralistas, afinavam-se com as idéias fascistas presentes no falangismo espanhol. Pelo seu lado, as elites brasileiras assistiam estupefatas o que consideravam o desvirtuamento da civilização cristã com avanço do comunismo, desejando que as forças tradicionais restaurassem a antiga ordem da "velha Espanha".

---

[57] D'AZEVEDO, Soares, J. Op. cit., p.9.
[58] CERQUEIRA, Gisálio. F. e NEDER, Gizlene. Op. cit., p. 107-108.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

Lembremo-nos que o medo de uma autêntica revolução vinda "de baixo" (as nossas quase sempre vieram "de cima") povoava o imaginário das nossas elites desde as Guerras de Independência vizinhas, levando a saídas de cunho autoritário, tão típicas no subcontinente latino-americano. Obviamente o Brasil não estava alheio às tendências políticas em voga na Europa e, dado o peculiar contexto, ao que se passava em especial na Espanha.

Desta forma delineavam-se os paralelos possíveis dentro de redes de afinidades concretas e objetivas, encontravam-se identidades em comum, político-ideológicas ou de classe. Era necessário tomar partido, por um ou outro lado, não havia mais tempo para mediações nem consensos. No entanto, a questão principal que transparecia para ambos os lados era que o que estava acontecendo na distante Espanha poderia, a qualquer momento, acontecer por aqui.

1.3 A Delegação Brasileira: grupos, origem, formação e atividade político-militar no Brasil.

O conjunto de voluntários brasileiros que combateram pela República Espanhola podem ser divididos em dois. Havia um grupo de voluntários militares, bastante definido e homogêneo enquanto grupo e objeto deste estudo. Havia também um conjunto heterogêneo de indivíduos que participaram da GCE e que vamos chamar de "grupo de voluntários civis" ou "grupo civil". Aqui, o conceito de "grupo" é utilizado somente como recurso instrumental para ressaltar a diferença com o grupo militar, formado por ex-militares expulsos do Exército Brasileiro (EB) à raiz de suas atividades políticas ligadas ao PCB ou a ANL. Os militares possuíam uma identidade profissional muito particular conferida pela sua formação característica.

A rigor, o "grupo civil" não deveria ser caracterizado como um grupo, pois em princípio não tinha elementos que lhe conferissem uma unicidade de ação ou uma identidade própria de grupo. Também não havia padrões típicos entre os seus componentes que permitissem definí-los enquanto grupo. Mas, em linhas gerais, podemos conferir uma identificação entre os indivíduos que compuseram o grupo e que, via de regra, se aplica a quase todos os estrangeiros que lutaram pela República na guerra da Espanha: o antifascismo. Por outro lado, o antifascismo não serviria para diferenciar um ou outro grupo, visto que todos eram (teoricamente) antifascistas.

Podemos, no entanto, destacar que no "grupo civil" havia um certo predomínio de elementos de origem estrangeira. Muitos deles do origem hispânica, o que já confere por si um outro enfoque sobre a questão da identidade nacional em relação ao grupo dos militares, de origem brasileira. Obviamente a identificação e a motivação de um descendente direto de espanhóis ou de um espanhol residente no Brasil para com a causa republicana espanhola (ou mesmo a causa franquista, no lado oposto) se processava em um outro nível, muito diferente da identificação operada em um cidadão que não possuísse raízes culturais ou de origem com a Espanha. Como afirmou Gino Gerold Baumann: *Hispanoamérica tenia un grán sentido de solidariedad com España. En los años treinta había una ola de hispanismo, sobre todo por parte de la derecha, pero ello se reflejó, igualmente, en la izquierda*[59] .

No caso dos estrangeiros que não possuíam vínculos hispânicos, a identificação com a causa espanhola republicana se processava mais no plano

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

político e ideológico do que no plano cultural ou de origem nacional. Isto se aplica tanto aos brasileiros, quanto aos antifascistas italianos e judeus de várias nacionalidades que haviam saído do Brasil. No caso dos judeus, o antifascismo era reforçado em função da aliança entre os franquistas e os nazistas. No caso dos italianos, devido à maciça presença mussoliniana na guerra.

Não obstante, na maioria dos casos observados, a aparição de um número de civis brasileiros ou oriundos do Brasil na Guerra Civil Espanhola parece não haver sido fruto de uma ação planejada por parte de uma entidade maior, como um partido político, no caso o PCB, mas sim devido a uma série de fatos circunstanciais, como veremos em alguns casos citados ao longo dos Capítulos 2 e 3.

Devemos ressaltar ainda que os indivíduos do grupo militar foram convocados pelo partido para se apresentarem como voluntários para lutar na Espanha, devido aos seus conhecimentos específicos. Porém, os elementos civis tanto podiam ter partido espontaneamente e por conta própria para a Espanha, quanto terem sido expulsos do Brasil devido a sua atuação política, como era o caso de Ernesto Joske, Jorge Cetl, Victor García e alguns outros que veremos adiante. Outros, simplesmente podiam já estar vivendo na Espanha ou em Portugal quando se deu o início do conflito. Em seu livro, Baumann atenta ao problema da dupla nacionalidade, que provocou muita confusão na hora de identificar corretamente a procedência dos voluntários. Ele ressalta que:

> *Vários participantes de las Américas tenian todavia su nacionalidad originaria, sea española u outra, aunque se identificaron com el nuevo continente. Otros, una vez en España, se nacionalizaron rápidamente,*

[59] BAUMANN, Gino Gerold. **Los Voluntários Latinoamericanos en la Guerra Civil Española.** San José: Guayacán, 1997, p. 24.

> *algunos adquirieron la nacionalidad española por decreto. En el Ejército popular había un reglamento sobre peticiones de nacionalizaciones*[60].

Todavia, não podemos ser muito estritos na separação entre os grupos, pois certos indivíduos que, a primeira vista, deveriam fazer parte do grupo de civis, na verdade estavam mais próximos do grupo militar.

Um caso exemplar seria o de Eny Silveira, um estudante envolvido com política estudantil. No entanto, havia sido aluno do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA), o que de certo modo o tornava "quase" um militar, pois o Colégio Militar representava geralmente o primeiro passo no sentido de uma formação militar profissional. Por outro lado, Eny estava muito próximo do irmão, o ex-cadete Delcy Silveira, o qual apresentou-o ao grupo militar, tendo inclusive combatido junto com ele na XII Brigada Internacional[61].

Outro civil que esteve próximo ao grupo militar foi o jornalista espanhol Ramón Prieto Bernié. Sua proximidade foi puramente circunstancial, pois como membro do PCB, fez parte do aparelho de recrutamento montado pelos comunistas e orientado pela *Komintern* para enviar voluntários para lutar na Espanha[62]. O seu contato com o grupo militar se deu em Montevideo. O grupo militar o conhecia mais como um quadro do PC do que como um combatente.

E por último, Roberto Morena, que, teoricamente, estava acima dos militares e dos civis, pois ele pertencia a um outro grupo: o dos dirigentes. Morena, já era um

[60] BAUMANN, Gino Gerold. Op. cit, p. 38.
[61] SILVEIRA, Delcy. **Entrevistas Delcy Silveira.**, 2001, p. 17. Eny Silveira, Biografia de Militante, 25/11/1938. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.
[62] Homero de Castro Jobim, Biografia de militante, 30/04/1938. Arquivo da IC, microfilme número 10. AEL. Ele se referiu a Bernié como responsável pelo recrutamento dos voluntários.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

dirigente conhecido e respeitado do PCB[63]. Alguns dos militares haviam estado com ele na prisão.

Em síntese, temos poucas informações sobre o grupo civil, a maioria fragmentadas e dispersas em diversas fontes documentais e algumas referências bibliográficas esparsas. Basicamente, são apenas nomes em listas, a maioria sem rosto ou sem história. Listas como as que constam na Delegacia Especial de Ordem Política e Social (DEOPS), onde existe uma relação de nomes de supostos combatentes brasileiros na Espanha. Ou como as listas dos arquivos da *Komintern*. Neste arquivo, o mais completo a respeito do assunto, ainda constam além das listas de nomes, pequenos pareceres sobre a atuação política de alguns indivíduos e até mesmo algumas biografias redigidas pelos próprios militantes.

Através dos nomes e sobrenomes encontrados nessas listas podemos deduzir que a maioria das pessoas era de origem espanhola. Ao cruzar as informações coletadas conseguimos refazer parcialmente algumas trajetórias destes indivíduos na Espanha, como a de Victor García y García e Rafael Igual García, a quem mencionaremos no Capítulo 2. Optamos então por sistematizar e organizar todos estes dados avulsos numa forma concisa, conforme a Tabela 1, onde constam os nomes das pessoas, combatentes ou não, que partiram do Brasil e participaram de uma forma ou outra do conflito espanhol. Constam também dados tais como nacionalidade, filiação política, profissão, graduação militar entre outros.

[63] DULLES, John W. F. Op. cit., 1985, p. 59 e ss.

ARCHIVO HISTORICO de la Provincia de Buenos Aires

ARCHIVO HISTORICO de la Provincia de Buenos Aires

O grupo composto pelos militares tinha características bem diversas do grupo civil. Em primeiro lugar, os militares possuíam características mais homogêneas. Obviamente todos eram brasileiros de nascença e sua condição de militares os colocava em uma posição de destaque perante os outros elementos da sociedade. O profissionalismo militar permitiu o surgimento de uma oficialidade jovem, formada dentro de instituições de ensino próprias, onde além da transmissão dos valores castrenses, se operava a formação técnica (prática e teórica) do militar e se desenvolviam os conceitos de nacionalidade, tão caros ao elemento militar.

Sua origem social era variada: alguns provinham da classe média ou média-baixa, onde as poucas chances de ascensão social passavam necessariamente ou pela incorporação ao serviço público ou pelo ingresso nas forças armadas. Era o caso de David Capistrano da Costa, Dinarco Reis, Nelson de Souza Alves, Enéas Jorge Andrade e José Homem Correa de Sá[64].

Outros membros seguiram a profissão militar como continuidade da trajetória familiar. Era o caso de Carlos da Costa Leite e Apolônio de Carvalho. O professor José Murilo de Carvalho já apontou, em trabalho anterior, que desde os tempos da República Velha havia uma forte tendência ao recrutamento endógeno e proveniente das classes médias para compor o quadro de oficiais do EB. No entanto, segundo ele, isto não se aplicava ao estado do Rio Grande do Sul[65].

De fato, parte dos indivíduos do grupo militar que foi combater na Espanha provinha das classes mais abastadas e eram filhos de famílias tradicionais da

---

[64] BATTIBUGLI, Thaís. **A Militância Antifascista: comunistas brasileiros na Guerra Civil Espanhola.** Dissertação, USP-FFLCH, São Paulo: 2000, p. 24.

[65] CARVALHO, José Murilo de. "As Forças Armadas na Primeira República: O Poder Desestabilizador". In: FAUSTO, Boris. **História Geral da Civilização Brasileira.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, Vol.2, T-3, 1990, p. 189.

sociedade. Era o caso de Nemo Canabarro Lucas, Hermenegildo Assis Brasil, Delcy Silveira, Homero de Castro Jobim e José Gay da Cunha. E todos eles eram oriundos do Rio Grande do Sul. Como escreveu Leôncio Martins Rodrigues:

> *O Estado foi o principal empregador das famílias tradicionais decadentes ou em processo de reconversão do mundo agrário para o mundo urbano. Uma posição no aparelho burocrático constituiu uma das principais formas - se não a única - de garantir status, influência e poder para os membros das velhas famílias*[66].

Por outro lado, a elite gaúcha possuía uma longa tradição militar exemplificada ao longo das guerras do século XIX e todo um histórico de lutas pelo controle e marcação das fronteiras. Também não podemos esquecer que a maior parte dos oficiais do Exército provinha das regiões periféricas, isto é, do Nordeste e do Rio Grande do Sul.

Contudo, não podemos cair num mero reducionismo em considerar as forças armadas como simples representantes de um ou outro grupo social. São organizações extremamente complexas e compartimentadas que possuem características e existência próprias. Como instituição total[67], o exército molda todos os aspectos da vida dos seus membros, define os seus espaços, marca o seu ritmo de vida e lhes fornece padrões comportamentais novos e diferentes dos outros membros da sociedade em geral. Da mesma forma, transmite códigos e valores éticos-morais próprios.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

[66] RODRIGUES, Leôncio Martins. Op. cit., p 386.
[67] O conceito é de Goffman, mas empregado por José Murilo de Carvalho CARVALHO, José Murilo de. Op. cit., p. 183.

No aspecto externo, os militares acentuam sua diferença com os "civis" com o uso da farda, que ao mesmo tempo serve para identificar o seu "semelhante". Em geral, todos ou outros atributos da ritualística militar (marchas, medalhas, insígnias) servem para o mesmo duplo propósito de marcar a diferença com o "outro" e realçar a identidade do seu grupo. Ou seja, a instituição militar engloba todos os aspectos da vida do indivíduo, que passa a acentuar sua identidade e o grau de relativa autonomia com respeito ao "outro", o resto da sociedade.

Por outra parte, a profissionalização do EB, a partir do final do século XIX, e que era um reflexo tardio de uma tendência internacional, permitiu o acesso democratizado ao corpo de oficiais, rompendo com a elitização antes existente no meio militar e levando a um conjunto de motivações externas que carregavam um caráter contestatório. A profissionalização também veio para minimizar um pouco a maciça influência da filosofia positivista que transformava os militares em "doutores" e "bacharéis", ao invés de soldados. Em contraposição, o contato com instituições militares estrangeiras (o envio de cadetes e oficiais para a Alemanha na primeira década do século XX e a chegada da missão francesa no pós Primeira Guerra Mundial), que foi decisivo no processo de reestruturação e modernização do EB serviram também para transformá-lo internamente, tornando a instituição mais centralizada e coesa em termos organizacionais[68]. Isso significou que, segundo José Murilo de Carvalho, *tanto a transformação interna como a transformação do papel*

[68] MERCADANTE, Paulo. **Militares e Civis: A Ética e o Compromisso.** Rio de Janeiro: Zahar, 1977, p. 195 e ss.

do Exército apontavam para uma atuação mais conservadora deste, por implicar em maior controle hierárquico e maior controle sobre a sociedade[69].

Ou seja, o sentido que o Exército tomou era contrário ao movimento político contestatório que estava se processando dentro do próprio Exército, o tenentismo. A crescente participação política intervencionista dos tenentes não era desejada entre os membros da cúpula das forças armadas que, mesmo assim, estava dividida entre aqueles que pretendiam um Exército profissional "apolítico" e os outros que pretendiam fazer do Exército um poder "moderador" capaz de controlar e suprimir os tumultos da vida nacional. Esta corrente autoritária alcançou maior preponderância dentro do comando militar.

O processo de politização dos militares brasileiros era relativamente recente. A proclamação da Republica em 1889, desencadeou toda uma série de movimentos políticos que contaram com ampla participação do setor militar. No entanto, a participação política se restringia aos postos superiores na hierarquia militar. A partir de 1922, com o episódio dos "18 do Forte" o foco de descontentamento das casernas começou a despontar entre os jovens oficiais comissionados. Durante os anos 20 houve no Brasil diversas revoltas e movimentos militares onde o tenentismo marcou a pauta, amparado pela elástica ideologia do "soldado-cidadão" que tanto podia exigir para os militares pleno acesso a cidadania, quanto podia incentivar o intervencionismo político baseado no poder das armas. Refletia também um certo sentimento de marginalidade e inferioridade de segmentos do Exército com respeito, principalmente, à elite política civil.

[69] CARVALHO, José Murilo de. Op. cit., p. 200.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

José Murilo de Carvalho atenta ao fato de que o conceito "soldado-cidadão" foi empregado no Brasil com "sinal inverso", ou seja, se destinava a promover a abertura da sociedade ao Exército e não vice versa como na França[70].

Pouco depois, a Coluna Prestes marcou uma tomada de maior consciência social e política no tenentismo e, como vimos no item anterior, foi o primeiro momento em que houve uma aproximação com o elemento civil e, em especial, com os comunistas e seu pensamento emancipador social.

Com sua "revolução", o ano de 1930 marcou o ápice da movimentação tenentista. Por outro lado, também demonstrou que o Exército estava cada vez mais preocupado em manter sua coesão e hierarquia, visto que os "tenentes" comprometiam a eficácia profissional e a integridade institucional do mesmo.

A partir da "Revolução de 1930", os "tenentes" passariam por um processo de radicalização ideológica que os levaria irremediavelmente a uma fragmentação do movimento. A maioria se integrou nos quadros do novo governo, alguns se inclinaram para a extrema direita, e os desencantados com o rumo do governo de Vargas se encaminharam para a esquerda, aproximando-se do comunismo. Desta "ala esquerda" (e tardia em alguns casos) dos "tenentes" veio o grupo de militares rebeldes que lutou na Guerra da Espanha.

Como o nosso grupo de militares entrou em contato ou adquiriu a ideologia comunista? Como já escreveu Leôncio Martins Rodrigues, *o processo de radicalização de uma parte da jovem oficialidade permitiu a penetração do PCB dentro do Exército, ou do Exército dentro do PCB*[71].

[70] CARVALHO, José Murilo de. Op. cit., p. 234.
[71] RODRIGUES, Leôncio Martins. Op. cit., p 386.

Não podemos esquecer que a instituição militar estava em crise e enfrentava problemas internos muito graves, não somente pela cisão representada pelo tenentismo, mas também pelo problema do "engarrafamento" [72] do corpo de oficiais provocado pelo excesso de oficiais jovens que viam tolhidas suas possibilidades de promoção. Este problema foi agravado com a reincorporação dos velhos cadetes e "tenentes" anistiados por suas atividades revoltosas, mas se devia em grande parte à própria estrutura legal da corporação no que tangia as aposentadorias e as promoções.

Por outro lado, o mesmo autor também destacou o fato de haver uma proximidade que facilitou o contato e a identificação entre os jovens oficiais e os membros do PCB:

> *Além do mesmo meio social e idade, também em termos regionais as origens eram as mesmas, fornecendo o Nordeste, seguido do Rio Grande do Sul, o maior contingente de militares para o oficialato. Coincidentemente, tanto entre os oficiais do Exército como entre os principais dirigentes comunistas, a proporção de paulistas e mineiros* (...) *foi sempre insignificante* [73].

Mas havia outras questões a serem levadas em conta. Uma delas era que o grupo em questão era principalmente composto por jovens que se formaram em um ambiente militar impregnado pelas lutas tenentistas. Eram, em sua maioria, jovens cadetes e oficiais saídos dos Colégios Militares e depois da Escola Militar do Realengo onde direta ou indiretamente haviam tomado contato com a efervescência política dos anos 20 e 30. Por outro lado, apesar do rigor militar, havia nas

[72] O termo original é empregado por CARVALHO, José Murilo de. Op. cit., p. 207.

instituições castrenses um certo clima "liberal" (induzido em parte pelo processo de profissionalização e pelas reformas trazidas pela missão militar francesa) permeável às diversas ideologias políticas em voga. O comunismo era uma delas.

Neste sentido também podemos dizer que houve uma identificação dos jovens cadetes e aspirantes com os ícones do tenentismo, cujas epopéias eram amplamente veiculadas. O historiador e militar Nelson Werneck Sodré, quando aluno do Colégio Militar, acompanhou de perto a agitação tenentista. Em suas memórias, destacou a enorme simpatia da Imprensa oposicionista e do povo em geral pelos rebeldes, sem falar na admiração e prestígio que os alunos da instituição militar tinham pelo grande líder dos tenentes, Luiz Carlos Prestes. Segundo ele, *Prestes era o herói nacional por excelência. Não é possível hoje avaliar quão difundida e profunda era sua fama* [74]. E não somente pela sua condição de rebelde mas também pela sua reputação *de aluno brilhante da Escola Militar, primeiro de sua turma* [75].

O então adolescente Delcy Silveira foi um destes jovens impressionados pela figura do "Cavaleiro da Esperança". Nascido e criado no Rio Grande do Sul, em meio a um ambiente de lutas políticas constantes, o jovem Delcy (e provavelmente também seu irmão, Eny) teve contato muito cedo com a imagem de Luiz Carlos Prestes. Seu pai, líder do Partido Libertador de Santa Vitória, era admirador de Prestes. Segundo Delcy, os libertadores consideravam a Coluna Prestes como a continuação do levante feito por eles: *Em minha casa tinha um retrato de Prestes. Creio que quem me levou para o movimento revolucionário, inegavelmente, foi o*

---

[73] RODRIGUES, Leôncio Martins. Op. cit., p 386

[74] Nelson Werneck Sodré não pertenceu ao grupo que foi a Espanha, mas foi contemporâneo de todos e colega de alguns como Apolônio de Carvalho, José Gay da Cunha e Alberto Roberto Bomílcar Besouchet na Escola Militar do Realengo. SODRÉ, Nelson Werneck. **Do Tenentismo ao Estado Novo: Memórias de um Soldado.** Rio de Janeiro: Vozes, 1986. p. 57.

[75] Idem, p. 57. Luiz Carlos Prestes também havia sido aluno do Colégio Militar de Porto Alegre.

Prestes, de quem, mais tarde, me tornei amigo e companheiro[76]. Como se vê, Prestes era um duplo paradigma para os jovens cadetes.

Sobre a sua escola, o CMPA, no qual passou cinco anos antes de partir para a Escola Militar do Realengo (EMR), uma espécie de faculdade militar, Delcy Silveira nos fala o seguinte:

> *O Colégio Militar formava a pessoa, a disciplina e o regime militar impunham o senso de responsabilidade, havendo grande camaradagem entre os alunos, sendo que os maus colegas eram desprezados e isolados.*(...) *O Colégio Militar, pela união e coleguismo entre seus membros era uma espécie de "maçonaria"*[77].

Ou seja, no Colégio Militar iniciava-se a primeira etapa na formação do caráter militar, um caráter único e distintivo em comparação aos civis e de uma identidade muito marcada. O *esprit de corps*, portanto, iniciava-se no Colégio.

Apolônio de Carvalho foi um desses jovens que ingressou na carreira das armas em 1930. No entanto, não passou pelos Colégios Militares, indo diretamente da vida civil para a vida militar. Ele destacou a dificuldade enfrentada pelos cadetes oriundos do meio civil (os "anechins", pois vinham do Curso Anexo) para se adaptar à vida na caserna, enquanto *a imensa maioria dos 750 alunos do Realengo provinha dos Colégios Militares de Fortaleza, Barbacena, Rio e Porto Alegre, e, após esses cinco anos de disciplina severa, em certa medida já estava impregnada de índole castrense*[78].

[76] SILVEIRA, Delcy. 2001., p. 4.
[77] SILVEIRA, Delcy. 2001, p. 6
[78] CARVALHO, Apolônio de. Op. cit., p. 33.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

No entanto, foi na Escola Militar do Realengo que os jovens cadetes tomaram um contato mais direto e amplo com as idéias políticas que estavam em discussão naquele tempo. Vivendo numa atmosfera técnica e "científica", dado o paradigma do profissionalismo militar, os estudos e as leituras complementares ocupavam boa parte do dia dos cadetes. Seja pela influência dos mestres ou dos colegas, a questão é que existia um ambiente propício para a discussão política e, consequentemente, para a tomada de consciência política e social.

Apolônio de Carvalho se lembra muito bem dos *volumes marxistas que recebia dos companheiros da Escola* [EMR], embora continuasse a preferir José Ingenieros com seu *El Hombre Mediocre* ao, segundo ele maçante, *ABC do Comunismo* de Bukharin[79]. Curiosamente, Delcy Silveira também se referiu ao mesmo livro de Bukharin como sendo o primeiro livro marxista que lhe caiu nas mãos, dentro da EMR[80]. Era uma literatura da moda, pelo visto.

Durante a primeira metade da década de 30 houve um surto de publicações sobre marxismo e a vida na Rússia Soviética, alguns explorando seus sucessos econômicos e sociais, outros nem tanto. As obras de diversos autores marxistas tais como Lénin, Stálin, Plekánov, Bukharin, Trotsky, Rosa Luxemburg e outros, além de Marx e Engels, foram editadas em português[81].

Em seu depoimento, Delcy Silveira se relembra de um episódio no mínimo revelador sobre a permissividade e circularidade política na EMR:

> *Em 1933-1934 o ambiente na Escola* [EMR] *era muito democrático.* (...) *desembarcando em Santos* (...) *ao passar por uma livraria, vi na vitrine "O Capital" de Marx. Entrei e comprei. Até hoje não consigo*

[79] CARVALHO, Apolônio de. Op. cit., p. 41.
[80] SILVEIRA, Delcy. 2001., p. 9.

> *compreender o porquê da compra desse livro, pois para mim, nada significava* (...) *Ao ingressar na Escola Militar, o cadete tinha que apresentar um enxoval, estávamos "casando" com o Exército. Conferia as peças do enxoval um capitão de artilharia* (...) *Ao retirar as peças de roupa, o livro apareceu, o capitão o pegou e disse: O senhor é comunista cadete? Fiquei sem saber o que dizer, mesmo não sabia o que dizer, então contei a história da passagem por Santos. O capitão olhou-me e disse: Cadete, o senhor aqui pode ser o que senhor quiser. Isto foi em janeiro de 1933*[82].

No seu livro de memórias, Apolônio de Carvalho vai mais adiante, talvez até com um pouco de exagero, pois afirma que boa parte dos cadetes com quem convivia já eram comunistas, *todos muito influenciados por professores dos colégios militares que, além de comunistas, pregavam abertamente a revolução*[83].

Em contrapartida, os integralistas, inspirados no fascismo italiano e no nazismo germânico, também fizeram a sua aparição na EMR. Curiosamente, apesar do antagonismo que representavam para os aliancistas, antiintegralistas confessos, havia um ponto de concordância entre ambos grupos: o nacionalismo, ou melhor o patriotismo, pois para o militar a nação é sinônimo de pátria[84]. A palavra é de Delcy Silveira, os grifos são nossos.

> *Naquela época apareceram na Escola os integralistas, fazendo proselitismo, denunciando colegas, sendo apoiados pelo Comando* [militar]. *Havia exceções* <u>*integralistas decentes, nacionalistas, como eu*</u>

[81] FERREIRA, Jorge. **Prisioneiros do Mito: Cultura e Imaginário Político dos Comunistas no Brasil.** Rio de Janeiro: EDUFF, 2002, p. 102.
[82] SILVEIRA, Delcy. 2001., p. 9.
[83] CARVALHO, Apolônio de. Op. cit., p. 41.
[84] IANNI, Octávio. **A Idéia de Brasil Moderno.** São Paulo: Brasiliense, 1992, p.165.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

> *e, com alguns deles eu mantinha diálogo, com os demais eu entrava em choque*[85].

De qualquer forma, segundo Nelson Werneck Sodré, o anticomunismo, posteriormente associado de forma tão característica ao meio militar brasileiro, não se fazia presente naquele momento, pelo menos não ostensiva e virulentamente[86], apesar da presença crescente dos integralistas no meio militar. Segundo relembra Delcy Silveira, os integralistas começaram a agir no final de 1934. Segundo ele, naquela época os cadetes da Escola se dividiam em três grupos: a maioria "apolítica", os integralistas e os de esquerda[87].

A ANL representou o ponto alto de aglutinação dos jovens militares de esquerda. Cabe lembrar que do grupo dos militares que foram para a Espanha poucos eram filiados ao PCB antes de novembro de 1935, mas todos haviam se filiado a ANL. O *leitmotiv* apresentado pela maioria deles para justificar sua adesão a ANL era o nacionalismo e o anti-imperialismo[88].

Lembremos que a ANL se apresentava como sendo democrática, nacionalista, patriótica, anti-imperialista e antifascista e que apresentava um caráter mais amplo e heterogêneo se comparado ao, então inflexível e dogmático, PCB. Por outro lado a ANL contava com a presença de figuras destacadas do movimento tenentista, além de Prestes, como André Trifino Correa, Carlos da Costa Leite (o mais graduado do grupo militar que partiu para a Espanha), Hercolino Cascardo, Agildo Barata, Silo Meirelles e muitos outros, o que certamente serviu de atrativo e garantia para os

[85] SILVEIRA, Delcy. 2001., p. 10.
[86] SODRÉ, Nelson Werneck. Op. cit., p. 145.
[87] SILVEIRA, Delcy. 2001., p. 11.
[88] Idem, p.10. BATTIBUGLI, Thaís. Op. cit., p. 29.

militares mais novos, além de promover e aumentar sua repercussão política no âmbito nacional. Segundo Leôncio Martins Rodrigues,

> (...) *a ANL significou a união política da* ***intelligentsia*** *de esquerda com a oficialidade nacionalista. Nesta aliança, o PCB, através da Internacional Comunista, ofereceu um sistema de interpretação da realidade brasileira e de explicação do atraso econômico do país bastante integrado e convincente para a jovem oficialidade*[89].

Efetivamente, para jovens oficiais formados em um ambiente cientificista e racional, acostumados com teorias e cálculos, os métodos científicos e deterministas do marxismo-leninismo pareciam perfeitamente compatíveis. O marxismo-leninismo além de oferecer aos militares um arcabouço teórico novo, explicativo e científico, repleto de leis e certezas como a inevitabilidade da "revolução", também se aproximava do ideal militar, pois o seu código de normas de conduta e os valores éticos-morais era bastante parecido. O suficiente para estabelecer uma identificação mútua entre os militares e comunistas. Ambos cultuavam a disciplina, a hierarquia e deveriam ter plena confiança na direção do Partido ou no comando militar.

Uma fala do tenente Apolônio de Carvalho ao referir-se a sua relação com o major Carlos da Costa Leite, seu comandante em Bagé, nos dá uma idéia desta dupla relação vertical: *Antes de tudo nossa amizade é muito diversa da que tínhamos Moésia* [Rolim] *e eu, dois oficiais em pé de igualdade - além de vice-presidente da ANL – Costa Leite é meu comandante*[90].

[89] RODRIGUES, Leôncio Martins. Op. cit., p 396

[90] CARVALHO, Apolônio de. Op. cit., p. 59.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

Por outro lado "revolução" era um conceito ao qual os tenentistas já estavam de certa forma acostumados (embora não possuísse o mesmo sentido que para os comunistas), mas que a partir daquele momento adquiria uma orientação política mais definida e concreta. Com a ANL, segundo um dos veteranos da Espanha e antigo "tenente" Dinarco Reis,

> (...) *o caráter da revolução brasileira formulada como democrático burguesa* (*democrática na forma e burguesa no conteúdo*)*, apresentava como objeto principal libertar a nação da dependência do imperialismo e, também, estabelecer um regime democrático burguês*[91].

Todavia, conforme vimos no Primeiro Capítulo, a ANL precipitou-se provocando o governo Vargas que, de bom grado, baniu a organização do cenário político brasileiro. Uma vez legalmente extinta, a ANL trilhou o caminho insurrecional. A partir de julho de 1935, a ANL se resumiu praticamente ao seu setor militar e ao núcleo militar comunista, que passaram a conspirar dentro dos quartéis ao melhor estilo tenentista. O clima conspirativo das organizações também se tornou uma semelhança entre os militares tenentistas e os militantes comunistas.

Do grupo militar que partiu para a Espanha, alguns participaram diretamente do movimento insurrecional de novembro de 1935. Outros não, mas sabiam dos preparativos para uma insurreição. Ou seja, que, de um modo geral, todos estiveram envolvidos em maior ou menor grau.

Para sistematizar a trajetória dos indivíduos do grupo militar e facilitar o acompanhamento pelo leitor, na Tabela 2 constam os principais dados biográficos a

[91] REIS, Dinarco. **A Luta de Classes no Brasil e o PCB.** São Paulo: Novos Rumos, 1981, vol.1., p. 44-45.

respeito dos integrantes do grupo, desde o início da participação político-militar no Exército até a partida para a Espanha.

O fracasso do movimento levou quase todos os militares envolvidos com a ANL ou o PCB para a cadeia, enquadrados na nova LSN, com exceção de uns poucos que conseguiram escapar. Do nosso grupo, apenas Carlos da Costa Leite e Alberto Roberto Bomílcar Besouchet.

No início, os militares acreditavam que a prisão seria temporária e em breve seriam reincorporados às atividades da caserna: afinal, todos os envolvidos nos levantes anteriores de 1922, 1924, 1930 e 1932 haviam sido posteriormente anistiados.

Mas desta vez foi diferente. Os envolvidos foram presos sem qualquer tipo de julgamento prévio e sem direito a *habeas corpus*, sendo julgados de forma sumária pelo Tribunal de Segurança Nacional (TSN), um tribunal de exceção montado pelo governo para conferir um caráter de legitimidade constitucional a repressão[92].

O governo de Vargas e o comando militar mostraram singular intolerância ao tratar com os rebeldes de 1935. As expulsões se contaram às centenas, não somente entre praças e cabos, mas também entre sargentos e oficiais. Muitos ainda foram condenados a penas elevadas, de sete, oito ou dez anos de reclusão.

[92] BATTIBUGLI, Thaís. Op. cit., p. 60-61.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

ARCHIVO HISTORICO de la Provincia de Buenos Aires

No dizer de José Augusto Drummond, *era o fim da tolerância da cúpula militar para com a iniciativa política autônoma da jovem oficialidade*[93].

Em outras palavras, o comando militar voltava a assumir o controle hierárquico, perdido desde a década de 20, desejo longamente acalentado pelos antigos oficiais legalistas que haviam dedicado boa parte de suas carreiras a perseguir os "tenentes" rebeldes. Esses legalistas da década de 20 seriam os generais do Estado Novo. A partir deste momento começou a grassar o anticomunismo oficial nos quartéis, que serviu como um fator de unidade e superação das diferenças hierárquicas ao fomentar a coesão ideológica a favor de Vargas na tropa.

Como disse Apolônio de Carvalho, *já era outro o Exército, ou, antes, já não era uno. Eram dois: o que agora marchava com o governo discriciónario de Getúlio, e o que portava as bandeiras de liberdade e justiça para o povo*[94].

Haviam perdido a patente e a condição de militares para o governo e perante a corporação, mas no foro íntimo eles continuavam sendo militares empenhados em uma missão "redentora" da pátria, ainda certos de que as Forças Armadas (ou pelo menos uma parte delas) tinham essa missão histórica por cumprir. Vejamos o que escreveu em 1940, desde o campo de prisioneiros francês de Vernet, o ex-major Costa Leite em carta a sua filha Yeda e referindo-se ao ocorrido em 1935:

> (...) *quando eu desapareci de casa para não ser preso* (...) *para continuar a atividade devido a nossa palavra empenhada em bem do Brasil* (...) *tive de assumir uma atitude enérgica, na polícia, para impedir*

[93] DRUMMOND, José Augusto. Op. cit., p. 269.
[94] CARVALHO, Apolônio de. Op. cit., p. 62.

que os beleguins enxovalhassem a farda que eu vestia, desse Exército a que o povo do Brasil tanto deve[95].

Na prisão, se iniciou outra etapa na vida dos militares envolvidos com os levantes de 1935. Apesar de haverem sido expulsos do Exército e assim reduzidos a duplamente triste condição de civis e presos políticos, eles mantiveram, via de regra, o seu espírito elevado.

Todavia, mesmo nas precárias condições encontradas na Casa de Detenção ou de Correção do Rio de Janeiro, o grupo militar ainda mantinha a sua coesão e esperança de que sua luta não fosse em vão. Orgulhosos, estavam ainda otimistas e acreditando que sua ação vanguardista seria secundada por outros.

A segregação social do país se refletia na prisão: os ex-oficiais, sub-oficiais e civis destacados da ANL (os intelectuais) estavam separados dos subalternos civis e militares e estes, por sua vez, dos presos comuns. Dentro do cárcere, os ex-militares se destacavam dos prisioneiros civis por suas peculiares características identitárias.

Como se ainda estivessem no quartel, os ex-militares acordavam ao toque de alvorada, praticavam seus exercícios físicos e se instruíam na arte militar. Na prisão, eles montaram e controlaram os "coletivos", espécie de comitês internos, encarregados de distribuir igualitariamente os alimentos e objetos de uso pessoal doados pelos parentes dos presos e pelo SVI[96].

Existiu também a chamada "Universidade Popular". Dado o grande número de intelectuais, médicos, militares e profissionais liberais presos se decidiu montar

[95] Carta de Carlos da Costa Leite a filha Yeda, Camp au Vernet, 05/11/1940. Prontuário de Carlos da Costa Leite nº 7127, APERJ.
[96] Em seu livro de memórias, Apolônio de Carvalho nos oferece um bom relato das atividades do grupo militar na prisão. CARVALHO, Apolônio de. Op. cit., p. 62 a 71.

ARQUIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

uma espécie de escola, que começava pela alfabetização básica (para soldados e operários) chegando até cursos específicos ministrados por professores universitários e, é claro, muitos cursos teóricos de marxismo. Dentre os professores, algumas figuras de renome nacional e internacional: O comunista argentino Rodolfo Ghioldi, o escritor Dyonélio Machado, Fernando Mangabeira, Francisco Campos da Paz e muitos outros.

No presídio, a maioria dos militares fortaleceu a sua crença no comunismo. Segundo o historiador Jorge Ferreira, mesmo que os comunistas ostentassem uma postura totalmente desvinculada com o mundo sagrado e religioso e que defendessem uma doutrina laica materialista e secularizada, ainda estavam submetidos a mesma lógica que rege os mitos e crenças religiosas[97]. O dogma político equivalia então ao dogma religioso. Neste sentido, talvez os detratores da direita não estivessem tão equivocados ao chamar os comunistas de "seguidores do credo vermelho". Um dos que fortaleceu esta crença *quasi* religiosa foi o cadete Delcy Silveira, filiado ao PCB desde 1934, conforme sua ficha preenchida na Espanha:

> *Na Universidade Popular, na prisão, aprofundei meus conhecimentos da teoria marxista. Isto me deu a certeza científica que o socialismo substituirá o regime capitalista, desumano e explorador. Cheguei ao comunismo através do estudo e de minha admiração por Prestes*[98].

Quem não era ainda comunista, provavelmente viria a sê-lo ao sair do presídio, pois os comunistas não aceitavam filiações na cadeia. Como disse Apolônio de Carvalho, *a prisão, que nos deveria selar a derrota, será a primeira grande*

---

[97] FERREIRA, Jorge. Op. cit., p. 102.

escola brasileira de formação política de esquerda[99]. De fato, ele foi um dos primeiros a se filiar ao PCB após ser solto em 1937.

O clima do presídio era agitado, não havendo tempo para a ociosidade. Delcy Silveira conta que as aulas começavam de manhã, indo até o meio dia. Às quatorze horas reiniciavam os estudos, que se estendiam até as dezoito horas[100]. À noite, ainda ouviam as transmissões da "PR ANL – A voz da liberdade", um programa de rádio de uma hora de duração transmitido de uma das celas. De caráter tanto informativo quanto recreativo, tratava igualmente das questões nacionais e internacionais, dos problemas internos e externos ao cárcere, transmitia entrevistas, veiculava crônicas revolucionárias, sambas, paródias e canções patrióticas. Ao final do programa davam-se "vivas" a ANL e a Prestes, sucedidos por correspondentes "abaixo" ao governo Vargas e ao fascismo[101].

Ainda dentro da prisão, o grupo dos ex-militares começou a acompanhar com atenção o desenrolar da Guerra Civil Espanhola. Como o relembra Delcy Silveira: *Na cadeia, nós tinhamos um mapa da Espanha, com as bandeirinhas pretas dos fascistas e as vermelhas nossas e os militares interpretavam aqueles movimentos da guerra. Mas eu, naquela época, nunca pensei que poderia ir para a Espanha*[102].

Contudo, segundo Dinarco Reis afirmou em entrevista, na época alguns teriam acordado que *aqueles que fossem libertados, se tivessem condições, participariam da guerra para observar o seu desenvolvimento e dar a nossa solidariedade a República*[103].

---

[98] SILVEIRA, Delcy. Op. cit., p. 9.
[99] CARVALHO, Apolônio de. Op. cit., p. 63.
[100] SILVEIRA, Delcy. Op. cit., p. 19.
[101] CARVALHO, Apolônio de. Op. cit., p. 65.
[102] SILVEIRA, Delcy. Op. cit., p. 38.
[103] Extraído de uma entrevista de Dinarco Reis cedida por Delcy Silveira a José CarlosSebe Bom Meihy e citado em BATTIBUGLI, Thaís. Op. cit., p. 96.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

Também dentro da prisão, os ex-militares tornados comunistas começaram a perceber um "inimigo" que estava muito próximo a eles e que, segundo a visão do dogma stalinista, era tão perigoso quanto o fascismo: o trotskismo. Apesar dos trotskistas não haverem apoiado os levantes aliancistas, eles foram caçados igualmente pelo governo. No cárcere, eles sofriam também com a discriminação e perseguição por parte dos comunistas ortodoxos, em imensa maioria [104].

Muitos dos chamados trotskistas haviam sido expulsos do PCB por discordarem da tática insurrecional. Entre eles estavam Lídia, Marino e Augusto Besouchet, os irmãos do tenente Alberto Besouchet, um dos revoltosos de Recife que, mesmo ferido, conseguira escapar para o Rio de Janeiro. Depois, com a ajuda do Partido, partiu para o Uruguai e daí para a Espanha. O tenente Besouchet seria o primeiro militar brasileiro a chegar na Espanha ainda em 1936[105].

Em junho de 1937, houve significativas mudanças. Levantou-se o regime de exceção e se restabeleceram as garantias constitucionais para dar um clima aparentemente democrático às eleições. Os presos sem julgamento (a grande maioria dos envolvidos nos levantes de novembro de 1935) foram soltos por iniciativa do novo ministro da Justiça, José Carlos Soares de Macedo, numa hábil manobra jurídica e que ficou conhecida como a "macedada" [106].

Provavelmente um pouco antes, o PCB recebeu a incumbência da *Komintern* de fornecer quadros com experiência militar, de preferência, como contribuição para a causa da Espanha republicana. Desde São Paulo, o encarregado do recrutamento, o dirigente Roberto Morena selecionou os quadros do Partido ou da ANL dispostos a

[104] DULLES, John W. F. Op. cit., 1985, p. 45 e ss.
[105] Idem, p. 47 e 175. Carta de "Castro" (Delegado do Bureau Político do PCB em Paris) ao camarada "Jack" , 24/09/1937. Arquivo da IC, Microfilme número 10, AEL.
[106] DULLES, John W. F. Op. cit., 1985, p. 110 e ss.

empreenderem a missão internacionalista. Por outra parte, numa reunião do Bureau Político do PCB em agosto de 1937, Morena, representando a fração dos presos políticos teria transmitido o desejo de alguns presos (como Dinarco Reis) de se engajar na luta na Espanha. Significativamente, nessa mesma reunião o PCB declarou seu *apoio à luta contra a corja enfurecida dos trotskistas fascistas da Espanha*[107]. O grifo é nosso. Deve ser notada a ligação espúria e falsa que os comunistas estabeleceram entre os trotskistas e os fascistas, colocando-os como aliados em contra da causa do proletariado. O PCB, assim como todos os outros PC's, repetiam invariavelmente as consignas do stalinismo e tentavam reproduzir, em menor escala, a caça aos dissidentes na URSS.

Assim, durante o segundo semestre de 1937, o Partido enviou apenas cinco voluntários para a Espanha: Apolônio de Carvalho, Enéas Jorge de Andrade, Joaquim Silveira dos Santos, David Capistrano da Costa e José Homem Correa de Sá[108].

Posteriormente, Morena sustentou que o Partido não conseguiu cumprir com "seu" objetivo de formar um contingente de 100 voluntários devido as condições arriscadas e a falta de recursos financeiros[109]. Em primeiro lugar, devemos colocar que o objetivo não era unicamente "seu", isto é, do PCB, mas sim uma cota pedida pela *Komintern* a todos os partidos comunistas[110].

Concordamos que as condições de funcionamento do Partido eram precárias e que certamente os recursos monetários eram escassos, apesar de que a *Komintern*,

[107] BATTIBUGLI, Thaís. Op. cit., p. 97.
[108] ALMEIDA, Paulo Roberto. "Brasileiros na Guerra Civil Espanhola: Combatentes na luta contra o Fascismo". In: **Revista de Sociologia e Política.** Curitiba: UFPr, Junho 1999, p. 49-51. Arquivos da IC, Microfilme número 10, AEL.
[109] ALMEIDA, Paulo Roberto. Op. cit., p. 44.
[110] Havia uma cota mínima exigida que variava de partido para partido. VIDAL, César. **Las Brigadas Internacionales.** Madrid: Espasa, 1998, p. 63.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

via “Comitês de Ajuda a Espanha” ou o SVI, financiava parte da operação. Mas uma pergunta paira no ar: porque tão poucos brasileiros chegaram até a Espanha, considerando-se que havia tantos ex-militares de esquerda gravitando próximo ao PCB? Somente no Rio de Janeiro a “macedada” havia soltado 308 presos políticos, em grande parte militares[111]. O próprio chefe da polícia política de Vargas, Felinto Muller (aliás ex “tenente” expulso da Coluna Prestes por roubo) reclamava ao seu chefe que o ministro Macedo Soares havia libertado centenas de presos, a maioria ex-militares, “perigosos” para a ordem[112].

Uma hipótese é que, apesar de contar com tantos quadros militares teoricamente disponíveis, provavelmente o Partido tenha colocado em segundo plano a contribuição com a luta na Espanha. Em primeiro lugar, porque ainda tinha esperanças de poder reverter o golpe recebido do governo Vargas. O Partido tinha, em meados de 1937, duas linhas de atuação. Pela via democrática, o PCB pretendeu reativar a tática da frente antifascista, procurando aproximar-se dos grupos oposicionistas “burgueses” que apresentavam suas candidaturas para as eleições de 1938, apoiando finalmente a candidatura de José Américo de Almeida, ex-ministro de Viação e Obras Públicas do governo Vargas[113].

A outra via continuava sendo pelas armas. Suscitava-se ainda a possibilidade da eclosão de um movimento armado contra a instalação de uma ditadura, preparada por Vargas e a cúpula militar. Esta possibilidade era cogitada não somente pelo PCB e a ANL, mas principalmente pelas lideranças regionais oposicionistas, em particular no Rio Grande do Sul, onde o governador José Antônio Flores da Cunha se distanciava cada vez mais de Getúlio Vargas. Obviamente, nem o PCB nem a ANL

[111] DULLES, John W. F. Op. cit., 1985, p. 110 e ss.
[112] BATTIBUGLI, Thaís. Op. cit., p. 102.

tinham condições objetivas para iniciar um movimento armado. Mas Flores da Cunha parecia ter.

Houve então uma curiosa aproximação entre Flores da Cunha e os militares do PCB/ANL. Não podemos dizer que Flores da Cunha tivesse alguma proximidade com a ANL ou algo parecido. Antes pelo contrário, pois o governador gaúcho era violentamente anticomunista. Segundo o capitão Agildo Barata, comunista e fundador da ANL no Rio Grande do Sul, Flores da Cunha era responsável por eliminar fisicamente os seus adversários, em especial os comunistas e aliancistas. Em 1935, antes dos levantes de novembro, o próprio Barata teria sido vítima de dois atentados cometidos por ordem do governador gaúcho[114].

Para termos uma idéia mais apurada da postura política manifestada por Flores da Cunha, optamos por transcrever uma declaração feita pelo próprio ao jornal "Estrella do Sul", um jornal católico de Porto Alegre. Os grifos são nossos:

> *"O Gal. Flores da Cunha em face dos movimentos extremistas"*
> *Tenho opinião conhecida sobre extremismo de direita e da esquerda. Sou pela democracia, regime em que melhor se equilibram os conceitos de liberdade e autoridade e dentro do qual pode se encontrar solução adequada para a questão social. Ainda quando tenho lido nos jornais ameaças integralistas de se apossar com violência do poder, não vejo possibilidade que isso venha a acontecer. Muito mais grave é, porém, a ação da Aliança Nacional Libertadora, que não consegue esconder propósitos nitidamente subversivas. Dentro deste Estado todas as tendências exóticas, por não encontrarem condições apropriadas, estão destinadas ao mais fragoroso malogro. Quanto a mim, para ser sincero, declaro que, se me visse forçado a optar por uma dessas correntes de pensamento social e político, me inclinaria em favor do integralismo, por*

[113] Idem, Op. cit., p. 123-128.

> *isso que ele prega e defende as culminantes idéias de Família, Pátria e Religião*[115].

Declarar-se "democrata" era muito conveniente naquela circunstância. Na verdade, Flores da Cunha parecia ser muito mais pragmático e oportunista do que anticomunista. Os seus interesses pessoais e do seu núcleo estavam em primeiro lugar e todos os meios eram possíveis para atingir seus objetivos imediatos. Logo, se em 1935 Flores apoiara Vargas na luta contra o comunismo, em 1936-1937 pretendia derrubá-lo, mesmo que tivesse que usar o apoio comunista.

Em 30 de janeiro de 1936, um informe enviado ao comando militar por um agente S-2 (serviço secreto do Exército) já dava uma idéia do variado e contraditório grupo que se reuniu em torno de Flores da Cunha: desde integralistas e simpatizantes, passando pelos antigos oficiais revolucionários de 1930, além dos generais Rabelo e Daltro Filho, o coronel Estillac Leal e o major Costa Leite, um comunista[116].

Pelo lado comunista, a explicação para a aliança com Flores da Cunha torna-se mais complexa. Ideologicamente ela era inexplicável. A menos que se fizesse uma interpretação muito distorcida da tática da frente ampla e popular antifascista, pois como justificar a aliança com um "fascista" (como os comunistas consideravam Flores até bem pouco tempo atrás) para combater outro (Vargas)?

Neste sentido, acreditamos que os comunistas e aliancistas atuaram da mesma forma pragmática e oportunista que Flores da Cunha, todavia com outros objetivos. Podemos dizer que os comunistas também agiram em prol de seus próprios interesses

[114] BARATA, Agildo. **Vida de um Revolucionário (memórias).** São Paulo: Alfa-Omega, 1978, 2 ed., p. 238-248.

e, circunstancialmente, apoiaram Flores da Cunha na esperança de retomarem um espaço de ação política legal perdido com o fechamento da ANL.

O major Carlos da Costa Leite era uma peça chave nesta relação. Revolucionário histórico desde 1922, homem de confiança de Luiz Carlos Prestes, Costa Leite era um conspirador de longa data. Também era um dirigente do PCB e membro da direção nacional da ANL. Foi indiciado como co-autor do movimento insurrecional de novembro de 1935 e, desde então, estava foragido ocultando-se no Uruguai[117]. Todavia, há indícios de que tenha circulado clandestinamente no Brasil[118].

Em carta redigida do exterior, Costa Leite incentivava a aproximação com Flores da Cunha e outros políticos, nos seguintes termos:

> *Pelo acima exposto e por outros dectalhes da situação nacional que vocês ahi conhecem melhor do que eu, entendo: a) que o inimigo nº 1 hoje é Getúlio. b) que não vejo perspectivas imediatas de reiniciarmos a lucta armada só com nossos elementos* (...) *c) que caminham para nossa situação o Pedro Ernesto, que já caiu, o Lima Cavalcanti, o Juracy e o Flores, últimos remanescentes do outubrismo.* (...) *d) nestas condições, estou para mim convencido de que o Flores não ignora isto, de que não se conformará em cahir como uma besta porque, afinal, esta vida não é má... Porque a "democracia" no caso dos sagrados interesses "americanos" exige um supremo sacrifício, e, finalmente, de que a estas alturas estará, já confabulando, desejouso, por certo, de estabelecer um modus vivendi conosco.* (...) *e) em conseqüência, devemos procurar esse*

---

[115] Jornal Estrella do Sul, 01/08/35, nº 31, p.4.
[116] Informe elaborado por "509", 30/01/1936. Prontuário de Carlos da Costa Leite Nº 7127, APERJ.

[117] CARVALHO, Apolônio de. Op. cit., p. 58-60
[118] Relatório anônimo, 21/05/1936. Prontuário de Carlos da Costa Leite Nº 7127, APERJ.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

> *contato o mais depressa possível, por intermédio da minoria do PRP, e mesmo diretamente com o próprio Flores, com Juracy e Lima Cavalcanti. Que devemos apoiar o movimento, ou pelo menos, não perturbá-lo de nenhum modo. Mesmo que seja estylo 30, actualmente é negócio*[119].

Como podemos observar, os comunistas e aliancistas se propunham a apoiar a criação de uma "frente antigetulista", inserida na dinâmica da frente ampla. Internamente, esta tática oportunista suscitou um intenso debate entre os diretórios regionais do PCB. Na verdade, tentavam explicar de modo plausível a guinada à direita para a militância (e talvez a si próprios), dentro dos argumentos marxistas-leninistas. Portanto, transformou-se o processo eleitoral brasileiro em um desdobramento da "luta interiimperialista" internacional, onde identificou-se Getúlio Vargas como sendo o representante do "imperialismo ítalo-germano-nipônico" e os seus oposicionistas como agentes do "imperialismo britânico ou americano", o que servia para reforçar a idéia de que toda aliança com os opositores de Vargas (galgados ao posto de "democratas" e "antifascistas") não se desviava da linha do antifascismo[120].

De fato, os comunistas apoiaram as manobras conspiratórias do general Flores da Cunha. Com esta finalidade se formou um Comitê Militar Revolucionário (CMR) do PCB no Rio Grande do Sul, associado ao grupo de Flores da Cunha. Sua função era ajudar a treinar os Corpos Provisórios, uma espécie de milícia que serviria para enfrentar as tropas do governo central[121]. Participavam do CMR um número não

[119] Carta de Carlos da Costa Leite (não especifica destinatário) 08/06?/ 1936. Prontuário de Carlos da Costa Leite N°7127, APERJ.
[120] DULLES, John W. F. Op. cit., 1985, p. 118 e ss.

determinado de ex-militares, a maioria egressos do cárcere graças a "macedada" (junho 1937).

Vale destacar o fato de que, pouco depois, alguns deles foram finalmente sentenciados pelo Tribunal de Segurança Nacional, passando a condição de foragidos: Alcedo Batista Cavalcanti, Carlos da Costa Leite, Celso Tovar Bicudo de Castro, Paulo Machado Carrion, Dinarco Reis, Hermenegildo Assis Brasil e Nemo Canabarro Lucas. Alguns inclusive já estavam na Espanha, como David Capistrano da Costa, Enéas Jorge de Andrade e Joaquim Silveira dos Santos[122]. O restante estava circulando entre o Uruguai, a Argentina e o Rio Grande do Sul.

Principalmente Costa Leite, pois era também o articulador de uma espécie de "*Internacional de la Democracia*" que buscava coordenar numa ação conjunta as esquerdas brasileiras, uruguaias e argentinas para enfrentar a *"Internacional da la Reacción"*. Em extensa carta ao Secretariado Nacional do PCB, emitida em junho de 1936, Costa Leite exortava os camaradas a que lhe enviassem artigos os quais ele se encarregaria de publicar, informando que estava em relação com o jornal *"Crítica"* (*BS AS*) [que] *se comprometera a iniciar uma campanha contra o governo de Vargas. Seu diretor,* [Natálio] *Botana, chegou informar disso o próprio Vargas*. Arrolava ainda mais *dois semanários de opposições do grupo Battlista, "Avanzar" e da esquerda nacionalista,* além dos jornais *"Justicia" do PC uruguaio, semanário "Unidad" do SV* [SVI], *"Amnistia" do Comitê Pró-anistia de Presos Políticos e Exilados da América de BS* (*sic*) [Buenos Aires], *"Monde" também daqui*

---

[121] SILVA, Hélio. **1937: Todos os Golpes se Parecem.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970, p. 363-364. SILVEIRA, Delcy, 2001, p. 27.
[122] BATTIBUGLI, Thaís. Op. cit., p. 103.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

[Montevideo]. *Mandem, pois será publicado da melhor maneira possível*[123]. Em outro trecho da mesma carta, Costa Leite informa o deslocamento de "seus" homens do Uruguai para o Brasil: *há pouco tempo voltou daqui para o Rio Grande o Jorge* (*ex alumno do C. Militar de Porto Alegre*). *Por estes dias o Milan. A seguir regressarão os demais companheiros que aqui se encontram ainda*[124]. No ponto final da carta, Costa Leite confirmou a aliança com Flores da Cunha:

> *Por portador, fui informado ultimamente de que o Flores* (...) *esperando a intervenção federal no estado, mandou buscar na prisão Dyonélio Machado e com elle conferenciou dois dias, sobre a attitude da Alliança* [ANL] *neste caso. Dyonélio disse-lhe que lhe daria todo o seu apoio em troca, apenas da mais absoluta legalidade da ANL no estado, o que elle* [Flores] *prometeu*[125].

A conspiração estava lançada. No Rio Grande do Sul, à frente do CMR, semi-clandestino, estava o ex-capitão Trifino Correia, outro revolucionário histórico, ligado a Prestes desde os tempos da Coluna. Em julho ou agosto de 1937, o ex-cadete Delcy Silveira chegou a Porto Alegre, onde contatou o PCB e passou a integrar o comitê que o colocou como encarregado do setor militar de base, isto é, de fazer os contatos entre os subalternos nos quartéis do Exército afim de preparar uma ação contra o governo Vargas. Embora contassem com a anuência de Flores e da Brigada Militar (que lhe servia de exército particular), os conspiradores corriam o risco de serem capturados por agentes federais, onde Flores da Cunha não poderia intervir.

---

[123] Esta carta-relatório consta do inquérito contra José Lago Molares, ex-membro do Secretariado Nacional do PCB capturado pela polícia do DF em julho de 1936. Junto com Molares foi preso também Roberto Morena. Prontuário de Carlos da Costa Leite N°7127, APERJ. Ver também DULLES, John W. F. Op. cit., 1985, p. 59.

[124] Carta-relatório de Carlos da Costa Leite ao Secretariado Nacional do PCB, 08?/06/1936, Pontos 4 e 7. Prontuário de Carlos da Costa Leite N°7127, APERJ.

Foi o que ocorreu com o próprio Trifino Correia. Segundo nos conta Delcy Silveira, ele teve de marcar um "encontro" entre Trifino e outro militar veterano da Coluna Prestes. O que nem Delcy nem Trifino sabiam era que este capitão havia passado para o lado do governo, denunciando Trifino, que foi preso, no "ponto" marcado, por oficiais do Exército. Delcy Silveira assistiu a cena, embora sem poder agir fisicamente para impedir a prisão. Porém agiu de outra forma:

> *Imediatamente comunicamos o fato ao Flores* (...) *e o Flores mandou um grupo de oficiais da Brigada para ver a possibilidade de libertá-lo. Não foi possível, pois este já se encontrava preso no 7° BC, uma unidade do Exército*[126].

A prisão de Trifino Correia, ocorrida em 5 de outubro de 1937, representou um sério golpe para o CMR. Além do mais, o governo central apertou o cerco sobre Flores da Cunha, enviando o general Daltro Filho como executor do Estado-de-Guerra no RS. Pouco tempo depois, Flores renunciava ao cargo de governador, e abandonava o país, em direção ao Uruguai, levando consigo alguns correligionários. A debandada de Flores consequentemente lançou o CMR na ilegalidade absoluta.

No CMR do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, além de Delcy Silveira, faziam parte outros veteranos insurgentes de 1935, como Dinarco Reis, Mario de Souza, Nelson de Souza Alves e Paulo Machado Carrion[127]. Mesmo depois da fuga de Flores e da implantação do Estado Novo, em novembro de 1937, os ex-militares

[125] Idem. Pontos 20 e 23. Prontuário de Carlos da Costa Leite N° 7127, APERJ.

[126] SILVEIRA, Delcy, 2001, p. 28.
[127] SILVEIRA, Delcy, 2001, p. 29.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

comunistas continuaram as incumbências de organizar uma resistência arma da contra o ditador Vargas.

Diante da impossibilidade concreta de luta, o partido recomendou a Delcy Silveira e seus companheiros que se exilassem no exterior, pois estavam sendo procurados pela polícia. Após algumas dificuldades, atravessaram o Rio Grande do Sul em direção ao Uruguai, acompanhados por alguns homens da Brigada Militar, adeptos de Flores[128].

Em Montevideo, os exilados brasileiros se dividiam em grupos: o núcleo do ex-governador Flores da Cunha e os comunistas/aliancistas. No Uruguai, o grupo dos exilados comunistas (civis e militares) passou por necessidades financeiras, contando com a ajuda monetária da família dos irmãos Silveira para sobreviver. Parece que o PC uruguaio foi responsável pelo alojamento do grupo em uma pequena casa. Eram então, sete pessoas: os tenentes Dinarco Reis, Dinarte Silveira e Nelson de Souza Alves, os irmãos Delcy e Eny Silveira (civil), os irmãos Eurico (civil) e Hermenegildo Assis Brasil e Bolívar Cunha (civil)[129]. Corria o mês de dezembro de 1937.

Pouco depois entraram em contato com o ex-major Carlos da Costa Leite, com quem passaram a se encontrar num bar de Montevideo. Retomou-se então a idéia de partir para a Espanha, embora ainda pairasse no ar uma possibilidade de luta no Brasil. No Uruguai já se encontravam Nemo Canabarro Lucas (perto de Livramento) e Homero de Castro Jobim. Também estava exilado em Montevideo o

[128] Idem, p. 31-32.
[129] Idem, p. 37-38.

ex-tenente José Gay da Cunha, mas que não convivia muito com os companheiros comunistas, pois era parente próximo de Flores da Cunha e gravitava neste círculo [130].

Apesar das diferenças, existia um contato freqüente entre os dois grupos, onde talvez Gay da Cunha servisse como elemento de ligação. Ou seja, o grupo do general Flores da Cunha manteve uma linha aberta de comunicação com os comunistas e vice-versa. Segundo um relatório do general Boanerges a Vargas, no início de 1938, houve uma articulação entre Costa Leite e Flores da Cunha para invadir a região de Santana do Livramento a partir do Uruguai[131]. Talvez uma das razões para Nemo Canabarro Lucas estar residindo tão próximo a fronteira, pois segundo Paulo Roberto de Almeida, ele fez parte do Estado Maior do general Flores da Cunha[132]. Cabe ressaltar também que Canabarro era aliancista e não se filiou ao PCB. No livro de John W. F. Dulles consta que o embaixador do Brasil no Uruguai, João Batista Luzardo, enviava relatórios a Vargas denunciando as atividades subversivas dos ex-majores Alcedo Batista Cavalcanti e Carlos da Costa Leite e do ex-tenente Nemo Canabarro, em associação com Flores da Cunha[133]. Entretanto, as manobras conspiratórias entre ambos grupos oposicionistas não chegou a superar a fase do planejamento.

Como estava em situação irregular no país, o grupo dos militares teve de abandonar o Uruguai rapidamente. A polícia uruguaia, em cooperação com a polícia política brasileira e a embaixada, estava apertando o cerco. O próprio Flores da Cunha havia pedido asilo político na Argentina. Somado às perseguições, o fracasso

---

[130] SILVEIRA, Delcy, 2001, p. 38-40.
[131] BATTIBUGLI, Thaís. Op. cit., p. 125-126.
[132] ALMEIDA, Paulo Roberto. Op. cit., p. 53.
[133] DULLES, John W. F. Op. cit., 1985, p. 178 e 314.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

das conspirações para derrubar Vargas. Nessa época, o Uruguai era governado pelo conservador Gabriel Terra que, apesar de um manto de neutralidade, tanto mostrava-se simpático ao fascismo italiano e ao falangismo espanhol quanto a Getúlio Vargas e o Estado Novo[134]. Portanto, os mais procurados, Alcedo Batista Cavalcanti, Carlos da Costa Leite, Nemo Canabarro e Paulo Machado Carrion partiram para a França no início de 1938, com o objetivo de chegar até a Espanha.

O restante do grupo dos ex-militares partiu clandestinamente para a Argentina em janeiro de 1938, fazendo um trajeto alternativo para atingir a Espanha. Como não tinham documentos, a passagem para a Argentina deveria ser feita pelo rio, à noite e em pequenos botes a motor. O ponto escolhido para a travessia era Colônia do Sacramento, situada quase em frente a Buenos Aires.

No madrugada do dia 7 de janeiro de 1938, o bote utilizado por José Gay da Cunha, Homero de Castro Jobim, Nelson de Souza Alves, Delcy e Eny Silveira quebrou e eles foram surpreendidos em águas territoriais argentinas pela *Prefectura Naval Argentina*, espécie de polícia marítima. Os argentinos pensavam que fossem simples contrabandistas, mas os brasileiros prontamente se revelaram como ex-militares pedindo asilo político[135].

Mesmo sendo detidos, Delcy Silveira se lembra que o grupo foi bem tratado pela polícia marítima argentina. Graças a um motorista de táxi (que os levou até um quartel escoltado pela polícia), o grupo ganhou publicidade na imprensa argentina. Como disse Delcy Silveira:

[134] NAHÚM, Benjamín (org.). **Colección História Uruguaya 1930-1958: Crisis Política y Recuperación Económica.** Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1991, tomo 7, p. 31, 39-40.
[135] SILVEIRA, Delcy, 2001, p. 39.

> *Durante a viagem falamos com o motorista de taxi e demos nossos nomes, nossos postos e pedimos para ele levar a história a um jornal. Era a nossa maneira de romper com uma prisão ilegal. Aliás, todo revolucionário quando é preso tem que procurar tornar pública a sua prisão, pois ele pode sumir* (...) *logo que o jornal* [Crítica] *publicou a notícia da nossa prisão, dois Senadores da República* [argentina] *vieram nos visitar* (...) *O senador Bravo e o senador Palácios*[136].

Graças a ação dos senadores oposicionistas, o grupo conseguiu asilo temporário, hospedando-se na capital argentina. Durante a estadia em Buenos Aires, o grupo foi vigiado de perto pela polícia argentina a pedido da embaixada brasileira, que pedia um relatório detalhado das atividades dos exilados. Houve inclusive um agente policial brasileiro infiltrado no meio dos ex-militares, cujo relatório encontra-se no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Entrementes, o grupo de exilados organizava a sua viagem a Espanha.

Ainda no mês de janeiro, alguns membros do grupo militar tiveram um último contato com os correligionários de Flores da Cunha. Um dos que tiveram esse contato foi Delcy Silveira, que relatou o encontro da seguinte forma:

> *Em Buenos Aires fomos procurados pelo Sr. Antonio Flores da Cunha e o Sr. Carlos Bozzano. Não sei porquê, pois também se encontrava lá o Gay Cunha que era parente do Flores* (...) *estava em preparo um golpe contra o governo do Getúlio. O chefe político desse movimento era Otávio Mangabeira* (...) *o chefe militar era o coronel Euclides Figueiredo* (...) *eles se prontificaram a pagar nossas despesas para que*

[136] SILVEIRA, Delcy, 2001, p. 40. O jornal Crítica era um jornal de oposição, progressista cujo diretor Natálio Botana, além de apoiar os exilados brasileiros, era um defensor da Espanha Republicana. Ver SCHWARSZTEIN, Dora. Op. cit. 126-129. Os senadores Alfredo Palácios e Mario Bravo eram destacados jurisconsultos e políticos argentinos, de idéias progressistas. Ver **Diccionário Enciclopédico Ilustrado Sopena.** Barcelona: Sopena, 1977, p. 670 e 3113.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

> *um de nós fosse ao Rio para conversar com o coronel Figueiredo e receber instruções. Queriam nossa cooperação. Declarei a eles que não tinha responsabilidade política para assumir compromisso, mas os poria em contato com a pessoa que representava o movimento revolucionário brasileiro na Argentina, o jornalista Pedro Mota Lima. Marcamos um novo encontro* (...) *apresentei-os ao Pedro Mota Lima e retirei-me. Nunca fiquei sabendo do resultado da conversa* (...)[137].

Em outras palavras, de alguma forma ainda não bem esclarecida, Flores da Cunha tentou envolver os ex-militares comunistas com Euclides Figueiredo, um dos mentores do *putsch* integralista, que ocorreu em abril 1938. Qual o teor das propostas feitas a Pedro Mota Lima? Não sabemos a resposta. Uma hipótese provável é que talvez a cúpula dos militares integralistas procurasse utilizar os comunistas em alguma ação ilegal, da qual posteriormente lhes atribuiriam a culpabilidade, transformando-os em meros "bodes expiatórios". Enfim, culpar os comunistas por atos que não haviam cometido era uma prática corriqueira da extrema direita, tanto no Brasil (como o famoso "Plano Cohen", do capitão Olympio Mourão), quanto no exterior (como o incêndio do *Reichstag*, na Alemanha).

Entre fevereiro e março de 1938, o grupo dos ex-militares que estava na Argentina foi deixando o país aos poucos, devido a constante vigilância policial. Quando José Gay da Cunha e Hermenegildo de Assis Brasil "desapareceram", deixando ilegalmente a Argentina em direção a Espanha, Delcy Silveira e outros foram presos e interrogados. Porém, a polícia argentina não tinha como manter legalmente presos os exilados. Uma vez soltos, tiveram de atuar do modo mais sub-reptício possível, despistando a vigilância policial. Dias mais tarde, em posse dos

---

[137] SILVEIRA, Delcy, 2001, p. 43.

passaportes fornecidos pela embaixada espanhola, Delcy e Eny Silveira, Dinarco Reis e Nelson de Souza Alves embarcaram no navio polonês *Polaski*. O fizeram separadamente, para não chamar a atenção[138]. Assim, puseram-se finalmente a caminho da Espanha em guerra.

ARCHIVO HISTORICO de la Provincia de Buenos Aires

[138] SILVEIRA, Delcy, 2001, p. 44-46.

CAPÍTULO 2: "GUERRA, INTERVENÇÃO E SOLIDARIEDADE".

2.1 O Início da Guerra Civil Espanhola

Em 1936, era muito improvável que alguém com algum acesso à informação através de jornais diários ou revistas ilustradas de circulação semanal ou mensal, dentro ou mesmo fora da Espanha, não pudesse prever, com uma certa facilidade, que em breve uma grave convulsão iria sacudir a Península Ibérica. Especialmente após o ocorrido nas Astúrias em 1934, visto o resultado das eleições de fevereiro de 1936, que deram a vitória à FP.

O enfrentamento, enquanto abstração, já vinha sendo preparado há muito tempo, assim como uma longa gestação que podia ser percebida em função das profundas reações que provocavam, em cada lado do espectro político, os rumos e atitudes tomados pelo seu oponente. As causas, como já vimos anteriormente, eram seculares e pertencentes à formação histórico-social. Faltava, no entanto, um elemento detonante, a gota final que transbordaria o conteúdo do fervilhante caldeirão político espanhol.

Durante os meses que antecederam julho de 1936 a Espanha tornara-se presa de graves conflitos que atingiram quase todas suas regiões. Embora a agitação violenta nas cidades fosse mais visível e de efeitos mais imediatos, no campo, as massas camponesas já estavam radicalizadas e expropriando terras sem o aval do governo republicano, enquanto muitos trabalhadores, incentivados pelas centrais

sindicais UGT e CNT, passavam a ocupar fábricas abandonadas pelos donos, geralmente indivíduos da classe alta e de direita, em fuga disparada rumo a Biarritz, Estoril ou Paris, em busca de proteção, conforto e segurança para seus capitais. O "assalto à propriedade privada" parecia, para os elementos de direita, um inequívoco sinal da "revolução comunista" em marcha, pois:

> *Para muitos hespanhoes constitue a principal preoccupação, aquella famosa prophecia que figura no testamento de Lenine, de que a segunda nação a onde se implantaria o sovietismo, seria a Hespanha. Será verdadeira esta prophecia, eis a pergunta repetida ante as perspectivas que offerece a situação política*[1].

Devem ser lembradas ainda as irresponsáveis declarações de Largo Caballero que, preconizando a queda do governo da FP e exacerbando os ânimos da reação, afirmou:

> *Cuando el Frente Popular se derrumbe, como se derrumbará sin duda, el triunfo del proletariado será indiscutible. Entonces implantaremos la dictadura del proletariado, no que no quiere decir la represión del proletariado, sinó de las clases capitalistas y burguesas*[2].

Porém, destarte as crenças proféticas dos extremistas de direita e esquerda e que apontavam para uma revolução anunciada (uns para o mal, outros para o bem), o que ocorria na Espanha era a falência e a incapacidade de um governo burguês e moderado em conter grupos extremistas (de ambos lados), cujas práticas políticas

[1] Correio do Povo, 03/04/1936, p.2.
[2] Discurso pronunciado em Cádiz, 24/05/1936. Citado em: THOMAS, Hugh. Op.cit., p.203.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

extrapolavam os marcos institucionais do Estado espanhol. No entanto, seriam justamente os militares, encarregados da defesa do Estado e da manutenção da ordem, que romperiam definitivamente com a ordem legalmente constituída representada pelo governo republicano.

A *Unión Militar Española* (UME), espécie de sociedade secreta militar que havia sido criada por um grupo de oficiais conservadores, havia conseguido superar um ranço anti-civilista e estreitado os laços com monarquistas de Calvo Sotelo, Gil Robles e a *Falange.* Garantiram desta forma uma certa base de apoio civil, ainda que estreita, à sua manobra golpista, embora na realidade preferissem prescindir dela, dada a desconfiança dos militares e as divisões existentes entre os setores da direita "civil": facções monarquistas, católicos e falangistas.

Os militares rebeldes[3] que planejaram o levante, o general Emílio Mola e seu superior, José Sanjurjo, fracassado golpista em 1932, esperavam que o governo cairia rapidamente, permitindo a instalação de um governo *de facto*. Dentre as primeiras medidas que seriam tomadas estavam a prisão e supressão dos dirigentes sindicais, políticos e quaisquer elementos contrários ao golpe e já se falava em "punições exemplares", um eufemismo para execuções[4]. No outro extremo, militares republicanos criavam, em contraposição, a *Unión Militar Republicana Antifascista* (UMRA), menor em importância numérica, mas que coadunava ativos elementos

[3] A partir de agora, quando nos referirmos aos oponentes de direita da República Espanhola o faremos mediante o título genérico de "rebeldes", ou seus sinônimos aceitos pela historiografia: "sublevados" ou "insurgentes". Não usamos o termo "nacionalistas" (mais usual) em vista de que trataremos de "nacionalistas de esquerda", o que pode ocasionar confusão. A partir de abril de 1937, quando o general Francisco Franco unificou o campo da direita, os rebeldes serão denominados "franquistas".

[4] MATTHEWS, Herbert L. **Metade da Espanha Morreu.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975, p. 81.

socialistas, comunistas e frequentemente envolvidos no treinamento das suas respectivas milícias partidárias [5].

O golpe estava planejado para meados de julho de 1936, sem data definida. Todavia, foram os acontecimentos do dia 12 de julho que precipitaram o levante. Inicialmente, o assassinato do tenente Castillo, da *Guardia de Asaltos* [6], popular instrutor das milícias socialistas e membro da UMRA, por elementos falangistas. Logo em seguida, a revanche que viria na forma da captura e execução do deputado Calvo Sotelo, o conspirador líder monarquista, pelas mãos dos enraivecidos colegas de Castillo. Acudiram aos seus respectivos funerais multidões de simpatizantes de ambas personalidades e que acabaram entrando em conflito, restando um saldo de vários mortos e feridos. Era o sinal, o pretexto que os militares buscavam para iniciar o golpe contra a República.

A longa e cautelosamente planejada rebelião militar iniciou-se antecipadamente na madrugada de 17 de julho de 1936, no território colonial do Marrocos espanhol. Esta ousada manobra permitiu a rápida conquista do território, assim, como já haviam ensejado nos planos, os militares rebeldes passaram a executar todos os elementos leais ao governo. Este seria o modelo aplicado pelos rebeldes em todas as regiões por eles dominadas. Quando a notícia do levante começou a ser veiculada pelas rádios e jornais no continente, as organizações da esquerda exigiram armas ao governo para poder resistir, caso a insurreição se espalhasse pelo resto da Espanha. Mas o governo, acuado por ambos os lados, tentou

[5] COLOMER, Comín E. **El Comisariado Político en la Guerra Española 1936-1939.** Madrid: San Martín, 1973, p.30-31.

[6] A *Guardia de Asaltos* era uma força policial auxiliar criada para proteger o governo da República em 1931, já que a tradicional *Guardia Civil* era suspeita de simpatias monarquistas, não sendo confiável para a defesa da República.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

os meios constitucionais possíveis para pôr fim à rebelião: era evidente que o governo burguês moderado temia mais o povo do que os militares rebeldes e achava, erroneamente, que poderia comprar sua lealdade com cargos ministeriais.

No dia seguinte, em vários pontos da península, guarnições militares, unidades policiais e grupos armados civis da direita tomaram a iniciativa e se insurgiram contra a ordem constituída. A defesa da vilipendiada República sobrou para um heterogêneo grupo de militares leais e diversas organizações populares que, após a recusa do governo de Santiago Casáres Quiroga em armá-las, decidiram então atuar por conta própria e, contando com a ajuda de militares da UMRA, obtiveram armas para o combate contra as forças militares sublevadas. O levante deixou o governo republicano sem a metade do seu Exército, a maioria da *Guardia Civil*, boa parte da Marinha e Aeronáutica e até uma parte considerável da *Guardia de Asalto*s, teoricamente criada para "defender a república".

Assim, a República espanhola encontrava-se traída pelo seu próprio aparelho coercitivo, o que vale dizer que já não tinha mais o "monopólio exclusivo da violência". Ou seja, o Estado espanhol entrava em colapso e seu poder fragmentava-se graças à sublevação militar por um lado e o povo armado por outro.

Enquanto isso, os rebeldes, que esperavam tomar o controle do território espanhol em poucas horas, tiveram os seus ímpetos detidos pela ferrenha defesa popular que passou a assaltar os quartéis. Não obstante, já detinham em seu poder quase um terço do total do território espanhol. A rebelião fora derrotada em quase todas as grandes cidades (exceto Zaragoza e Sevilla) e na capital, Madrid, mas triunfara em regiões onde predominava uma mentalidade que expressava valores agrários tradicionais e onde as forças populares não estavam organizadas.

Na Catalunha, o governo autônomo catalão mostrava-se tão inerte quanto o de Madrid no tocante à assustadora possibilidade de armar a população. Logo, a iniciativa da derrota do levante coube diretamente às forças populares apoiadas por militares leais que abriram as portas dos quartéis ao povo. Porém, o movimento popular iniciado em 19 de julho de 1936, com o objetivo de conter a sublevação militar, comandado pela central sindical CNT e pela elite anarquista da FAI, transbordou em seu conteúdo, evoluindo da simples "defesa da república" para a promoção de uma autêntica revolução social libertária.

Por toda a Espanha republicana, a falência e dissolução do poder estatal nos moldes tradicionais levou ao surgimento de poderes paralelos alternativos e autônomos que alteraram o perfil da prática política anterior e, muitas vezes, provocaram profundas modificações na estrutura social. Paradoxalmente, a contra-revolução personificada no levante militar havia deflagrado finalmente a revolução.

Os militares sublevados, liderados agora pelo general Francisco Franco, após a morte acidental de Sanjurjo (o primeiro na cadeia de comando), chegaram à rápida conclusão de que não poderiam vencer por si próprios sem uma ajuda externa mais expressiva. Possuíam quadros preparados, a nata da oficialidade jovem, mas careciam de armas e equipamentos modernos, o que se agravava ainda pelo fato de que as melhores tropas dos rebeldes, o *Tércio* e os mouros, encontravam-se na África e não na península. Surgia um problema: como transportá-los sem navios ou aviões suficientes[7]?

[7] A maior parte dos navios da Marinha de Guerra estava sob controle do governo. Os oficiais rebeldes haviam sido executados pelos marinheiros quando souberam que estes haviam aderido ao golpe. Os rebeldes tinham a sua disposição apenas três anticuados aviões-escola Fokker FVII, que foram os responsáveis pelo transporte das primeiras tropas mouras da Ãfrica para Sevilla.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

A República, por sua parte, chegou a uma conclusão semelhante: também não tinha condições efetivas de derrotar os rebeldes com os meios disponíveis. Embora mantivesse uma certa supremacia numérica nas armas e na quantidade de gente disponível a pegar em armas, os republicanos careciam também de equipamentos modernos, além disso não contavam com uma força militar organizada e capaz de empreender uma resistência coordenada, tendo em vista a desintegração do Exército, enquanto instituição vertical, e ao fato consumado de que era também incapaz de exercer o controle sobre as diversas milícias políticas. Face a estas indagações, ambas as partes passaram a procurar ajuda além das suas fronteiras, com a finalidade de suprir suas crescentes necessidades financeiras e bélicas.

2.2 A Internacionalização da Guerra Civil Espanhola: as intervenções estrangeiras.

O processo de internacionalização da Guerra Civil Espanhola, com suas variadas formas, no que tange aos diversos tipos e graus de intervenções estrangeiras, corresponde a um fenômeno peculiar, nunca antes visto em tal extensão, e somente pode ser entendido se examinado à luz da complexa dinâmica histórica dos anos 30.

Dificilmente a guerra na Espanha teria superado suas fronteiras se não houvesse o medo do comunismo e da revolução social, ou ainda sem o pânico provocado pela crescente efervescência do nazi-fascismo no âmbito mundial. A morte da democracia e das liberdades individuais, tais como eram conhecidas, pareciam muito próximas então. Nesse contexto, tanto o "fascismo" quanto o "comunismo", ou qualquer conjunto de práticas e posturas de um grupo e que pudesse ser identificado como tal pelo "outro" oposto, funcionavam como

catalizadores de idéias e paixões extremadas que ambas posições políticas despertavam numa geração abalada por uma profunda crise econômica, e que colocava em jogo questionamentos de índole moral e ideológica com uma intensa repercussão no meio social.

Fernando Schwartz aborda muito bem a questão ao dizer:

> (...) *la generación de los años treinta es tensa y dolorosamente consciente de los problemas de época. El año de 1936 la encuentra cansada, llena de temor y premoniciones. Es normal que los hombres se sintieran directamente afectados por lo que sucedía en España, por que se dieron cuenta de que el resultado, un estereotipo de los conflictos morales y ideológicos de los años treinta, les atañia muy de cerca*[8].

Contudo, o processo de internacionalização correu como uma via dupla, ou seja: tanto os espanhóis abriram e expuseram ao mundo a tragédia do seu conflito, quanto no mundo existia uma vontade incontestável, pelos mais variados interesses (dos mais nobres aos mais espúrios), de se envolver na luta travada na Espanha.

Em verdade, cabe ressaltar que foram os próprios espanhóis (em ambos lados) que solicitaram o apoio dos países e grupos com os quais tinham alguma afinidade de interesses. Schwartz afirma que sem o apoio estrangeiro fornecido ao lado republicano ou aos rebeldes, o golpe dos generais provavelmente haveria esgotado suas energias em poucas semanas, com um outro resultado, mas sem chegar a se converter em uma guerra civil de tais proporções[9].

[8] SCHWARTZ, Fernando. **La Internacionalización de la Guerra Civil Española.** Barcelona: Planeta, 1999, p.45.
[9] Idem, p. 44.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

Assim, foi divulgado pelo governo da República o primeiro pedido legítimo de ajuda externa. Em 19 de julho de 1936, dois dias após o levante, o ministro José Giral pedia oficialmente ao governo francês de León Blum que lhe fossem enviados aviões de combate, peças de artilharia, armas de mão e farta munição, afim de poder resistir ao ataque das forças militares insurgentes. A República Francesa, que possuía também um governo de coalizão "frentepopulista", comandado pelo socialista León Blum e, em tese, análogo e simpático à causa democrática espanhola, concordou com os envios solicitados.

No entanto, o recém empossado governo francês enfrentava sérios problemas políticos internos e o Conselho de Ministros não apresentou uma resposta favorável à petição de Blum na questão das armas para a república espanhola. Criava-se um impasse dentro da cúpula do governo francês: alguns acreditavam que o apoio a Espanha poderia significar arrastar a França para uma indesejada guerra contra a Alemanha e a Itália. Ainda havia a pressão dos grupos de direita temendo que uma vitória republicana significasse uma vitória do "comunismo", assim como também incentivaria a turbulenta esquerda francesa a tentar o mesmo.

Dadas as pressões exercidas neste sentido, o governo Blum foi forçado a assumir uma postura oficial de neutralidade perante a questão espanhola. No entanto, buscou-se uma saída de cunho semilegal (evocando uma cláusula secreta de um tratado militar entre ambos países) que permitisse a ajuda aos republicanos sem comprometer diretamente o governo de Paris. Blum e a esquerda francesa em geral tinham plena consciência do perigo que significaria uma vitória dos militares rebeldes espanhóis para a França, ou seja, o que representaria uma Espanha possivelmente afinada com o "nazi-fascismo".

Assim, durante os primeiros meses da guerra, a França pode ainda enviar, graças a ação de Pierre Cot (ministro da aviação francês), diversos tipos de aviões para formar os esquadrões de caça e bombardeio da República. As remessas francesas incluíram também armas de infantaria, peças de artilharia, munição diversa e muitas bombas de aviação[10]. Cerca de uma centena de aparelhos dos mais variados tipos e modelos passou pela fronteira francesa entre agosto e setembro de 1936[11], por vias semi-oficiais e de forma bastante discreta, para não despertar a atenção da opinião pública francesa, desfavorável à ação do governo em sua maioria. Os franceses se comprometeram ainda a enviar oficiais e especialistas militares licenciados das forças armadas francesas para treinar a desfalcada aviação governamental e todos seriam muito bem pagos pelo tesouro espanhol[12]. A única ajuda espontânea aos republicanos viria por parte de um jovem e promissor escritor francês ligado aos comunistas, chamado André Malraux, e de quem nos ocuparemos mais adiante.

Simultaneamente, a Embaixada espanhola em Paris se converteu em um grande escritório comercial onde entravam e saíam tanto representantes das maiores casas fabricantes de armas da Europa ocidental quanto obscuros traficantes de armas, todos ansiosos para assinar contratos de venda e repassar seus produtos, muitos de qualidade duvidosa e a preços geralmente superfaturados, para os confusos

[10] OFICINA INFORMATIVA ESPAÑOLA. **Las Brigadas Internacionales: La Ayuda Extranjera a los Rojos Españoles.** Madrid: Aldus, 1948, p. 9 a 23.

[11] Para um histórico detalhado das aeronaves utilizadas, recomendamos o livro de Juan Abellan Garcia-Muñoz. **Galeria de Aviones de la GCE 1936-1939.** Madrid, Ministério de Defensa-IHCA, 1996.

[12] OFICINA INFORMATIVA ESPAÑOLA. Op. cit., p. 20-21. Apesar de ser um documento produzido pelo governo franquista e com muitos exageros propagandísticos, boa parte dos seus dados parecem corretos e foram corroborados posteriormente, sendo utilizados por pesquisadores renomados como Gabriel Jackson, Fernando Schwartz e Jacques D. de Bayac.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

diplomatas espanhóis, catapultados pelo advento da guerra à bizarra condição de "especialistas em assuntos militares".

Deste modo, tal era o desespero e a desorganização do governo espanhol, assim como a desconfiança com respeito aos militares de carreira, que a recém criada Comissão Governamental para a Compra de Armas foi inicialmente composta por políticos e diplomatas com pouco ou nenhum conhecimento sobre armamentos ou questões de índole técnico-militar, e menos ainda a respeito de transações comerciais, resultando em um terreno fértil para a ação de negociantes desonestos e funcionários corruptos em geral, os quais enriqueceram com relativa facilidade às custas do ouro da Espanha[13].

Enquanto isso, os generais rebeldes passaram a contatar líderes alemães e italianos, visando conseguir aviões de transporte, indispensáveis para o correto desenrolar das operações militares. A aviação, que durante a Primeira Guerra Mundial tivera pouco relevo do ponto de vista estratégico-militar, na guerra da Espanha, demonstraria ser de vital importância, assinalando de antemão uma doutrina-sentença militar que se repetiria ao longo de quase todas as guerras do século XX, apontando o futuro vencedor entre os lados beligerantes como aquele que detivesse o efetivo controle dos céus.

Como já dissemos anteriormente, vários grupos da direita já vinham há muito contatando e negociando secretamente com a Alemanha ou a Itália, no sentido de obter algum tipo de apoio para o seu *coup de main*. Portanto, o campo rebelde, ou "nacionalista" como eles próprios se denominavam, contou desde cedo com forte ajuda externa, tanto em equipamentos quanto em efetivos humanos.

O apoio ítalo-germânico foi motivado por uma complexa série de fatores singulares. Ambas potências declararam oficialmente o seu apoio devido a questões de índole ideológica, a conhecida cantilena da "luta contra o comunismo". Entretanto, para a Alemanha, este discurso conteria no fundo um desejo de promover, em torno desta luta, uma base para uma espécie de futura "parceria" entre a Alemanha e Inglaterra, capaz de superar as diferenças políticas entre ambos[14]. Logo, seriam principalmente razões de cunho estratégico e econômico que impulsionariam a manobra intervencionista de ambas ditaduras, tais como o cercamento da França e o controle do Mediterrâneo (para suprir mais uma vontade "imperial" do expansionismo megalômano de Mussolini, que acabara de conquistar a Etiópia, sem oposição da LdN) e de Gibraltar, para os italianos.

Para a Alemanha, um sério motivo seria a possibilidade de desestabilizar a França e sua aliança com a URSS (o pacto militar de 1935) e com a Inglaterra, as quais, segundo o que os militares rebeldes expuseram em Berlim, já estariam apoiando o governo de Madrid. Basta lembrar que a França já havia recuado ao avanço alemão sobre a zona desmilitarizada do Reno, violando o pacto de Versalhes.

Com isto, a instalação de um governo espanhol "fascista" (ou mesmo simpatizante) "atravessado" no Mediterrâneo cortaria não somente a passagem do estreito, mas evitaria a imaginada concretização de um eixo Paris-Madrid-Moscou, que certamente poderia representar uma ameaça e elemento de contenção para a política externa expansionista do *Reich* alemão.

[13] SCHWARTZ, Fernando. Op.cit., p. 68 a 70.

[14]Para uma análise detalhada da motivação à intervenção germânica, veja VIÑAS, Angel. **Franco, Hitler y el Estallido de la Guerra Civil.** Madrid: Alianza, 2001, p. 368 a 397.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

Outro fator que, sem dúvida, motivara Hitler e Mussolini era o interesse pela riqueza mineral do solo espanhol (principalmente em ferro), com a possibilidade de exploração destas riquezas a um baixo custo, assim como a obtenção de vantagens sobre a Inglaterra, detentora de privilégios comercias na Espanha e compradora da maior parte do total da produção espanhola de ferro[15]. Portanto, após uma série de contatos e negociações estabelecidas previamente, e a partir da constatação de que os rebeldes não tinham condições de vencerem por si, Hitler e Mussolini acordaram por separado em lhes enviar, à crédito, os aviões e armas solicitados como apoio inicial, o que foi essencial para alavancar o triunfo dos rebeldes na península, visto que estes controlavam apenas os territórios de ultramar (Marrocos, ilhas Canárias e Baleares), sem possuir uma base sólida no continente.

É interessante destacar que a presença casual e simultânea de alemães e italianos ao lado dos rebeldes acabou por aproximar Hitler e Mussolini em torno de interesses comuns, levando posteriormente os seus governos a assinarem formalmente um pacto de cooperação na luta contra o comunismo, o pacto do Eixo.

Em 26 de julho de 1936, portanto apenas dez dias após o início do levante, os aviões *Junkers* alemães transportavam para a Península Ibérica, partindo do Marrocos, as temidas tropas coloniais do norte da África, os célebres mouros, e a infantaria do *Tércio de Extranjeros* (a legião estrangeira espanhola), protagonizando assim a primeira ponte aérea da história[16]. À este suporte, vindo da Alemanha, em breve se somaria o apoio aéreo vindo da Itália.

[15] THOMAS, Hugh. Op.cit., p.366.

[16] RIES, Karl & RING, Hans. **The Legion Condor.** Atglen: Schiffer, s.d., p.13-15.

Durante todo o conflito na Espanha, a Alemanha nazista enviou, rotativamente, em torno de 16.000 especialistas militares (pilotos, artilheiros, mecânicos, engenheiros e tanquistas), englobados em uma unidade militar denominada Legião Condor, que foi integrada ao Exército rebelde, mais precisamente no já citado *Tércio de Extranjeros*, porém dotada de plena independência com relação ao comando espanhol: eles obedeciam diretamente a Berlim[17]. É importante destacar que junto com esses especialistas vieram também uma quantidade substancial de armamentos modernos, aviões de combate, carros blindados, peças de artilharia, equipamentos e suprimentos bélicos de altíssima qualidade, uma torrente que parecia inesgotável. Estima-se que os alemães entregaram a Franco mais de 600 aviões e 200 carros de combate, além de um substancial parque de artilharia[18]. Este "crédito ilimitado", dado pela Alemanha, na verdade comprometia o futuro da Espanha como nação independente, pois quase todos os seus recursos naturais permaneceriam hipotecados pela Alemanha, carente então de matérias primas e materiais estratégicos. O auxílio alemão estendeu-se ao longo do conflito e em quantidades cada vez mais crescentes, a medida que as tropas de Franco ganhavam terreno e disputavam o território da República, palmo a palmo.

A Itália de Mussolini, por sua vez, também enviou apoio militar (material e humano) aos rebeldes e em quantidade bem maior do que os alemães. Os italianos chegaram a enviar um Exército completo que atingiu, no seu auge, em torno de 50.000 combatentes integrados às forças rebeldes, como o *Corpo di Truppo Volontarie* (CTV)[19].

[17] JACKSON, Gabriel. **Entre la Reforma y la Revolución, 1931-1939.** Barcelona: Crítica, 1980, p.394.
[18] JACKSON, Gabriel. Op. cit., 1980, p.395.
[19] SCHWARTZ, Fernando. Op. cit., p.292; MATTHEWS, Herbert L. Op.cit., p. 145.

No entanto, a ajuda italiana revelou-se de qualidade inferior quando comparada à alemã, em diversos aspectos. Por um lado, apesar de ostentar o título "voluntário", o corpo italiano era na verdade, composto de recrutas prestando serviço militar obrigatório, com pouca ou nenhuma disposição para lutar em uma terra estranha por uma causa com a qual não se identificavam diretamente. Logo, o apelo pela cruzada anticomunista feito por Mussolini não surtira o entusiástico fervor desejado em suas tropas. Provavelmente, porque o fascismo italiano já se encontrava desgastado politicamente e perdia, pouco a pouco, o seu brilho propagandístico, ao contrário do nazismo alemão, que ainda era visto como algo novo e vigoroso. Assim, em contraste com o Corpo italiano, a Legião Condor alemã possuía algumas sensíveis vantagens.

Em primeiro lugar por ser formada por militares profissionais, de carreira, que optaram por servir na Espanha. Também possuía um perfil ideológico definido e, para os soldados do Terceiro *Reich,* a experiência de uma guerra real e politicamente "justa" dentro de sua concepção política, lhes conferia, além de prestígio, melhores soldos e melhores possibilidades de ascensão profissional dentro de uma força armada altamente politizada como era a *Luftwaffe*, a recém criada força aérea de Hitler.

Portanto, para estes ambiciosos militares alemães, a Espanha era uma oportunidade ímpar de desenvolverem suas aptidões militares e forjarem uma ação política concreta na luta contra os "vermelhos". Quanto ao material bélico, o equipamento italiano também era inferior ao alemão, que possuía um grau de desenvolvimento tecnológico bem mais avançado. Como organização militar, o CTV italiano apresentava diversos problemas estruturais que se tornaram evidentes a partir

das derrotas sofridas em Guadalajara, frente às politizadas e altamente motivadas forças das Brigadas Internacionais (BI), em março de 1937.

Um detalhe interessante é que a maciça intervenção italiana costumava desagradar até mesmo aos aliados espanhóis, que não consideravam os italianos como bem-vindos[20], e temiam algumas ambições territoriais sobre a Espanha, manifestadas pelo *Duce*. Não obstante, o apoio aeronaval dado pela Itália, operando a partir das ilhas Baleares (uma das ambições territoriais), foi essencial para garantir o controle das rotas navais do Mediterrâneo para os rebeldes de Franco.

Enquanto isso, o medo de que a intensificação do conflito na Espanha pudesse involucrar o restante da Europa levou a Inglaterra a propor uma barreira de contenção para manter o problema espanhol limitado geograficamente ao sul dos Pirineus. Em tese, uma política que advogava uma completa neutralidade em relação tanto aos rebeldes quanto ao governo legítimo da Espanha, sendo apresentada a LdN e sendo conhecida por Pacto de Não-Intervenção.

Como disse Fernando Schwartz, a idéia de uma não intervenção poderia ser boa como um recurso político mas não era legal do ponto de vista do direito internacional. Ou seja, que independentemente de se encontrar sob um estado de guerra,

> (...) *el gobierno legítimo del país correspondiente sigue gozando de la personalidad y del status normal que tiene en tiempos de paz*(...). *Consuetudinariamente le há sido reconocido el derecho de adquirir armas y material de guerra en los mercados privados de otros países*

[20] MATTHEWS, Herbert L. Op. cit., p. 148-149.

> *com el fin de dominar la revuelta; este privilégio há sido denegado a menudo a los rebeldes por las leyes internas de otros estados*[21].

Aparentemente, a posição britânica revestiu-se de um manto de neutralidade diplomática, mas que, na realidade, escondia uma postura dúbia. Se, por um lado, a Inglaterra mostrava-se temerosa frente a expansão do Eixo nazi-fascista e confiante de que uma política de apaziguamento pudesse saciar as vontades expansionistas de Mussolini e Hitler, por outro lado, desconfiava profundamente das tendências esquerdistas radicais que gravitavam próximas ao governo republicano espanhol e sua suposta ligação com Stalin.

Longe de parecer apenas uma postura prudente era realmente uma postura coerente com os setores conservadores da nobreza e da alta burguesia britânica, que possuíam uma forte ligação (até de parentesco) e interesses em comum com seus sucedâneos na Espanha, e que logicamente apoiavam os sublevados.

Em agosto de 1936, as pressões exercidas por Anthony Eden sobre o colega francês Léon Blum surtiram efeito com as advertências de que, se continuasse a apoiar a República, a França poderia acabar isolada frente a Alemanha e a Itália. Estes "sólidos" argumentos levaram a França, mesmo que a contragosto, a fazer par com a Inglaterra no chamado "Pacto de Não Intervenção". Foram convocados a participar do pacto todos os envolvidos, supostamente ou não: Alemanha, Itália, Portugal e URSS.

Após uma série de complicadas e extensas negociações diplomáticas, e de exaustivas reuniões entre os diversos dignatários e representantes da LdN, o Pacto foi

[21] Citação do jurista americano Norman Padelford em 1939. In: SCHWARTZ, Fernando. Op. cit., p. 123.

aceito e assinado (a seu tempo, pois a adesão de um suscitava a do outro) por todos os interessados em manter o "mundo" fora do conflito espanhol.

Esta hábil manobra política do *Foreign Office* revelou-se na prática como uma política deliberada de obstrução a qualquer ajuda oferecida a República espanhola, e que, em contrapartida, afetou muito pouco ou quase nada a vultosa ajuda militar (ilegal, diga-se de passagem) da Alemanha, da Itália e, em menor escala, de Portugal, recebida pelos rebeldes espanhóis. Estas nações, atuando hipocritamente, violavam de modo constante o compromisso assumido no Pacto, burlando as patrulhas do Comitê de Não Intervenção, criado para fiscalizar as determinações e a manutenção do Pacto. Nesse sentido, são significativas as palavras do historiador inglês Gabriel Jackson:

> *Todas las decisiones técnicas adoptadas por la Sociedad de las Naciones* (Liga das Nações) *y todas las declaraciones del Comité de No-Intervención, obedecian a los mismos fines, a saber, despojar a la República de sus derechos como gobierno legítimo y disimular la ayuda prestada a los nacionales*[22].

Portanto, após 15 de agosto de 1936, cessaram as remessas de armamentos franceses para a República e, inclusive, se fecharam as fronteiras com a Espanha, com o pretexto de evitar a passagem de material bélico, pois havia se criado um autêntico "cordão de isolamento" em volta da República. Isto não se deveu somente à pressão britânica, mas também à claudicação do gover no Blum frente a direita

[22] JACKSON, Gabriel. Op. cit., 1980, p.27.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

francesa, o qual se recusava a aceitar que a França fornecesse qualquer ajuda a um governo espanhol supostamente dominado por "vermelhos".

A elite francesa pôde utilizar todo o seu poder político e econômico no sentido de bloquear o apoio do governo francês aos republicanos espanhóis, o que era, do ponto de vista do direito internacional, perfeitamente factível e legal. Em síntese, as potências européias ditas democráticas, França e Grã-Bretanha, pouco contribuíram para auxiliar o combalido governo espanhol a debelar a rebelião militar.

Na realidade, através da "Não-Intervenção" contribuíram muito para o seu trágico desfecho, e é provável que, embora inadvertidamente, o seu apaziguamento tenha pavimentado o caminho de Hitler e Mussolini em direção à outra guerra mundial.

Na América a situação também não parecia ser muito favorável a República espanhola. Os Estados Unidos, fiéis à sua postura isolacionista, declararam-se oficialmente neutros frente ao caso espanhol, convocando inicialmente um curioso embargo "moral" afim de coibir as exportações de material bélico para ambos os lados. Mas o embargo legal de fato somente viria um pouco mais tarde, em janeiro de 1937, após o governo americano descobrir que o México, mediante artifícios legais, comprava aviões dos EUA e os repassava para a Espanha[23]. Ao mesmo tempo, instaram todos os seus súditos a não se intrometerem nos assuntos estrangeiros,

[23] CARROLL, Peter. **The Odyssey of the Abraham Lincoln Brigade: Americans in the Spanish Civil War.** California: Stanford University Press, 1995, p. 62.

chegando mesmo a proibir os cidadãos norte-americanos de viajarem para a Espanha [24].

Devemos acrescentar que a pseudo neutralidade norte-americana bloqueou qualquer ajuda legal ao governo republicano, negando-se por diversas vezes a vender armas, forçando posteriormente os republicanos espanhóis a uma dependência quase exclusiva do material bélico da URSS. Mas, contraditoriamente, brechas na legislação norte-americana permitiram que os rebeldes de Franco se abastecessem de combustível e veículos, à crédito livre, dos EUA [25].

Somente o México e a URSS manifestaram simpatia com a causa da República. A posição mexicana condenou, desde o início, a intervenção nazi-fascista e prestou apoio irrestrito ao governo espanhol. O general revolucionário Lázaro Cárdenas, que se identificava profundamente com a postura política do governo republicano, assumiu abertamente que venderia armas a Espanha, e foi o único a condenar a hipocrisia do Pacto e a farsa da Política da Não Intervenção, retirando o México do comitê organizador da LdN.

O governo de Lázaro Cárdenas também foi o único governo da América Latina que manifestou total simpatia à causa republicana. Identificava-se plenamente com o pensamento burguês progressista do presidente espanhol Manuel Azaña e dos republicanos em geral. Em discurso proferido em 19 de janeiro de 1937, Cárdenas reforçou sua posição inicial:

[24] EBY, Cecil. **Voluntarios Norteamericanos en la Guerra Civil Española.** Barcelona: Acervo, 1974, p. 22-23

[25] A *Standart Oil*, a *Vacuum Oil Company* e a *Texas Oil Company* foram as principais fornecedoras de combustível dos rebeldes. Ver MATTHEWS, Herbert L. Op. cit., p. 185. As fábricas *Ford*, *General Motors* e *Studebaker* forneceram mais de 12.000 veículos aos nacionalistas. SCHWARTZ, Fernando. Op. cit., p. 164.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

> *El gobierno de México continuará proporcionando armas y municiones de fabricación nacional. México no variará la linea de conducta que adoptó desde que el gobierno presidido por don Manuel Azaña ha solicitado material de guerra para su defensa*[26].

Sem se tolher ao discurso, Cárdenas fez o que lhe foi possível para enviar as armas essenciais a República. Em setembro de 1936, chegava a Espanha o primeiro lote de 20.000 fuzis e dois milhões de cartuchos provenientes do próprio arsenal mexicano[27]. Para que a Espanha republicana pudesse esquivar do embargo de armas decretado pelo governo Roosevelt, o México acordou em servir como fachada legal para os representantes comerciais da República Espanhola, no tocante a necessária compra de aviões dos EUA. No entanto, toda a operação era clandestina, o que poderia acarretar sérias sanções diplomáticas contra o governo mexicano.

As classes trabalhadoras mexicanas se mobilizaram para ajudar os irmãos espanhóis. Trabalhando em horas extras, tanto petroleiros quanto açucareiros praticamente duplicaram sua produção, enviando toneladas destes produtos tão essenciais para suprir a escassez provocada pela destruição da base econômica da República. Até mesmo os ferroviários contribuíram transportando, gratuitamente, as mercadorias doadas para a Espanha para os portos mexicanos[28].

---

[26] BENITEZ, Fernando. **Lázaro Cárdenas y la Revolución Mexicana. III. El Cardenismo.** Mexico DF: Fondo de Cultura Económica, 1995, p.176. Segundo Dolores Ibarruri, no México, a solidariedade com a Espanha republicana se tornou "política estatal". IBARRURI, Dolores. **Guerra y Revolución en España 1936-1939.** Moscú: Progreso, 1966.

[27] THOMAS, Hugh. Op. cit., p. 424. Eram os famosos fuzis chamados de *"Mexicanskis"*. Estas armas tinham uma história no mínimo curiosa: eram de desenho russo, mas fabricadas nos EUA. Haviam sido vendidas ao Exército russo em 1914 e, após a Revolução russa, vendidos aos mexicanos. Equipariam, posteriormente as Brigadas Internacionais. BRADLEY, Kenneth. **The International Brigades in Spain 1936-1939.** London: Osprey Publishing, 1994, p.17.

[28] ALTMANN, Werner. **México e Cuba: Revolução, Nacionalismo, Política Externa.** São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2001, p.20-21.

Quanto ao suporte soviético, podemos dizer que a URSS o fez tardiamente e sob pressões da *Komintern*, dos PC's estrangeiros, e do próprio povo soviético[29]. Mesmo assim, a ajuda oficial soviética foi tímida e conspícua, pois não pretendia manifestar um apoio direto para não provocar a Alemanha, ou causar pânico nos meios democráticos ocidentais, pois poderiam ver uma política de "subversão moscovita" nesta manobra, tão em voga naqueles tempos. Além do mais, a URSS havia assinado o Pacto de não Intervenção, significando que deveria respeitar a neutralidade, ou pelo menos que deveriam ser mantidas as aparências, tal como o faziam os seus rivais alemães e italianos.

Contudo, a duplicidade da política externa soviética daquele período era equivalente à praticada pelos nazistas. Ainda hoje, a historiografia não tem uma posição clara a respeito do que definitivamente motivou os soviéticos a assistirem a Espanha republicana, pois ainda não se encontram acessíveis os arquivos presidenciais da URSS, que poderiam lançar uma luz sobre esta questão[30]. Acredita-se que houve uma multiplicidade de questões justapostas e combinadas. Para alguns autores, Stálin apoiou a República não tanto por uma questão ideológica, mas sim respondendo às necessidades estratégicas de sobrevivência da URSS, ao ver que seus maiores inimigos apoiavam descaradamente as tropas de Franco.

Naquele momento, necessitava uma aproximação com as democracias ocidentais afim de construir uma frente ampla unificada contra a ameaça nazista[31]. Sendo assim, provavelmente não lhe interessava provocar uma revolução soviética

[29] A solidariedade do povo da URSS para com a República foi (ao contrário da ajuda oficial soviética) espontânea, generosa e quase imediata. Os sindicatos russos arrecadaram, já em agosto de 1936, mais de 12 milhões de rublos e 36 milhões de francos em alimentos e dinheiro para seus camaradas espanhóis. SCHWARTZ, Fernando. Op. cit., p. 107.

[30] Veja-se a recente pesquisa de RADOSH, Ronald (org). **Spain Betrayed: The Soviet Union in the Spanish Civil War.** New Haven&London: Yale Univ. Press, 2001, p.18.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

na Espanha, pelo menos não naquele momento, e além do mais, os elementos verdadeiramente revolucionários na Espanha eram seus críticos mais ferrenhos. Portanto, Stálin apenas teria ajudado a manter e reforçar a legitimidade burguesa do governo republicano, e neste sentido se deram os seus esforços.

Outras questões que poderiam ter motivado o apoio soviético seriam para desviar a atenção dos militantes comunistas sobre os famosos expurgos já em andamento, e também utilizar a ajuda fornecida a Espanha como pretexto para exigir uma maior produtividade dos trabalhadores da URSS, e assim continuar com o ritmo acelerado exigido pelas diretrizes do pla no quinqüenal de 1933[32].

Também há indicativos de que, após muitas considerações e discussões com membros destacados da IC e do *Politburo*, o chefe do governo soviético decidiu enviar os armamentos essenciais de que tanto precisavam os republicanos, principa lmente, visto que o seu prestígio poderia ficar abalado perante o povo soviético e o movimento comunista internacional caso a URSS (campeã do socialismo) não ajudasse os proletários espanhóis.

Não obstante, a ajuda da URSS não foi de modo algum desinteressada, pois, conforme algumas pesquisas recentes, Stalin haveria decidido finalmente pelo apoio a República quando chegou à conclusão de que cobraria pela sua ajuda através das reservas em ouro do Banco da Espanha[33]. Efetivamente, em setembro de 1936, o governo espanhol decidiu enviar o ouro para um local mais seguro, pois temia que as

[31] É a hipótese de BAYAC, Jacques Delperrie de. **Las Brigadas Internacionales.** Madrid: Jucar, 1980, p. 68-70.
[32] SCHWARTZ, Fernando. Op. cit., p. 258-259.
[33] VIDAL, César. Op. cit., p. 52.

reservas de ouro pudessem cair nas mãos dos rebeldes ou mesmo serem roubadas pelos anarquistas[34].

Face a vacilante postura das potências ocidentais frente a República espanhola, os ministros Largo Caballero e Juan Negrín decidiram enviar as reservas de ouro da Espanha diretamente para a URSS. Com isso se pagariam os armamentos e equipamentos russos ou de outra procedência, comprados pelos russos no mercado de armas internacional para abastecer as forças armadas da República. Os valores seriam debitados do saldo total, desta forma, quando os primeiros aparelhos soviéticos (blindados e aviões) desembarcavam na Espanha, mais da metade do ouro do Banco da Espanha (mais de 500 milhões de dólares) já se encontrava sendo embarcado em Cartagena, caminho a Moscou[35].

A ajuda militar soviética somente chegou a Espanha em outubro de 1936, quando os rebeldes já se encontravam às portas de Madrid, e foi decisiva naquele momento crucial. Constava basicamente de aviões de caça e bombardeio, artilharia moderna (praticamente desconhecida na Espanha), carros de combate e diversos tipos de veículos de transporte, além de combustível e farta quantidade de munição e explosivos. Quanto ao material humano, a URSS enviou equipes de técnicos e especialistas militares (em torno de 2.000 homens) para treinar os republicanos no manejo dos modernos equipamentos[36].

No entanto, a URSS foi o único país a manter um fluxo de armamentos relativamente constante para tentar suprir as necessidades prementes das forças da

[34] O líder anarquista Buenaventura Durruti realmente tinha um plano para roubar o Banco da Espanha. THOMAS, Hugh. Op cit., p. 484.
[35] Idem, p. 483 a 485.
[36] THOMAS, Hugh. Op cit., p. 475 e 480.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

República[37]. A ajuda soviética foi essencial, contudo bastante problemática, devido a uma série de inconvenientes causados pela própria circunstância da relação entre os dois países. As exigências de subordinação dos comandantes espanhóis aos enviados soviéticos incomodavam a muitos republicanos, embora o que mais causava descontentamento ao governo de Madrid era a dependência, quase exclusiva, da URSS como único fornecedor de armamentos, o que dava poder de barganha aos russos nas decisões finais no campo de batalha, além disto, os espanhóis pagavam preços muito elevados pelo equipamento soviético, se comparados aos equivalentes no mercado internacional, e ainda estavam sujeitos ao câmbio totalmente desfavorável a eles, o que contribuiu para enriquecer as arcas do tesouro soviético[38].

Mas, apesar dos polpudos lucros obtidos com a venda dos armamentos, Stálin nunca demonstrou muito entusiasmo com a causa republicana e, como dissemos anteriormente, sua ajuda sempre foi condicionada aos interesses da nação soviética. Para a URSS, a Espanha representava apenas um peão no jogo de poder internacional, plausível de ser sacrificado a qualquer momento, como de fato o foi em meados de 1938, quando o *Kremlin* retirou seus homens da Espanha para que a diplomacia soviética passasse a negociar diretamente um pacto de não agressão com a Alemanha de Hitler.

Contudo, além destas "intervenções" e "não-intervenções" de diversos países, ditadas quase sempre por cínicos interesses políticos, militares ou econômicos, houve um tipo de intervenção não oficial, autenticamente voluntário, altruísta e

---

[37] MATTHEWS, Herbert L. Op. cit., p.160-164.
[38] Sobre as vendas de armas russas para o governo republicano, ver o recente trabalho de HOWSON, Gerald. **Arms for Spain: The Untold Story of the Spanish Civil War.** London: John Albemarle, 1998.

profundamente motivado por questões ideológicas. Talvez seja este o lado mais fascinante do processo de internacionalização da guerra espanhola. Estamos nos referindo à afluência maciça e espontânea de milhares de indivíduos e cidadãos de todas partes do mundo, que agindo independentemente e, muitas vezes, a contragosto de seus governos, sensibilizavam-se com a frágil situação da Espanha republicana e identificavam-se com o sofrimento do seu povo.

Influenciados por um amplo leque de idéias políticas progressistas sentiam-se compelidos a fazerem algo para defender os conceitos de liberdade e democracia que consideravam ameaçados pelo nazi-fascismo. Neste contexto, plasmado por intensa clivagem ideológica, apareceram os primeiros voluntários estrangeiros dispostos a lutar pela Espanha republicana.

2.3 Voluntários Estrangeiros: das milícias populares ao Exército Popular Republicano.

No período imediatamente anterior ao levante de julho de 1936 já existiam diversas milícias paramilitares, semi-clandestinas ou mesmo ilegais (como as da FAI), pertencentes a organizações operárias e partidos de esquerda e que recebiam algum tipo de treinamento militar, com vistas a poderem resistir a um *pronunciamiento* ou golpe vindo da direita, ou mesmo servir de "vanguarda" no desencadear de um processo revolucionário.

O golpe militar serviu de impulso para a ação revolucionária e acabou por projetar as milícias no cotidiano da República dividida. Prontamente, as figuras heróicas e romantizadas do miliciano e da miliciana foram exaltadas, tornando-se símbolos da luta travada na Espanha. Com seus macacões azuis de trabalho, cobertos

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

de munição, com fuzis ao ombro e adornados com os emblemas das organizações proletárias, representavam concretamente o conceito de "povo em armas", tão caro às organizações revolucionárias, parecendo uma reedição modernizada daqueles *sans culottes* e *communards* das gestas revolucionárias do passado[39].

O esfacelamento do poder do Estado, provocado pelo golpe, e a deserção *en masse* de boa parte de seus funcionários, levou a criação de poderes paralelos locais, coordenados por comitês revolucionários ou comitês de milícias, encarregados de zelar pela "ordem revolucionária". Estes comitês, atuando por iniciativa própria, dedicaram-se à supressão de elementos rebeldes ligados ao levante, muitas vezes exagerando em suas atribuições e cometendo excessos.

Hugh Thomas, em seu monumental trabalho, considerou que *La España republicana, igual que la España de la Guerra de Independencia o del final de la primera República, mas que un solo Estado parecía constituir un conglomerado de repúblicas*[40].

Portanto, tendo-se em conta a fragmentação do poder estatal, pode se dizer que as milícias exerceram, em determinado momento, quase todas as funções pertinentes ao Estado: controle dos portos, das fronteiras, das municipalidades, e fundamentalmente, funções policiais autônomas, em que cada milícia chegou mesmo a montar sua estrutura investigativa, repressiva e seu subsequente aparato legal, sendo simultaneamente polícia, tribunal, juiz, carcereiros e executores de sentenças de morte[41].

[39] Ver Anexo S.
[40] THOMAS, Hugh. Op. cit., p. 295.
[41] BELLOTEN, Burnett. **La Revolución Española,las Izquierdas y la Lucha por el Poder.** Mexico DF: JUS, 1962, p.38-39.

Basta lembrarmos a formação das brigadas de investigação, que se autodenominavam *"chekas"*, inspiradas na revolução russa. Estas *"chekas"* perpetraram perseguições políticas durante toda a guerra e, uma vez restaurada a ordem burguesa, acabariam por ser incorporadas à estrutura da nova polícia [42].

Também foram os milicianos que suportaram o peso das primeiras batalhas contra os rebeldes durante meses e conseguiram desbaratar a contrarrevolução dos generais, antes que ela pudesse assumir o controle nas principais cidades, como já foi abordado. Claro está que sua capacidade combativa deixava muito a desejar. A maioria dos homens e mulheres que fizeram parte das milícias desconheciam por completo a arte militar, mas compensavam a falta de equipamento e treinamento com muito entusiasmo e ímpeto revolucionário.

Mas isto não bastava para ganhar uma guerra contra um inimigo superior como as forças regulares dos rebeldes. As milícias se sobressaíram no que estava ao seu alcance prático, ou seja, na luta urbana que conheciam de antemão. Porém, não possuíam condições de enfrentar um exército regular em uma guerra convencional.

Nos primeiros momentos, muitas das unidades milicianas, além de exercerem uma função coercitiva sobre os indivíduos suspeitos e de "defesa da República", também passaram a levar adiante um projeto revolucionário particular, até porque muitas delas abominavam a república burguesa e pretendiam empreender a "sua" revolução social, como era o caso dos anarquistas da CNT-FAI e dos comunistas anti-estalinistas do POUM, na Catalunha e em Lérida, respectivamente.

O nível de organização das inúmeras milícias espalhadas por todo o território republicano era o mais variado possível, mas em geral seguia estas linhas básicas:

[42] THOMAS, Hugh. Op. cit., p. 302-303.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

> *Dez homens formavam um grupo que tinha à cabeça um delegado escolhido livremente. Dez desses grupos formavam uma "centúria", cujo responsável era escolhido da mesma maneira; cinco centúrias formavam um "agrupamento" que também tinha um delegado. Os delegados das centúrias e o delegado do agrupamento constituiam o comitê de agrupamento. Os delegados de agrupamento, juntamente com o delegado geral da coluna, formavam o comitê de guerra da coluna*[43].

Certamente algumas das unidades milicianas se assemelhavam mais a bandoleiros armados do que a organizações políticas, agindo por conta própria, não obedecendo a uma cadeia de comando unificado e, muitas vezes, cometendo uma série de tropelias que de "revolucionário" nada tinham: eram atos puramente criminosos, como assassinatos, queima de igrejas, saques e roubos indiscriminados. Era o "lado negro da revolução", ao qual de referia com pesar a anarquista Frederica Montseny, e que foi amplamente explorado (e também exagerado) pela grande imprensa internacional, freqüentemente simpática aos rebeldes, e com o objetivo de denegrir a imagem da República Espanhola retirando-lhe cada vez mais a possibilidade de angariar apoio internacional. Vejamos um exemplo destes fatos dramáticos, registrado no relato do jornalista brasileiro Soares D'Azevedo:

> *A desordem começa manifestar-se em Madrid, onde o governo perde cada vez mais a sua autoridade em favor dos anarchistas e dos communistas.* (...) *Soldados embriagados deitam-se em gobelins, quebram estátuas antigas, fazem exercicio de tiro ao alvo em quadros de Murillo. Os colégios das religiosas foram tomados e as religiosas presas ou fuziladas*[44] .

[43] Extraído de PAZ, Abel. Op. cit., p. 34.
[44] D'AZEVEDO, Soares, J. Op. cit., p. 29.

Como podemos observar, a narrativa do jornalista brasileiro expõe o seu próprio ódio e preconceito de classe ao descrever a ação da "turba" revolucionária. Mas muito pior é a descrição escatológica das cenas que diz ter observado no ex-rebelde *Cuartel de la Montaña*, após a sua conquista pelas milícias populares de Madrid:

> *As onze da manhã rende-se o quartel da Montaña. Todos os officiaes são impiedosamente passados pelas armas.* (...) *Pelas paredes esburacadas* [vêem-se] *manchas de sangue, restos de vísceras, postas de carne grudadas pelo sangue. Cadáveres pelos cantos, às pilhas, olhos desmesuradamente abertos, feridos que gemem, imprecações que se vomitam.* (...) *Estão com a palavra os communistas, os anarchistas, os syndicalistas, a cainçalha da FAI*[45].

O que Soares D'Azevedo "esquecera" de comentar é que os rebeldes haviam hasteado primeiro a bandeira branca e em seguida, quando os milicianos se aproximavam para receber a rendição, os ocupantes do quartel abriram fogo à traição, matando muitos homens e enfurecendo a massa, que revidou com total violência[46].

Evidentemente que muitos excessos foram cometidos de ambos lados e que nada pode justificar a barbárie dos crimes cometidos. Mas não podemos esquecer que, se no lado republicano isso ocorria devido a ausência de controle da autoridade estatal, que deplorava profundamente essas matanças e atropelos efetuados por ação de grupos isolados, no lado ocupado pelos rebeldes, ocorriam atrocidades sistemáticas contra a população, por ordem direta do governo da junta militar

[45] Idem, Op. cit., p. 25.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

instaurada por Franco, que utilizou o terror como meio de legitimação do seu poder arbitrário. O general Mola, um dos artífices de Franco, declarou claramente que *es necesario propagar una atmosfera de terror, tenemos que crear una impresión de dominación* (...) *cualquier que sea abierta o secretamente defensor del Frente Popular deve ser fusilado*[47].

Desta forma, a repressão iniciada pelos rebeldes no território ocupado por eles atingiu uma proporção inimaginável: somente em Badajoz, em 14 de agosto de 1936, os rebeldes fuzilaram mais de 2.200 pessoas em doze horas de ocupação[48].

Mas, de modo geral, a maioria das milícias populares prestou uma grande ajuda ao evitar o colapso completo do governo da República, ainda que, às vezes sem querer. Contudo, o governo burguês tinha plena consciência de que para poder voltar a ordem institucional e recobrar sua autoridade enquanto poder legítimo deveria reduzir e controlar o "ardor revolucionário" das milícias.

Enfim, enquadrá-las enquanto organizações segmentadas e submetê-las ao poder central, em lento e penoso processo de reconstrução da sua estrutura original de Estado. Por paradoxal que isso possa parecer, para atingir esse objetivo, os burgueses republicanos encontrariam ao seu lado, como aliados, a quem sempre haviam temido, os comunistas.

De fato, em Madrid, desde fins de julho de 1936, o Partido Comunista Espanhol passou a apresentar o seu exército partidário privado, que foi designado 5º Regimento de milícias populares. Estavam agrupadas nesta unidade a elite das *"Juventudes Socialistas Unificadas"*, a ala esquerda dos socialistas, e as *"Milícias*

[46] Ver THOMAS, Hugh. Op. cit., p. 270.
[47] Citado por THOMAS, Hugh. Op. cit., p. 286.
[48] AMILIBIA, Miguel de. **La Guerra Civil Española.** Buenos Aires: Centro Editor De América Latina, 1971, p. 47-48.

Antifascistas Obreras y Campesinas", unificadas. Nela já constavam alguns voluntários comunistas estrangeiros que se encontravam na Espanha, e uns poucos revolucionários profissionais enviados pela *Komintern*, como o agente italiano Vittorio Vidali.

O 5º Regimento parecia ser a antítese das outras milícias populares, pois era incrivelmente disciplinado, treinado, bem equipado e militarizado ao extremo. Seus membros eram uniformizados, marchavam ao compasso da ordem unida, saudavam-se militarmente e mantinham uma hierarquia militar, o que vale dizer que pareciam, de fato, um exército regular. Deve ser ressaltado que uma porção significativa de seus membros eram, além de comunistas ou simpatizantes, oriundos do antigo Exército espanhol, onde haviam formado células e comitês "anti-militaristas", cujo objetivo principal consistia em minar a estrutura de classes do Exército tradicional e levar a ideologia comunista para dentro dos quartéis.

Boa parte de seus comandantes também eram militares profissionais, em geral filiados a UMRA antes da guerra. Logo, podemos dizer que o perfil militarista do 5º Regimento não foi inventado aleatoriamente e, por outro lado, que a rígida disciplina militar, ou de tipo militar, não era algo alheio aos comunistas.

No "Manual do Soldado Vermelho", editado por León Trotsky em 1924, o ponto 25 rezava o seguinte: *Sin disciplina no hay organización, no hay economía, no hay acción coordinada, no hay victória, no hay Estado. En el arte militar la disciplina es lo más necesario y lo más importante...* [49]

[49] Os trechos retirados deste livro estão em COLOMER, Eduardo C. **El Comisariado Político en la Guerra Española 1936-1939.** Madrid: San Martín, 1973, p. 17-18.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

A organização da milícia comunista seguia o formato do Exército Vermelho criado por Trotsky (embora Moscou preferisse esquecer a paternidade), com seu complexo sistema de "comissários políticos" que foi usado como modelo para o novo *Ejército Popular Republicano* (EPR) e que seria usado, igualmente, para as futuras BI.

A criação do EPR era uma das principais metas do governo visto que pretendia, desta maneira, acabar com as indesejáveis milícias partidárias e sindicais, e sua rede de poderes paralelos, que constituíam um empecilho para a centralização do poder e do comando unificado, essenciais para vencer a guerra contra o fascismo.

As milícias deveriam ser dissolvidas e integradas no novo Exército, que surgiria a partir das colunas organizadas pelo *Ministério de la Guerra*: também eram milícias, porém comandadas por oficiais leais ao governo e de caráter suprapartidário. A formação de um Exército da República era o objetivo expresso dos comunistas, de alguns socialistas, e dos republicanos burgueses.

Obviamente, outras milícias não pretendiam perder seu status de "cidadãos armados", principalmente as comandadas pelos anarquistas e pelo POUM, pois consideravam que deviam fazer a guerra concomitantemente com a revolução social. Ambas organizações temiam que o governo, com o apoio comunista, retomasse o controle do aparato de Estado, visto que isto significaria, a curto ou médio prazo, a morte da revolução e um retorno ao *status quo* original. E eles não estavam de todo errados, como será visto mais adiante.

Foi também nas milícias que encontramos a face sincera e altruísta da ingerência estrangeira. Fora do âmbito hipócrita das relações diplomáticas e da farsa promovida pela LdN, pessoas simples, agindo independentemente de seus governos,

se sentiram identificadas com a causa da Espanha republicana. Muitas delas, influenciadas por crenças progressistas e pela crescente atmosfera de radicalização vivida na época, se sentiram compelidas a fazer algo mais contundente do que levar cartazes em comícios, fazer greves e participar de agitações[50].

Algumas pessoas acudiram em defesa dos ideais de liberdade e democracia que acreditavam ver em perigo na Espanha, outras, motivadas pelo espírito revolucionário, entretanto em todas aparecia fundamentalmente a vontade de derrotar o fascismo, pois sustentavam a tese de que libertar a Espanha significava abrir as portas para a liberdade de seus respectivos países[51]. Assim, acudiram à luta anarquistas, comunistas ortodoxos e heterodoxos, socialistas e republicanos, quase todos vindos da Europa (devido a proximidade), e cujo nexo medular se encontrava na unanimidade da escolha do inimigo em comum: o nazi-fascismo.

Para estes homens e mulheres o inimigo era o mesmo, podendo apenas variar a forma e o local onde ele se manifestava. Desde o advento da República, diversos estrangeiros, principalmente refugiados políticos, encontraram um lugar na nova Espanha democrática. Eram alemães fugidos do nazismo, italianos antifascistas, húngaros, judeus, búlgaros, cubanos e muitos outros cidadãos que sofriam perseguição política ou ideológica em seus países de origem.

Muitos destes refugiados colocaram-se a favor da República desde as primeiras horas da insurreição, passando a se integrar em alguma das muitas colunas

[50] A maioria dos voluntários já possuía um engajamento político e havia participado intensamente de atividades políticas das mais diversas. Basta lembrarmos que se estava em plena depressão pós 1930 onde se vivia um clima de insegurança e inquietude, levando cada vez mais pessoas física e psicologicamente afetadas a questionarem o sistema capitalista, e a aferrar-se a opções ideológicas que apontassem para saídas diferenciadas, opostas à dinâmica do sistema. Principalmente o comunismo.

[51] *"Oggi in Spagna, domani in Italia"* era, por exemplo, o lema dos voluntários italianos. Ver: VIDAL, César. Op.cit., p. 60.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

milicianas que espoucavam no verão de 1936[52]. Vale lembrar que nem todos vieram somente para defender uma república burguesa, muitos vieram para participar de uma verdadeira revolução social em andamento, a qual acreditavam poder espalhar pelo mundo todo.

Em 19 julho de 1936, em Barcelona, ocorreriam as "Olimpíadas dos Trabalhadores", organizadas pela *Komintern* como contraponto aos jogos olímpicos oficiais que estavam sendo realizados em Berlim e que haviam sido instrumentalizados como perfeita propaganda para o regime de Hitler. A rebelião militar estourou simultaneamente com a olimpíada popular e, com o cancelamento dos jogos, diversos indivíduos que compunham as delegações esportivas, ou invés de retornarem aos seus países preferiram marchar direto para os diversos *fronts* já abertos desde o início da revolta militar[53].

Portanto, em Barcelona, a revolução surgida como resposta ao golpe faccioso, contou com diversos estrangeiros em suas milícias, que começaram a ser mais seriamente organizadas no final de julho de 1936, com a ocupação dos antigos quartéis do Exército e que passavam a abrigar as novas colunas milicianas.

Por exemplo, o "*Partido Socialista Unificado de Cataluña*" (PSUC), ligado a Moscou, ocupou o quartel do Parque que foi rebatizado de "Carlos Marx", a CNT e a FAI ficaram com os melhores quartéis, também rebatizados com nomes de ídolos proletários, porém ao gosto dos anarquistas: Bakunin, Spartacus, Salvochea. O POUM ocupou a caserna "Lenin"[54].

[52] BAYAC, Jacques Delperrie de. Op. cit., p.39.
[53] É possível que esta olimpíada popular servisse também, para dissimular a chegada de um número substancial de homens de confiança da *Komintern*, "revolucionários profissionais" no jargão da IC, político-militarmente treinados para organizar as milícias populares socialistas e comunistas frente ao perigo de uma sublevação direitista, o que era há muito um acontecimento extremamente previsível.
[54] PAZ, Abel. Op. cit., p.29.

Nestas instalações, as milícias receberam e treinaram os voluntários estrangeiros que afluíam lentamente, em grupos ou isoladamente. Os voluntários eram principalmente trabalhadores, estudantes e intelectuais das mais variadas nuances políticas de esquerda mundial, mas também muitos sem filiação político-partidária.

Mas nem sempre as definições ideológicas eram tão claras e óbvias como poderia aparentar, e boa parte dos recém chegados desconhecia a delicada situação política da Espanha republicana e a divisão que já se operava no cerne da Frente Popular. Logo, não é de estranhar que muitos integrassem à primeira coluna miliciana que encontrassem ao chegar. Entretanto, depois de travado um contato mais direto e passando a entender melhor o complicado mosaico político espanhol, com suas lutas internas (algumas eram reflexo da complexa situação internacional, enquanto outras questões eram muito "espanholas" para serem compreendidas pelos forasteiros), sentiam-se politicamente desconfortáveis e partiam, então, em busca de outro grupo mais próximo de sua filosofia ou crença política original.

Isso explicaria uma certa circularidade inicial entre alguns voluntários que trocaram a coluna do POUM pelas colunas da CNT ou do PCE, e vice versa. Muitos dos estrangeiros que se alistariam futuramente nas BI haviam passado antes pelas milícias libertárias da CNT ou do POUM, o que poderia significar posteriormente uma mácula nas suas fichas militares, uma vez que os comunistas, cada vez mais rivais do POUM e da CNT, haviam assumido praticamente o controle do novo Exército.

Pouco a pouco, chegavam novos voluntários do exterior, alguns até com experiência militar: eram ex-combatentes da Primeira Guerra Mundial. Começaram a

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

ser agrupados em torno dos partidos e organizações irmãs ou afins das organizações espanholas. Os anarquistas em torno da Associação Internacional dos Trabalhadores, a AIT, fizeram o possível para catalisar o apoio a sua filiada, a CNT-FAI.

Uma miríade de partidos e pequenos grupos dissidentes de socialistas revolucionários, próximos ou não da IV Internacional, fundada por Trotsky, procuraram apoiar o POUM, incentivando alguns de seus membros a partirem rumo a Espanha [55].

Mas o principal fluxo de voluntários viria posteriormente dos partidos comunistas ligados a III Internacional. Surgia a necessidade de encaixá-los dentro das milícias, uma estrutura dinâmica que era constantemente alterada devido às necessidades do conflito. Dada a quantidade de voluntários estrangeiros houve uma preocupação logística, não somente pelo lado dos comunistas, PCE e PSUC, mas também pelo POUM, de agrupar os combatentes forâneos obedecendo a uma lógica que privilegiava grupos nacionais ou lingüísticos.

Os nomes escolhidos para as unidades estrangeiras evocavam eventos ou heróis revolucionários da classe trabalhadora de cada nação representada. Assim, os comunistas ingleses agruparam-se na "*Tom Mann Centuria*", os refugiados alemães na "*Thaelmann Centuria*", os italianos na "*Giustizia e Liberta*" e na "*Gastone Sozzi*", e os comunistas húngaros no "*Grupo Rakosi*". Um considerável grupo de franceses e alguns belgas reuniam-se em torno da coluna "*Comuna de Paris*", e os poloneses, búlgaros e iugoslavos no "*Grupo Jaroslav Dombrowski*". Posteriormente, outros eslavos formariam a "*Compañia Ludwig Warmynski*" e o "*Grupo Wroblewski*"[56].

[55] Sobre os estrangeiros no POUM, veja o artigo de DURGAN, Andy. **International Volunteers in the POUM Militias.** [online] http://www.fundanin.org (06/10/2002).

O pesquisador Paulo Roberto de Almeida, em seu trabalho pioneiro sobre a participação brasileira na GCE, fez referência a alguns estrangeiros que teriam partido do Brasil, em 1936, e se dirigido para a Espanha, participando das milícias. Um deles era Líbero Battistelli, antifascista italiano exilado no Brasil. Com a repressão iniciada pelo governo Vargas, Battistelli partiu espontaneamente para a Espanha onde participou da criação de uma das primeiras milícias estrangeiras, a *Giustizia e Libertá*. Morreu nos combates de Huesca em junho de 1937, quando já estava integrado as BI[57].

Outro "italiano" que saiu do Brasil foi Francesco Leone. Leone tinha dupla nacionalidade. Em setembro de 1936 participou da formação da Centúria *Gastone Sozzi*, do PSUC, em Barcelona. Ferido, deslocou-se para França onde permaneceu até o fim da guerra[58].

Existia neste ínterim, um número indeterminado de latino-americanos residindo na Espanha, sendo que uma parte destes aderiu a República chegando a integrar as milícias. Assim, houveram numerosas unidades milicianas cujos nomes também evocavam líderes populares ou revolucionários do novo continente, tais como *"Emílio Zapata", "Pancho Villa", "Augusto César Sandino"* e *"Antonio Guiteras"*.

O pesquisador suiço Gino Baumann referiu-se à organização de uma unidade miliciana (provavelmente do PSUC) composta por latino-americanos em Barcelona, e que levou o nome de "*Centúria Julio Mella - Carlos Prestes*"[59]. Não se tem certeza

[56] CIERVA , Ricardo de la. **Brigadas Internacionales 1936-1996.** Madrid: Fénix, 1997, p.60-62, e BRADLEY, Kenneth. Op. cit., p.5.
[57] DULLES, John W. F. Op. cit., 1985, p. 174. ALMEIDA, Paulo Roberto. Op. cit., p. 55
[58] Idem, p. 175. Idem, p. 53.

[59] BAUMANN, Gino Gerold. Op. cit., p. 34.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

se esta unidade chegou efetivamente a ser formada ou combater. Mas o simples fato de ter seu nome escolhido junto com o do cubano Mella[60], para nomear uma unidade miliciana, é certamente um indicativo do grande prestígio de Prestes na Espanha, ou pelo menos entre os comunistas espanhóis e latino-americanos. Ainda mais se considerarmos que a grande maioria dos combatentes brasileiros somente chegou a Espanha depois da metade de 1937, quando as milícias já pertenciam ao passado.

A única referência a um cidadão brasileiro nas milícias catalãs ou aragonesas está no livro de Gay da Cunha. Seria um tal de "Manolo", que antes da guerra havia trabalhado três anos na Companhia Telefônica de Barcelona. Teria lutado junto com sua mulher nas milícias que assediaram Huesca, participando, posteriormente, do desembarco em Mallorca[61]. Dificilmente, portanto, poderia existir um "*lobby* brasileiro" que pressionasse para a escolha do nome de Prestes.

É importante destacar que uma considerável parte destas centúrias e colunas milicianas compostas por estrangeiros (mormente as de filiação comunista) seriam posteriormente aproveitadas como base para a formação das BI.

Baseado em pesquisa recente, o historiador César Vidal calculou que haveria por volta de um milhar de estrangeiros combatendo nas milícias, até setembro de 1936[62]. Considerando-se o volume de gente alistada nas unidades populares, em

[60] Mella, assassinado em 1929, era considerado um mártir para os comunistas cubanos e considerando-se que residiam na Espanha de 1936 numerosos exilados do país caribenho, parece natural a homenagem ao líder caído na luta. Os cubanos aportaram o maior número de combatentes entre os latino-americanos. Ver BAUMANN, Gino Gerold. Op. cit., p. 182 a 190.

[61] CUNHA, José Gay da. **Um Brasileiro na Guerra Civil Espanhola.** São Paulo: Alfa-Omega, 1986, 2ed, p. 59.

[62] VIDAL, César. Op. cit., p. 60. Luigi Longo, comissário geral das BI falava em mais de 150.000 milicianos por toda a Espanha. LONGO, Luigi. **Las Brigadas Internacionales en España.** Mexico DF: Era, 1977, p. 33.

torno de 40.000 em Madrid e mais uns 20.000 na Catalunha [63], podemos afirmar que o grupo estrangeiro nas milícias, do ponto de vista estritamente militar, não foi um fator decisivo numérico nem qualitativo, visto que poucos dos seus integrantes tinham de fato experiência militar anterior. O seu valor principal media-se mais em termos de moral psicológica dos combatentes: o apoio externo, por ínfimo que fosse, significava aos espanhóis do lado republicano que eles não estavam tão sós perante um inimigo superior em termos bélicos, e que possuía também claras ramificações externas.

Paralelamente com as milícias, outros grupos de estrangeiros iriam combater pela República. André Malraux, conhecido escritor francês, autor de "*La Condition Humaine*" e, portanto, muito próximo do *Parti Communiste Français* (PCF), organizava, em Toulouse, a "*Escuadrilla España*", uma espécie de grupo internacional aéreo que reuniu diversos pilotos, mecânicos e especialistas aeronáuticos, para manejar os novíssimos aparelhos comprados da França, em vista da carência de pilotos espanhóis. A maioria do grupo de Malraux era composta por aventureiros, alguns veteranos de "Grande Guerra" e soldados da fortuna muito bem pagos, mas certamente também havia entre eles alguns idealistas, além do próprio Malraux.

Quanto a origem nacional podemos dizer que eram franceses e belgas em grande parte. Mais tarde, a força aérea republicana formou outro esquadrão de voluntários, a "*Escuadrilla Internacional*", numa tentativa de criar uma autêntica unidade voluntária, ou seja, motivados mais pela ideologia do que pelo soldo. A unidade contou com pilotos vindos dos EUA, da Alemanha, da França, da Inglaterra,

[63] THOMAS, Hugh. Op. cit., p. 351.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

da Itália e de outras nacionalidades, incluindo a URSS, que enviava seus primeiros instrutores.

Ambas unidades aéreas não estavam ligadas às milícias e nem fizeram parte das BI[64]. Estavam integradas sim ao "*Ministério del Aire y Marina*", um dos poucos organismos estatais que havia sobrevivido mais ou menos intacto à rebelião. Havia, no entanto, conexões possíveis entre as unidades de terra e as unidades aéreas: caso se apresentassem voluntários que fossem aviadores ou especialistas aeronáuticos estes seriam encaminhados para os esquadrões internacionais.

Pelo menos assim funcionou no início do conflito, visto que Malraux pretendia trocar seus mercenários beberrões por autênticos voluntários idealistas. Com o decorrer do conflito, a chegada dos pilotos soviéticos com seus modernos aviões foi restringindo a possibilidade dos pilotos estrangeiros, chegando alguns pilotos a terem de combater em outras funções para as quais tinham pouca ou nenhuma preparação. Isto ocorreu com quase todos os voluntários brasileiros, oriundos da então "Aviação Militar do Exército Brasileiro"[65]. Mais adiante, examinaremos o caso do mal aproveitamento dos combatentes brasileiros.

A guerra prosseguia, novas frentes se abriam e indivíduos de diversas nacionalidades combatiam em todas elas, seja na invasão de Mallorca, na defesa de Aragón, nas lutas pela fronteira em Irún, ou nas patrulhas de Madrid. Em todas estas frentes vamos observar a presença de estrangeiros, embora de forma ainda pouco organizada e dispersos na massa miliciana. Entretanto, a partir de outubro de 1936, os rebeldes apertaram o cerco à capital, deixando claro qual era seu principal objetivo. Com a finalidade de conter o assalto, diversas milícias republicanas

[64] CIERVA, Ricardo de la. Op.cit., p.131.
[65] Apenas um brasileiro combateu na Força Aérea Republicana, Enéas Jorge Andrade.

começaram, então, ser deslocadas de outras frentes para defender Madrid. Entre elas encontravam-se diversos grupos de internacionalistas. Estava claro que as contingências da guerra levaram finalmente à transformação das milícias em Exército. A rapidez e presteza dos avanços inimigos, principalmente sobre a capital, impulsionou e acelerou o processo.

O processo de militarização das milícias iniciou no final de setembro de 1936 quando o novo governo do socialista Largo Caballero decretou a formação do EPR que substituiria formalmente as milícias. Como já dissemos anteriormente, a formação de um novo Exército era um desejo acalentado por muitos (burgueses, comunistas e alguns socialistas) desde a dissolução do Exército tradicional, após o golpe de 18 de julho, mas para outros (anarquistas e poumistas) um indício de que o *establishment* se recuperava e atacava a revolução ao tomar as armas que o povo havia conquistado.

Assim, em 15 de outubro de 1936, foram criadas as primeiras seis brigadas mistas, que eram, teoricamente, compostas por três batalhões de milícias e um batalhão do antigo Exército regular, com seu estado maior. Eram, em princípio, unidades auto-suficientes, pois contariam com diversas Armas e serviços na sua composição. Ou seja, infantaria, artilharia, cavalaria, engenharia e blindados, além de serviços sanitários, de transmissões e de transportes[66]. Obviamente, as condições precárias em que se realizaram as transformações e o próprio andamento do conflito impediram que as unidades pudessem se tornar realmente auto-suficientes.

[66] CARDONÁ, Ricardo. R. & PAZOS, Carlos. F. **Uniformes y Pertrechos: Ejército Popular Republicano 1936-1939.** Madrid: Almena, 1997.

Outra importante modificação com relação às milícias, e que foi introduzida plenamente na estrutura do EPR, era o comissariado político. Os incentivadores e fomentadores desta instituição eram os comunistas que já a haviam colocado em prática no seu 5° Regimento, com sucesso. Suas tarefas, tal como constavam no decreto de criação, eram as seguintes:

> *Se crea un Comisariado general de Guerra, cuya principal misión consistirá en ejercer un control de índole político-social sobre los soldados, milicianos y demás fuerzas armadas al servicio de la República y lograr una coordinación entre los mandos militares y las masas combatientes, encaminadas al mejor aprovechamiento de la eficacia de las citadas fuerzas*[67].

Em outras palavras, significava preservar a fé política dos milicianos convertidos em soldados frente à dissolução das suas unidades partidárias, controlar a lealdade dos antigos oficiais de carreira para com o EPR e a República, e manter acesa a chama do ódio contra o inimigo. Seriam responsáveis também pelo controle político e ideológico dos combatentes. Os comunistas adquiririam, com o passar do tempo, uma certa preponderância nesta organização, embora ela fosse teoricamente supra partidária.

O enquadramento geral das milícias não poderia excluir os seus membros estrangeiros. Em meados de outubro, os voluntários estrangeiros que se encontravam nas milícias e em unidades do EPR começaram a ser reagrupados na cidade de Albacete. Estavam sendo efetivamente organizadas as BI.

[67] Trecho da ordem de Largo Caballero para a criação do comissariado, 15 de outubro de 1936. Citado em COLOMER, Eduardo C. Op. cit., p. 44

CAPÍTULO 3: "VIVAN LAS BRIGADAS INTERNACIONALES".

3. 1 Os Combatentes Internacionais: de Madrid a Teruel (chegada do primeiro contingente brasileiro).

A quem se deveu a idéia, ou melhor, a decisão de criar as BI ainda hoje é objeto de intenso debate historiográfico dada a falta de documentos mais concisos e que possam estruturar as diversas hipóteses existentes.

Para alguns historiadores, como Delperrie de Bayac, autor de consagrado trabalho sobre as BI surgido no final da década de 60, a idéia de organizar um corpo militar composto unicamente por estrangeiros surgiu em agosto de 1936, no comitê central do PCE, entusiasmado com a atuação e a experiência acumulada pelos voluntários estrangeiros alistados no 5° Regimento[1].

Outros autores, como Fernando Schwartz e Santiago Álvarez, situam a origem das BI a partir de uma reunião realizada em 26 de julho de 1936 em Praga, entre membros da *Komintern* e da *Profintern*[2]. Já o professor Hugh Thomas credita a idéia ao comunista francês Maurice Thorez (secretário geral do PCF), embora sem muita certeza, situando o fato vagamente no mês de setembro de 1936[3].

---

[1] BAYAC, Jacques Delperrie de. Op. cit., p. 70.
[2] SCHWARTZ, Fernando. Op. cit., p. 207 e ÁLVAREZ, Santiago. **História Política y militar de las Brigadas Internacionales.** Madrid: Compañia Literária, 1996, p. 60-61. *Profintern* era a Internacional Sindical Comunista.
[3] THOMAS, Hugh. Op. cit., p. 487-488.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

Por sua vez, Kenneth Bradley afirma que membros do comitê executivo da *Komintern* reuniram-se em meados de setembro de 1936 na sede da *Narodny Kommiisari at Vnutrennikh Del* (NKVD)[4], a prisão Lublianka em Moscou, para discutir a formação de uma unidade estrangeira para auxiliar a República. Mas credita simultaneamente a idéia à vários líderes comunistas: Thorez, Tom Wintringham do PC inglês, o embaixador russo na Espanha Marcel Rosenberg, o lider da IC George Dimitrov e Palmiro Togliatti do PC italiano, membro do CC do PCE[5].

No entanto, efetivamente parece que a decisão final não caberia aos funcionários da IC, mas sim diretamente a Stalin, conforme afirma César Vidal em sua vasta e recente obra sobre as BI[6]. Por estar ancorada em documentação antes inacessível, a sua versão pode ser a hipótese mais correta.

Uma vez inciado o processo de criação, uma delegação da *Komintern* composta por Luigi Longo, Pierre Rebiére e Stepan Wizniewski foi enviada até a Espanha para apoiar o PCE e discutir a idéia com o governo republicano. Houve uma fria recepção e algumas (talvez muitas) reticências por parte dos republicanos burgueses e de setores moderados dos socialistas espanhóis, que estavam no comando, e que temiam o rápido crescimento do até então pequeno PCE dentro do aparelho governamental, da mesma forma que este crescia dentro do novo Exército e das organizações militarizadas em geral.

Mas, forçado pela situação crítica da guerra (Madrid estava em perigo e prestes a cair nas mãos de Franco) e pelas pressões exercidas pelos comunistas, o

[4] Literalmente, Comissariado Popular para Assuntos Internos, uma espécie de polícia política.
[5] BRADLEY, Kenneth. Op. cit., p. 6.
[6] VIDAL, César. Op. cit., p. 52.

governo republicano aceitou e a *Komintern* começou, assim, a instalar uma rede de recrutamento de voluntários para fazer parte das BI a partir da França, utilizando como base a sede do PCF, na Rue Lafayette, 128, em Paris. As BI foram autorizadas e aceitas oficialmente pelo governo da República em 22 de outubro de 1936. Eram a concretização, no plano militar, da tática política e eleitoral da Frente Popular Antifascista.

A criação das BI provocou diversas reações no setor governamental. Se, por um lado, a República precisava de um exército regular e treinado que substituísse os insurretos *"Tércio de Extranjeros"* e o *"Ejército Peninsular"*, por outro lado, se temia que as BI e o 5º Regimento se tornassem um exército "particular" comunista, transformando a Espanha em um satélite moscovita.

Este temor não era privilégio só de republicanos burgueses ou socialistas moderados intranquilos com a possibilidade de perderem o poder. À esquerda do caleidoscópio político, os poumistas e os anarquistas, em especial, desconfiavam da presença dos estrangeiros trazidos pela *Komintern*, da mesma maneira que desconfiavam dos assessores soviéticos que, ao reforçar o poder e prestígio dos comunistas espanhóis e proteger as instituições republicanas, colocavariam um sério entrave à possibilidade de uma revolução libertária vitoriosa[7]. Outros setores do governo, como o então primeiro ministro Largo Caballero, mais pragmático e ocupado demais com o inimigo batendo às portas do seu palácio para poder verificar as reais intenções da *Komintern*, acabaram aceitando as BI quase que como um fato consumado[8].

[7] THOMAS, Hugh. Op. cit., p. 497.
[8] O decreto de criação das BI, datado de 22 de outubro oficializava, portanto, unidades militares estrangeiras que já haviam sido constituídas dez dias antes. Ver a respeito VIDAL, César. Op. cit., p. 67-68.

Oficialmente, as Brigadas passariam a ser consideradas uma espécie de "legião estrangeira antifascista", posição que os voluntários internacionais nunca aceitariam. Os chamados "internacionais"[9] detestaram o fato de serem comparados com uma unidade de mercenários considerada como o "refúgio da escória da humanidade". Afinal de contas, eles lutavam por seus ideais e não por um soldo. É preciso lembrar que existia um forte sentimento moralista e ético em toda a esquerda durante os anos 30 que reforçava estes aspectos. Além disso, ser membro das BI dava um enorme *status* entre a classe trabalhadora e o *esprit de corps* da unidade de elite foi incentivado pela propaganda da *Komintern*. Ou seja, fazer parte das BI era pertencer a "flor e nata" do proletariado internacional.

Para o PCE e o 5° Regimento comunista, a estas alturas praticamente dissolvido dentro do EPR, a criação das BI foi de vital importância, pois representou um fortalecimento do partido e dos comunistas na Espanha, na época um pequeno partido com pouca expressão. Nas palavras de Delperrie de Bayac, o PCE faria das BI sua "Guarda Pretoriana"[10].

Para Stalin, a criação das BI poderia reforçar a posição dos comunistas na Espanha e, temendo que o PCE tentasse utilizar as BI para fins próprios sem sua autorização (um golpe de estado, por exemplo), fez questão de que as Brigadas fossem pelo menos nominalmente subordinadas ao governo espanhol e integrantes do EPR. Embora fosse inegável o seu elevado grau de autonomia perante o EPR, pelo menos até fins de 1937.

[9] Utilizaremos o termo "internacionais" para designarmos os membros das BI ou os estrangeiros que serviam no EPR. Era o termo que eles mesmos utilizavam na época.
[10] BAYAC, Jacques Delperrie de. Op. cit., p. 73.

A URSS, que pretendia uma aproximação com as potências ocidentais frente a ameaça alemã, estava ciente de que um governo dominado totalmente pelos comunistas na Espanha poderia provocar um efeito contraproducente à sua política de aproximação. Neste sentido, a ajuda prestada pela URSS na forma das BI deveria ser ocultada, assim como o todo o papel exercido pela *Komintern* no recrutamento dos voluntários. O movimento de voluntários para a Espanha deveria continuar parecendo algo completamente espontâneo e não organizado por uma instituição sediada em Moscou[11]. De qualquer modo, as BI foram para a URSS um grande sucesso de propaganda e prestígio internacional não só no movimento comunista, mas nos meios democráticos em geral. Com o consentimento de Stálin, a *Komintern* começou a enviar a Espanha os primeiros 500 a 600 voluntários.

Todos estrangeiros que residiam temporariamente na URSS, velhos militantes comunistas, proscritos em seus países de origem. Dava-se preferência aos que tivessem experiência militar prévia [12]. Com esta manobra, o líder soviético livrou-se não só de testemunhas contrárias a seus expurgos em franco desenvolvimento, mas também de elementos potencialmente perigosos, quanto a sua postura ideológica e que não fossem totalmente subservientes a seus desígnios. Era o início do período dos grandes expurgos que depuraram o partido bolchevique de elementos considerados "desagregadores e antirevolucionários" pela corrente stalinista instaurada no poder. Muitos dos líderes militares e políticos enviados pela *Komintern* a Espanha seriam posteriormente trazidos de volta para a URSS, julgados e condenados, ou então, misteriosamente "desaparecidos em combate" na própria

[11] VIDAL, César. Op. cit., p. 63-64.
[12] MESCHERIAKOV, Mikhail. "Las Brigadas Internacionales en España". In: **La España del Siglo XX.** Moscú: Academia de Ciencias de la URSS, 1983, p. 57.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

Espanha, como o alemão Hans Beimler e o italiano Guido Picelli, mortos pela NKVD por criticar Stalin ou os rumos tomados pela URSS[13], mas apresentados posteriormente como heróis das massas proletárias. Mortos eram inofensivos e sua imagem popular, principalmente entre seus conterrâneos, poderia ser facilmente instrumentalizada e construída para fins propagandísticos.

Ainda em outubro, deu-se início ao recrutamento em massa de voluntários para as BI. Nos primeiros dias ainda não existiam as condições materiais desejadas pela IC para selecionar todos os voluntários que se apresentavam. Pouco depois, iniciou-se um processo duplo de filtragem dos candidatos a combatentes. Para ser aceito, o candidato deveria passar (em tese) por um breve exame médico realizado pelo centro recrutador no país de origem, na França, ou então ao chegar a Espanha. Isso evitaria que elementos inaptos fisicamente ou desequilibrados mentais se ingressassem nas BI, o que nem sempre pôde ser evitado.

No entanto, a filtragem mais importante era a político-ideológica. Mesmo que tecnicamente pluralista e aberta a todos os espectros políticos incluídos na Frente Popular, o controle político era rigoroso e foi crescendo ao longo do conflito, tornando-se cada vez mais sofisticado e elaborado. Sempre existia o perigo da infiltração de espiões nazistas ou fascistas, agentes policiais estrangeiros e elementos provocadores, ou seja, "trotskistas". O medo da infiltração inimiga está evidente no relato de Luigi Longo, primeiro comissário geral das BI:

> *Es indispensable para la seguridad de los voluntarios y la eficacia de nuestro trabajo, tomar las medidas necesarias de vigilancia y control.* (...) *Estamos ciertos de que entre los miles de generosos, honestos y*

[13] Tanto o livro de CIERVA, Ricardo de la. Op. cit., p.159 quanto o de PAZ, Abel. Op cit., p. 210-211, trazem informação sobre as mortes de Beimler e Picelli.

> *entusiastas voluntarios que llegan a Albacete de todas partes del mundo, los servícios secretos y de espionaje de Hitler, Mussolini y Franco habrán enviado el mayor número posible de agentes, para realizar espionaje en nuestras filas, para sembrar la cizaña y la desmoralización entre los voluntarios*(...)[14].

Certamente não se tratava de um medo infundado. Houve, de fato, alguns espiões e agentes infiltrados nas BI, e não somente das potências fascistas, mas também das polícias da França, da Inglaterra e de outros países. Mas a paranóia da espionagem e da sabotagem era muito maior que a realidade e, na verdade, justificou muito mais a repressão aos dissidentes políticos do stalinismo do que atingiu agentes inimigos e a espionagem policial[15]. Qualquer voluntário que emitisse uma opinião contrária à posição oficial comunista podia ser simplesmente enquadrado como espião ou traidor, com conseqüências nefastas. No Capítulo 4 trataremos a respeito do controle exercido sobre os voluntários brasileiros.

Era necessário que os candidatos apresentassem referências e credenciais, mesmo se comunistas, ou apadrinhamento por parte de responsáveis políticos ou sindicais, caso não fossem comunistas, para poder ingressar nas unidades internacionais[16].

Preferiam-se homens com alguma prática militar, mas no início quase todos eram aceitos: havia uma certa urgência para formar as BI e havia cotas mínimas de recrutamento que os partidos comunistas deveriam cumprir, mas que nem sempre tinham condições objetivas de fazê-lo. Era o caso, por exemplo, do PCB que

[14] LONGO, Luigi. Op.cit., p. 54.
[15] Acertadamente, Bayac afirma que dado o peculiar contexto da guerra, a paranóia da espionagem estava presente em todos os âmbitos das forças republicanas, não somente nas BI ou no EPR. BAYAC, Jacques Delperrie de. Op. cit., p. 157-161.
[16] BAYAC, Jacques Delperrie de. Op. cit., p. 82.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

encontrando-se ilegal e completamente desarticulado no Brasil teria, em tese, de fornecer uma cota de 100 voluntários para a causa republicana[17]. Quanto à orientação política dos seus candidatos, o discurso oficial rezava que "qualquer uma desde que antifascista". Na verdade, tentava-se minimizar, pelo menos externamente, a nítida orientação comunista das BI já que poderia afetar a desejada anuência dos setores burgueses e moderados da FP. Como já dissemos, as BI deveriam parecer ser a materialização concreta da FP antifascista. Portanto, toda a gama de partidos e organizações políticas consideradas progressistas e aliadas da FP deveriam estar nela representados, ainda que na prática não ocorresse conforme o planejado.

Mas de onde vinham e o que faziam estes voluntários? Eram homens (e muito poucas mulheres) vindos principalmente de países europeus, americanos, e até uns poucos africanos e asiáticos. Calcula-se que vieram de 54 países, embora o cálculo ainda possa ter uma boa margem de erro: muitas nações ainda faziam parte do império colonial francês ou britânico. Portanto, cipriotas, palestinos e egípcios podem estar incluídos como "britânicos"[18].

De um modo geral, podemos dizer que os homens que sinceramente se apresentaram como voluntários para lutar na Espanha o fizeram baseados em um ideal que colocaram temporariamente acima das suas próprias diferenças partidárias, religiosas ou até mesmo de classe social: o antifascismo. Ao defender a República Espanhola eles realmente acreditavam que estavam a defender suas casas, seus países e toda a humanidade contra o obscurantismo e a barbárie representada pelo fascismo.

[17] Ver ALMEIDA, Paulo Roberto. Op. cit., p. 44, e DULLES, John W. F. Op. cit., 1985, p. 176.
[18] BAYAC, Jacques Delperrie de. Op. cit., p. 13.

Mas também é realidade que a grande maioria de voluntários veio dos próprios partidos comunistas e seus sindicatos. A participação de liberais, socialistas ou mesmo antifascistas sem partido foi pequena.

Quanto à composição social dos membros das Brigadas podemos dizer que eram essencialmente proletários oriundos dos grandes conglomerados urbanos e industriais. Uma boa parte deste "exército de operários" da *Komintern* encontrava-se desempregada, sofrendo ainda com os efeitos tardios da pavorosa crise de 1929, e a guerra na Espanha oferecia-lhes de certa forma, uma oportunidade.

Havia também entre eles muitos estudantes (secundaristas e universitários), uma característica bastante comum entre os britânicos, canadenses e estadunidenses. Havia ainda alguns militares, principalmente entre os europeus (veteranos da Primeira Guerra Mundial) e também militares profissionais vindos dos países latino-americanos, como os cubanos, os mexicanos e o pequeno contingente brasileiro. Não podemos esquecer a presença de uns quantos profissionais liberais, basicamente médicos que formariam posteriormente o corpo sanitário das BI, bem como alguns elementos de origem camponesa. E, finalmente, o que seria chamado de "a escória da terra": aventureiros, mercenários, alguns criminosos proscritos[19] e desertores de outros exércitos: franceses, devido à proximidade com a fronteira e italianos do CTV de Mussolini que se encontravam em terra espanhola.

Além da central de recrutamento em Paris, existiam ainda outros centros de recrutamento e foram, principalmente, as sedes dos partidos comunistas locais.

[19] O documento publicado em 1948 pela Oficina de Información Española trata despectivamente os homens das BI como se fossem quase todos provenientes ou do submundo do crime parisiense ou dos *ghettos* da Europa central, numa clara referência preconceituosa e racista a origem judaica de muitos integrantes das BI. Ver OFICINA INFORMATIVA ESPAÑOLA. Op. cit., p. 83.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

Porém, em lugares onde os comunistas haviam sido banidos ou encontravam-se ilegais, o recrutamento era realizado de modo clandestino. Assim, sob inocentes fachadas de bares, lojas e restaurantes ocultou-se uma eficiente organização subterrânea que se encarregou de captar voluntários e enviá-los para a França, de onde foram repassados para a Espanha[20].

Quase tudo deveria ser realizado de forma semiclandestina, visto que a França compactuava com a política de não intervenção. Se fossem pegos pela *Gendarmerie* ou pela polícia francesa, os candidatos a voluntários seriam presos ou repatriados, o que para alguns, como italianos e alemães, poderia significar o fim. Por outro lado, existem vários relatos do início da guerra demonstrando que diversas autoridades francesas, simpáticas com a Republica, fizeram "vistas grossas" ao trânsito de voluntários pela fronteira[21].

De qualquer modo, a passagem pela França em direção a Espanha sempre foi realizada de maneira cautelosa, para evitar levantar suspeitas e problemas com o governo francês. A travessia da fronteira era inicialmente realizada por um trem que partia de Perpignan. Com o passar do tempo, e dados os vaivéns da política externa francesa, a travessia tornou-se extremamente perigosa e freqüentemente foi realizada à pé através dos Pirineus, como o fizeram alguns brasileiros.

Também criaram-se por incentivo da *Komintern* diversos "Comitês de Ajuda ao Povo Espanhol" integrados à estrutura dos PC's e que se encarregaram de enviar mantimentos, víveres e roupas para a Espanha. Muitos destes comitês também financiaram a viagem aos voluntários internacionais. O comitê sediado em New

[20] BRADLEY, Kenneth. Op. cit., p. 8.
[21] Relato do voluntário belga Nick Gillain em OFICINA INFORMATIVA ESPAÑOLA. Op. cit., p. 63-64.

York do *Communist Party of United States of America* (CPUSA), por exemplo, pagou a passagem de alguns dos voluntários brasileiros [22].

A cidade de Albacete, que já possuia uma base do 5° Regimento, foi escolhida para ser a base das BI. Desta forma, somaram-se aos voluntários que já estavam na Espanha (previamente agrupados na cidade), os recém chegados da URSS e os primeiros contingentes vindos da França. O escolhido para comandar as BI foi André Marty, veterano líder comunista e homem de confiança da *Komintern*. Foi exaltado como herói pela *Komintern*, onde era conhecido como "o amotinado do Mar Negro"[23]. No entanto, foi odiado por boa parte dos seus subalternos e da tropa, que se referia a ele como "o açougueiro de Albacete", conforme testemunham diversos relatos e memórias de ex-combatentes[24], e também não foi perdoado pela maioria dos historiadores ou escritores especializados na Guerra Civil Espanhola que simplesmente o qualificaram como um doente mental. [25]

De imediato, começou a se formar um comitê militar encarregado de reorganizar os voluntários de acordo com seus grupos nacionais e dividí-los em unidades correspondentes. Criou-se também um comitê de organização para cuidar dos suprimentos, alojamentos e outros serviços essenciais às BI: estava sendo criado um Exército.

[22] Literalmente, Partido Comunista dos Estados Unidos da América (CPUSA). Conforme eles mesmos escreveram nas suas "Biografias de militante", no item sobre os meios utilizados para chegar a Espanha. A referência consta na ficha de Delcy Silveira, Homero de Castro Jobim e Eny Silveira, embora seu irmão Delcy tenha dito em depoimentos que Eny pagou a própria passagem com recursos obtidos de familiares. Ver :"Biografias de militantes", Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.

[23] Durante a intervenção estrangeira na Guerra Civil russa em 1919, Marty era um suboficial da Marinha francesa e liderou um motim à bordo para evitar o ataque contra os bolcheviques.

[24] O livro do professor Eby contém inúmeros relatos sobre as atitudes despóticas de Marty. Ver EBY, Cecil. Op. cit.

[25] Autores tão dispares quanto Hugh Thomas, Cecil Eby, Herbert Matthews, Bayac e recentemente César Vidal se referem igualmente a Marty em termos pouco elogiosos.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

A primeira unidade criada foi a 9ª Brigada Móvel que foi reorganizada em novembro de 1936, por decisão de Largo Caballero, como a *XI Brigada Mixta Internacional.* Foram agrupados nesta brigada homens de diversos grupos nacionais subdivididos em batalhões que obedeciam mais a uma lógica lingúistica do que a uma identidade nacional propriamente dita. O caráter "misto" da Brigada não se referia à composição nacional, mas sim à composição das especialidades militares dentro da Brigada, como já foi explicado anteriormente.

Calculava-se em torno de um a dois meses o tempo necessário para a formação de cada unidade, porém as prementes necessidades reduziram este prazo ao extremo: duas ou três semanas apenas. Um tempo exíguo, ainda mais se levarmos em conta que a maioria dos voluntários sequer tinha passado pelo serviço militar obrigatório de seus respectivos países. Com a aproximação dos rebeldes a Madrid, a XI BI, a primeira unidade internacional da *Komintern*, conhecida também por "Thaelmann" devido à presença de um elevado número de alemães em sua composição, foi enviada às pressas para a frente de batalha. No Anexo Z, podemos acompanhar nos mapas o desenvolvimento das frentes ao longo da guerra.

Ainda no início de novembro, com a chegada de um novo contingente de voluntários cuja maioria era de italianos, foi formada a XII BI, a chamada "Garibaldi", e rapidamente enviada para a frente de Madri. Em dezembro, foram organizadas a XIII BI, que também seria conhecida por "Dombrowski", composta principalmente por cidadãos vindos de países da Europa oriental, e a XIV BI, "*La Marsellaise*", de composição franco-belga, todas elas prontamente deslocadas para o combate, apesar de que seus efetivos ainda não haviam completado o treinamento básico. Em fevereiro de 1937, formou-se ainda uma XV BI, com os primeiros

contingentes vindos da América do Norte e da Inglaterra e muitos latino-americanos. Os combates de Madri atingiram seriamente a XIII BI que perdeu boa parte de seus efetivos, cujos remanescentes foram reagrupados na 150° BI, e posteriormente criada uma outra, a 129° BI[26].

O elevado número de baixas exigia sempre constantes reorganizações entre as unidades, alterando sua composição, o que levava a improvisações feitas no campo de batalha e ocasionando a transferência de batalhões de uma brigada para a outra. Alguns outros estrangeiros ainda estavam agrupados em unidades espanholas, como a 86° Brigada Mista, que possuía um heterogêneo batalhão composto por americanos, ingleses, e irlandeses[27].

Também funcionavam na base em Albacete, unidades de apoio logístico essenciais para a manutenção das BI, tais como: serviço sanitário, oficinas para efetuar reparos em armas e viaturas, intendência, correios e escolas de treinamento especializado.

Foram preparados também hospitais e centros de repouso para acolher os feridos e os soldados em licença. Também foram de importância vital os diversos jornais editados em vários idiomas, destinados a cada unidade e que reforçavam o espírito e a moral dos combatentes. Existia toda uma máquina de propaganda a serviço da *Komintern* que procurava exaltar e explorar a imagem do voluntário internacional como um defensor da democracia e da liberdade. Esta propaganda destinava-se principalmente a atingir os chamados meios democráticos internacionais

[26] MESCHERIAKOV, Mikhail. Op. cit., p. 59-60.
[27] BRADLEY, Kenneth. Op. cit., p. 9.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

e cooptá-los para a luta antifascista. Nos Anexos W e X observamos exemplos de cartazes de propaganda exaltando a imagem das BI.

O serviço sanitário das Brigadas foi, sem dúvida, o melhor do exército republicano. Foi organizado a partir dos diversos comitês de ajuda a Espanha Republicana no exterior. Estes comitês continuaram responsáveis pela sua manutenção operacional, tanto do pessoal sanitário quanto pelo equipamento médico, passando pelas ambulâncias e seus motoristas. O comitê mais ativo foi a "Oficina de Ajuda Médica à Democracia Espanhola" criada pelo famoso cirugião novaiorquino Edward Barsky. Este médico era extremamente influente na comunidade judaica dos EUA que, a seu pedido, financiou grande parte das unidades sanitárias para a Espanha. Barsky dirigiu o primeiro destacamento médico das BI, chegando a Espanha em outubro de 1936 com um grande grupo de voluntários dos EUA. Posteriormente, foi nomeado chefe geral dos hospitais pertencentes às Brigadas, em 1938, durante a retirada do Ebro[28].

Em meados de outubro de 1936 já havia aproximadamente 4.000 voluntários internacionais que começaram a ser deslocados para acampamentos nos arredores de Albacete. A sua instrução militar ainda não estava completa e continuava sendo realizada em ritmo acelerado, tendo-se em vista a urgência do momento: os rebeldes estavam mais perto da capital. Para o final do mês, os novos recrutas receberiam suas armas e equipamentos. Itens das mais variadas origens possíveis obtidos das mais diversas fontes: antigos uniformes do Exército espanhol; capacetes espanhóis, franceses, tchecos e russos; alguns equipamentos do Exército francês; jaquetas e

[28] ACADEMIA DE CIENCIAS DE LA URSS. **La solidariedad de los pueblos con la República Española 1936-1939**. Moscú: Progreso, 1974, p. 141.

coletes de trincheira ingleses, assim como armas antigas provenientes de estoques de vários países (EUA, Canadá, França, Suíça, Alemanha, México, Japão, etc.).

Mais tarde, com a chegada do material russo, seriam equipados de forma padronizada de acordo com os moldes soviéticos. O comissário geral das BI, Luigi Longo, se referia aos primeiros armamentos e equipamentos obtidos para equipar os voluntários internacionais como peças de coleção dignas de figurar em acervo de museu[29].

Enquanto isso, na capital cercada desde o início da guerra, as perspectivas futuras não pareciam ser muito positivas. O ânimo da resistência de alguns parecia esmorecer, principalmente o dos membros do governo republicano. Ainda em outubro, o presidente Azaña havia abandonado a capital em busca de um lugar mais seguro e escolhera Barcelona como a nova sede presidencial. Em 6 de novembro foi acompanhado por Largo Caballero e todo o ministério que se retiraram para Valencia. Antes de partir, o primeiro ministro havia incumbido ao idoso general José Miaja Menant a defesa de Madrid.

Prontamente, Miaja convocou militares leais, chefes milicianos e líderes sindicalistas com o propósito de arquitetar um plano de defesa viável contando com os parcos recursos que tinha ao seu alcance. Mesmo assim especula -se que conseguiu reunir uma força de aproximadamente 50.000 combatentes, embora nem todos tivessem armas. Todos os esforços deveriam ser unidos em torno da defesa da cidade: se Madrid caísse, seria como legitimar o poder dos rebeldes e facilitar o seu reconhecimento por outras potências estrangeiras, além da Itália e da Alemanha que já haviam reconhecido Franco como novo chefe do Estado espanhol. O lema de

[29] LONGO, Luigi. Op. cit., p. 59.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

Verdun foi reeditado à la espanhola: *No pasarán! Madrid será la tumba del fascismo*[30]*!*

A máquina de propaganda republicana verteu todos seus esforços no sentido de infundir ânimo aos combatentes e fazer-lhes ver que a única saída era barrar o inimigo. Fora disso, não haveria chances de sobrevivência possível, pois Franco havia dito que se preciso fosse, arrasaria a cidade para "salvá-la do comunismo". De fato, Madrid começou a sofrer com os intensos bombardeios aéreos perpetrados pela aviação alemã e italiana, os quais se provocaram intenso pânico por um lado, por outro despertaram ou acirraram o ódio antifascista na população madrilenha, fortalecendo a sua vontade de resistir ao avanço inimigo.

Dois dias depois, diversos jornais do mundo (alguns com indisfarçável contentamento) já noticiavam antecipadamente a tomada da cidade pelos rebeldes, inclusive no Brasil. O Correio do Povo de Porto Alegre preparava os seus leitores para a vitória de Franco ainda no dia 7 de novembro de 1936:

> *Só resta aos defensores de Madrid uma única linha fortificada.*
> *DAS POSIÇÕES QUE MANTINHAM NOS ARREDORES DE MADRID, OS NACIONALISTAS LANÇARAM, HONTEM, NOVO E FULMINANTE ATAQUE*
> *Após duros combates as forças do general Varela conquistaram Campamento de Retamar, Cerro de Los Angeles e Villaverde, todos ligados aos subúrbios da capital – Estas conquistas significam que Madrid já está virtualmente tomada, pois a lucta só poderá, de agora em deante, desenvolver-se dentro da cidade*[31].

[30] IBARRURI, Dolores. Op.cit., p. 161 e ss.
[31] Correio do Povo, 07/11/1936, p. 1-2.

E no dia 8, uma espetacular manchete declarava o seguinte:

> *LUCTA-SE EM PLENO CENTRO DE MADRID*
> *Ás 16 horas de hontem, as forças nacionalistas entraram na capital hespanhola*[32].

A realidade porém era outra. As forças rebeldes, comandadas pelo general Varela, haviam sido repelidas em função de que o comando republicano ficara sabendo com antecedência dos planos do inimigo, podendo assim fortalecer suas posições deficientes[33].

Neste momento crítico ocorreu o batismo de fogo dos primeiros 1.900 voluntários da XI Brigada Internacional. Tão logo desembarcaram na capital marcharam pela *Gran Via* onde foram ovacionados pelo público que acreditava erroneamente estar vendo o próprio Exército soviético: *Vivan los rusos!*, gritavam os extenuados madrilenhos[34]. Seu aspecto marcial e sua disciplina contrastavam com a displicência natural das unidades milicianas remanescentes e que ainda não haviam sido integradas ao EPR. A visão dos voluntários estrangeiros infundiu ânimo à população e aos defensores da cidade.

Quase simultaneamente à chegada dos internacionais apareceu, também em Madrid, a famosa coluna anarquista liderada por Buenaventura Durruti, vinda da Catalunha como contribuição catalã ao esforço de guerra madrilenho[35]. No entanto, a

---

[32] Correio do Povo, 08/11/1936, p. 2.
[33] Os republicanos encontraram uma cópia dos planos rebeldes no bolso de um cadáver de um oficial italiano. Apesar de um pouco inverossímil, o fato é confirmado pela historiografia. VIDAL, César. Op. cit., p. 80, THOMAS, Hugh. Op. cit., p. 523.
[34] THOMAS, Hugh. Op. cit., p. 526.
[35] PAZ, Abel. Op. cit., p. 127 e ss.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

morte de Durruti em Madrid, simbolizou também a decadência do movimento anarquista espanhol.

Pouco depois dos desfiles, os internacionais foram enviados apressadamente ao combate. Por serem unidades de choque, as Brigadas foram encarregadas de defender os setores mais críticos por onde as tropas rebeldes podiam romper as desgastadas linhas defensivas republicanas. A essa altura, as forças inimigas haviam atravessado o rio Manzanares e ameaçavam os arredores de Madrid, onde se encontrava a moderna Cidade Universitária. Os batalhões "Dombrowski" e "Comuna de Paris" foram os encarregados de ocupar e defender os prédios universitários, e assim o fizeram, frequentemente atrás de prosaicas barricadas feitas com livros [36]. O batalhão "Edgar André" atacou a Ponte dos Franceses, que atravessava o Manzanares. Enquanto o batalhão "Garibaldi" permanecia em Albacete para organizar o núcleo da XII BI.

Os combates em Madrid foram extremamente sangrentos para ambos os lados beligerantes. A XI BI perdeu quase 40% de seus efetivos de combate. A XII BI, ainda incompleta em seus efetivos e seu treinamento, partiu para Madrid em meados de novembro, tendo travado ferozes combates em Cerro de los Angeles e La Marañosa, onde permaneceram para fortalecer o perímetro da capital frente aos ataques dos rebeldes. Após três semanas de batalha, e verificar que não conseguiam avançar como planejado, as tropas inimigas começam a desistir da tomada da capital. O comandante dos rebeldes, o general Franco, decidiu que não era o momento adequado. Assim, os rebeldes mudaram seus planos e decidiram assediar a cidade

[36] LONGO, Luigi. Op. cit., p. 72-74.

através do cerco às vias de suprimentos da capital, ou seja, as diversas estradas de ligação com as cidades do interior, principalmente as capitais provinciais.

O povo espanhol, não somente de Madrid mas também de outras regiões que vieram em auxílio, alistado nas indefectíveis milícias partidárias e sindicais, mais o incipiente EPR, e as Brigadas Internacionais salvaram a cidade e evitaram o colapso imediato da República. Não podemos esquecer os indispensáveis armamentos que recém haviam chegado da URSS. Contudo, podemos dizer que as BI tiveram um papel relevante na defesa. Talvez nem tanto no sentido militar, mas principalmente como força política e moral. Os internacionais fizeram ver aos espanhóis, que não estavam sós na luta contra um inimigo poderoso apoiado por potências belicosas. A aparição das BI num momento oportuno, associado ao eficiente trabalho propagandístico dos comunistas para conferir-lhes uma aura de heroísmo indômito, fez das Brigadas uma lenda.

Entre os estrangeiros que defenderam Madrid, devemos destacar ainda a presença dos discretos conselheiros soviéticos que trabalharam em conjunto (embora não muito harmonioso) com os militares republicanos. Não podemos esquecer também a presença de uma coluna de anarquistas estrangeiros que vieram com Durruti[37]. E ao que tudo indica, parece que tivemos pelo menos um brasileiro participando na histórica defesa de Madrid: o jovem vidraceiro Rafael Igual Garcia, descendente de espanhóis, nascido em Tabacuã, São Paulo. Teria combatido em

[37] PAZ, Abel. Op. cit., p. 128.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

Madrid incorporado a uma coluna anarquista, a *"Nosotros"*. Vivia desde pequeno na Espanha [38].

Com a derrota momentânea dos insurgentes frente a Madrid o governo republicano se fortaleceu e passou à ofensiva. A cidade de Teruel era um ponto rebelde encravado em pleno território republicano. O objetivo era cercar a cidade e cortar suas ligações com o território em mãos do inimigo. Em inícios de dezembro de 1936, uma nova Brigada Internacional, a XIII, foi encarregada desta tarefa. A XIII BI era composta principalmente por balcânicos, poloneses e tchecos, mas um de seus batalhões conhecido por "Tchapaiew" possuía membros de 21 nações entre as quais um único brasileiro, cujo nome infelizmente se desconhece[39].

Segundo o veterano comissário das BI, Luigi Longo, o assalto a Teruel teve extrema importância visto que mostrou a capacidade ofensiva do novo EPR e das BI, desmoralizando os rebeldes, além de aliviar a pressão sobre os arredores de Madrid, obrigando Franco a deslocar a sua legião estrangeira, o *Tercio* e os mouros, para defender Teruel. Os efetivos da XIII BI combateram valorosamente, mas devido à superioridade numérica do inimigo foram obrigados a retirar-se em meados de janeiro de 1937[40].

---

[38] Assim consta na Ficha bibliografica individual de Rafael Igual Garcia, datada de 19/12/1938. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL. No entanto, há um ponto obscuro: sabe-se que *Nosotros* era o jornal portavoz da milícia *Columna de Hierro*. A partir daí , podemos pensar em duas hipóteses: ou o *Nosotros* tinha uma unidade dentro da *Columna de Hierro*, o que não seria impossível, ou então quem preencheu a ficha tenha cometido um equívoco, trocando os nomes. Outro ponto interessante nesta ficha é que deixa entender que Igual Garcia fora filiado a CNT, mas o nome da central anarquista estava riscado e ao seu lado foi escrito a mão "*Sin carnet*". Dado o processo de bolchevização do EPR, cabe supor que Igual Garcia, como muitos outros em similares condições, pretendia minimizar o seu comprometimento anterior com os anarquistas para mostrar-se mais simpático aos comunistas: questões de sobrevivência. Um parecer do PCE, emitido em 20/10/1938 o colocava como um indivíduo "*Muy poco sério, conducta regular*". Outro parecer, emitido por Costa Leite, responsável pelos brasileiros na Espanha, dizia que Igual garcia era apenas "*antifascista, sin conocimientos políticos y no instruído*". Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.

[39] O tal brasileiro teria sido incorporado em abril de 1937, segundo consta em BAUMANN, Gino G. Op.cit., p. 70. Referência semelhante consta em VIDAL, César. Op. cit., p. 95.

[40] LONGO, Luigi. Op. cit., p. 123 e ss.

No entanto, segundo outro autor, a guarnição inimiga era inferior em número aos atacantes, que além da XIII BI contavam com uma unidade miliciana da CNT. O atrito produzido entre os voluntários internacionais e os anarquistas, somado à desmoralização e às deserções na tropa, sem falar na péssima atuação da força aérea "privada" de Malraux , é que teriam contribuído para o fracasso geral das operações. Teruel voltaria a ser novamente palco de conflitos, como veremos um pouco mais adiante[41].

Também em dezembro de 1936 foi criada a XIV BI. Na sua composição constavam principalmente voluntários franceses e belgas. Os seus quatro batalhões, ainda despreparados, foram imediatamente enviados para deter o avanço inimigo em Lopera, onde devido a deficiências no comando e total desconhecimento do terreno foram quase dizimados [42].

Durante o mês de janeiro de 1937 as quatro BI realizaram esforços para repelir os ataques dos rebeldes em vários pontos estratégicos. Isto ocorreu primeiramente na estrada Madrid-La Coruña que foi defendida pela XI Brigada, sofrendo perdas de tal magnitude que teve de ser retirada para ser reorganizada. As cidades de Málaga e Almeria foram atacadas pelas tropas do general rebelde Queipo de Llano e um enorme contingente de fascistas italianos recém desembarcados.

A cidade de Málaga, por estar isolada geográficamente, foi defendida apenas pelos milicianos da CNT-FAI, unidades da UGT e policiais da *Guardia de Asalto*. Contudo, a cidade caiu nas mãos rebeldes com relativa facilidade, apesar dos violentos combates travados. A falta de coesão, organização e disciplina das milícias

[41] VIDAL, César. Op. cit., p. 97.
[42] Um oficial frances, Gaston Delasalle foi fuzilado como responsável pelo desastre. Na verdade, parece que Delasalle era um desafeto político de André Marty, chefe das BI, tendo-se tornado um bode expiatório. CIERVA, Ricardo de la, Op. cit., p. 207-208.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

defensoras cobrou seu altíssimo preço. Por sua vez, Almeria conseguiu receber unidades da XIII Brigada que se encarregaram de organizar efetivamente a defesa, mesmo com a chegada do rigoroso inverno. Embora conseguissem manter o controle da região, foram insuficientes para conter o poderoso avanço dos rebeldes pela província da Andaluzia.

Ainda no inverno de 1937, operando sob severas condições climáticas, a XIV Brigada francófona conseguiu frear os ataques do inimigo na Sierra de Guadarrama, salvando novamente Madrid do cerco. Após esta derrota, os rebeldes passaram à ofensiva no setor sudeste, mais precisamente no Vale de Jarama. As batalhas em torno ao Jarama foram as mais difíceis da guerra da Espanha. O objetivo principal das tropas de Franco era privar a capital de sua linha vital de suprimentos, a estrada Madrid-Valencia. Se a estrada caísse em mãos dos rebeldes, Madrid cairia também. Para realizar o plano de ataque, os rebeldes contavam com cinco regimentos sob o comando do general Varela. Uma força mista de legionários do *Tércio* e mouros, apoiados pelos eficientes alemães da Legião Condor, encarregados da artilharia e do vital suporte aéreo.

Para enfrentar os atacantes estavam presentes três Brigadas Internacionais : a XII, a XIV e a recém formada XV, composta de norte-americanos, ingleses e sul-americanos. Em meados de fevereiro de 1937 se somaria ao combate a XI Brigada que estava se recompondo das perdas anteriores e recebendo novas levas de voluntários recém chegados a Espanha. Entre eles, um recruta brasileiro de origem francês, André Mançon, alistado no batalhão “Comuna de Paris”. Posteriormente,

esse batalhão foi remanejado para a XIV BI, onde Mançon foi promovido a sargento[43].

Ferozes combates foram travados ao longo da estrada Madrid-Valencia e por toda a região durante cinco meses. A novíssima XV BI quase foi dizimada, tendo sido presa fácil, devido ao seu despreparo militar e comando ineficiente que provocou enormes baixas nos batalhões americanos e ingleses. Na realidade, os internacionais somaram-se às Brigadas do famoso comandante popular Enrique Líster e outras unidades regulares do EPR que representavam a maior parte da tropa. O inimigo avançou efetivamente algumas milhas, mas a estrada Madrid-Valencia continuou sob controle republicano, sendo a via principal de abastecimento da capital durante vários meses, quase até o fim da guerra. As baixas republicanas e das BI somadas totalizaram aproximadamente 10.000 homens[44].

Desde os primeiros meses de 1937 começava a ser incorporado nas BI um elevado número de recrutas espanhóis, parte incorporada por motivo de convocação ao serviço militar e parte devido à absorção das antigas milícias pelo EPR. O processo de militarização das milícias, iniciado em setembro de 1936, encontrava-se bastante adiantado. Diversas milícias já haviam sido dissolvidas, a começar pelas comunistas que haviam se tornado a espinha vertebral do novo Exército popular. Outras, como algumas dos anarquistas, já haviam sido enquadradas no esquema militarista do EPR, apesar de tentarem manter um caráter mais informal e uma certa coesão ideológica entre seus membros. Alguns ex-milicianos não-comunistas, após serem considerados "aceitáveis" ideologicamente foram enviados também para

[43] André Mançon: Ficha de combatente, Comissariado de Guerra das BI, outubro 1938?. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.
[44] BRADLEY, Kenneth. Op. cit., p. 24.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

suprir vagas nas Brigadas Internacionais. Luigi Longo, comissário e posteriormente inspetor geral das BI, temia a ação dos elementos "desagragadores" dentro dos internacionais, provenientes principalmente das milícias anarquistas da CNT-FAI, que pretendiam continuar operando independentemente do governo e do comando central do EPR[45].

No entanto, é preciso destacar que o movimento anarquista espanhol encontrava-se já dividido entre os que eram favoráveis a uma forma atenuada de militarização e aqueles cujos preceitos ideológicos negavam completamente qualquer forma de controle estatal. É por isso que dentre os primeiros, diversos membros oriundos das milícias cenetistas acabaram sendo incorporados às BI ou ao EPR e adequando-se à estrutura disciplinar do Exército popular. Sem falar que a rigorosa luta ao redor de Madrid e o exemplo dado pelas BI demonstrou aos anarquistas que era preciso mais que simples entusiasmo e ardor revolucionário para se vencer uma guerra. Neste ponto, o sistema de organização militarizado das BI parecia ser bem mais eficiente que o tipo de luta desenvolvido pelas milícias[46].

Enquanto isso, as antigas milícias do POUM na Catalunha, que já haviam sido dissolvidas uma vez e aceitado ser enquadradas no EPR como a "29° Divisão", viram pouco tempo depois a sua unidade ser completa e definitivamente desarticulada e muitos dos seus líderes presos (alguns até executados), acusados injustamente de estar envolvidos em uma conspiração colaboracionista com Franco e seus comparsas nazi-fascistas. Eram os resultados dos enfrentamentos entre a CNT-FAI e o POUM por um lado, contra o governo e os comunistas do outro, ocorridos em maio de 1937 quando Barcelona havia se tornado palco de um dos momentos

[45] LONGO, Luigi. Op. cit., p. 173.
[46] BELLOTEN, Burnett. Op. cit., p. 253 e ss.

mais dramáticos da guerra espanhola. Já que não poderiam eliminar a poderosa influência anarquista em combate frontal, os líderes do PCE e do PSUC decidiram pela eliminação de um inimigo menor. Denunciaram assim o "desviacionismo fascista do POUM", sua ligação com Trotsky e mais uma súmula de falsidades, com vistas a exterminar qualquer possibilidade realmente revolucionária dentro da Espanha. Deste modo, importavam-se para a Espanha os expurgos de Moscou.

O lider do POUM, Andreu Nin foi preso sem julgamento prévio sob a acusação de alta traição, sendo torturado e morto pela Brigada Especial da polícia republicana com a devida supervisão de agentes do NKVD na prisão em Alcalá de Henares, uma autêntica "base soviética" na Espanha Republicana, segundo palavras de Thomas[47].

Aos militantes dos batalhões do POUM não restava muito a fazer. Ou voltavam desiludidos para casa, onde se arriscariam a ser apontados como traidores e talvez acabar presos ou expurgados, ou então aceitavam ser alistados em outra unidade do EPR, politicamente depurada. Francisco de Cabo Vives, veterano do POUM, nos esclarece em seu depoimento esse complexo dilema:

> *De vuelta a casa, me encontraba ante una situación difícil de resolver.* (...) *Estaba indeciso. Un dia al levantarme, le dije a mi compañera: -He tomado una decisión pero es como tirar una moneda al aire.* (...) *Prefiero morir en el frente que asesinado clandestinamente en la retaguardia. Iré a la caja de reclutamiento para alistarme como simple soldado. Puede que pase, com un poco de suerte, desapercibido-*[48].

---

[47] Segundo THOMAS, Hugh. Op. cit., p. 517. Trataremos mais adiante sobre a delicada questão do POUM e o assassinato de Andreu Nin, que contou com a ativa participação de um agente brasileiro a serviço do NKVD: "Jusik".

[48] VIVES, Francisco de Cabo **Un Poumista en las Brigadas Internacionales.** [online] http://www.fundanin.org/cabi.htm (18/10/2001), p. 2.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

Foi também provavelmente o caso do brasileiro Morgado Acacia Monteiro, residente em Santos (SP) e chegado a Espanha em 26 de dezembro de 1936. Na sua ficha dos arquivos da IC consta que estava incorporado a 150 Brigada, uma das primeiras unidades compostas por internacionais e espanhóis, após abandonar uma unidade "trotskista"[49].

Um caso similar pode haver ocorrido com Alberto Roberto Bomílcar Besouchet, o primeiro militar brasileiro a chegar na Espanha em 1936 enviado pelo PCB. Presume-se que Besouchet tenha abandonado a linha ortodoxa e simpatizado com o POUM, chegando a combater em suas fileiras. A trajetória de Besouchet na Espanha é ainda hoje obscura, mas se sabe que foi morto em circunstâncias ainda não elucidadas[50].

O trabalho de coesão política dentro das BI tornou-se cada vez mais complexo a medida que os novos recrutas ingressavam na tropa, exigindo dos comissários políticos uma intensa instrução ideológica: primeiro, por causa da presença de "desviacionismos poumista e cenetista", segundo, porque enfrentavam-se sérios problemas de deserção e, apesar da intensa propaganda comunista para o recrutamento de voluntários, o fluxo de estrangeiros em direção a Espanha estava decrescendo violentamente. Por último, a maioria dos novos recrutas espanhóis integrados nas BI ou no EPR não possuía mais o perfil do combatente politizado do inicio da guerra. As notícias que se publicavam acerca da Espanha não eram as melhores, principalmente quando os jornais noticiavam freqüentemente depoimentos de desertores das BI, do tipo deste que reproduzimos abaixo:

[49] Ficha de Monteiro, Morgado Acacia. Sem data. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.
[50] O caso de Besouchet, por sua complexidade é tratado no item 4.3.

> *Communistas francezes voltam desiludidos da Hespanha:*
> *PARIS, 22* (*A.B.*) *– "Le Jour" publica informações de quatro communistas francezes, recentemente chegados da Hespanha, encontram-se tão decepcionados como os que anteriormente regressaram dali. Ratificam as noticias de que se verificam em Madrid verdadeira caçadas humanas, chefiadas por elementos russos, os quaes querem a todo custo extinguir os inimigos e os suspeitos, seja de que modo for. Os milicianos sobre os quaes recahe qualquer suspeita marcham para a frente guarnecidos por soldados soviéticos, armados de pistolas automaticas com a ordem de atirar no momento em que os milicianos não queiram avançar.*
> *Os russos, não se subordinam aos elementos francezes, que são mais intelligentes e capazes, tanto na arte da guerra como em tudo. Os voluntarios francezes dizem que a comida fornecida aos soldados na frente de combate é pessima e que na rectaguarda a ração não dá para matar a fome. Os voluntarios, que agora regressaram, affirmam que foram enganados ao serem recrutados, pois só receberam 25 francos ao serem alistados. Dizem que agora farão todo o possível para desenganar seus compatriotas que desejarem luctar pela Hespanha Vermelha*[51].

Ainda no início de 1937 o governo republicano iniciou um processo simultâneo de planificação e organização das forças produtivas e das forças combatentes no sentido de centralizar as ações ainda bastante dispersas. O governo perseguia obstinadamente seu objetivo de retornar à institucionalidade perdida e controlar o aparelho do Estado. O PCE jogou um importante papel nestas diretrizes devido a sua crescente inserção no governo e penetração nas camadas médias que viam no PCE a salvação contra o radicalismo da extrema esquerda. Cada vez mais os

[51] Correio do Povo, 23/01/1937, p.3.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

comunistas alcançavam poder e prestígio não só no alto comando republicano, mas também no seio do oficialato e na tropa.

A partir de março de 1937, os rebeldes tentaram cercar Madrid pelo nordeste, nas regiões próximas a Guadalajara, Trijueque e Brihuega. A operação começou logo após os ataques a Jarama completando, assim, o cerco a capital, a obsessão de Franco. Com este fim, os rebeldes reuniram um poderoso Exército de 50.000 homens sob o comando do general italiano Roatta, dos quais 35.000 deles pertenciam as unidades italianas do corpo legionário voluntário enviadas por Mussolini[52].

Após efêmeros sucessos iniciais, os fascistas avançaram e encontraram diante de si as melhores tropas do EPR que o general republicano Miaja conseguiu agrupar a tempo: a XI divisão de Líster, a divisão anarquista do ex-pedreiro Cipriano Mera e as infatigáveis XI e XII BI, além de uma unidade de blindados comandada por soviéticos. A derrota vergonhosa dos fascistas, com suas deserções em massa e debandadas, foi um grande golpe para o ego de Mussolini[53].

Para os italianos da XII BI, os aguerridos *garibaldini*, a vitória de Guadalajara representou uma vingança sobre o fascismo, há muito tempo esperada. Devido a suas peculiares características, este confronto apresentou-se como uma pequena guerra civil italiana dentro da guerra civil na Espanha[54]. Do lado

---

[52] LONGO, Luigi. Op. cit., p. 202-206. Ver também a descrição do combate em VIDAL, César. Op. cit., p. 138 a 148.

[53] A derrota em Guadalajara custou também aos italianos a perda da sua imagem. E originou uma lenda que se tornou amplamente difundida, seja pelos republicanos, ou seja pelos seus próprios aliados: a da famosa "covardia" italiana. Segundo Diaz-Plaja os comentários e piadas mais maliciosas vinham não do inimigo republicano, mas sim dos aliados franquistas e alemães. Veja VIDAL, César. Op. cit., p. 149 e DIAZ-PLAJA, Fernando. **La Vida Cotidiana em la España de la Guerra Civil.** Madrid: EDAF, 1994.

republicano, os autofalantes do Serviço de Propaganda comandados por italianos antifascistas, lançavam os seguintes apelos aos conterrâneos fascistas, para que desertassem: *Italianos, soldados y camisas negras, regresad a vuestras casas! Pasad a las filas republicanas, venid com los garibaldinos: seréis acogidos como hermanos*[55]*!*

Politicamente, a vitória militar obtida em Guadalajara representou para a República a vitória do mando centralizado e do Exército popular, além de desmascarar frente ao mundo a presença ofensiva de tropas estrangeiras intervencionistas atuando pelo lado rebelde. Psicologicamente, a vitória republicana elevou a moral das tropas e das massas populares, fortalecendo a união do povo em torno do governo e mostrando aos antifascistas do mundo inteiro que o fascismo era susceptível de ser derrotado.

Após esta última derrota, Franco passou a ouvir mais seus assessores alemães que insistiam em abrir outra frente em um ponto não tão protegido. Assim, temporariamente abandonou a sua idéia de cercar Madrid, permanecendo esta frente virtualmente inalterado até março de 1939. Franco passou então a concentrar seus ataques no norte do país. Dirigindo seus esforços para Euskadi (Pais Basco), os rebeldes conseguiram conquistar com sucesso Bilbao e Santander já em junho de 1937. A verdade é que a região basca havia sido desconsiderada pelo governo

---

[54] A singular guerra civil ideológica que se travou na Espanha permitiu que diversos grupos nacionais tentassem dirimir as suas disputas políticas e ideológicas internas no estrangeiro. Pois não somente os comunistas e antifascistas estrangeiros vieram a Espanha. Algumas centenas de fascistas e anticomunistas de vários países se alistaram voluntariamente para lutar pela Espanha de Franco, também imbuídos por seus "ideais": a luta contra o comunismo, "a defesa da cristandade" ou a "luta pela civilização ocidental contra a barbárie oriental". Desse modo, pequenos grupos de franceses, russos, irlandeses, romenos, argentinos e até brasileiros serviram nas fileiras da legião estrangeira de Franco, o *Tércio*, algumas vezes até mesmo enfrentando-se contra os seus conterrâneos politicamente antagônicos nas BI. Ver MESA, José Luis de. **Los Otros Internacionales.** Madrid: Barbarroja, 1998.

[55] LONGO, Luigi. Op. cit., p. 229.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

republicano. Por um lado, por estar extremamente preocupado com a defesa em torno da capital e a preparação da ofensiva de Brunete, mas também havia nos meios governamentais um certo desprezo pelo acentuado regionalismo independentista basco.

Assim, a defesa de Euskadi teve de ser realizada por diversas milícias independentes e pelo *Euskogudarostea,* o Exército autônomo basco que o governo republicano chamava de "Exército do Norte". Apesar de bem preparados para a luta no solo, os bascos tiveram de enfrentar o peso da poderosa Legião Condor alemã que passou a dominar incontestavelmente os céus do Norte. A falta quase que absoluta de meios aéreos custou aos bascos a destruição de suas prósperas cidades e conduziu-os à derrota final nos campos de batalha.

A aviação provava sua superioridade por cima das outras armas e o domínio do espaço aéreo antecipava aquilo que seria vital na próxima guerra mundial. Foi também em Euskadi onde a *Luftwaffe* ensaiou seus primeiros passos na "arte" da destruição sistemática das cidades: Guernica, Bilbao, Durango e muitas outras cidades convertidas em alvos atestam os fatos [56].

Os esforços para enviar unidades do EPR e as BI para a região fracassaram rotundamente. A conquista do país basco significou para Franco controlar a região mais rica e desenvolvida da Espanha, o que decididamente aumentou seu prestígio e suas garantias no plano internacional. Ao garantir as estratégicas reservas minerais da região para os seus aliados alemães, Franco aumentou o seu crédito, facilitando que estes aumentassem o volume do auxílio militar.

[56] A *Luftwaffe* era a força aérea alemã. Sobre a guerra no Norte, e em especial sobre a guerra aérea, é recomendável a leitura de TALÓN, Vicente. **Un Episódio de la Guerra en el Aire: España, 1936-1937.** Madrid: Defensa 1997.

No início de julho de 1937 o Estado Maior republicano coordenou uma gigantesca ofensiva contra Brunete para aliviar as pressões a leste de Madrid, mas também para desviar a atenção dos franquistas das Astúrias. Todas as cinco unidades internacionais foram unidas ao corpo principal do EPR para a operação. Totalizavam 14.720 combatentes, 6.000 dos quais estrangeiros. O total do contingente republicano era impressionante: 105.000 soldados apoiados por 250 peças de artilharia, 130 blindados e 140 aviões[57].

Os franquistas, que tinham sua força principal concentrada na região do Norte, foram pegos de surpresa e sofreram uma série inicial de reveses, passando diversas cidades e vilarejos para o controle republicano. Porém, a falta de experiência dos novos comandantes republicanos em explorar estes sucessos iniciais permitiu ao inimigo, mais preparado militarmente e melhor organizado, uma rápida reorganização e o subsequente contra-ataque, apesar de estar em inferioridade numérica.

As BI suportaram o peso inicial da contra ofensiva fazendo jus a seu *status* de tropa de choque. As perdas, no entanto, foram elevadas. Batalhões inteiros das BI desapareceram no fragor dos combates. No final de julho de 1937, a frente estabilizou-se e ambos os lados reclamaram para si a vitória, embora militarmente o resultado fosse mais favorável aos franquistas.

A partir de agosto de 1937 a parcialmente tranqüila frente de Aragón estava se agitando. Assim, a República decidiu lançar uma nova ofensiva com o objetivo de libertar o país basco e fortalecer a região Norte do país. O alvo principal foi Zaragoza, cidade que permanecera desde o inicio da guerra em mãos rebeldes. O

[57]BAYAC, Jacques Delperrie de. Op. cit., p. 250-251.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

EPR realizou a 24 de agosto oito ataques simultâneos na região, com suporte aéreo e de artilharia. A XII e a XV BI estavam entre as forças atacantes.

Por esta data, as BI já contavam com 50% ou mais de soldados espanhóis em sua formação. O apoio dos soviéticos à República alcançava por sua vez o auge em quantidade de material bélico e pessoal, mas em breve diminuiria consideravelmente. As XIV, XIII e XI BI somaram-se ao ataque posteriormente como reforços. Porém a XV e a XII foram as mais empregadas e consequentemente as mais atingidas.

O contra-ataque inimigo, bem organizado e provisto de novos equipamentos recém chegados da Itália e Alemanha, foi um grande sucesso. A situação começava a desmoronar para a República. A perda das Astúrias, tradicional bastião operário, significou um golpe irreparável em todos os sentidos, ainda mais quando somado a dimensão da tragédia basca.

Até a queda do Norte nas mãos dos franquistas combateu, como comissário político da 199 Brigada do Exército do Norte, um membro do PC brasileiro (de origem espanhola) Victor Garcia y Garcia. Líder sindical ativo em Santos (SP) ele havia sido expulso do Brasil em 1933 sendo repatriado para a Espanha. Chegara até a participar do levante asturiano em 1934 e era chefe de milícias já em julho de 1936[58].

No final de outubro de 1937 os soldados franquistas já ocupavam completamente o enclave republicano do Norte, fechando uma considerável porção da fronteira com a França, por onde tinham passado há pouco, os abatidos remanescentes das tropas republicanas[59].

[58] Biografia de Victor Garcia y Garcia. 24/01/1938. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL. Ver também SOUZA, Ismara Izepe de. Op. cit., p. 157.
[59] BAYAC, Jacques Delperrie de. Op. cit., p. 272.

Em setembro de 1937 a República formalizou, via decreto, a situação das BI com relação ao Exército. A partir deste momento estariam oficialmente integradas no EPR, dele fazendo parte como uma unidade espanhola comum. Os internacionais passaram a ter os mesmos direitos e deveres dos soldados espanhóis, embora ainda permanecessem sendo considerados uma "legião estrangeira antifascista" perante o governo. A infeliz comparação que os setores não-comunistas faziam entre as Brigadas e o antigo *Tércio de Extranjeros*, continuava sendo motivo de desagrado entre os membros das BI que não se sentiam reconhecidos em seus esforços na luta antifascista.

Os moderados no poder pretendiam despolitizar o Exército retirando-lhe a totalizante influência comunista. Pretendiam que a República permanecesse burguesa, principalmente aos olhos das democracias ocidentais. Curiosamente, os comunistas pretendiam a mesma coisa mas por outro motivo: facilitar a aproximação da URSS com o ocidente. Os anarquistas, por sua parte, também pretendiam diminuir o poder dos comunistas, mas porque estes tinham abortado a "revolução libertária". Para a maioria dos internacionais, no entanto, era inadmissível não ser reconhecidos enquanto autênticos "revolucionários", apesar de que eles soubessem que não estavam na Espanha para fazer a revolução socialista [60].

Após as terríveis batalhas travadas pelo controle das Astúrias, as BI e o EPR necessitaram de uma recomposição. Substituições de material bélico e, principalmente, o material humano. Cada vez menos estrangeiros chegavam para defender a causa republicana e as baixas eram substituídas por conscritos espanhóis cada vez mais jovens. Um relatório do coronel soviético Karol Sverchevski (general

[60] BAYAC, Jacques Delperrie de. Op. cit., p. 274.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

"Walter" na Espanha) enviado a Moscou em janeiro 1938 alertava para o detalhe que as BI possuíam (em novembro-dezembro de 1937) uma composição média de 60 a 80% de elementos nativos em detrimento do desejado elemento internacional[61].

Entretanto, entre os estrangeiros que ainda chegavam a Espanha encontrava-se um pequeno contingente de militares brasileiros enviado pelo PCB. Era uma parte daqueles militares envolvidos direta ou indiretamente com a insurreição de novembro de 1935 e que ao sair da prisão em junho de 1937 foram convidados pelo PCB a se apresentarem como voluntários para servir à causa republicana.

Assim, em 24 de setembro de 1937, chegava a Valencia o ex-tenente artilheiro Apolônio de Carvalho, após uma longa viagem empreendida desde a Bahia e passando pela França. Carvalho foi prontamente incorporado ao EPR, adjunto ao 1º Grupo de Artilharia Leve, 2ª Bateria de 77mm., uma unidade puramente espanhola na qual, devido a falta de oficiais competentes, exerceu funções de comando superiores ao seu posto de tenente. Ainda foi promovido, atingindo o grau de capitão do EPR. Combateu inicialmente no *front* de Badajoz e em várias outras frentes na província de Extremadura, na região Centro-Sul. Posteriormente, participou também dos furiosos combates em torno a Teruel, de dezembro de 1937 até fevereiro de 1938[62].

Curiosamente também combatiam na frente de Badajoz, e na artilharia, dois civis, estrangeiros que haviam vivido no Brasil e que haviam chegado a Espanha um pouco antes, em maio de 1937, por outros caminhos: Ernesto Joske, alemão de origem judaica e Jorge Cetl, de origem tcheca. Mas, ao contrário de Carvalho que

[61] Notes on the Situation in the International Units in Spain. Report by Col. Com. Sverchevski, 14/01/1938. In: RADOSH, Ronald (org). Op. cit., p. 450-451.
[62] Carta de Apolônio de Carvalho ao serviço de quadros do PCE, sem data. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL. ALMEIDA, Paulo Roberto. Op. cit., p. 51.

serviu no EPR, ambos estavam servindo em unidades de artilharia pesada integradas às BI e compostas principalmente por europeus orientais[63]. Joske e Cetl haviam sido expulsos do Brasil por suas "atividades comunistas".

Joske era contador de profissão, membro do SVI e da ANL, e estava sendo deportado para a Alemanha nazista quando foi ajudado a fugir do navio que o levava, atingindo a Espanha através da França. Por sua vez, Cetl era desenhista e membro do PCB e da ANL. O alemão Joske desenvolveu primeiramente tarefas administrativas em Albacete, na base das BI. Trabalhou no departamento de censura militar e no serviço de efetivos. Posteriormente, foi enviado a servir no 2º e no 4° grupo de artilharia, onde encontrou Cetl, que desempenhava o cargo de comissário político de bateria. Antes, Cetl havia servido como topógrafo de bateria[64]. Outro estrangeiro expulso do Brasil por ser ativista da ANL era o jovem judeu romeno Wolf Reutberg, colega de Jorge Cetl na *Light and Power Company* de São Paulo. Segundo Almeida, Reutberg combateu também nas BI, mas não cita qual[65].

Como eles, muitos judeus combateram pela República Espanhola. A aliança de Franco com Hitler foi um fator fundamental para esta tomada de decisão. Os judeus identificavam claramente a causa republicana com a "sua" luta contra o nazismo. Não se sabe se outros judeus saíram do Brasil para lutar na Espanha, mas é certo que havia um considerável número de judeus estrangeiros servindo junto com as forças republicanas espanholas.

---

[63] VIDAL, César. Op. cit., p. 517-518.
[64] Ficha de Ernesto Joske, Comissariado de guerra das BI. Sem data. Ficha de Jorge Cetl, Comissariado de guerra das BI. Sem data. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL. DULLES, John W. F. Op. cit., 1985, p. 174 e ss.
[65] ALMEIDA, Paulo Roberto. Op. cit., p. 56. DULLES, John W. F. Op. cit., 1985, p. 38 e 174.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

Dentre os primeiros militares a deixar o Brasil com destino a Espanha, também estava Joaquim Silveira dos Santos, ex-tenente de Infantaria. Foi alistado na 47° Brigada do Exército popular como tenente, em meados de 1937. Participou, logo na sua chegada, da ofensiva republicana sobre Aragón, onde foi ferido duas vezes nos combates em torno a Teruel. Após a sua convalescência em um hospital militar, foi dado de baixa do EPR e transferido para Alicante, onde trabalhou com o dirigente do PCB Roberto Morena no Comitê Provincial do PCE nessa cidade, dedicado a tarefas burocráticas[66].

Outro militar chegado ainda em 1937 era o ex-cabo da Aviação Militar brasileira Enéas Jorge Andrade. Foi o único dos brasileiros oriundos da aviação que conseguiu um lugar condizente com a sua especialidade: era aviador-metralhador. Andrade se apresentou ao serviço de quadros das BI em Figueras no dia 12 de setembro de 1937. Em função da sua especialidade, conseguiu ser enviado para as FARE (*Fuerzas Aéreas de la República Española*) para uma base de adestramento em Los Alcaceres, próximo a Cartagena, na costa mediterrânea. Pouco depois foi enviado a uma base em Villafomés, Castellón de la Plana, sede do Grupo 30 de Bombardeio equipada com bombardeiros soviéticos "SB-2","R-Z" e "R-5"[67]. Obteve o posto de sargento-metralhador e depois foi promovido a tenente. Em 20 de março de 1938 ainda se encontrava na mesma região valenciana. Deve ter participado dos

---

[66] Carta de Claudio Ballesteros Gonzales (Roberto Morena) ao CC do PCE. 20/03/1938. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL. Parecer sobre Joaquim Silveira dos Santos. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL. ALMEIDA, Paulo Roberto. Op. cit., p. 51. DULLES, John W. F. Op. cit., 1985, p. 178.

[67] O autor tentou, sem sucesso, contato com a ADAR (Asociación de Aviadores de la República) em Gijón, Espanha, para obter informações mais precisas sobre Andrade. As cartas não foram respondidas. No entanto, como possuímos o registro da base em que Andrade operou podemos deduzir com base em literatura especializada que tipo de aeronaves havia naquela região e contra quem se enfrentaram. Ver RIES,Karl & RING, Hans. Op. cit., p. 128 e ss. GARCIA-MUÑOZ, Juan Abellán. Op. cit., p. 64.

violentos combates aéreos desenvolvidos em torno da região, sob ataque maciço da Legião Condor alemã. Desapareceu sob os céus de Zaragoza em meados de 1938, provavelmente vitimado pelos caças do *Jagdgruppe 88* baseados em Sanjurjo, uma autêntica base aérea da Alemanha nazista na Espanha de Franco[68].

Um outro militar da aviação e colega de Andrade era o ex-aluno sargento José Homem Correa de Sá. Ele havia chegado a Espanha junto com Andrade e David Capistrano da Costa. Os três pertenciam a Aviação Militar Brasileira e haviam sido expulsos por haverem participado ativamente da "Intentona Comunista" no Rio de Janeiro, na Escola de Aviação Militar. Correa de Sá não teve a mesma "sorte" de Andrade, pois não conseguiu ser alistado nas FARE. Permaneceu durante um breve período de tempo em Los Alcaceres ministrando instrução sobre tiro aéreo e, embora afirmasse dominar várias especialidades tais como levantamento topográfico, observação, bombardeio e reconhecimento foi enviado para a XII BI como soldado de infantaria onde serviu como instrutor, mas sem muito entusiasmo[69].

Seu colega, David Capistrano da Costa, era mecânico de aviação na Aviação Militar brasileira. Na Espanha, também não conseguiu colocação na sua função. Teve de alistar-se nas BI, sendo incorporado na XII Brigada em Quintanar de la República junto com Correa de Sá. Inicialmente permaneceu na retaguarda no batalhão de instrução da 1º Companhia, mas depois passou a uma unidade de linha, na qual comandou uma Companhia de metralhadoras no 4º Batalhão da XII BI[70].

---

[68] Carta de Claudio Ballesteros Gonzales (Roberto Morena) ao CC do PCE. 20/03/1938. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL. Sobre o *Jagdgruppe 88* e os combates sobre Zaragoza ver RIES, Karl & RING, Hans. Op. cit., p. 142. CUNHA, José Gay da. Op. cit., p. 178-179.

[69] Biografia de militante de Jose H. Correa de Sá, 24/10/1938. 1º Carta de Jose H. Correa de Sá a camarada "Carmen" do departamento de quadros do PCE, 17/02/1938. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL. ALMEIDA, Paulo Roberto. Op. cit., p. 51. Ver Anexo A e Q.

[70] David Capistrano da Costa. Ficha de combatente, Comissariado de Guerra das BI, 31 de outubro 1938. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL. ALMEIDA, Paulo Roberto. Op. cit., p. 51.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

Como responsável político pelos voluntários brasileiros foi enviado em outubro de 1937, o dirigente do Comitê Central (CC) do PCB Roberto Morena, que havia sido encarregado pelo partido de organizar e enviar os primeiros voluntários do Brasil para a Espanha. O PCB tinha uma cota de vagas a preencher: 100 voluntários. A cota, como já dissemos, era uma "sugestão" da *Komintern*. Morena funcionou como também como elo entre o PCB e o PCE. Como todos os revolucionários profissionais que atuavam na Espanha, Roberto Morena atendia por um pseudónimo: Claudio Ballesteros Gonzalez ou Vicente da Silva, como constava em sua "credencial".

Sua missão era organizar um grupo coeso e eficaz evitando que os brasileiros se dispersassem ou fossem mal utilizados. Deveria, além disso, seguir os seus passos de perto. Inicialmente e por um breve período de tempo desempenhou a função de comissário político na XII BI. Pouco depois, Morena foi encaminhado para desempenhar tarefas administrativas junto ao Comitê Provincial de PCE em Alicante apesar de ter se oferecido para continuar a servir como comissário político na frente de batalha [71].

Ao mesmo tempo, um dos brasileiros não chegaria sequer a ser incorporado às forças republicanas: o tenente-aviador Carlos Brunswick França. Era um renomado piloto de caça no Brasil, veterano da Revolução de 1930 e da insurreição de 1935, além de experiente instrutor de vôo. Não obstante, França não foi aceito como piloto e, ao contrário dos seus colegas de arma Correa de Sá e Capistrano da Costa, que aceitaram combater como infantes, ele recusou-se a lutar em outra arma

[71] Carta de Claudio Ballesteros Gonzales (Roberto Morena) ao CC do PCE. 20/03/1938. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL. ALMEIDA, Paulo Roberto. Op. cit., p. 52. DULLES, John W. F. Op. cit., 1985, p. 178.

que não fosse a aviação. Por isso, acabou sendo devolvido a Paris, provavelmente ainda em setembro de 1937[72].

Em dezembro de 1937 as Brigadas Internacionais foram novamente convocadas para entrar em ação. Mais uma vez no setor de Teruel, onde o governo planejava uma nova ofensiva para terminar com este enclave inimigo que ameaçava a integridade do território republicano. Porém, por questões políticas, as BI não foram usadas inicialmente nesta ofensiva. O novo gabinete de Juan Negrín, que substituira Largo Caballero em maio de 1937, já estava discutindo uma possível retirada dos voluntários estrangeiros com o Comitê de Não Intervenção da LdN.

Portanto, os ataques às posições fortificadas dos franquistas foram realizados por unidades espanholas do EPR comandadas pelo general Hernandez Sarabia. Inicialmente o cerco a Teruel foi um sucesso, e logo a cidade foi ocupada pelos republicanos. Mas não durante muito tempo, pois o inimigo recebeu reforços dos seus aliados nazi-fascistas, invertendo sua posição desfavorável e passando prontamente ao assedio da região. Sem apoio logístico ou apoio aéreo suficiente os republicanos começaram a retroceder das suas linhas defensivas. Novamente, recorreu-se aos requisitados internacionais. Desta vez a XII e a XV BI, que foram encarregadas de efetuar ações dispersivas para deter o avanço franquista. No ano novo de 1938 a XIV BI se somaria as outras na frente de batalha, e em fevereiro chegaram os homens da XII BI, os "*garibaldini*". Duros combates foram travados na região gelada, com temperaturas de até 20º negativos.

Os defensores republicanos, tanto internacionais quanto espanhóis, bateram-se com valentia mas de modo descoordenado e sem um comando adequado por parte

[72]Carta de apresentação de Carlos Brunswick França ao serviço de quadros do PCE, escrita por "Castro" do BP do PCB em Paris, O4/09/1937. DULLES, John W. F. Op. cit., 1985, p. 177.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

de seus oficiais, boa parte deles inexperientes. Logo, seus esforços não foram capazes de conter o profissionalismo militar e a superioridade tecnológica do inimigo. As batalhas na frente de Teruel também significaram o batismo de fogo de parte do pequeno contingente militar brasileiro.

As tropas de Franco não somente reocuparam a cidade de Teruel, como continuaram o avanço em pleno território da República forçando o EPR a uma retirada extremamente custosa: mais de 10.000 mortos e incalculáveis e irrecuperáveis equipamentos e armas perdidas[73].

3. 2 Os Combatentes Internacionais: de Teruel ao Ebro (chegada do segundo contingente brasileiro).

Com a derrota da ofensiva de Teruel a República começou sua inexorável marcha em direção ao fim. O golpe recebido pelo EPR fora violento. Suas tropas estavam desmoralizadas e mal equipadas, restavam-lhe poucos tanques, carros blindados e transportes. A artilharia era insuficiente para conter as tropas inimigas. As Forças Aéreas, por sua vez, estavam com sua capacidade operacional bastante comprometida, com um alto número de perdas embora as fábricas Hispano-Suiza estivessem funcionando a ritmo acelerado na produção de aviões. Aproveitando a concentração de forças em Aragón os franquistas decidiram lançar uma ofensiva para dividir o território republicano em duas metades. A concentração de forças franquistas foi simplesmente fabulosa: mais de 200.000 homens, 700 peças de artilharia, 200 carros de combate e 600 aviões de todos os tipos. A República poderia

[73] ELSTOB, Peter. **A Legião Condor e a Guerra da Espanha**. Rio de Janeiro: Renes, 1978, p. 145.

contar com 100.000 homens ao seu dispor na região, 300 peças de artilharia, 10 carros de combate e apenas 100 aviões[74].

Três Brigadas Internacionais encontravam-se próximas à região dos ataques quando os fascistas lançaram sua ofensiva em 9 de março de 1938. A XI BI, a XIII e a XV foram enviadas a Belchite para deter o avanço dos franquistas. Após intensos combates os internacionais começaram a ceder perante forças inimigas, com uma superioridade esmagadora. Não obstante, as BI foram das poucas unidades do EPR que, apesar das circunstâncias, mantiveram a moral elevada mesmo sofrendo algumas deserções e debandadas, ocorridas principalmente na XIV BI[75].

Repetidos erros de coordenação e comunicação no setor republicano causaram situações confusas que resultaram na morte ou captura de diversos internacionais. As Brigadas Internacionais e as Divisões de Líster suportaram o ataque incessante do inimigo durante todo o mês de março. Em abril, sobraram nas cinco BI apenas 3.500 homens, no mês anterior somavam mais de 11.000[76]. O EPR atravessou o Ebro em retirada e as Brigadas garantiram-lhe a cobertura. Em meados de abril de 1938 as tropas franquistas chegaram a Vinaroz, uma praia na costa do Mediterrâneo. O que significava que o território da República havia sido cortado em duas partes. As comunicações com a Catalunha passaram a ser feitas somente por via aérea ou marítima, tornando-se de qualquer forma uma operação complexa e altamente arriscada pois as travessias deveriam ser realizadas através do território inimigo.

[74]BAYAC, Jacques Delperrie de. Op. cit., p. 282.
[75] Idem, p. 287-288.
[76] Idem, p. 291.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

De um modo geral, o sentimento presente em boa parte dos combatentes republicanos era de desânimo. As disputas e divergências internas no campo republicano continuavam a acirrar-se. O ministro de Defesa Indalécio Prieto decidira demitir do governo, após fracassar em suas tentativas de obter uma paz negociada com Franco, que pretendia uma rendição incondicional. Sua demissão foi bem recebida por alguns setores: o moderado Prieto estava sendo acusado de derrotista (e de fato parecia ser) há muito tempo e representava um incômodo entrave para os comunistas e sua política. O chefe de governo Juan Negrin assumiu também o controle do ministério da Defesa acreditando até o fim na salvação da República, caso esta conseguisse resistir até que um conflito de proporções mundiais pudesse envolver a Espanha[77].

Seu governo foi, então, marcado pela forte influência e presença dos comunistas, o que de fato desagradou aos republicanos, socialistas moderados (liderados por Prieto) e aos divididos anarquistas. Na verdade, Negrin não era comunista, antes pelo contrário, mas soubera ver neles a organização e o espírito de luta que julgava essenciais para vencer o inimigo[78]. É importante destacar que a maciça presença do PCE no governo de Negrín não agradava muito aos soviéticos, que chegaram em determinado momento até a propor que os comunistas espanhóis abandonassem os ministérios, gerando uma crise entre os próprios comunistas. Para os soviéticos, uma Espanha com a aparência de "sovietizada" era contraproducente à própria URSS que se empenhava ainda em forjar uma "grande aliança antifascista" com a Inglaterra e França.

[77]THOMAS, Hugh. Op. cit., p. 872 e ss.
[78] MATTHEWS, Herbert. Op. cit., p. 236-237

Por outro lado, a opinião pública mundial chocava-se com os excessos cometidos pelas tropas franquistas e os criminosos bombardeios da aviação alemã e italiana sobre as cidades republicanas. As pressões sobre a França e sobre o novo governo de Eduard Daladier levaram a uma abertura temporária das fronteiras para permitir a passagem de grande quantidade de armamento para a República. Em abril e maio de 1938 passaram mais de 25.000 toneladas de material bélico da França para a Catalunha[79]. Um considerável reforço tendo em vista o deplorável estado das forças republicanas. Por outro lado, os últimos assessores soviéticos, especialistas e pilotos deixavam o país. Stálin considerava a causa republicana perdida, sem contar que a República Espanhola tinha a esta altura um peso insignificante para a diplomacia soviética.

No lado inimigo, Franco também necessitava recompor suas forças com tropas descansadas e novos equipamentos estrangeiros, pois o seu Exército apesar de vitorioso estava esgotado e em péssimas condições com muitos equipamentos perdidos ou avariados. No entanto, Hitler não estava muito disposto a seguir enviando o armamento vital para Franco sem obter resultados políticos e econômicos mais concretos. Não agradava aos alemães o modo de Franco conduzir a guerra. Iniciou-se, assim, uma breve crise no lado franquista, o que possibilitou que os republicanos ganhassem um tempo precioso para poder efetuar uma reorganização de suas forças.

Neste *intermezzo*, quando as frentes permaneceram estabilizadas, foi chegando aos poucos o último grupo do contingente de brasileiros enviado pelo PCB a Espanha. Todos partiram de Montevideo ou Buenos Aires, onde se encontravam exilados, em direção a França. Para burlar o controle francês em nome da política de

[79] THOMAS, Hugh. Op. cit., p. 884.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

não intervenção da LdN, que por vezes bloqueava a passagem de voluntários para a Espanha, os brasileiros utilizaram de um artifício que já era comum entre os voluntários internacionais que não tinham passaporte legal do país de origem para viajar a Espanha: eles obtinham passaportes espanhóis emitidos com outros nomes. As próprias representações diplomáticas da República espanhola forneciam estes documentos[80]. O ex-combatente Delcy Silveira foi um dos que usou o supracitado artifício e nos explicou o procedimento:

> *Embarcamos para e Espanha com passaportes fornecidos pela Embaixada republicana de Buenos Aires. Os passaportes eram verdadeiros, nós é que éramos "falsos": tínhamos um nome, uma família um local de nascimento na Espanha. No passaporte, eu era galego, pois o galego é muito semelhante ao português*[81].

Também devido as famosas oscilações da política externa francesa, a passagem pela fronteira nem sempre era uma tarefa fácil. Alguns dos voluntários tiveram de percorrer caminhos tortuosos para driblar as patrulhas da *Gendarmerie.* Um deles, o ex-tenente-aviador José Gay da Cunha relatou em seu livro as peripécias enfrentadas por ele, o ex-cabo Hermenegildo Assis Brasil e o ex-major Carlos da Costa Leite, para atravessar a fronteira:

> *Saímos imediatamente de Cerbere* (...) *Depois de uma hora de marcha, Garcez nos explicou que íamos atravessar a zona mais perigosa.*

---

[80] Mas muitos outros voluntários, principalmente aqueles vindos de países democráticos entraram na Espanha com seus passaportes verdadeiros. Estes foram-lhes confiscados "temporariamente" pelas autoridades das BI. Os passaportes mais "interessantes" (ingleses, canadenses, norte-americanos) eram repassados ao serviço secreto soviético que os utilizou posteriormente para dotar seus espiões de identidade dupla. O próprio assassino de Trotsky, Ramón Mercader, utilizou um passaporte de um ex-combatente internacional para entrar no México.

[81] SILVEIRA, Delcy. 2001, p. 45.

> *Começamos a subir a montanha.*(...) *o frio era bastante intenso.* (...) *Marchamos assim, em silêncio durante quase duas horas. Atravessamos alguns precipícios de arrepiar os cabelos*[82].

Alguns dias mais tarde a fronteira foi aberta novamente. Outros voluntários tiveram a sorte de atravessá-la facilmente de trem, como relata o ex-cadete da aviação Delcy Silveira: *Já era noitinha quando o trem vindo da França chegou a estação de Portbou. Fomos recebidos por um oficial carabineiro que chamou um soldado e disse: "Leva estes voluntários para o hotel"*[83].

Em 20 de março de 1938, Morena (elemento de ligação do PCB com o PCE) informava em carta ao Comitê Central (CC) do PCE que já se encontrava em Paris um grupo de militares brasileiros dispostos a lutar pela República. Sem poupar elogios na apresentação, Morena iniciava a missiva ressaltando o fato de que todos eles haviam sido (...) *figuras sobresalientes en la insurrección de noviembre de 1935*, passando logo em seguida a listá-los:

> *Son ellos: Mayor de artillería Carlos Costa Leite* (*sic*)*; Mayor profesor del Estado Mayor del ejército brasileño, Alcedo Cavalcanti; Primer teniente de caballería Sildio Porto Dias; Capitán Nemo Canabarro Lucas; de infantería* (*sic*)*, y Pablo Machado Carrión, Primer Teniente de Ingeniería. Todos ellos son figuras conocidas en el movimiento revolucionario del Brasil, figuras queridas en el ejército y miembros destacados de la Alianza Nacional Libertadora y del Partido Comunista del Brasil*[84].

[82] CUNHA, José Gay da. Op. cit., p. 44.
[83] SILVEIRA, Delcy. 1996.
[84] Carta de Claudio Ballesteros Gonzales (Roberto Morena) ao CC do PCE. 20/03/1938. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

No entanto, alguns integrantes deste grupo sequer chegaram a abandonar Paris. O ex-major Cavalcanti e os ex-tenentes Porto Dias e Carrión decidiram não atravessar a fronteira, assim como o também ex-tenente Celso Tovar Bicudo de Castro que já se encontrava na França há algum tempo. O argumento apresentado por eles era de que a República estava perdida com a divisão do seu território e não teria mais condições militares de enfrentar os franquistas. Hoje, podemos dizer que sua análise era bastante "realista". Mas naquele momento foi considerada apenas como sendo "pessimista", configurando uma decisão um pouco precipitada, pois a República ainda poderia não somente resistir como também efetuar uma ofensiva, como aquela realizada no Ebro. A posição derrotista destes militares foi muito criticada pelos seus colegas que, apesar das considerações estratégicas de Cavalcanti, que o respeitavam como professor, decidiram cumprir a missão que lhes havia sido confiada [85].

Portanto, durante o mês de abril de 1938 desembarcaram na Espanha oito militares brasileiros e dois civis. Com este grupo estavam representadas praticamente todas as Armas do EB no pequeno contingente de voluntários. Da Artilharia vinha o mais graduado e o mais velho (44 anos) dos voluntários brasileiros, o ex-major Carlos da Costa Leite. Os cavalarianos estavam representados pelo ex-tenente Nemo Canabarro Lucas e o ex-cadete Homero de Castro Jobim. Mas era da Aviação que provinha a maior parte dos voluntários: entre os recém chegados estavam os ex-tenentes-aviadores Dinarco Reis e José Gay da Cunha, o ex-cadete Delcy Silveira e o ex-cabo Hermenegildo Assis Brasil. Fora do núcleo do Exército estava Nelson de Souza Alves, ex-tenente da Brigada Militar do Espírito Santo.

---

[85] SILVEIRA, Delcy. 1996. DULLES, John W. F. Op. cit., 1985, p. 177.

A este grupo deve-se ainda somar a presença do civil Eny Silveira (irmão de Delcy), um ex-aluno do CMPA (RS) e Ramón Prieto Bernié, jornalista de nacionalidade espanhola. Ele era um quadro civil do PCB e responsável pelo recrutamento de voluntários em Montevideo, onde teria conseguido os tais passaportes espanhóis junto a embaixada republicana, segundo a pesquisadora Thaís Battibugli[86]. Consta também na "Biografia de Militante do PCE" de Homero de Castro Jobim que Prieto Bernié era *responsable del aparato que me reclutó, actualmente en la misma brigada*[87].

As informações sobre Prieto Bernié são confusas e esparsas: alguns o situam inicialmente como comissário político da 100° Brigada do EPR, outros o apontam como integrado a XII BI desde a sua chegada. Sabe-se que quase no fim da guerra comandou na XII BI uma companhia de metralhadoras[88].

Na base de recrutamento das BI em Figueras, os irmãos Silveira, Reis, Souza Alves e Jobim de Castro foram convidados a fazer parte da XII BI pelo seu comandante Randolfo Pacciardi, segundo Delcy Silveira[89]. No entanto, nesta época o italiano Pacciardi já não comandava a XII BI. Mesmo assim, continuava atuando em Figueras como uma espécie de representante da frente antifascista italiana, que englobava o Partido Comunista Italiano (PCI), o Partido Socialista, e o seu partido, o Republicano[90]. É importante destacar que a XII BI foi a única das Brigadas na qual os comunistas não detinham o predomínio político.

[86] BATTIBUGLI, Thaís. Op. cit., p. 127.
[87] Homero de Castro Jobim. Biografia de militante. 30/04/1938. Arquivo da IC, microfilme número 10. AEL.
[88] BAUMANN, Gino Gerold. Op. cit., p. 53. ALMEIDA, Paulo Roberto. Op. cit., p. 55.
[89] SILVEIRA, Delcy. 2001, p. 51.
[90] VIDAL, César. Op. cit., p. 377 e 494.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Policía de Buenos Aires

À semelhança dos brasileiros, Pacciardi era um ex-militar profissional no seu país (veterano da 1ª Grande Guerra) e talvez daí viesse a simpatia para com os brasileiros. Ele se referiu a outros brasileiros já integrados na XII BI (certamente referia-se a Capistrano e Correa de Sá) e disse que precisava de militares experientes. Pacciardi era um antifascista convicto, mas não era comunista, o que era positivo para a propaganda republicana, visto que auxiliava a desfazer a imagem de que as BI eram comandadas exclusivamente por comunistas.

De início, Delcy Silveira e Dinarco Reis não aceitaram o convite. Eram aviadores e pretendiam lutar nas FARE, assim Pacciardi prometeu-lhes que veria o que poderia ser feito a seu respeito quando fosse a Barcelona. Após alguns dias, ele retornou e disse que tinha ordem de repatriá-los para a França. Pasmos, manifestaram sua decepção:

> *"Que negócio é esse?" Aí eu* [Delcy Silveira] *olhei para o Dinarco e disse: "Olha, nós viemos aqui lutar contra o fascismo. O fascismo está ali, nós queremos uma arma e vamos lutar, nós vamos para a Brigada Garibaldi". E fomos*[91].

Ou seja, foram rejeitados pela FARE, tal como o haviam sido anteriormente França, Capistrano e Correa de Sá. Mas, ao contrário de França, decidiram ficar e lutar pela causa republicana. As justificativas dadas a eles foram que, por ordens ministeriais, não se aceitavam mais aviadores estrangeiros e que a República tinha poucos aviões e muitos pilotos[92]. Finalmente, Dinarco Reis, Delcy e Eny Silveira, Nelson de Souza Alves e Homero de Castro Jobim foram todos integrados a XII BI.

---

[91] SILVEIRA, Delcy. 2001, p. 51-52.
[92] Idem, 1996, p. 36. DULLES, John W. F. Op. cit., 1985, p. 177.

O ex-2° tenente José Gay da Cunha também era piloto e igualmente teve suas "asas cortadas". No entanto aceitou o desafio de combater no solo, pois serviu na 24ª Divisão da Agrupação Norte do Exército da Catalunha, 143° Brigada Mista e 569° Batalhão, como tenente da infantaria, operando na região montanhosa dos Pirineus no vale do rio Noguera-Pallares[93]. Em seu livro, aliás o único registro quase contemporâneo (publicado em 1946) da participação de brasileiros na guerra espanhola, consta que ele, Hermenegildo Assis Brasil e Carlos da Costa Leite apresentaram-se primeiramente ao comando das BI em Figueras, de onde foram enviados diretamente a Barcelona para alistar-se no EPR. Segundo Gay da Cunha, a justificativa apresentada foi a seguinte:

> *Bem, em virtude da retirada de Aragão, sofremos muitas baixas e perdemos grande número de oficiais. O Negociado de Estrangeiros do ministério de Defesa Nacional pediu às Brigadas Internacionais todos os oficiais que saibam falar o espanhol*[94].

De fato, Gay da Cunha, Assis Brasil, Costa Leite e Canabarro Lucas assumiram diretamente postos de comando no EPR. Há uma breve menção no livro de Gay da Cunha que indica que ele também deve haver requerido o ingresso nas FARE. Quando ele se despedia do recém nomeado major Costa Leite que embarcava rumo a sua base, este último disse-lhe: *Escrevam imediatamente. Vou ver se tu podes ir para a aviação*[95]. Mas não foi concedido a Gay da Cunha o ingresso na aviação.

---

[93] CUNHA, José Gay da. Op. cit., p. 73 e ss. ALMEIDA, Paulo Roberto. Op. cit., p. 53-54.
[94] Idem, p. 56.
[95] Idem, p. 61.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

Dois conterrâneos do Rio Grande do Sul e amigos de infância se reencontraram na Espanha: Nemo Canabarro Lucas e Hermenegildo Assis Brasil. O ex-1° tenente Nemo Canabarro Lucas[96], apesar de seus 29 anos, já era um veterano combatente: havia combatido com os constitucionalistas de São Paulo em 1932, depois exilou-se no Paraguai participando da Guerra do Chaco de 1932 a 1934, onde chegou a comandar o Regimento de cavalaria "Rivarola". Como a maioria dos outros brasileiros, também estivera envolvido na insurreição de 1935[97]. Na Espanha, foi enviado para servir na 34° Divisão de Infantaria da Agrupação Norte do Exército da Catalunha, no Estado Maior da 218° Brigada Mista, sendo promovido a capitão logo em seguida. Operou na mesma área que Gay da Cunha e Assis Brasil, a região em torno do rio Noguera-Pallares, no norte da Catalunha, próximo aos Pirineus[98]. Um detalhe importante: Nemo Canabarro Lucas era o único que não se havia filiado ao PCB. Veremos mais adiante a importância deste fato.

Por sua vez, o ex-cabo do EB Hermenegildo Assis Brasil surpreendeu-se quando lhe deram o posto de tenente no EPR e o enviaram para a 31° Divisão, já que ele havia preenchido corretamente sua ficha de alistamento ao chegar na Espanha. Numa ficha posterior escrita pelo próprio Assis Brasil, no item referente a vida militar prévia a sua ida para a Espanha, ainda constava que ele havia servido como cabo e feito o curso de sargento[99]. Preocupado, perguntou a Gay da Cunha: - *Como é*

---

[96] Embora às vezes apareça citado como "capitão" em alguns documentos da IC, preferimos optar pelo posto de "1° tenente", pois é o que consta nos documentos do Exército Brasileiro e da polícia, no momento das suas duas prisões em 1935 após a "Intentona", e na volta da Espanha em 1939. Ver Prontuário de Nemo Canabarro Lucas Nº 5293, AESP. Mas é provável que por idade e tempo de serviço estivesse mesmo a ponto de ser promovido a capitão no EB.1

[97] Prontuário de Nemo Canabarro Lucas N° 2492, APERJ. ALMEIDA, Paulo Roberto. Op. cit., p. 43.

[98] Idem, op. cit., p. 53.

[99] Biografia de militante. Hermenegildo Assis Brasil 06/12/1938. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.

que eu vou sair dessa enrascada? Quem foi que disse que eu era oficial? A resposta, implícita, se encontra no trecho seguinte: *Costa ficou silencioso. Mas eu o tranquilizei dizendo: - Não te preocupes, porque iremos servir juntos e eu te ajudarei*[100].

De fato, em documentos redigidos por Costa Leite na Espanha consta que este apresentou Assis Brasil perante as autoridades militares espanholas como sendo um oficial e não um subalterno[101]. Provavelmente porque politicamente fosse mais interessante elevar o grau militar da delegação brasileira e destacar a presença de oficiais. Assim, o tenente Assis Brasil participou de violentos combates na região de Piedras de Aolo, nos Pirineus, bem próximo aos seus companheiros Canabarro Lucas e Gay da Cunha[102].

O responsável político e militar, e também pela seleção dos membros do grupo brasileiro, era o veterano ex-major Carlos da Costa Leite. Na dupla cadeia hierárquica (militar e do partido comunista) da delegação brasileira ele estava no topo. Revolucionário e "tenente" histórico, Costa Leite havia sido condenado pelo TSN aqui no Brasil como sendo co-autor do movimento insurrecional de novembro de 1935[103]. Chegou a Espanha em 4 de abril de 1938 para servir no Exército Republicano, onde conservou o seu posto de major, adjunto ao *Centro de Organización y Preparación de Artilleria N° 2* (COPA-2), em Figueras, como instrutor. Pouco depois foi enviado à frente do Ebro para comandar uma unidade de artilharia em suporte da ofensiva republicana[104]. No entanto, parece-nos que com

[100] CUNHA, José Gay da. Op. cit., p. 56.
[101] Listagem dos voluntários redigida por Carlos da Costa Leite, 16/04/1938. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.
[102] ALMEIDA, Paulo Roberto. Op. cit., p. 54.
[103] Conforme Prontuário de Carlos da Costa Leite N° 5290, AESP.
[104] ALMEIDA, Paulo Roberto. Op. cit., p. 54.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

base na documentação examinada, a principal atividade de Costa Leite não era a militar, mas sim a política , como veremos no próximo capítulo.

Outro importante quadro político e militar do PCB que chegou a Espanha era Dinarco Reis. Este, muito respeitado, tinha a tarefa de organizar o envio dos voluntários selecionados por Costa Leite[105]. Posteriormente, tornou-se o responsável político imediato por cinco combatentes (perante Costa Leite e o PCB): os irmãos Silveira, Jobim de Castro, Souza Alves e Prieto Bernié, de acordo com um informe dado ao PCE por Costa Leite[106].

Parece também que José Gay da Cunha foi responsável por um grupo. Em carta ao encarregado do serviço de quadros estrangeiros do PCE, queixava-se de não receber notícias dos outros brasileiros na frente de batalha e afirmava ser responsável perante o PCB por cinco camaradas brasileiros, de quem deveria dar conta de suas ações quando do regresso da missão na Espanha. O fato intrigante é que não citava os seus nomes[107].

Enquanto isso a guerra prosseguia seu andamento e parecia estar em seus momentos finais. De um modo geral, os ventos sopravam em contra da República, embora pudesse ainda ocorrer uma reviravolta, como considerou na época o cronista Professor Christovão Paledski em sua coluna "O Momento Mundial", publicada no jornal Correio do Povo de Porto Alegre em 26 de junho de 1938:

> *A guerra está nos seus ultimos lances. Ou vencerá, em breve, o gal. Franco – ou produzir-se-á uma reviravolta, vencendo Barcelona. A victoria dos governistas é ainda perfeitamente possivel. O povo*

[105] BATTIBUGLI, Thaís. Op. cit., p.127.
[106] Informe de Costa Leite, 24/07/1938. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.Ver anexos.
[107] Carta de José Gay da Cunha a seção de quadros estrangeiros do PCE. 13/08/1938. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.

> *hespanhol lucta heroicamente. Se os direitos de belligerancia não forem burlados, isto é: se aquella parte do povo hespanhol que sustenta a plataforma de Miguel Azaña e de Juan Negrin, receber de facto o armamento que sempre lhe faltou – o gal. Franco poderá vêr-se mal*[108].

De fato, contando com a chegada dos últimos reforços materiais da URSS e a concentração das forças militares ao longo do rio Ebro, o governo republicano decidiu lançar uma nova e desesperada ofensiva com o objetivo principal de reunir as duas metades do seu território e desviar o inimigo que perigosamente se aproximava de Valencia. A ofensiva em si tinha um caráter *quasi* suicida, visto que nesta manobra a República arriscaria o melhor de suas tropas e de seu material. Era uma jogada decisiva, pois se vitoriosos ou derrotados, o caráter da batalha seria definitivo. O chefe do Estado Maior, general Vicente Rojo, eficiente militar de carreira que havia permanecido fiel a República em 1936, foi o artífice desta grandiosa operação.

O comandante encarregado de executar o plano foi o coronel Juan Modesto no comando de 80.000 a 100.000 homens divididos em três Corpos de Exército, além de aproximadamente 100 peças de artilharia, alguns blindados médios e quatro companhias de carros blindados. O suporte aéreo estava garantido: em torno de 120 aeroplanos sendo boa parte deles os novíssimos *Grumman "Delfin"* e os *I-16 "Moscas" e "Supermoscas"* [109].

Naquele período a Aviação já era comandada pelo aristocrático general Ignácio Hidalgo de Cisneros, recém convertido ao comunismo, como o general Vicente Lluch Rojo e a maioria dos militares de carreira que viam no PCE um futuro

[108] Correio do Povo, 26/06/1938, p. 2.
[109] BRADLEY, Kenneth. Op. cit., p. 46. RIES, Karl & RING, Hans. Op. cit., p. 178 e ss.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

promissor e segurança. Admiravam também a férrea disciplina, a tenacidade, e a determinação dos comunistas na luta.

Em meados de junho de 1938, o Estado Maior do EPR iniciou os preparativos táticos e técnicos para dar início a ofensiva. Ainda havia diversos problemas a serem resolvidos, como por exemplo, a falta de pontes com capacidade de carga suficiente para suportar o peso dos caminhões e veículos blindados. Tiveram de ser improvisadas pontes de pontões e passarelas para deslocar as tropas, algumas até submersas para evitar sua identificação pela aviação inimiga. Contudo, a preparação da ofensiva pelos republicanos não passou despercebida aos inimigos. Diversos oficiais advertiram o comando franquista que havia grande movimentação do lado republicano e o próprio comandante Juan Yagüe insistiu para que fossem tomadas providências, pois *de um modo indudable el enemigo persiste cada vez más en su intención de forzar el Ebro*[110]. Mas Franco, embriagado com as conquistas de Aragón, fez pouco caso das reclamatórias de seus subordinados e, além do mais, achava que um rio caudaloso como o Ebro era praticamente intransponível.

Em meados de julho de 1938 as primeiras tropas governistas começaram a travessia do rio Ebro, ocupando a margem direita do mesmo. Na primeira linha somente unidades espanholas, pois no início do mês o governo Negrín já havia aprovado o plano geral de retirada dos combatentes estrangeiros da Espanha proposto pela Inglaterra na LdN[111]. Afinal de contas, a ofensiva do Ebro também intencionava *reforçar a posição internacional dos republicanos com forças nacionaes no momento em que uma nota é enviada para Londres a respeito da retirada dos*

[110] Yagüe apud VIDAL, César. Op. cit., p. 289.
[111] Correio do Povo, 10/07/1938, p. 2.

voluntarios [estrangeiros], conforme matéria publicada na época no Correio do Povo[112].

Mas logo na segunda leva de atacantes já estavam presentes os voluntários internacionais das Brigadas. A primeira a atravessar foi a XIV, dos franceses. A XI, a XV, e a XIII se uniram mais tarde ao combate. A XII, onde se concentravam os combatentes brasileiros, foi deslocada posteriormente para a região do Ebro. Na XII BI, desde o final de abril de 1938, Dinarco Reis, Delcy e Eny Silveira, Nelson de Souza Alves e Homero de Castro Jobim passaram por um curto período de instrução para familiarizar-se com o armamento russo[113]. Posteriormente, durante algum tempo, eles desempenharam funções de instrutores militares treinando jovens recrutas espanhóis no manejo das armas, equipamentos e ensinando técnicas de combate. Todos eles estiveram primeiramente integrados no 2º Batalhão de Instrução da XII BI em Besalú, próximo a Olot, na Catalunha sob o comando do italiano Carlo Penchienati, diretor responsável pelos campos de instrução das BI em Olot e Quintanar de la República, onde serviam Correa de Sá e David Capistrano. Pouco depois, ambos foram deslocados para a frente de guerra[114]. Em junho do mesmo ano, Delcy Silveira e seus companheiros em Besalú também foram deslocados para as unidades na linha de frente onde tomaram parte na ofensiva[115].

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

[112] Correio do Povo, 27/07/1938,. p.2.

[113] Naquele tempo o equipamento soviético era o padrão no EPR, tendo-se em vista que os republicanos dependiam quase exclusivamente da URSS como fornecedor de armas. No entanto, os agentes da *Komintern* a serviço do Governo espanhol conseguiram diversas vezes comprar armamentos de outras procedências: Tchecoslováquia, Polônia, Canadá e outros países.

[114] Delcy Silveira, Ficha de combatente, Comissariado de Guerra das BI, 12 de novembro 1938. Delcy Silveira, Biografia de militante, 07/04/1938. Eny Silveira, Biografia de militante, 25/11/1938. Homero de Castro Jobim, Biografia de militante, 30/04/1938. Nelson de Souza Alves, Biografia de militante, 29/04/1938. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL. ALMEIDA, Paulo Roberto. Op. cit., p. 51 e ss. VIDAL, César. Op. cit., p. 500. SILVEIRA, Delcy. 2001.

[115] ALMEIDA, Paulo Roberto. Op. cit., p. 51 e ss. SILVEIRA, Delcy. 2001.

Por outro lado, o franco-brasileiro André Mançon também estava no Ebro, bem próximo a Gandesa. Era sargento e servia na XIV BI "a Marselhesa", adjunto ao 1° Batalhão da 1° Companhia, o *Commune de Paris*[116]. Mançon não pertencia ao grupo dos militares brasileiros e talvez sequer falasse o português. A sua unidade foi praticamente dizimada em setembro de 1938 nos combates em torno a serra Caballs[117].

No organograma do EPR a XII e a XIV Brigada pertenciam a 45° Divisão, que por sua vez estava adscrita ao V Corpo de Exército, chefiado pelo coronel Enrique Líster. Em julho de 1938 a XII BI era comandada pelo italiano Martino Martini, ex-comissário político, que tinha como seu superior o tenente-coronel alemão Hans Kahle, comandante da 45° Divisão. A área de operações onde estava envolvida a XII BI era situada ao sul da província de Tarragona (Catalunha) indo desde Corbera até a região de Tortosa, uma frente de aproximadamente 50 Km de extensão numa região serrana, repleta de elevações e depressões do terreno[118]. Neste território, fazendo parte da ofensiva, encontravam-se os combatentes brasileiros da XII BI. O ex-combatente Delcy Silveira conta-nos em detalhes aqueles momentos cruciais da guerra:

> *Depois da passagem do Ebro, a ofensiva republicana fez um bolsão enorme dentro do território fascista, aí nós também fomos lançados na batalha. Aí era guerra dura mesmo, combate em cima de combate, corpo à corpo*[119].

[116] André Mançon, Ficha de combatente, Comissariado de Guerra das BI, outubro 1938?. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.
[117] BAYAC, Jacques Delperrie de. Op. cit., p. 370.
[118] Idem, p. 298. IBARRURI, Dolores. Op. cit, p. 116 e ss.
[119] SILVEIRA, Delcy. 2001, p. 56.

O "bolsão" ao qual se refere Delcy Silveira, utilizando o jargão militar, era a extensa faixa de terreno ocupada pelo V Corpo de Exército republicano, fruto do sucesso inicial das operações. Uma *cabeza de puente* [120] com uma frente de 40 a 45 Km de extensão e que chegava a atingir em alguns pontos de até 25 Km de profundidade, no caso da região onde participou a XII BI. O avanço inicial de todo o Exército do Ebro atingiu uma superfície de aproximadamente 850 Km quadrados [121]. Na Figura 1 podemos observar as manobras ofensivas republicanas ao longo do rio Ebro.

Os republicanos haviam conseguido seu primeiro objetivo: desviar a atenção do inimigo sobre Valencia, cuja queda parecia iminente, forçando-o a retirar suas tropas e deslocá-las para a região do Ebro. Os republicanos estavam com a moral elevada. Até no plano internacional, pois parecia que a República conseguia ressurgir de suas cinzas diante de condições completamente adversas mostrando que ainda tinha capacidade de resistência frente a um inimigo numérica e tecnologicamente superior.

ARCHIVO HISTORICO de la Provincia de Buenos Aires

[120] *Posición que se emplea para proteger el paso de los ríos, y por extensión, el desembarco en una costa.* Ver Diccionário Enclopédico Ilustrado Sopena: Barcelona, 1977, vol. 1, p. 716.
[121] IBARRURI, Dolores.op. cit., vol. 4, p. 124.

No entanto, em breve a correlação de forças se inverteu, passando os republicanos a uma postura defensiva em relação aos franquistas. Utilizando-se de uma criativa metáfora, o veterano Delcy Silveira explanou de forma clara o que era a ofensiva e as razões que levaram ao seu fracasso:

> *Para quem não é militar, vou dar um exemplo esclarecendo o que é uma ofensiva. Existe um lago no qual você atira uma pedra formando uma onda, para que essa onda continue é necessário atirar outras pedras. Quando não tivermos mais pedras* (*tropas frescas*) *para atirar a onda cessa, isto significa que a ofensiva foi contida pelo inimigo ou pelo cansaço*[122].

De fato, as forças armadas republicanas não tinham condições materiais de manter a sua capacidade ofensiva. Faltavam armamentos, equipamentos e, principalmente, "tropas frescas", ou seja, soldados novos vindos da retaguarda, bem treinados, equipados e descansados, prontos para continuar o avanço substituindo aquelas unidades desgastadas que estavam na linha de frente. Para os republicanos, a tarefa era concentrar os seus esforços na construção de fortificações e posições defensivas para manter o terreno arduamente conquistado. Com muita dificuldade, dada a dureza do terreno, abriu-se uma linha de trincheiras e de defesa escalonada nos morros. Outro brasileiro veterano do Ebro, o então tenente José Gay da Cunha, combatendo próximo a Corbera em uma unidade de metralhadoras na 46° Divisão (também incluída no V Corpo de Exército) descreveu, em seu livro, as duras condições enfrentadas pelos defensores:

[122] SILVEIRA, Delcy. 2001, p. 64.

ARCHIVO Histórico de la Provincia de Buenos Aires

> *O grande problema do local era a falta de água. O Ebro estava a menos de uma quilómetro na nossa retaguarda, mas a aviação inimiga patrulhava constantemente o céu e todo o transporte era atacado sistemáticamente.* (...) *tinha se deliberado que cada homem receberia uma caneca de água para o dia todo. Ali ninguém lavava a cara ou os dentes e de banho nem era bom falar.* (...) *Ali no Ebro ninguém vivia a flor da terra. Todos tinham os seus refúgios e dificilmente se via algum soldado que não estivesse de serviço, andando por aquelas paragens*[123].

O inimigo, após um breve espaço de tempo para refazer-se das perdas sofridas nos primeiros momentos do avanço republicano, passou ao contra-ataque, empregando grande quantidade de tropas e armamento sofisticado, principalmente aviões modernos de fabricação alemã, como os *Messerschmitt Bf-109* e os *Junkers Ju-87 Stuka*, ou italiana, como os *Breda* e os *Savoia-Marchetti*. Nomes que se tornaram corriqueiros e famosos durante a Segunda Guerra Mundial[124].

Os ataques da aviação alemã e italiana à serviço de Franco eram quase impunes devido tanto a imperícia quanto a inferioridade numérica da aviação republicana e provocavam pânico nas tropas republicanas, num prenúncio do que sofreriam as tropas francesas e polonesas apenas alguns meses depois. As ordens do comando republicano, no entanto, eram severas: quem perdesse um palmo de terreno deveria recuperá-lo sob pena de ser fuzilado. Soldados e oficiais que abandonavam os seus postos eram executados e os sargentos receberam ordens de executar os oficiais que não dispusessem de ordens de retirada por escrito do alto comando[125].

---

[123] CUNHA, José Gay da. Op. cit., p. 188.
[124] Sobre a aviação empregada na campanha do Ebro, ver SHORES, Christopher. **Las Fuerzas Aeréas en la Guerra Civil Española.** Madrid: San Martín, 1979, p. 38-42, e GARCIA-MUÑOZ, Juan Abellán. Op. cit. p. 30, 64, 92, 94.
[125] BAYAC, Jacques Delperrie de. Op. cit., p. 310, e THOMAS, Hugh. Op. cit., p. 905.

Para ilustrar a tensão e o medo provocados pelos ataques aéreos às tropas de terra recorremos a um fato protagonizado por Delcy Silveira, ocorrido quando o seu pelotão se viu sob um ataque aéreo onde um de seus comandados ameaçou desertar, podendo iniciar uma debandada com sua atitude:

> *Um avião inimigo passou sobre as trincheiras, metralhando-as. Um jovem soldado espanhol, de meu pelotão, aterrorizado com o metralhamento aéreo, abandonou a posição, fugindo em direção ao abrigo subterrâneo existente no fundo da trincheira e que servia para abrigar-nos quando o bombardeio de artilharia e aviação era arrasador, mas antes dele chegar lá eu o detive de arma engatilhada apontada para sua cabeça, gritei: "Pára, senão te mato!". Parou, voltou para a trincheira e continuou combatendo.*(...)*...eu jamais poderia, como chefe,* [permitir] *que seu ato de covardia estabelecesse o pânico entre meus soldados e companheiros. Foi algo horrível para mim*[126].

Assim, em 1° de agosto de 1938, o Exército franquista, antecedido por uma barragem de fogo artilheiro e incursões aéreas de bombardeio, atacou as linhas republicanas no setor Norte. Após diversas tentativas consecutivas os franquistas conseguiram desalojar as defesas republicanas. Segundo Hugh Thomas a grande concentração de unidades de artilharia e o maciço emprego de suporte aéreo em um determinado ponto do *front* e numa área reduzida servia para acabar com qualquer possibilidade de resistência dos defensores. Esta era uma tática freqüentemente empregada por Franco, com a qual muitos dos seus generais não concordavam, pois desguarnecia outros pontos. Era uma releitura de uma velha fórmula: "a artilharia conquista o terreno, a infantaria o ocupa"[127].

[126] SILVEIRA, Delcy. 2001, p. 2-3.
[127] THOMAS, Hugh. Op. cit., p. 905.

ARQUIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

No dia 10 de agosto iniciou-se uma segunda ofensiva franquista que atingiu exatamente a área onde estavam os brasileiros da XII BI, em torno das Serras Caballs e Pandols e as colinas de Corbera. As batalhas travadas em torno destas colinas e nas trincheiras ao longo da região do Ebro foram das mais terríveis da GCE. Os combates sob o sol escaldante do verão mediterrâneo duravam dias seguidos e a situação das tropas de ambos os lados era lastimável. Os homens e equipamentos se esgotavam rapidamente. Mas os republicanos continuavam em desvantagem: a relação média de forças terrestres era de quatro atacantes para um defensor[128].

Além disso, as unidades já estavam reduzidas numericamente e os reforços eram quase inexistentes. Jovens espanhóis de 16 anos que pertenciam as classes que deveriam ser mobilizadas somente em 1940 já estavam sendo mobilizados. Apesar de todas essas desvantagens a consigna era "resistir" e as posições ocupadas deviam ser mantidas a qualquer custo.

De um modo geral, os combatentes brasileiros inseridos neste duro contexto de "vida ou morte" se destacaram nas suas ações militares, onde alguns pagaram com sangue pelo seu arrojo. Na Ficha de Combatente de David Capistrano, da XII BI/ 4º Batalhão/ 1ºCompanhia de Metralhadoras, consta que foi elogiado publicamente em 24 de setembro de 1938 pelo comissário político do Batalhão Blás (Biaggio) Bonsano pelos esforços realizados por ele e alguns colegas para manter uma destas posições durante o pior momento da ofensiva franquista, em setembro de 1938. Capistrano da Costa escreveu em seu relatório:

> *La mayoria de la fuerza habia abandonado las posiciones, yo y otros camaradas nos quedamos en la misma, eramos 13 hombres, resistimos*

[128] BAYAC, Jacques Delperrie de. Op. cit., p. 311.

> *hora y media, despues por falta de recursos fuimos obligados a nos retirar (sic)*[129].

Por sua ação em combate, Capistrano da Costa foi posteriormente promovido a sargento, função que já desempenhava "acidentalmente". Antes, havia também desempenhado, mas por pouco tempo, o cargo "acidental" de comissário de Companhia [130].

Entretanto, no meio da luta, as posições e trincheiras trocavam frequentemente de mão, ora com os franquistas, ora com os republicanos. Devido à inferioridade de condições das tropas republicanas as tentativas de recaptura (golpes de mão) das posições perdidas eram feitas à noite, para minimizar o efeito do assédio da artilharia e da aviação inimiga. No vívido relato de Delcy Silveira aqueles momentos de intensa tensão e medo, ocorridos há mais de sessenta anos atrás, são descritos com tal realismo e riqueza de detalhes que parecem ha ver ocorrido apenas há algum tempo atrás. É como se aquela experiência tão intensa e sofrida daqueles tempos de guerra tivesse se cristalizado para sempre em sua memória:

> *Chegou um momento em que os fascistas conseguiram deter a ofensiva republicana, aí estabilizou a frente. Eu tomei parte ofensiva e depois da guerra de trincheira. Agora, nesta guerra de trincheira, havia muita ação, por exemplo, ataques às posições fascistas: num deles eu fui ferido.* (...) *as posições não eram continuadas, entre uma posição nossa e a outra posição existia às vezes uma área completamente sem tropas, por*

---

[129] David Capistrano da Costa. Ficha de combatente, Comissariado de Guerra das BI, 31 de outubro 1938. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.

[130] Se dizia então "acidental" a aquele militar de posto inferior que cobria um vácuo deixado pela perda do efetivo que ocupava originalmente o cargo. Por exemplo, na falta de um sargento ou tenente um cabo ou soldado podia cumprir a função deste sem, no entanto, ser promovido de fato. Muitos dos brasileiros ocuparam cargos "acidentais" e alguns chegaram a ser confirmados nestas funções e promovidos. Vejam-se exemplos nos pareceres e fichas que constam nos Anexos G e J.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

> *exemplo, aqui tem um morrinho e aqui tem outro morrinho, e aqui tem uma baixada e nesta baixada não tinha tropas. Então a gente de noite lançava as patrulhas noturnas, coisa horrível, a gente não levava documento, só levava a arma e nada que podia fazer barulho, eram cinco, seis homens. A gente caminhava um pouco, era um mergulho na escuridão, era o ouvido, a gente caminhava um pouco, ouvia, caminhava outro pouco, ouvia. Eu fiz umas quatro ou cinco dessas missões, para mim foi a pior coisa de toda a guerra, os combates, o corpo à corpo, nada disso foi tão ruim. Essas patrulhas, era um mergulho na escuridão. Agora, eu nunca encontrei patrulhas inimigas, também as lançavam, mas teve companheiros, patrulhas que encontraram, dizem que o encontro era uma coisa... Assim de repente, se encontravam os dois grupos, era um tiroteio, coisa rápida, aquele desgarrado, era gente para tudo que era lado, quem caía morto ficava. E as vezes o sujeito, como aconteceu na nossa posição, de um fascista sair errado na nossa trincheira, assim como devia gente nossa bater nas trincheiras deles*[131].

Dos voluntários brasileiros que participaram das duras batalhas pelo controle da passagem do Ebro, a maioria sofreu algum tipo de ferimento. Delcy Silveira, em seu depoimento, conta que foi ferido duas vezes, permaneceu hospitalizado mais de dois meses e teve de passar por três hospitais diferentes: Igualada, Mataró y Moyá. No entanto, na sua Ficha de Combatente, Delcy Silveira apontou apenas um ferimento ocorrido em 6 de setembro de 1938[132]. O seu irmão Eny escapou por pouco da morte quando um fragmento de *schrapnell* seccionou o seu capacete de

[131] SILVEIRA, Delcy. 2001, p. 56.
[132] Idem, 2001, p. 4-5. Delcy Silveira, Ficha de Combatente, Comissariado de Guerra das BI, 12 de novembro 1938.

aço, sem no entanto causar-lhe ferimento algum. Mas, pouco depois, também foi ferido, quando Delcy o encontrou no mesmo hospital[133].

Conforme o reporte dado pelo comissário de Brigada ,"Nicoletto ou Nicoletti", da XII BI, o espanhol Ramón Prieto Bernié, dirigente do PCB foi: *Ferito tre volte, negle ultimo combattimento. Il miglior comissario del Bataglione. Un quadro del P* [Partido]. *La sua condutta* [ilegível]*...esemplare*[134].

Em 29 de setembro de 1938 José Gay da Cunha recebeu a ordem de desmobilização pela retirada dos estrangeiros. No entanto, como a sua Brigada estava desfalcada de oficiais o seu comandante pediu-lhe que ficasse por mais um dia e liderasse uma tropa em uma arriscada manobra pelas encostas da serra à noite: deveria deslocar uma Companhia de metralhadoras até uma posição defensiva em perigo. No entanto, quando estava chegando ao seu destino a Companhia comandada pelo tenente José Gay da Cunha foi detectada pelo inimigo e atingida por um pesado ataque de morteiros. A sua Companhia foi quase dizimada e Gay da Cunha sofreu sérios ferimentos nas pernas devido aos estilhaços de morteiro[135].

Quando enviado para o hospital de Moyá, Gay da Cunha encontrou Nelson de Souza Alves também ferido por estilhaços de morteiro e acometido de uma febre que o atingia há mais de quarenta dias. Delcy Silveira estava também convalescendo no mesmo hospital[136].

---

[133] SILVEIRA, Delcy. 2001, p. 4-5. Eny Silveira, Biografia de Militante, 25/11/1938. *Schrapnell* é uma expressão militar de origem alemã, utilizada universalmente para designar estilhaços de bombas, granadas ou outros artefatos explosivos de fragmentação.

[134] "Ferido três vezes nos últimos combates. O melhor comissário do Batalhão. Um quadro do P(partido). Sua conduta (ilegível)...exemplar". Parecer sobre Ramón Prieto Bernié, 10/10/1938. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.

[135] CUNHA, José Gay da. Op. cit., p. 195 e ss.

[136] Idem, p. 202-203. Nelson de Souza Alves, Ficha de Combatente. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

Homero de Castro Jobim, segundo Paulo Roberto de Almeida, era tenente comissionado desde o final de Abril de 1938. Porém, de acordo com sua Biografia de Militante datada de 30 de abril de 1938, não constam promoções além disto havia chegado a Espanha há menos de uma semana, no dia 24, para ser mais exato. Posteriormente, chegou a comandar uma Companhia e foi ferido diversas vezes durante os combates do Ebro. Permaneceu mais de dois meses hospitalizado no hospital barcelonense de Mataró, com sérios ferimentos no pulmão causado pela explosão de uma granada de artilharia que atingiu sua posição. Posteriormente foi promovido a tenente[137].

José Homem Correa de Sá, Dinarco Reis, Carlos da Costa Leite, David Capistrano da Costa e Nemo Canabarro Lucas não foram feridos ou não tiveram relatadas ocorrências de feridas de importância. Alguns, como Carlos da Costa Leite (então comandante de um agrupamento de artilharia no Ebro) e Canabarro Lucas (ainda no Estado Maior) encontravam-se em posições de comando mais seguras e geralmente fora da "linha de fogo", ou seja, onde a probabilidade de ser atingido pelo inimigo era substancialmente menor, apesar do risco permanente. Por outro lado, Correa de Sá, Reis e Capistrano da Costa tiveram muita sorte, pois se encontravam na linha de frente e provavelmente estiveram a maior parte do tempo sob intenso fogo inimigo.

Contudo, a missão de combate dos brasileiros e dos outros internacionais à serviço da Espanha republicana cessaria em breve. Ainda na segunda quinzena de setembro de 1938 os franquistas romperam diversos pontos nas linhas de defesa

[137] Homero de Castro Jobim, Biografia de militante, 30/04/1938. Parecer sobre Homero de Castro Jobim, 15/01/39. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL. ALMEIDA, Paulo Roberto. Op. cit., p. 54.

republicanas. Porém, não conseguiram avançar facilmente como haviam planejado e assim o fracasso da ofensiva republicana no Ebro não necessariamente se constituiu numa vitória franquista, pois a frente se estabilizou e até um certo pessimismo passou a tomar conta de Franco e seus aliados. Os próprios alemães chegaram a suspender novas remessas de armas[138]. Nesse intervalo, o Estado Maior republicano passou a reorganizar as suas forças para efetuar um contra-ataque. Paralelamente as BI foram retiradas da frente e, na retaguarda, os elementos estrangeiros começaram a ser desarmados e substituídos por tropas espanholas.

3.3 A Desmobilização dos Internacionais e o Colapso da República Espanhola.

O governo republicano já negociava há alguns meses com a LdN a saída dos estrangeiros que combatiam no conflito. No dia 22 de setembro de 1938 emitiu uma ordem de desmobilização de todos os voluntários estrangeiros a serviço da República. Ao negociar a saída dos internacionais, o primeiro ministro Negrín pretendia demonstrar boa vontade em um possível entendimento com os franquistas, com a finalidade de obter uma paz negociada. Há algum tempo Negrín manifestava interesse em um armistício e, atuando sem o habitual respaldo dos comunistas, no dia 9 de setembro encontrou-se com um representante do *III Reich* em Zurich, na Suíça, para facilitar o contato com o general Franco, mas sem muito sucesso[139].

Mesmo com o fracasso das sucessivas tentativas de paz e a crise de Munich como pano de fundo (que deixaram o problema espanhol em um segundo plano), os republicanos começaram efetivamente a desmobilizar todos os estrangeiros,

[138] VIDAL, César. Op. cit., p. 309 e ss.
[139] THOMAS, Hugh. Op. cit., p. 911.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

incluindo até mesmo aqueles nacionalizados espanhóis a partir de 16 de julho de 1936, data do início do conflito. Com este gesto o governo republicano também pretendia que os franquistas retirassem os "seus" internacionais: os italianos, os mouros, e o *Tércio*, mas principalmente os aviadores e técnicos alemães que tanto pesavam na balança à favor de Franco. Provavelmente, os republicanos, em seus anseios democráticos, esperassem que a França e a Inglaterra exortassem os franquistas de algum modo a imitar o exemplo republicano. O que de fato não ocorreu. Apenas alguns dias mais tarde, em 28 de setembro de 1938, as ilusões de Negrín e outros republicanos com respeito a Inglaterra e a França se dissiparam rapidamente após a entrega da Tchecoslováquia aos nazistas. Indiretamente, a vitória de Adolf Hitler sinalizou também a retomada do sucesso de Franco: a ajuda material alemã voltou a fluir[140].

O governo Negrín fez a proposta da retirada das BI diretamente à LdN, a qual aceitou e enviou um comitê de supervisão composto por quinze militares de vários países, presidida pelo general finlandês Jalander, para verificar a retirada dos estrangeiros do campo republicano. Para dar continuidade à farsa da "não intervenção", Mussolini retirou somente 10.000 soldados italianos, boa parte deles feridos ou doentes, o que não afetava de forma alguma a capacidade bélica de Franco. Restavam ainda do lado franquista 50.000 italianos, 10.000 alemães e 10.000 portugueses, além dos marroquinos e os homens do *Tércio*[141]. Em compensação, os estrangeiros do lado republicano contabilizavam apenas 12.673 soldados, conforme a

[140] VIDAL, César. Op. cit., p. 315.
[141] BAYAC, Jacques Delperrie de. Op. cit., p. 314.

contagem realizada pelos militares estrangeiros e supervisores da LdN [142]. Um comitê para a retirada dos voluntários foi criado, paralelamente, pelo governo republicano para atuar em conjunto com a comissão de controle internacional da LdN, que se encarregou de verificar a partida dos estrangeiros da Espanha.

Via de regra, a decepção se abateu sobre os voluntários estrangeiros. Muitos deles, cansados pela ação, estavam satisfeitos em serem retirados e poder voltar para casa, embora outros se recusavam a partir, em parte por não ter para onde ir, sendo obrigados a fazê-lo. Alguns que obtiveram cidadania espanhola conseguiram burlar o comitê de controle e permaneceram na Espanha.

Em outubro de 1938, após a desmobilização, os voluntários foram agrupados em cidades e campos de repouso na retaguarda para um merecido descanso, agrupados, em geral, por blocos nacionais. Outros ainda estavam internados nos hospitais, como era o caso de Gay da Cunha, os irmãos Silveira e Souza Alves. Recepções e festejos de confraternização foram organizados pelo governo para homenagear estes corajosos e aguerridos combatentes. José Gay da Cunha relatou que uma festa de confraternização entre os combatentes sul-americanos foi organizada por um argentino, comissário do serviço médico, em Barcelona [143]. Em meio a alegria da dança e da música, os jovens "veteranos" puderam esquecer um pouco os avatares da guerra.

Em 28 de outubro de 1938[144] teve lugar em Barcelona o apoteótico desfile de despedida das Brigadas Internacionais. Na Avenida 14 de Julho (hoje a Diagonal),

[142] Ver IBARRURI, Dolores. Op. cit., p. 180, v.4. VIDAL, César. Op. cit., p. 311, fala em 12.208. Esta cifra corresponde a os números dados pelo governo Negrín à Comissão da LdN. Hugh Thomas, Delperrie de Bayac e outros dão como correta a cifra de 12.673 voluntários.
[143] CUNHA, José Gay da. Op. cit., p. 201.
[144] VIDAL, César. Op. cit., p. 311. BAYAC, Jacques Delperrie de. Op. cit., p. 315. IBARRURI, Dolores. Op. cit., p. 183, v.4. CIERVA, Ricardo de la. Op. cit., p. 395.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

enfeitada com flores e bandeiras, mais de 250.000 pessoas deram um emocionado adeus àqueles estranhos que haviam vindo de quase todos os lugares do mundo para lutar pela causa republicana. Precedidos por destacamentos do Exército, da Marinha e da Força Aérea Republicana as delegações internacionais, compostas por voluntários de mais de 50 nações, desfilaram uniformizadas, porém desarmadas, representando os seus respectivos países e levando suas bandeiras. Entre eles, a delegação brasileira[145]. No dia seguinte os jornais da época , inclusive os brasileiros , noticiaram o grandioso evento:

> *A brigada internacional despede-se da Hespanha governista.*
> *Desarmados, os voluntarios desfilaram, hontem, em Barcelona, perante os srs. Azaña e Negrin*
> *BARCELONA, 28* (*Por R. Okin, correspondente da Associated Press*) – *O governo deu a despedida official á sua brigada internacional, com uma parada que foi provavelmente a mais importante desde que começou a guerra. Os membros da brigada, marchando sem armas, mas com suas bandeiras, foram passados em revista pelas ruas cobertas de flores, perante o presidente Azaña, o primeiro ministro Negrín, ministros do gabinete e chefes do exército. Desfilaram durante uma hora, sob constantes applausos. Emquanto isto, esquadrilhas de aviões cortavam os ares, prestando-lhes homenagens.*
> *A parada começou com a chegada de Negrin e Azaña, no mesmo carro, entre acclamações. A seguir, desfilaram unidades da marinha, com o punho fechado. Quando passavam deante da tribuna official seu commandante gritou: "Viva a Republica", ao que as tropas*

[145] Existem contradições nas versões apresentadas nos depoimentos dos veteranos e na historiografia sobre o tema. Thaís Battibugli afirma que Delcy Silveira confirmou sua presença no desfile e que Nelson de Souza Alves relatou que "os internacionais estavam de armas na mão" na cerimônia. Por sua vez, Paulo R. Almeida destaca o fato que Delcy Silveira não estava no desfile devido a sua hospitalização. Ambos autores datam o desfile em 15 de novembro, ambos equivocadamente. Em entrevista a este autor em 1997, Delcy Silveira confirmou que não esteve presente no desfile.

> *responderam, emquanto olhavam para a direita. As ruas estavam repletas de povo, emquanto os brigadianos desfilavam com suas bandeiras. Em primeiro logar vinham os italianos da divisão Garibaldi, com lenços vermelhos no pescoço. Seguiram-se os soldados polonezes, levando dísticos, com os dizeres: "Nunca cessaremos de combater o fascismo". A seguir vieram os allemães, norte-americanos, canadenses, belgas e francezes. A multidão ovacionou a todos igualmente.*
> *Na tribuna official, Dolores Ibarruri, "La Pasionaria", foi presenteado* (*sic*) *com flores. Estavam tambem presentes os membros da commissão da Liga das Nações que se encontram aqui para observar a retirada dos voluntarios estrangeiros. Unidades hespanholas também tomaram parte na parada, que incluía corpos de aviação, cyclistas e motocyclistas*[146].

Na época chamou a atenção dos participantes e dos observadores a grande quantidade de aviões republicanos que manobraram sobre Barcelona durante o desfile e que tanto faziam falta na frente de batalha. Mas eles não estavam ali unicamente para seguir um protocolo do desfile militar, na verdade eles fizeram a proteção aérea do desfile, pois Barcelona era constante alvo de maciços ataques aéreos da aviação do *Duce*, concentrada nas ilhas Baleares. Um ataque surpresa durante o desfile não só significaria uma desmoralização da República, mas também se configuraria uma autêntica tragédia.

Pouco depois, os voluntários brasileiros, juntamente com outros latino-americanos, norte-americanos e ingleses da XV Brigada, começaram a ser reunidos na localidade de Ripoll, próximo a Barcelona. Delcy Silveira se lembra daqueles tempos onde, mesmo em guerra, as pessoas ainda tratavam de viver o cotidiano dentro de uma certa normalidade:

---

[146] Correio do Povo, 29/10/1938, p. 2. No Anexo U e V temos imagens do evento.

> *Lá tinha uma fábrica* [a indústria automotriz Hispano-Suiza, convertida a produção bélica], *faziam umas festinhas no teatro e dançavam aquelas danças espanholas. Confraternizamos com a população civil, conhecemos muitas jovens espanholas*[147].

Em Ripoll, província de Gerona, parte da delegação militar brasileira passou a conviver em conjunto novamente, como não o fazia desde o cárcere no Brasil. Estavam novamente reunidos Delcy e Eny Silveira, José Gay da Cunha, Nelson de Souza Alves, Dinarco Reis, Jorge Cetl, David Capistrano da Costa, Homero de Castro Jobim e José Correa de Sá[148].

O major Carlos da Costa Leite ainda estava no campo de desmobilização de Cardedeu, na província de Barcelona, atuando como responsável do PC no campo juntamente com o tenente argentino José Beloqui[149]. Em Cardedeu, eram desmobilizados os estrangeiros que não pertenceram às Brigadas Internacionais, em geral por serem de origem hispânica e cuja maioria era de latino-americanos ou espanhóis que residiam no estrangeiro[150]. Provavelmente ali foi o primeiro contato de Costa Leite com outros brasileiros de origem espanhola ou espanhóis radicados no Brasil. Por Cardedeu passou Nemo Canabarro Lucas[151] e provavelmente também Hermenegildo Assis Brasil.

Enquanto isso, Apolônio de Carvalho e Joaquim Silveira dos Santos haviam sido retirados da região central e estavam a caminho da Catalunha, chegando a

---

[147] SILVEIRA, Delcy. 2001, p. 8.
[148] CUNHA, José Gay da. Op. cit., p. 204.
[149] Parecer sobre Carlos da Costa Leite escrito por "Edo", 01/11/1939. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL. BAUMANN, Gino Gerold. Op. cit., p. 42.
[150] Idem, p. 53.
[151] Sobre Nemo Canabarro Lucas, ver a sua Ficha de Controle emitida por Costa Leirte para o PCE, 20/11/1938. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.

Barcelona *às vésperas do natal e em plena ofensiva franquista*[152]. O dirigente Roberto Morena ainda permaneceu em Alicante.

Para onde iriam os voluntários? O governo francês permitiu a passagem dos voluntários cujos países os aceitassem de volta como os canadenses, ingleses, holandeses e americanos. Mas não aceitou os refugiados políticos alemães, italianos ou outros que não tivessem um endereço fixo na França. Os próprios franceses somente foram aceitos após a anistia concedida em 31 de dezembro de 1938[153]. Em torno de 6.000 internacionais não tinham para onde voltar, pois eram oriundos de países com governos de direita: alemães, italianos, húngaros, iugoslavos, argentinos, e brasileiros.

Por esta data (dezembro 1938 a janeiro 1939) parece que houve um oferecimento do governo mexicano, representado na figura do presidente Cárdenas, para que os voluntários considerados "apátridas" pudessem se estabelecer no México. Alguns dados são contraditórios, pois segundo Delcy Silveira, o governo mexicano enviou dois navios à França para buscar os voluntários[154], enquanto José Gay da Cunha escreveu a respeito de cinco navios fretados pelo governo espanhol à disposição dos voluntários que aceitassem o asilo mexicano[155]. Um *Comitê de Ex-combatientes de la España Republicana de los Voluntários Americanos Latinos que van a México*, conforme consta em um documento nos arquivos da *Komintern* atualmente em Campinas, chegou a ser criado (ao menos no papel) pelos ex-combatentes para cuidar das questões referentes ao repatriamento. Seu presidente era

[152] CARVALHO, Apolônio de. **Vale a Pena Sonhar**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, p. 115.
[153] BAYAC, Jacques Delperrie de. Op. cit., p. 315-316.
[154] SILVEIRA, Delcy. 2001, p. 8.
[155] CUNHA, José Gay da. Op. cit., p. 205-206.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

Dinarco Reis, secundado por Gay da Cunha[156]. Ainda segundo Delcy Silveira o comitê teria três ou quatro representantes para atuar junto ao governo mexicano, escolhidos pelo comandante das BI, André Marty[157]. O que de fato se sabe é que as gestões fracassaram devido ao veto, do governo francês, à passagem dos internacionais pelo seu território.

Enquanto isso a guerra continuava e Franco iniciou, no final de dezembro de 1938, uma poderosa ofensiva na Catalunha, prosseguindo com seus céleres avanços sobre o território republicano. Franco havia recebido farto material de guerra de seus aliados e conseguiu concentrar na região cerca de 350.000 homens fortemente armados e contando com um suporte aéreo e de artilharia nunca antes visto. Em oposição, os republicanos contavam apenas com 90.000 homens mal equipados, as vezes até desarmados, e principalmente desmoralizados.

O comando das BI ofereceu ao governo republicano os internacionais que ainda estavam em solo espanhol para voltar ao combate. Alguns ex-combatentes mais inflamados mantinham a esperança de voltar à frente de batalha, oferecendo-se às autoridades republicanas. Após algumas discussões e às pressas foram reorganizadas, em 23 de janeiro de 1939, as Brigadas Internacionais XI, XIII, XV e 129° com o intuito de retardar a queda da Catalunha. A situação era desesperadora, pois as novas unidades eram sombras das antigas BI: mal vestidas, mal equipadas e com poucas armas.

Enquanto isso, o governo republicano transferiu-se para a cidade de Figueras, a menos de 20Km da fronteira francesa. A cidade de Barcelona, a segunda em

[156] Documento 24: "Comitê de Ex-combatientes de la España Republicana de los Voluntários Americanos Latinos que van a México", 09/01/1939. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.
[157] SILVEIRA, Delcy. 2001, p. 8.

importância no país, semideserta, caiu em poder dos franquistas em 27 de janeiro de 1939. A população que não havia deixado a cidade, desgastada pela longa guerra e exausta das lutas internas entre comunistas, poumistas e anarquistas, ofereceu pouca resistência ao invasor. A notícia da queda de Barcelona repercutiu negativamente nas tropas que ainda ofereciam resistência. Somente os comunistas ainda incentivavam continuar a luta. Muitos soldados desertaram em direção a França, em vista de que tudo parecia irremediavelmente perdido. Na Figura 2 observamos o vertiginoso processo de queda da Catalunha.

Enquanto isso, os brasileiros que estavam em Ripoll foram trasferidos para Cassá de la Selva nos primeiros dias de fevereiro de 1939. Estes foram integrados a outros latino-americanos na nova XV BI (a antiga brigada anglófona), agora comandada pelo cubano Jorge Agostino e o capitão José Gay da Cunha como chefe de Estado Maior[158]. Com muita dificuldade, Gay da Cunha conseguiu armar uma Companhia selecionada a partir dos 684 homens com os quais contava a Brigada.

A companhia era composta por três Pelotões, todos comandados por tenentes brasileiros: Assis Brasil, Capistrano da Costa e Souza Alves[159].

Diante da desorganização da frente e sob o medo de uma debandada geral, o comando da XV BI decidiu retirar as tropas para a retaguarda por conta própria, sem esperar pelas ordens do comando das BI. Chegaram até o povoado litorâneo denominado San Pedro Pescador, onde os esperava André Marty, comandante supremo das BI. Marty, enfurecido, destituiu o comandante cubano Agostino e nomeou Gay da Cunha como novo (e último) comandante da XV BI[160].

[158] VIDAL, César. Op. cit., p. 389.
[159] CUNHA, José Gay da. Op. cit., p. 212. SILVEIRA, Delcy. 2001, p. 11.
[160] Idem, p. 216. Idem, 2001, p. 9-11. VIDAL, César. Op. cit. p. 321.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

Numa última reunião com Marty, José Homem Correa de Sá criticou os comandantes e comissários políticos pelo abandono das suas obrigações *e* [que] *não cuidavam em nada que a vida dos soldados se mantivesse num nível político adequado*[161].

Na seqüência, outros combatentes brasileiros fizeram reclamações semelhantes ao comandante Marty que, segundo Gay da Cunha, os elogiou pela sinceridade[162]. Em outros tempos, seria bem provável que Marty, no mínimo, os prendesse. Mas não havia tempo para isso.

A XV BI, sob o comando dos brasileiros, partiu rapidamente em direção a La Junquera, norte da Catalunha. Do outro lado se via a cidade francesa de Le Perthus. Junto aos homens da XV BI estavam os combalidos remanescentes das outras Brigadas Internacionais, todos protegendo a retirada dos milhares de refugiados civis republicanos em direção a França. Neste grupo de brasileiros não estavam presentes nem o major Costa Leite nem Apolônio de Carvalho e Joaquim Silveira dos Santos. Os dois últimos provavelmente atravessaram a fronteira em outro dia. Segundo um parecer emitido por um quadro da *Komintern* apelidado de "Edo", Costa Leite estava trabalhando na organizando da evacuação da Catalunha para o PC. Havia tencionado voltar ao *front* e incentivou os seus camaradas a fazer o mesmo[163]. Mas Costa Leite era um quadro suficientemente importante para não ser desperdiçado no *front.*

O êxodo dos republicanos foi um dos momentos mais dramáticos da guerra da Espanha. Mais de 500.000 pessoas se apinhavam nas estradas que levavam à fronteira e que estavam abarrotadas de automóveis, caminhões, ônibus, veículos

[161] CUNHA, José Gay da. Op. cit., p. 220.
[162] Idem, p. 220-221.
[163] Parecer sobre Carlos da Costa Leite escrito por "Edo", 01/11/1939. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

militares, carroças puxadas por animais, motocicletas, bicicletas e muitas pessoas a pé. Todos carregavam os poucos pertences que podiam: os últimos pedaços das suas vidas. Pessoas de todas as origens e idades: todos eram presas do mesmo pânico.

Hugh Thomas alerta para o fato de que muitos provavelmente não tinham porquê fugir, mas o medo era contagioso e, além do mais, na Catalunha se encontravam refugiados de outras regiões da Espanha que já estavam em mãos franquistas e conheciam a sanha do inimigo[164]. O governo francês não pretendia permitir a entrada dos refugiados espanhóis. Aos poucos, multidões começaram a se agrupar em torno da fronteira, sob as piores condições, pois faltavam agasalhos, remédios e comida em pleno inverno europeu. O ex-combatente Delcy Silveira viveu intensamente o impasse criado pelos obstáculos colocados pelo governo da França na questão dos refugiados. O seu relato, sessenta anos depois, ainda contém a indignação pela posição assumida pela França contra a República espanhola:

> *Na fronteira francesa encontrava-se uma multidão de espanhóis, mulheres, crianças, velhos, impedidos de entrar na França pelo governo desse país. Os brigadistas desmobilizados concentravam-se próximos a esta fronteira. O V Exército recuava, combatendo pressionado por forças muito superiores, tendo à sua retaguarda a fonteira da França.* (...) *Negrín informou ao governo francês que o V Exército* (...) *não se renderia e que seria empurrado para dentro da França. O governo francês percebendo que a guerra atingiria seu território, dada a encarniçada e heróica resistência oferecida pelos espanhóis, resolveu permitir o ingresso em seu território dos espanhóis, civis e militares do V Exército que vinham recuando e combatendo, jamais se renderam*[165].

[164] THOMAS, Hugh. Op. cit., p. 941.
[165] SILVEIRA, Delcy. 2001, p. 69.

De fato, desde 27 de janeiro de 1938 os primeiros grupos de militares feridos e civis receberam permissão para atravessar a fronteira. No dia 9 de fevereiro a delegação brasileira na XV BI saudou pela última vez os seus chefes: o Premier Juan Negrín, os coronéis Juan Modesto e Enrique Líster, e o comandante André Marty, entre outros[166]. No lado francês eles depuseram suas armas. Para eles a guerra havia terminado. No dia seguinte, os franquistas hastearam a antiga bandeira monarquista em Portbou, fechando a fronteira francesa. A Catalunha pertencia a Franco.

Para os que haviam conseguido atravessar a fronteira começou uma nova e difícil etapa: o exílio. Assim que os últimos soldados e civis saídos da Catalunha entraram na França, iniciou-se a longa e penosa marcha dos refugiados através dos Pirineus em direção aos campos onde seriam recolhidos, escoltados por um forte esquema de segurança. Os civis foram logo separados dos militares e os combatentes estrangeiros separados dos militares espanhóis. Delcy Silveira foi um dos que participou da marcha:

> *Durante a marcha passamos próximos a aldeias francesas, onde mulheres e crianças francesas nos ofereciam pão, frutas, leite, mas eram impedidas pelos Policiais Militares. Foi uma marcha de muitas horas sem descanso, sofrendo fome e sede, que somente soldados treinados poderiam resistir*[167].

Se Silveira e seus colegas, jovens soldados acostumados com os rigores das batalhas, sofreram com a árdua marcha através do território francês podemos

[166] SILVEIRA, Delcy. 2001, p. 69. CUNHA, José Gay da. Op. cit., p. 221-222.
[167] Idem, p. 70.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

imaginar o que devem haver passado os milhares de civis, homens, mulheres e crianças totalmente despreparados para enfrentar os rigores de tal epopéia.

Os voluntários estrangeiros foram internados em campos de concentração no sul da França, onde as condições de vida eram péssimas. Ao relento, sob o sol, ou sob a neve e a chuva, sofrendo assim toda a fúria da natureza. Quando iniciou a Segunda Guerra Mundial, o Exército francês pressionou os combatentes internacionais para que estes ingressassem na Legião Estrangeira, visto que precisavam de soldados experimentados para lutar contra a Alemanha. Mesmo oferecendo equivalência de postos militares, a oferta teve parca aceitação entre os internacionais. Sendo comunistas convictos, a maioria dos internacionais não aceitaram fazer parte da Legião Estrangeira, que consideravam despectivamente como sendo uma força de repressão colonial:

> *Ora, homens vindos de 53 países, voluntários para lutar pela liberdade e a democracia, junto ao povo espanhol, jamais ingressariam numa força que tinha como finalidade sufocar os anseios de libertação dos argelinos e marroquinos, que lutavam contra a dominação francesa*[168].

Esse foi o argumento apresentado por Delcy Silveira. Outros voluntários de outros países certamente apresentaram argumentos muito semelhantes. Os militares franceses lamentaram a posição dos internacionais, pois sabiam que a França necessitaria, em breve, de bons soldados como os antigos combatentes da Espanha republicana. No entanto, tendo-se em vista a atuação da França ao longo da guerra na

[168] SILVEIRA, Delcy, op. cit., p. 71.

Espanha seria muita ingenuidade dos militares franceses pensar que os exilados republicanos cooperariam abertamente e de bom grado para a defesa da França.

Alguns países acolheram os refugiados. Podemos dizer que o México ofereceu-se abertamente para os refugiados, sem fazer distinção. A URSS abriu suas portas para alguns comunistas (mas não para todos), a Inglaterra recebeu as "personalidades". A França, com relutância, aceitou alguns republicanos e, a contragosto, teve de ficar com os que não puderam se repatriar pois não tinham para onde ir[169]. Muitos voluntários ainda permaneciam presos nos campos de refugiados quando da invasão da França pelos alemães em junho de 1940.

Após a queda da Catalunha, a *debâcle* republicana se tornou iminente. Somente restavam ao governo republicano algumas cidades costeiras e menos de um terço do território espanhol. O Exército contava com 500.000 soldados mas em péssimas condições físicas e morais, além de escassos armamentos e munição[170]. Madrid, a outrora capital invencível, foi palco de uma nova divisão no campo republicano e caiu em meio de lutas internas, envolta em uma disputa entre os partidários comunistas de Negrín e os aliados anarquistas e socialistas do coronel Segismundo Casado, um militar que havia se rebelado contra o predomínio dos comunistas no governo republicano. Os rebeldes casadistas pretendiam assinar um armistício em separado com o general Franco após a derrubada dos comunistas do poder.

---

[169] BAYAC, Jacques Delperrie de. Op. cit., p. 318. Sobre a tragédia do exílio republicano, recomenda-se a leitura da obra de Dora Schwarztein, em especial o seu primeiro capítulo. SCHWARZSTEIN, Dora. Op. cit.

[170] THOMAS, Hugh. Op. cit., p. 956.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

As Brigadas Internacionais haviam deixado de existir mas ainda permaneciam em solo espanhol alguns comunistas estrangeiros, que no dizer de César Vidal, não eram tão importantes para que a *Komintern* se preocupasse em preservá-los para uma luta futura[171]. Não parece muito correta esta afirmação, do contrário não teriam retornado a Espanha, depois da queda da Catalunha, diversos líderes comunistas de relevo como Palmiro Togliatti, Dolores Ibarruri e Jesús Hernández ou os militares Enrique Líster, e Juan Modesto[172]. A delegação brasileira havia partido, mas um homem permaneceu até os últimos momentos da República, era o dirigente comunista Roberto Morena.

No início de março de 1939 o Dr. Negrín, uma vez deposto e abandonado por seus antigos colegas do governo, resolveu partir para o exílio com seus poucos aliados, os líderes comunistas espanhóis e estrangeiros. O novo governo do coronel Casado intentou negociar uma rendição incondicional com Franco. Mas Franco não pretendia negociar: exigia a rendição incondicional da República, sem garantias de vida ou anistia. No entanto, concedeu um prazo a Casado e aos seus seguidores para que abandonassem o país. Mas para todos os outros, simples e anônimos combatentes e funcionários da República que estavam no território republicano, somente restava a fuga por seus próprios meios. Não havia mais resistência de qualquer espécie e as unidades militares republicanas se desintegraram espontaneamente.

No porto de Alicante, na madrugada do dia 29 de março, os últimos voluntários estrangeiros disputaram com refugiados espanhóis um espaço no navio inglês *Stanbrook*, enviado pela II Internacional Socialista: entre eles, o brasileiro

[171] VIDAL, César. Op. cit., p. 322-323.
[172] THOMAS, Hugh. Op. cit., p. 970.

Roberto Morena[173]. Poucas horas depois as tropas italianas do general Gambara ocuparam a cidade e iniciaram os fuzilamentos daqueles que haviam ficado para trás.

A República finalmente se entregou em 31 de março de 1939. No primeiro dia de abril, a Junta Militar franquista anunciou pela rádio que *Cautivo y desarmado el Ejército rojo, las tropas Nacionales ocupan los últimos objetivos militares. La guerra há terminado*[174]. A Segunda República Espanhola havia deixado de existir.

ARCHIVO HISTORICO de la Provincia de Buenos Aires

[173] VIDAL, César. Op. cit., p. 323. ALMEIDA, Paulo Roberto. Op. cit., p. 60.
[174] Vários. **Giral: Una História de Sangre.** Madrid: Ediciones Combate, 1940, p.59.

CAPÍTULO 4: "NACIONALISMO E INTERNACIONALISMO"

4.1 Os Combatentes Internacionais: nacionalismo antifascista sob a égide do internacionalismo.

Nosso objetivo, neste capítulo, não é de esmiuçar a "questão nacional" em si, mas sim examinar como se manifestou o sentimento nacional nos voluntários estrangeiros que lutaram pela República Espanhola, partindo-se do princípio que o fizeram em nome de uma luta "internacionalista" mas que, segundo o seu próprio discurso, representava uma continuidade da luta "nacional" de cada grupo em questão. Entretanto, para compreendermos melhor de que forma o nacionalismo se combinou com a luta antifascista e o internacionalismo é importante traçar um esboço das origens do sentimento nacionalista entre os diferentes povos que compuseram as Brigadas Internacionais.

A questão do nacionalismo quase sempre se apresentou para a esquerda marxista como uma postura problemática ou, no mínimo, polêmica. Para Benedict Anderson, o nacionalismo tem se revelado uma verdadeira "anomalia" incômoda para a teoria marxista já desde o Manifesto Comunista, onde Karl Marx atribuiu uma distinção "nacional" a burguesia, sendo esta uma classe "mundial". Para ele, este seria o motivo original que tem levado esta questão a permanecer em segundo plano, inclusive sendo mais evitada do que analisada. De qualquer forma, o fenômeno do nacionalismo em si, apesar de sua visível influência no mundo moderno e

contemporâneo continua sendo um objeto difícil de definir e consequentemente de analisar[1].

Em sentido semelhante trabalhou Carlos Pereyra, ao afirmar que ainda se está muito distante de um marco epistemológico capaz de *aprehender las formas que el momento nacional gravita en el proceso de construcción de la hegemonía obrera*[2]. Considerou também que a dimensão nacional foi subestimada, de um modo geral, por boa parte dos teóricos marxistas, devido a uma visão estreita baseada em concepções simplistas e adotada em função de uma ideologia puramente classista.

Citando Boronov, Pereyra observou que os ideólogos classistas ignoraram interesses nacionais que eram importantes para a classe operária e obscureceram a consciência nacional, o que prejudicaria os próprios interesses da classe operária. Por outra parte, ele destacou que as dificuldades iniciais dos marxistas em reconhecer a amplitude da dimensão nacional estaria vinculada ao fato da idéia de nação haver surgido durante a modernidade como fruto do pensamento burguês.

Na realidade, desde o seu surgimento (por volta de 1830) o nacionalismo, ou melhor, o princípio de nacionalidade, esteve intimamente ligado aos fenômenos de cunho radical e liberal, descendentes diretos da agitação jacobina dos tempos da Revolução Francesa que, ao integrar Estado, povo soberano e território, resultara em um novo conceito de nacionalidade entendido como a expressão política de um determinado povo em um território definido e limitado por fronteiras [3].

Contudo, essa definição de nacionalismo tornou-se mutável ao ser apropriada por novos atores sociais. A partir de 1870, com a criação de duas grandes nações na

[1] ANDERSON, Benedict. **Nação e Consciência Nacional.** São Paulo: Àtica, 1989, p. 11-12.
[2] PEREYRA, Carlos. **El Sujeto de la História.** Mexico DF: Alianza, 1988, p. 179.
[3] HOBSBAWM, Eric J. Op. cit., 1990, p. 31-33.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

Europa (Itália e Alemanha) e mais uma série de pequenos países nos Balcãs, o mapa político europeu sofreu significativas mudanças. Todavia, as decisivas alterações no quadro político europeu viriam especialmente após a Grande Crise de 1873, que demonstrava o esgotamento do modelo econômico de livre mercado capitaneado pela Inglaterra e que alteraria a relação de forças econômicas presentes até então[4]. Com o crescimento e aceleração da produção industrial, o capitalismo aumentou seus níveis de concentração de renda e produção, o que impulsionou efetivamente o surgimento e desenvolvimento de cartéis e monopólios. A dinâmica do sistema econômico capitalista atingiu uma fase mais sofisticada de exploração, o imperialismo.

Esta nova ordenação econômica levou os países europeus a acirrar a disputa por mercados, fossem eles internos ou externos (colônias). Logo, cada país concorrente passava a ser visto como um perigo potencial à nação. O "estrangeiro" tornava-se algo ameaçador à integridade nacional. Neste sentido, a política externa dos Estados europeus tornou-se cada vez mais agressiva, colocando em risco o equilíbrio mundial.

Assim, o nacionalismo europeu do final de século XIX, revestiu-se de um caráter xenófobo e passou a vincular-se a ideais reacionários, anti-liberais e adotando uma postura de incentivo ao expansionismo das nações imperialistas. Esta tendência direitista do nacionalismo encontrou resposta num sentimento geral de descontentamento presente nas populações das camadas médias e inferiores que sofriam o peso inflexivo da crise do liberalismo *fin de siécle*. Por outra parte, este novo enfoque do nacionalismo, dentro de um viés reacionário, assinalava veementemente o que considerava ser os "culpados" pelas dificuldades enfrentadas

[4] HOBSBAWM, Eric J. **Era dos Impérios.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, 3 ed., p. 31-33.

por cada nação, leiam-se judeus, capitalistas, republicanos ou socialistas, todos considerados "estrangeiros" ou "internacionais". Plasmados de preconceitos, os nacionalistas de direita apontavam na figura do "estrangeiro" a responsabilidade pelo descalabro geral da sociedade nacional[5].

O discurso ideológico nacionalista teve assim reflexos mais efetivos na camada pequeno-burguesa. Isto ocorreu devido à sua capacidade de criação de uma identidade coletiva, geralmente através do estabelecimento de uma língua oficial que possibilitava, por exemplo, uma ascensão social dentro do aparelho de Estado, fazendo-as sentir-se partícipes de "algo maior", dessa "comunidade imaginada" que é, considerada por alguns cientistas, a nação[6].

No entanto, os ecos do nacionalismo chauvinista[7] também foram ouvidos nas classes populares das grandes nações européias, onde o apelo xenófobo e às vezes racista, combinou-se estranhamente com uma poderosa força mobilizadora que se encontrava presente na gênese do "nacionalismo revolucionário" jacobino: o sentimento de cidadania; a relação cidadão-Estado-território[8]. Do cidadão que defende a causa "justa" do seu Estado contra a "barbárie do outro" pela defesa da "sua civilização", ou quaisquer outros motivos justificados pela classe dirigente do seu Estado[9].

---

[5] HOBSBAWM, Eric J. Op. cit., 1992, p. 31-33.
[6] O conceito, empregado por Hobsbawm, é de autoria de Benedict Anderson. Significa que a nação é uma entidade política imaginada e, como tal, implicitamente limitada e soberana. Para ele a nação também é imaginada como uma comunidade ligada por laços de fraternidade profunda e horizontal. Ver ANDERSON, Benedict. Op. cit., p. 14-16.
[7] O "Diccionário Enciclopédico Ilustrado Sopena" define *Chovinismo: Nombre que se le da al patriotismo exagerado, irreflexivo y ridículo, cuando no falso.* Ver **Diccionário Enciclopédico Ilustrado Sopena.** Barcelona: Sopena, 1977, p. 1291.
[8] HOBSBAWM, Eric J. Op. cit., 1990, p. 110.
[9] Idem, 1990, p. 111-112.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

Com este sentimento subjetivo, mas arraigado, de pertencimento a uma comunidade determinada, a um *éthos*, é que as massas trabalhadoras de 1914 (convertidas em soldados de exércitos nacionais) partiram para os *fronts* carregando altivos suas próprias bandeiras nacionais em direção a seu destino trágico nos campos de Yprés, Verdun ou Cambrai, onde o espectro da morte os aguardava pacientemente, em meio a espessas nuvens de enxofre e gases tóxicos.

No entanto, a "questão nacional" para as organizações de esquerda continuava a ser um sério ponto de debate. Na II Internacional Socialista de 1889 provocou-se uma divisão que deu origem a dois grupos diferenciados. Por um lado, os chamados "revisionistas" ou "reformistas" e por outro os "revolucionários". O cisma ocorreu por divergências de ordem tática e estratégica, com respeito à luta contra as forças do capital. Os primeiros advogavam a favor de reformas dentro da estrutura capitalista, sem alterá-la. O segundo grupo assumia uma postura de ruptura total com o capitalismo, pretendendo a sua completa eliminação como sistema econômico e político. Assim, às vésperas da Primeira Guerra Mundial, reformistas e revolucionários debatiam ardentemente em torno à participação, ou não, da classe trabalhadora em uma guerra de proporções mundiais.

Finalmente, os revisionistas abdicaram da luta de classes e do "internacionalismo" proletário e assumiram, separadamente, uma postura belicista a favor das burguesias "nacionais" dos seus respectivos países. Conforme afirmou Alberto Plá: *Los socialistas alemanes son más alemanes que socialistas, o por lo menos lo son sus direcciones revisionistas, y lo mismo sucede con los demás partidos*[10] .

[10] PLÁ, Alberto. "Del Manifiesto Comunista a la Revolución Rusa". In: **História del Movimiento Obrero.** Buenos Aires: CEDAL, 1991, n [0] 16. p. 32.

Neste sentido, para grande parte dos socialistas, a Primeira Guerra Mundial revestiu-se oportunamente de um caráter "nacional proletário"[11], anti-conservador e modernizador democrático. Enfim, impregnados pelo "jacobinismo" ao que Hobsbawm faz frequente menção. Este fenômeno pôde ser observado tanto nas grandes potências ocidentais, como França, Grã Bretanha e Alemanha, como nas instáveis Áustria-Hungria e Rússia, e a indecisa Itália, que demorou vários meses para entrar no conflito.

A crítica a esta postura corresponderia a pequenos grupos de intelectuais revolucionários, minoritários, na então social-democracia européia. Eram os que mantiveram a concepção da luta de classes e do "internacionalismo" proletário. Entre eles, uma liderança: Vladimir Illych Ulianov, aliás Lenin. Para a ala esquerda da social-democracia a guerra possuía um caráter inter-imperialista e as classes trabalhadoras deveriam voltar suas armas para os verdadeiros inimigos, ou seja, as classes dominantes de cada nação em guerra[12]. Em suma, o inimigo não era externo. Refutava-se o chauvinismo nacionalista de modo exemplar, o que determinava para alguns setores da esquerda, a incompatibilidade entre nacionalismo e revolução social. Durante um bom tempo essa seria uma postura "oficial" do comunismo, pelo menos até meados dos anos 30, quando o nacionalismo "esquerdista" voltaria a ser reabilitado, como veremos adiante.

Após três anos de guerra na Europa, o nacionalismo, tanto genuinamente popular, como o incitado pelos chauvinistas e pelo Estado, saiu bastante enfraquecido. A confiança popular nos governos europeus beligerantes decaiu

[11] VIGEZZI, Brunello. "A Itália entra na Guerra". In: **História do Século XX.** São Paulo: Abril, 1973, p. 540.
[12] KREMER, Ilya Semyonovich. "O Comintern" . In: **História do Século XX.** São Paulo: Abril, 1973, p. 995.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

gradualmente, ainda mais a partir de 1917, quando a agitação revolucionária na Rússia começou a influenciar outros povos no sentido de uma autêntica revolução social que possuísse um caráter tipicamente "internacionalista". Esta era a esperança dos grupos revolucionários em volta de Lenin, León Trotsky, Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo. A corrente "internacionalista" dos revolucionários bolcheviques aumentou e foi se espalhando na esquerda européia em geral.

Os socialistas-reformistas, agora rotulados de "social-chauvinistas", caíram em descrédito no movimento operário. As revoltas e agitações na Europa pareciam indicar que a revolução "internacional" era iminente. O próprio Lenin inclinou-se neste sentido, conforme registrado em vários documentos de sua autoria[13].

A fé no espírito revolucionário e uma leitura particular dos acontecimentos mundiais naquele momento, insuflou um otimismo exacerbado nos internacionalistas. Em 1919, cônscios de uma vitória proletária, criaram sob auspícios de Moscou uma nova internacional, chamada de "III Internacional" ou de "Internacional Comunista". Sua finalidade era a de unificar e controlar as recém criadas seções nacionais dos partidos comunistas sob sua égide e promover a revolução em escala mundial sob sua direção[14]. Parecia ser a derradeira pá de terra sobre o cadáver do nacionalismo de esquerda.

No entanto, novas condições históricas inter-relacionadas se encarregariam de mudar este perfil inicial da IC. Citemos algumas: as derrotas dos movimentos revolucionários na Europa durante os anos 20, a divisão ideológica, e a disputa de poder entre os bolcheviques na URSS, que levou Josef Stalin e os partidários da

[13] LENIN, Vladimir I. U. **Imperialismo: Fase Superior do Capitalismo.** São Paulo: Global, 1987, 4 ed., p. 14.
[14] KREMER, Ilya Semyonovich. Op. cit., p. 1000.

"revolução num só pais" ao governo, além da ascensão do nazi-fascismo, que retomava a xenofobia e o nacionalismo chauvinista como base de seus pressupostos teóricos. Como pano de fundo, o quadro geral da crise mundial do capitalismo em 1929, com seus variados reflexos na sociedade, como já vimos no primeiro capítulo.

Os somatórios destes fatores alteraram as rígidas e dogmáticas concepções da IC e da URSS, levando ao abandono progressivo da postura esquerdista "revolucionária e internacionalista" e considerando uma possível reconciliação com um nacionalismo de viés esquerdista antes repudiado. Embora Stálin considerasse que a luta nacional era uma luta essencialmente "burguesa", era o momento das classes subalternas tomarem as bandeiras da burguesia em proveito próprio, tendo os comunistas, em todos os países, passado a advogar oportunamente em favor da causa nacional.

Com a ascensão de Hitler ao poder em 1933 completaram-se as condições necessárias para o ressurgimento efetivo de um nacionalismo de cunho esquerdista. O acirramento da luta ideológica levou à necessidade de opôr ao nazi-fascismo, dotado de um forte componente nacionalista-chauvinista, um antifascismo que tivesse princípios nacionalistas bem definidos[15].

É interessante notarmos que o nazi-fascismo, apesar dos seus discursos e chavões ultranacionalistas, possuía também um caráter "internacionalista" (mas dotado de um forte eurocentrismo) ao alinhar diversas frações das direitas "nacionais", antes dispersas, em torno da luta anticomunista. Isso se tornaria patente durante a Segunda Guerra Mundial, quando milhões de cidadãos europeus e de outros povos (principalmente das colônias anglo-francesas) apoiaram a Alemanha

[15] HOBSBAWM, Eric J. Op. cit., 1990, p. 174.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

nazista ativamente, não tanto por assumir uma posição política próxima ao nazismo, mas acreditando que uma vitória do III *Reich* poderia levar à concretização de suas aspirações nacionais[16].

Por outro lado, o desenvolvimento de um patriotismo antifascista em cada nação levou, paradoxalmente, também a um reforço do internacionalismo, já que as lutas desenvolvidas no plano nacional formavam partes constitutivas de uma luta antifascista em escala mundial. A luta antifascista revestiu-se, portanto, de um duplo conteúdo: transformador social e emancipador nacional[17]. Movimento transformador da sociedade pela escolha da esquerda como opção político-ideológica e de libertação nacional, pois considerava-se que as nações estavam submetidas às forças "internacionais" do capitalismo e da direita, da qual o fascismo era a vertente máxima. Para as nações dependentes e periféricas como as da América Latina, por exemplo, a luta antifascista ainda adquiria simultaneamente um caráter antiimperialista pela identificação do fascismo como uma manifestação do imperialismo[18].

Nestas regiões periféricas as populações que ainda não haviam obtido os seus direitos à autodeterminação ou que se encontravam em uma posição subordinada a alguma potência estrangeira, o nacionalismo, além da questão lingüística (como elemento aglutinador da identidade) passou a contar com outros elementos de suporte e apoio ideológico, tais como a religião ou um movimento político de caráter libertador-social. Elementos que em combinação com o nacionalismo seriam capazes de fortalecê-lo consideravelmente e mobilizar as nascentes camadas médias e as

[16] JURADO, Carlos C. **Resistance Warfare 1940-1945.** London: Osprey Publishing, 1985, p. 7.
[17] HOBSBAWM, Eric J. Op. cit., 1990, p. 176.
[18] Era o caso brasileiro. Ver MORAES, João Quartim de. Op. cit., 162-163.

massas populares locais. Ocorreu então uma verdadeira amálgama entre luta de classes e sentimento nacional, já que as classes dominantes locais apresentam-se como aliadas das forças imperialistas.

Para os marxistas, a grande burguesia dos países dependentes apresentava-se como um elemento "anti-nacional", devido a sua inserção no sistema de relações sociais. Sem falar nos vínculos, tanto econômicos quanto ideológicos, com as burguesias dos centros capitalistas e a adoção dos modelos e soluções políticas européias ou norte-americanas. Neste sentido, a luta nacional adquiriu um autêntico caráter popular, onde a maioria dos movimentos operários dos países periféricos e dependentes tiveram de inserir a "questão nacional" dentro do seu projeto político na luta por atingir os seus objetivos de classe[19].

Devemos destacar que os marxistas ortodoxos consideravam que na América Latina ainda não havia acontecido a "revolução burguesa" (ou então ela havia fracassado, ou mesmo estava incompleta) e isto implicava no fato de que a nação, enquanto processo histórico, ainda estava também em fase construtiva. Ou seja, evidenciando o quanto ainda permaneciam presos aos paradigmas e aos modelos eurocentristas, os comunistas consideravam que o Estado e seus agentes não haviam integrado devidamente o povo e forjado cidadãos e nações, como ocorrera na Europa dos séculos XVIII e XIX.

Desta forma, via-se a "burguesia" latino-americana como incapaz de cumprir sua tarefa histórica (realizar a revolução burguesa), por que ocupava uma posição subalterna em relação ao imperialismo, caberia à vanguarda do proletariado o cumprimento da tarefa em seu lugar.

[19] PEREYRA, Carlos. Op. cit., p. 182.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

Logo, também se tornou missão dos comunistas realizar os objetivos "nacionais" como um elemento indispensável para a consecução da etapa "democrático-burguesa" da revolução. Uma vez concluída esta etapa, se avançaria no sentido de propiciar e estabelecer condições objetivas e subjetivas que possibilitassem uma futura e inexorável revolução socialista. Somente uma revolução social propiciaria a criação de uma nação autêntica, onde a maioria da população se sentisse finalmente integrada à sociedade e identificada com o seu Estado nacional.

Enfim, concluíu-se que somente com a união das forças progressistas e nacionais de cada país é que se poderia enfrentar e derrotar uma direita internacionalmente articulada. Mas o desenvolvimento dessa luta continuava sendo uma estratégia planetária, ou seja "internacional" e seu objetivo, a prazo indefinido, continuava sendo a revolução socialista mundial. Com este objetivo a IC no seu VII Congresso em 1935, confirmou a nova linha tática das Frentes Populares Antifascistas.

Lembremos que a tática frentepopulista consistia em incluir amplos setores e grupos sociais sob a bandeira da luta antifascista e antiimperialista (nos países dependentes) mas construída a partir da base proporcionada pela construção prévia de uma frente única dos trabalhadores, sob direção do "partido do proletariado", o PC[20]. Ao mesmo tempo, as Frentes Populares serviram principalmente para fortalecer e expandir o movimento comunista em vários países onde este apresentava pouca ou nenhuma projeção, como no Brasil ou no restante da América Latina[21].

O caráter "internacional" do fascismo revelou-se claramente para a esquerda quando do envolvimento direto da Itália fascista e da Alemanha nazista apoiando os

[20] DIMITROV, Jorge. Op. cit., p. 129 e ss.
[21] ALBA, Victor. **História del Frente Popular.** Mexico: Libromex, 1959, p.147.

sublevados espanhóis em julho de 1936. A partir desse momento, tornou-se explícito que a guerra civil que se desenrolava na Espanha transbordava a sua dimensão nacional. Não era apenas uma guerra civil, pois passou a ser considerada uma invasão "estrangeira", resultado de uma intervenção nazi-fascista "internacional". Deter esta invasão e tudo o que ela representava como o racismo, a barbárie, e a reação era o dever de todo antifascista, seja qual fosse sua origem nacional. A causa principal era, portanto, a luta antifascista, que por um mero acidente histórico travava-se às portas de Madrid[22].

No entanto, o que conferia a dimensão internacional era que essa luta poderia travar-se, em breve, em qualquer cidade do planeta: Londres, Paris, Rio de Janeiro ou Buenos Aires. Independente de existirem condições reais ou não que permitissem a vitória de algum grupo ou partido parafascista, o que de fato ocorria era que estes grupos pipocavam de forma alarmante em vários países do mundo.

Portanto, o apelo antifascista encontrou eco e mobilizou milhares de pessoas que, se não tinham condições materiais ou conjunturais de combater o "mesmo inimigo" em seus próprios países, tinham uma chance de fazê-lo na Espanha. Parece-nos exemplar a seguinte citação. Um voluntário negro estadunidense disse a respeito da motivação para lutar na Espanha: *Yo queria ir a Etiopía y luchar contra Mussolini* (...) *Esto no és Etiopía, pero como si lo fuera*[23]. Neste caso em particular, sua motivação em combater o fascismo tanto estava ligada à questão ideológica quanto a da identidade étnica do voluntário.

Ou então este parecer emitido pelo Comitê Central do PC da Alemanha, então proscrito:

[22] HOBSBAWM, Eric J. Op. cit., 1990, p. 175.
[23] EBY, Cecil. Op. cit., p. 21.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

> (...) *la solidariedad y la lucha de los alemanes enemigo de Hitler por la libertad de España no era solo una manifestación de internacionalismo proletário, sinó un deber nacional de cada patriota alemán, pues unicamente defendiendo a la República Española se podría salvar al pueblo alemán del peligro de una nueva guerra mundial*[24].

O mesmo transparece no relato do voluntário brasileiro Delcy Silveira:

> *Em Montevideu, o grupo de militares* [brasileiros exilados] *reunido decidiu dar uma ajuda para os espanhóis na luta contra o fascismo. O mesmo fascismo que fundamentava o integralismo, e que estava tão próximo de Getúlio* [Vargas], *seria nosso inimigo na Espanha* (...) *era nossa obrigação contribuir para a causa espanhola*[25] .

Ou seja, mesmo que a luta antifascista dos voluntários das BI tivesse essencialmente um apelo de solidariedade internacional, não deixou de ter uma característica original básica do apelo patriótico de uma identidade nacional prévia, que os comunistas souberam explorar coerentemente. Uma identidade que adquiriu um duplo caráter, nacional e internacional, e que realizou uma complexa síntese entre o patriotismo, o internacionalismo, e um ideal de transformação estrutural da sociedade.

Para Hannah Arendt, o fenômeno das BI assustou a Europa. Não somente pelo preconceito contra quem sai de "seu" país para lutar por "outro" que era (e provavelmente continua sendo) muito forte. Ademais, ela destaca que, a simples vista, poderia parecer que aqueles homens estavam se desapegando das suas

[24] TEUBNER, H. "Alemania" In: ACADEMIA DE CIENCIAS DE LA URSS **La Solidariedad de los Pueblos com la República Española 1936-1939.** Moscú: Progreso, 1974, p. 35.
[25] SILVEIRA, Delcy. 1995, p. 27.

nacionalidades originais e adotando uma outra comunidade nacional. Entretanto, como ela mesmo disse:

> *Este não era absolutamente o caso. As pessoas sem Estado haviam demonstrado surpreendente teimosia em reter a sua nacionalidade.*(...) *A Brigada Internacional dividia-se em batalhões nacionais, nos quais os alemães pensavam estar lutando contra Hitler e os italianos contra Mussolini, da mesma forma que, apenas alguns anos depois, na Resistência, os refugiados espanhóis julgavam estar lutando contra Franco, quando ajudavam os franceses contra o governo colaborador de Vichy*[26].

O que deve ser destacado aqui é que mesmo que italianos e alemães houvessem perdido seu direito à cidadania, sendo rejeitados pelos seus governos e não reconhecidos como cidadãos pelos seus Estados, eles continuavam a teimar em manter a sua nacionalidade, o que indica claramente que o sentimento nacional estava acima do Estado e de meras fronteiras territoriais, além de associar-se genuinamente a movimentos de libertação social.

Assim como Hobsbawm procurou nos demonstrar ao longo da sua obra sobre os nacionalismos, a identidade nacional não necessita divorciar-se de outras formas identitárias, tais como identidade de classe, religiosa ou mesmo opção política. Muito pelo contrário. A construção de uma identidade nacional consiste também em uma complexa justaposição de outras identidades que se agregam e se sobrepõem, mas mantendo cada uma suas características essenciais.

Portanto, não nos estranham as palavras e a postura do ex-combatente Delcy Silveira ao falar do PCB, do nacionalismo e do internacionalismo:

[26] ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 316.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

> *Qual o partido mais brasileiro que o país já teve? Foi o Partido Comunista Brasileiro. Além de ser nacional de ponta a ponta, é um partido que defende os interesses do Brasil. É um partido: não resta dúvida que é internacionalista* [27].

Quando lhe perguntamos em que sentido era "internacionalista", Silveira respondeu: *Olha, ninguém é mais patriota do que eu, sou nacionalista até a raiz dos cabelos, sempre fui e isso não impede que seja internacionalista.* (...) *De apoiar aqueles governos que são governos do povo*[28].

4.2 Identidades e Conflito Nacional nas Brigadas Internacionais

Como já foi dito anteriormente, as BI foram engendradas pela ação de Stalin e da *Komintern* a partir dos princípios emanados pelo dito antifascismo democrático e se constituíram numa legitimação prática das teses frente-populistas de Jorge Dimitrov apresentadas no VII Congresso da IC. Com a finalidade de legitimar esta aliança entre burgueses e comunistas, proposta pela linha da Frente Popular (considerada uma "ideologia de transição"[29]) e sacramentada pela criação das BI como unidade político-militar frente-populista, houve a necessidade de desenvolver uma identidade própria que representasse o amplo significado das BI e onde os

---

[27] SILVEIRA, Delcy. 2001, p. 4.
[28] Idem, 2001, p. 4.
[29] O antifascismo democrático se apresentou como um denominador comum das diversas tendências independentes da resistência européia. Era uma ideologia de transição no sentido de que possibilitava uma passagem ulterior para a revolução proletária, tendo-se em vista que a realização da Frente Popular somente seria possível utilizando-se como base anterior a política da Frente Única dos trabalhadores. Ver KERNIG, C. D. Op. cit., p. 49 e ss.

principais aspectos e princípios ideológicos constitutivos da teoria da Frente Popular estivessem corretamente simbolizados.

Com esta finalidade foram utilizados vários elementos simbólicos que já estavam presentes no imaginário social das massas populares, além de outros que tiveram de ser criados ou adequados para encaixar-se dentro do perfil identitário das BI, idealizado pelos "inventores" do antifascismo democrático, o movimento comunista internacional.

No entanto, a implantação desta nova identidade nacional-antifascista nas BI pretendia também, em seu discurso, a eliminação de resquícios e antagonismos herdados de ideologias burguesas e chauvinistas pela direita[30], ou do "desviacionismo trotskista" e do "comunismo libertário" dos anarquistas pela esquerda[31]. Na prática, observamos que certas contradições teimavam em persistir, apesar dos esforços realizados pelo comando das BI para eliminá-las, ou no mínimo matizá-las.

O nacionalismo de tipo chauvinista era uma das marcas "pequeno-burguesas" que os organizadores das BI temiam e pretendiam apagar das mentes e dos corações dos voluntários internacionais, pois opunha-se frontalmente aos ideais de igualdade e fraternidade entre as nações que constavam como princípios basilares do internacionalismo proletário marxista incluído na tática do antifascismo. Contudo, parece que certas posturas antagônicas ao discurso antifascista encontravam-se presentes nas mentalidades de alguns membros, ou até mesmo grupos dentro das BI[32].

[30] EBY, Cecil. Op. cit., p. 53.
[31] LONGO, Luigi. Op. cit., p. 58, 140-43, 259-160.
[32] EBY, Cecil. Op. cit., p. 53-55.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

Na historiografia sobre as BI existem alguns relatos que indicam que houve uma persistência de um patriotismo exacerbado em certos grupos nacionais, o que as vezes levou a tensões entre as diversas nacionalidades representadas nas BI, mas de modo algum podemos afirmar que isto fosse um comportamento predominante. Contudo, simplesmente negá-la ou negligenciá-la em prol de uma visão idealizada das BI, como o fez a historiografia oficial soviética ou os historiadores ortodoxos militantes[33], seria como mascarar os fatos.

Uma vez que a maioria dos membros das BI era de filiação comunista ortodoxa, provavelmente estes ainda considerassem o nacionalismo e suas manifestações em geral, como uma "excrescência pequeno burguesa" que deveria ser subordinada ao internacionalismo proletário e a lealdade com a URSS, o único Estado ao qual o proletariado deveria ser devotado.

Como disse Eric Hobsbawm, *diferentes vínculos* [de identidade] *não representariam exigências incompatíveis.* Ou seja, que um soldado das BI poderia simultaneamente ser um comunista, um operário, um antifascista, e um nacionalista. Porém, podiam surgir incompatibilidades entre essas identidades que levassem a um conflito. Neste sentido, *os militantes* [mais] *comprometidos politicamente eram mais sensíveis a tais imcompatibilidades*[34], o que já implicaria em uma hierarquização e ordenamento das identidades.

Basta lembrarmos que imperava sobretudo a visão stalinista sobre o nacionalismo. Portanto, tanto o nacionalismo como a democracia burguesa, somente eram aceitos ou tolerados pela militância mais ortodoxa, devido as contingências da

[33] Cito apenas alguns autores que constam na bibliografia: Mikhail Mescheriakov, Santiago Álvarez e Dolores Ibarruri.
[34] HOBSBAWM, Op. cit., 1990, p. 146.

tática frente-populista antifascista, ou antiimperialista, em se tratando dos países periféricos.

A ordenação das várias identidades constitutivas das Brigadas Internacionais aparecia no seu solene juramento de lealdade. Os grifos são nossos:

> *1)Soy un voluntário de las Brigadas Internacionales porque admiro profundamente el valor y el heroismo del pueblo español en lucha contra el fascismo internacional.*
> *2)Porque mis enemigos de siempre son los mismos que los del pueblo español.*
> *3)Porque se que si el fascismo vence en España, mañana vencerá en mi país y mi hogar será devastado.*
> *4)Porque soy un trabajador, un obrero, un campesino que prefiere morir de pie a vivir de rodillas.*
> *5)Estoy aqui porque soy un voluntário y daré, si es preciso, hasta la última gota de mi sangre por salvar la libertad de España, la libertad del mundo*[35].

Neste juramento repleto de justificativas ideológicas, torna-se clara a dimensão da luta internacional contra o fascismo já no primeiro parágrafo. A seguir, onde se lê *mis enemigos de siempre son los mismos que los del pueblo español* podemos evidenciar uma marca do discurso da classe trabalhadora, mesmo que pareça um tanto dúbia ou elástica: os *enemigos de siempre* poderiam ser tanto a alta burguesia dos países desenvolvidos, quanto as elites dos países "coloniais e semicoloniais" da periferia global. No quarto item, reforça-se somente a identidade de classe operária, pois não inclui a "pequena burguesia" no texto, que embora

[35] BAYAC, Jacques Delperrie de. Op. cit., p. 71. Nos Anexos W e X podemos observar símbolos frentepopulistas nos cartazes de homenagem aos combatentes das BI.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

teoricamente alinhada com a política antifascista, teve de fato pouca participação ativa dentro da estrutura militar das BI.

Já o terceiro item do juramento revela explicitamente o caráter nacionalista, mesmo que subordinado, contido nos princípios básicos das Brigadas Internacionais.

No último item, aparece marcada a condição voluntária dos combatentes internacionais[36] e sua dedicação pela causa da liberdade. Neste sentido, a maioria dos combatentes internacionais, independente de serem comunistas ou não, se sentiam realmente como "libertadores"[37]. Não eram soldados comuns, eram soldados-políticos, idealistas, que lutavam por uma causa que contava com múltiplas faces.

Em livro recente e polêmico, o historiador americano Ronald Radosh destacou a presença de conflitos entre alguns grupos nacionais representados nas BI causado por certo preconceito nacional pre-existente[38]. Por exemplo, se num momento crítico da batalha, um grupo de franceses desertasse, os alemães que combatiam a seu lado poderiam argüir que a sua covardia estava ligada a sua origem "nacional".

Com o avanço da guerra e as sucessivas derrotas republicanas, o contingente internacional dentro das BI foi diminuindo em relação ao número de recrutas espanhóis. Aqui também se manifestaram casos isolados de preconceito nacional contra os espanhóis. Ao que tudo indica, o índice de deserção entre os recrutas nativos era elevado em comparação aos internacionais. Entretanto, a debandada e as deserções eram causadas pela desmotivação política na luta antifascista, o que muitos

[36] Era importante destacar o voluntariado dos combatentes, pois circularam na época acusações falsas a respeito de que os comunistas engajavam pessoas à força nas BI. O que ocorria era que os voluntários alistavam-se sem assinar um contrato onde constasse o tempo de serviço, o que ocasionou diversos problemas, desde rebeliões até deserção. Ver THOMAS, Hugh. Op. cit., p. 492.
[37] CARROLL, Peter. Op. cit., p. 3. O autor referiu-se particularmente aos americanos mas o idealismo era uma característica compartilhada por quase todos os voluntários internacionais.
[38] RADOSH, Ronald. (org.) Op. cit., p. 432-433 e 448-449.

internacionais viram erroneamente como pura covardia "nacional". Assim, transferiam-se os deslizes de indivíduos isolados, tornando-os um defeito de origem "nacional".

Obviamente, aqui a questão das deserções não era de fundo nacional mas sim ideológico. A rigor, os combatentes estrangeiros, altamente politizados, não poderiam ser comparados com recrutas mobilizados obrigatoriamente para uma guerra com a qual não necessariamente poderiam estar identificados do mesmo modo.

Outro detalhe importante, que deve ser levado em conta, era a origem política dos novos soldados que poderiam ser incorporados às BI aleatoriamente, pois afinal, desde meados de 1937, as Brigadas faziam oficialmente parte do Exército Popular. Havia muitos recrutas vindos de núcleos anarquistas ou poumistas e que discordavam da orientação comunista do Exército Popular e das BI, ou ainda da forma que os comunistas conduziam a guerra.

Cabe ressaltar ainda que, entre os espanhóis, o fato de servir em um dos lados não necessariamente significou uma escolha política. Podia-se estar no EPR ou no franquista devido a uma mera contingência geográfica, o que explicaria também parte das deserções, debandadas ou a baixa moral de combate. Sem falar no oportunismo: a medida que a situação piorava para um ou outro dos lados beligerantes, muitos soldados e oficiais se bandeavam para o lado em vantagem.

Em alguns casos, o caráter nacional parecia, por vezes, sobrepor-se ao antifascismo. Parece ser o caso dos irlandeses, por exemplo. Boa parte de seus membros combatera nas fileiras do *Irish Republican Army* (IRA) e estes mantinham uma certa hostilidade frente aos seus colegas ingleses, com quem haviam se

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

enfrentado há apenas alguns anos atrás. A este respeito a celeuma ocorreu na medida em que os irlandeses haviam sido colocados no mesmo Batalhão que os ingleses, os quais pareciam demonstrar ares de superioridade. Ocorria então uma certa intolerância por parte de ambos grupos o que causou desentendimentos e alguns distúrbios da ordem. Freqüentemente, os irlandeses procuravam juntar-se com os americanos, pois muitos destes tinham origem irlandesa[39].

Hobsbawm cita um caso de extrapolação do nacionalismo irlandês. O do capitão Frank Ryan, um respeitado veterano líder do IRA, que comandara um batalhão britânico nas BI e que foi capturado pelas forças franquistas tendo desaparecido em 1938. Após o início da Segunda Guerra Mundial, Ryan apareceu em Berlim tentando barganhar o apoio do IRA para a Alemanha[40]. Desta vez, parece que a ideologia do antifascismo não conseguiu superar efetivamente o espírito do nacionalismo. Todavia, o ideal antifascista geralmente passava por cima dessas contradições entre grupos nacionais.

Um caso interessante foi o julgamento (secreto e ilegal) do capitão inglês George Nathan, efetuado também por um grupo de irlandeses das BI. Nathan, judeu, ex-militar do Exército inglês, servira na Irlanda e era suspeito de ser membro de um grupo especial encarregado de exterminar patriotas irlandeses durante a guerra civil na Irlanda, os *Black and Tans*. Na época da sua adesão às BI, Nathan justificou-se, argüindo que apenas cumprira ordens, mas que, com o passar do tempo, havia mudado seus princípios. Apesar da insistência de alguns radicais irlandeses em

[39] EBY, Cecil. Op. cit., p. 53-54.
[40] HOBSBAWM, Eric J. Op. cit., 1990, p. 177.

executá-lo, ele foi absolvido[41]. A condição de Nathan como combatente antifascista prevalecera sobre sua antiga condição de repressor do nacionalismo irlandês?

Acreditamos que em parte sim, mas também porque entre a maioria dos membros das BI criou-se uma outra identidade que, neste caso, reforçava a identidade antifascista. Uma identidade própria dos soldados, oriunda da reputação que um soldado adquire em combate junto com os outros combatentes. Essa reputação típica do militar, que coaduna todo um complexo código de normas, comportamentos, valores e atributos marciais que servem para sinalizar a diferença entre o militar e o civil. E essa diferença somente pode ser marcada e legitimada em caso de guerra. Ou seja, como transparece na fala de John Keegan, com o intuito de destacar que para eles próprios *os soldados não são como os outros homens*[42].

Esta alteridade é ainda mais marcada se levarmos em conta que os internacionais eram, em sua maioria, comunistas e sendo assim também se sentiam superiores, pois tinham a missão suprema de elevar a humanidade a um estágio social mais avançado[43]. Nestes termos, a guerra na Espanha se apresentava como uma luta apocalíptica entre o bem e o mal, na qual os voluntários das BI representavam a vanguarda da história. Essa alta motivação dada pela consciência política, aliada ao comprometimento com a causa e um ódio mortal ao inimigo, contribuiu muito para a formação do *esprit de corps* das BI enquanto unidade de elite político militar[44].

---

[41] WYDEN, Peter. **La Guerra Apasionada.** Madrid: Alcor, 1996, p. 246-247.
[42] KEEGAN, John. **Uma História da Guerra.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.16.
[43] CARROLL, Peter. Op. cit., p. 108-109.
[44] Idem, Op. cit., p. 117-121

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

No caso específico de um oficial como Nathan, destaca-se o respeito e o reconhecimento como "líder" que recebeu de seus subalternos, algo que não podia ser adquirido simplesmente pela patente e pelas insígnias indicativas da hierarquia superior, mas que devia ser "conquistado". O inglês Nathan, como soldado, ganhou na luta o respeito dos seus comandados e, consequentemente, uma chance de reabilitação política.

Em seu depoimento, o voluntário brasileiro Delcy Silveira, que desempenhou funções de comando na linha de frente, esclareceu melhor os significados dessa complexa teia de relação entre os soldados e o seu comandante, principalmente nos momentos mais críticos da batalha:

> *No combate, eu tinha poder de vida e morte sobre eles* [a tropa](...)*como soldado que sempre fui e sou. Como comandante sempre fui exigente, mas justo, mantendo uma grande camaradagem com os meus comandados e companheiros. Os soldados tem que saber que seu comandante é capaz de cumprir uma ordem por ele dada. No combate, o galão vale pouco, mas a confiança que se inspira nos comandados por sua atitude frente ao inimigo conta muito.* (...) *Infeliz o comandante que demonstra que está acovardado perante os seus soldados ...* [45].

Exigência, justiça, coragem, camaradagem, disciplina, confiança e atitude. Todos estes valores e atributos éticos e morais do soldado estão presentes na fala do ex-combatente Silveira, exemplificando aquela identidade militar tão peculiar, que chamamos de e*sprit de corps* e que entendemos também como significando

[45] SILVEIRA, Delcy. 2001, p. 3.

> (...) *a integração e solidariedade oriundas do "encantamento afetivo" que nasce do poder admirar a si mesmo em seus pares e do sentimento de solidariedade que repousa sobre a comunidade de esquemas de percepção, de apreciação, de pensamento e de ação*[46].

Esse "sentimento de solidariedade" entre os combatentes exacerbava-se na tênue precariedade da vida na linha de frente e inclusive conseguiu superar, em alguns casos, as diferenças ideológicas entre as esquerdas que grassavam na retaguarda e fragmentavam internamente o campo republicano:

> *En el frente, la solidariedad no es una palabra hueca, retórica. Los envios que se recibían de amigos y familiares se repartían hasta dónde alcanzaban. En primera línea, desaparecen las discrepancias políticas. El enemigo común, el fascismo, es el único punto de mira*[47].

As palavras acima não pertencem a um soldado qualquer das BI, mas sim a um "ex-poumista" que preferiu continuar a luta contra o fascismo, mesmo correndo o risco de ser descoberto e suprimido pela máquina repressiva stalinista.

Uma outra questão que atingiu seriamente a estrutura das Brigadas era o problema com a manutenção da disciplina militar. A instituição de uma cadeia hierárquica vertical mais rígida que a partidária provocou profundos ressentimentos entre homens que possuíam uma visão mais democrática e que idealizavam um "exército popular" diferente daquele apresentado na realidade.

O que acontecia na verdade, era que muitos desses voluntários, jovens militantes oriundos da vida civil, haviam se formado dentro de um clima

[46] CASTRO, Celso. **Os Militares e a República: Um Estudo sobre Cultura e Ação Política.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995, p. 38.
[47] VIVES, Francisco de Cabo. Op. cit, p. 3.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

contestatório, acostumados ao debate e a decisão coletiva e custavam a aceitar cegamente ordens sem questionar o porquê das mesmas[48]. Por outro lado, haviam elaborado uma visão singular plasmada de estereótipos e romantizada da luta revolucionária. Segundo Delperrie de Bayac, *con la cabeza llena de imágenes de novelas izquierdistas por entregas*[49].

Este problema certamente não atingiu os voluntários brasileiros. Como em sua maioria eram ex-militares profissionais, eles já estavam acostumados com a rotina disciplinar e o respeito à "cadeia de comando", onde a manutenção da hierarquia é essencial ao funcionamento da instituição militar. Além disso, os voluntários brasileiros eram comunistas devotados, e como tal, aceitaram em princípio a disciplina e a hierarquia imposta pelo partido. Cabe ressaltar que a verticalidade hierárquica e o sentido de disciplina foram dois importantes fatores de identificação que serviram para aproximar militares profissionais de vários países com os comunistas (além da propaganda pelo nacionalismo a partir de 1935).

Simultaneamente, muitos outros voluntários internacionais, principalmente os não comunistas, chocaram-se ao ver o monolitismo político e a rigidez dogmática do alto comando e dos quadros das BI.

O dirigente comunista italiano Luigi Longo era um dos encarregados de enfrentar os problemas decorrentes de indisciplina, que foram sendo resolvidos a muito custo. Assim, tanto os soldados podiam recusar-se a receber as ordens, quanto certos oficiais inexperientes que se negaram a exercer plenamente o seu comando. Logo, o comissariado geral manifestou a necessidade de impor uma rigidez disciplinar implacável.

---

[48] CARROLL, Peter. Op. cit., p. 112-113.
[49] BAYAC. Jacques Delperrie de. Op. cit., p. 86.

Nas próprias palavras de Luigi Longo, comissário-geral das BI em 1937: (...) *solamente una formación militar bien organizada y disciplinada puede derrotar al enemigo, y que es necesario fundir en un bloque homogéneo, indisoluble, los temperamentos, los interesses particulares y nacionales*[50].

Frente a urgência da luta não havia muito espaço para veleidades pessoais ou grupais em meio a tal contexto. Interessante notar que, na fala de Longo, os "interesses nacionais", elemento constitutivo da identidade antifascista, foram rebaixados e colocados praticamente no mesmo patamar que os "interesses particulares". É bem provável que o dirigente comunista italiano Luigi Longo, no exercício de seu poder, tenha enfrentado alguns problemas com relação ao sentimento nacional dos voluntários. Ao longo do seu livro, escrito depois da guerra, ele descreveu a sua preocupação na época em evitar, ou minimizar, o surgimento de diferenças "nacionais" ou políticas, imprimindo um caráter de organicidade e coesão às Brigadas. Todavia, preservou o silêncio no tocante as medidas utilizadas de fato para suprimir estas manifestações de cunho político ou nacional.

Em realidade, os elementos rebeldes ou insubordinados teriam de submeter-se obrigatoriamente à disciplina das BI, se não fosse pela palavra e o cansativo trabalho ideológico dos comissários políticos, seria em último recurso, pela repressão direta[51].

Mas, se os "interesses nacionais" eram considerados por alguns dirigentes das BI como um fator "menor" em relação a luta antifascista, porque eles teimavam em aparecer? Talvez, em função do seu dogmatismo político os dirigentes das BI não soubessem como responder a essa pergunta. Quiçá não a entenderiam. Mas certamente sentiam que era necessário agir com cautela para evitar maiores

[50] LONGO, Luigi. Op. cit., p. 60-61.
[51] MATTHEWS, Herbert. Op. cit., p. 209-210.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

desentendimentos entre as diversas nacionalidades que integravam as BI. Se por um lado deveriam tolerar ou aceitar certas manifestações de índole nacional dentro dos limites do espírito frente-populista, por outro deveriam impedir que estes indicativos de nacionalidade ultrapassassem de longe o antifascismo e o internacionalismo, aos quais deveriam estar sujeitos.

Neste sentido, são reveladoras as palavras do comissário geral das BI no texto seguinte, e que mostram como foi complexa a construção das BI devido a pluralidade político-ideológica e nacional, além do temor que as divergências nacionais pudessem quebrar a unidade orgânica das Brigadas:

> *Para cortar cualquier motivo de sospecha o desacuerdo político se proibe en las formaciones militares de los voluntários internacionales el uso de cualquier insignia o distintivo de partido, de sindicato, o de cualquier outra organización partidaria. La bandera española es nuestra bandera oficial, por cuya victória combatimos. Por el momento se tolera el uso de la bandera roja – sin inscripciones o símbolos de partido – como símbolo de la solidariedad internacional. Como distintivo particular de los voluntários y de los cuerpos internacionales se adopta la estrella de tres picos, símbolo del frente popular en todos los países*[52].

Mas há ainda outras preocupações expressas no texto: a de minimizar a presença comunista nas BI e realçar a lealdade com a Espanha. Pois deveriam convencer os republicanos espanhóis não comunistas de que os voluntários internacionais estavam comprometidos com a luta "nacional" dos espanhóis contra a intervenção "estrangeira" do fascismo e não atendendo aos interesses particulares da URSS.

[52] LONGO, Luigi. Op. cit., p. 58.

Claro está que independentemente das ordens expressas pelo comando das BI, as diversas unidades ainda encontravam alternativas ou criavam brechas afim de expressar suas nacionalidades. Desde o início da GCE e antes mesmo da criação das BI, os voluntários estrangeiros agrupados nas diversas milícias sentiram a necessidade de mostrar-se enquanto estrangeiros, afirmando suas identidades nacionais de várias formas, porém destacando primeiramente a índole da luta antifascista, à qual estavam "internacionalmente" ligados.

As mais básicas demonstrações de identidade nacional foram, apesar de oficialmente "proibidas", a colocação de um rótulo indicativo de nacionalidade nas bandeiras e estandartes das milícias nas quais estavam concentrados os grupos nacionais. Outro indicativo de nacionalidade presente era o nome escolhido pela milícia que homenageava, geralmente, algum personagem revolucionário ilustre do país em questão, vivo ou morto. O nome podia também evocar alguma data ou acontecimento ligado à tradição revolucionária do país.

Por exemplo, a milícia inglesa levava o nome de "Tom Mann", que não era o famoso escritor antifascista alemão Thomas Mann, mas sim um homônimo seu, um modesto sindicalista inglês do século XIX[53]. Cabe destacar que estas manifestações não eram regras, mas apenas tendências.

Com a formação das BI, esta tendência de marcar a identidade nacional continuou. O agrupamento dos voluntários em nível de Brigada, por parte do comando das BI, seguia uma ordem lingüística principalmente por questões referentes ao bom funcionamento da organização militar. Afinal de contas, havia mais de 54 nacionalidades representadas nas BI e aproximadamente 20 línguas

[53] BRADLEY, Kenneth. Op. cit., p. 62.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

diferentes sendo faladas no conjunto. Nem todas as nacionalidades poderiam ter sua representação única: isto era um privilégio dos grupos nacionais mais numerosos.

O grupo dos militares brasileiros, por exemplo, era constituído por um punhado de homens que encontrava-se disperso dentro da XII BI, de maioria italiana. Outros brasileiros, como já vimos anteriormente, estavam integrados a unidades comuns do EPR. Apesar do pedido realizado ao CC do PCE, por Roberto Morena , para agrupar e coordenar a atuação da delegação brasileira[54] isto não ocorreu, provavelmente em função do reduzido número de voluntários e consequentemente pouco poder político.

Os grupos nacionais menores podiam agrupar-se melhor nas subdivisões das unidades maiores. Ou seja, cada Brigada compunha-se de vários batalhões cujo número variou de acordo com o período da guerra e com o fluxo de voluntários. Por sua vez, cada batalhão era composto, geralmente, por quatro companhias, subdivididas frequentemente, em dois pelotões. Uma Brigada poderia ter várias nacionalidades representadas, mas o grupo mais numeroso lhe conferia o caráter nacional. Por exemplo, na XIV Brigada franco-belga conhecida também por *La Marsellaise*, havia um batalhão significativamente denominado *Nueve Naciones* e outro inteiramente espanhol, denominado *Domingo Germinal*[55].

Portanto, a medida em que se reduziam as unidades, identificaremos com maior facilidade os grupos nacionais, ou seja, por exemplo: Batalhão búlgaro *Dimitrov*, ou Batalhão francês *Commune de Paris*. As unidades menores, como companhias e pelotões, possuíam maior autonomia para escolher seus próprios nomes, representando uma escolha mais democrática e legítima dos heróis da classe

[54] Carta de Roberto Morena ao CC do PCE, 20/03/1938. Arquivo da IC, Microfilme número 10, AEL.
[55] BRADLEY, Kenneth. Op. cit., p. 8.

trabalhadora. Por exemplo, os irlandeses, que se encontravam forçosamente inseridos dentro da XV BI, de maioria britânica, formaram a *"James Connolly section"*, homenageando o mártir da causa nacional irlandesa, morto em 1916 pelos ingleses.

Como toda organização militar, as BI necessitaram de uma série de atributos marciais que lhe conferissem um caráter tipicamente militar. Normalmente, estes aspectos militares obedecem a uma tradição militar prévia, inventada ou não. Como as BI foram uma criação sem precedentes e com boa parte de seus membros oriunda da vida civil foi necessário desenvolver rapidamente uma série de características militares típicas de um exército comum: saudação regulamentar, marchas, bandeiras, uniformes e insígnias.

No entanto, estes aspectos deveriam diferenciar as BI de um exército "burguês" e marcar seu caráter popular e antifascista acima de tudo. Como já dissemos anteriormente, as BI possuíam uma complexo agregado de múltiplas identidades que deveria contemplar em primeiro lugar a luta antifascista, mas simultaneamente, respeitar e permitir o sentimento nacional de cada grupo participante, mesmo que fosse de um modo bastante limitado ou subjetivo.

Logo, a conhecida continência militar universal viu-se substituída por uma adaptação militarizada da saudação frente-populista com o punho fechado, símbolo originário dos comunistas alemães em oposição à mão espalmada dos nazi-fascistas, conhecido por "saudação romana"[56]. A saudação do punho fechado seria posteriormente adotada por todo o EPR, como podemos observar nas fotos dos Anexos T e U.

[56]CARDONÁ, Ricardo. R. & PAZOS, Carlos. F. **Ejército Popular Republicano 1936-1939. Uniformes y Pertrechos.** Madrid: Almena, 1997, p. 33.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

As insígnias militares, fator essencial na identificação da hierarquia e das especializações dos militares, também refletiu nitidamente o caráter antifascista. O símbolo principal das BI foi a estrela de três pontas, que identificava a união da Frente Popular[57]. A crescente influência soviética na organização do Exército da República refletiu-se também no seu aspecto externo. No mesmo decreto de criação do EPR, em outubro de 1936, foram estabelecidas normas a respeito dos novos uniformes e insígnias em substituição àquelas do antigo Exército e pela eliminação do caráter partidário das milícias que usavam um sistema de identificação próprio.

Nestes novos regulamentos a inspiração comunista soviética não podia ser desprezada, e insinuava-se na adoção da estrela vermelha de cinco pontas, cujo uso obrigatório se estendeu a todo o EPR[58].

Para termos uma idéia da força de um símbolo quando inserido num determinado contexto, podemos citar o ocorrido durante a rebelião comandada pelo coronel Segismundo Casado (apoiado por anarquistas e socialistas) contra o governo Negrín e os comunistas no final da guerra. Uma das primeiras ordens de Casado ao seus camaradas rebelados foi a de arrancar todas as estrelas vermelhas dos uniformes do EPR[59].

No entanto, o caráter "civil" de boa parte dos voluntários internacionais, refratário à organização militar em geral, e a dificuldade de manter a uniformização em um país em guerra fez com que inicialmente os internacionais utilizassem uma estranha combinação de trajes civis com uniformes das mais variadas origens, visto que alguns chegaram de seus países, já portando um uniforme próprio.

[57] BRADLEY, Kenneth. Op. cit., p. 51.
[58] CARDONÁ, Ricardo. R. & PAZOS, Carlos. F. Op. cit., p. 36-37.
[59] THOMAS, Hugh. Op. cit., p. 970.

Foi o caso dos primeiros voluntários norte-americanos que, antes de partir de New York, passaram em lojas de suprimentos militares usados e chegaram na Espanha desfilando com impecáveis uniformes do Exército *yankee*, seguindo a bandeira nacional dos EUA, a bandeira vermelha indicativa do batalhão e cantando *The Star Spangled Banner* e a Internacional[60]. A mesmo tempo, muitos norte-americanos identificaram a Guerra Civil Espanhola com a própria Guerra Civil Norte-americana.

De acordo com Peter Carroll, estes apelos patrióticos denotavam uma certa dose de ingenuidade e ignorância. Porém, dado o isolacionismo proposto por Roosevelt, chamar a atenção dos norte-americanos para os assuntos internacionais demandavam o uso destes paralelos nacionais[61].

Por outro lado, o emblema revolucionário mais presente nas Brigadas foi a bandeira vermelha, cuja origem remontava às revoltas camponesas da era medieval. Num passado recente esta se fazia presente nos garibaldinos, passando pela Comuna de Paris e chegando à Revolução Soviética. Quando da criação da URSS, adotou-se a bandeira vermelha como "insígnia nacional", representando a união das repúblicas socialistas soviéticas e abolindo-se os antigos símbolos "nacionais" da Rússia czarista. Somavam-se ainda a foice e o martelo, que sobrepostos indicavam a união e a identificação mútua com a causa do proletariado e da massa camponesa.

Portanto, a adoção inicial da cor vermelha nas bandeiras militares dos batalhões e companhias das BI pareceu uma escolha óbvia. Além do mais, conforme Hobsbawm, tanto dentro como fora do movimento comunista, a combinação da cor

[60] EBY, Cecil. Op. cit., p. 22.
[61] CARROLL, Peter. Op. cit., p. 73.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

vermelha com as bandeiras nacionais era genuinamente popular[62]. Sobre a bandeira vermelha sobrepunham-se geralmente os dizeres que indicavam a origem nacional, o nome e número daquela unidade e algum elemento indicativo antifascista ou comunista, mesmo que proibidos.

Houveram, no entanto, algumas exceções à regra. As companhias norte-americanas freqüentemente utilizaram a cor azul de fundo e os irlandeses, a verde, também cores "nacionais" de ambos países. Nada de estranho, pois o próprio PC dos EUA considerava o comunismo como o americanismo do século XX[63] e entre os irlandeses das BI havia um importante número de nacionalistas militantes do IRA que ocupavam posição de destaque hierárquico, como o já citado Frank Ryan[64].

Com a integração oficial das BI no Exército Popular, tentou-se unificar as bandeiras de acordo com os padrões estabelecidos pelas normas do EPR, acabando com as irregularidades. Em lugar das cores vermelhas, as cores da República Espanhola, acrescidas apenas do nome da unidade. Significativo de um tempo em que o Exército Republicano tentava minimizar a influência comunista nas BI mas também, provavelmente, porque o número de voluntários estrangeiros nas BI tivesse decaído sensivelmente desde fins de 1937. Evidenciou-se, portanto, um processo de incipiente "hispanização" das BI.

Outro importante fator de identificação simbólica antifascista e nacional foram hinos e marchas, fossem eles "revolucionários" ou "nacionais". Muitos destes hinos possuíam este duplo caráter, nacional e revolucionário. Era o caso da

---

[62] HOBSBAWM, Eric J. Op. cit., 1990, p. 174.
[63] Idem, 1990, p. 174
[64] BRADLEY, Kenneth. Op. cit., p. 32.

Marselhesa, pois além de ser o primeiro e o mais famoso hino revolucionário da idade contemporânea, escrito em 1792 por Rouget de Lisle, também é o hino nacional francês.

Suas vibrantes estrofes possuíam o forte apelo revolucionário do antigo nacionalismo jacobinista. Seus acordes marciais imprimiam na Marselhesa um efeito emocional profundo. Vejamos um relato a respeito, no depoimento de Delcy Silveira: *O ambiente era pesado. A nossa direita, encontráva-se uma unidade francesa. Em determinado momento um clarim tocou A Marselhesa; foi algo indescritível e emocionante, levantando o moral dos combatentes*[65].

A vívida descrição daquele momento de emoção não foi proveniente de um francês, mas sim de um brasileiro, igualmente tocado por aquele ícone duplamente simbólico, nacional-patriótico e internacional-revolucionário, que sintetizado na Marselhesa parecia adequado e representativo da mística do movimento antifascista.

Outro hino dos tempos da Revolução Francesa era o *Hymne a la Victoire*, escrito em 1794. No livro de canções das BI, editado em 1938, as letras de ambos hinos aparecem juntamente com uma ilustração de Robespierre e uma frase de Graco Babeuf, que exaltava o jacobinismo como sinônimo de democracia[66].

Contudo, o hino mais propagado era obviamente "A Internacional". Este hino, escrito por Eugéne Pottier em 1871 e musicado por P. Degeyter, encontrava-se ancorado na tradição mais próxima da luta do proletariado e das classes subjugadas na Europa: datava da época da Comuna de Paris. Sua adoção como hino da URSS, em tempos de Lenin, legitimava seu perfil de "hino condutor das massas populares"

[65] SILVEIRA, Delcy. 1995, p. 44.
[66] Comisariado General de las Brigadas Internacionales. **Canciones de las Brigadas Internacionales.** (Originalmente editado por Ernst Busch, Barcelona, 1938.) Buenos Aires: Adunar, 1971, p. 67.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Policía de Buenos Aires

e símbolo da luta de classes internacional. Cada grupo nacional, o cantava em sua língua nativa, geralmente acompanhado ou melhor, seguido, pelos seus próprios hinos nacionais[67]. No livro de canções das BI, "A Internacional" aparecia traduzida em treze idiomas: francês, espanhol, alemão, italiano, dinamarquês, sueco, holandês, inglês (versões inglesa e norte-americana), hebraico, tcheco, servo-croata, polonês e russo[68].

Além disso, alguns grupos nacionais compuseram hinos para as suas unidades dentro das BI. Esses hinos não poderiam carecer do mesmo caráter identitário antifascista e nacional, como o hino dos combatentes norte-americanos:

> *We march, Americans,*
> *To defend our working class,*
> *To uphold democracy,*
> *And mow the fascists down like grass,*
> *We're marching to victory.*
> *Our hearts are set, our fists are clenched*
> *A cause like ours can't help but win,*
> *The fascists steel will bend like tin*
> *We give our word, they shall not pass.*
> *No Pasarán!*
> *We give our word, they shall not pass!* [69]

Ou mesmo o hino dos voluntários mexicanos, composto por Plá e Beltrán, significativamente intitulado "*México en España*":

---

[67] EBY, Cecil. Op. cit., p. 40.
[68] Comisariado General de las Brigadas Internacionales. Op.cit, 1971, p. 136 e ss.
[69] "Adiante, norte-americanos, para defender nossa classe operária, em suporte da democracia, e podar os fascistas como grama. Marcharemos para a vitória, nossos corações estão preparados, nossos punhos fechados, a nossa causa deve triunfar, o aço fascista se dobrará como lata, prometemos que não vão passar! Não vão passar! Prometemos que não vão passar!". Estrofe do hino oficial do "Batalhão Abraham Lincoln", in: EBY Cecil. Op. cit., p. 41-42.

Dejamos las tierras del verde maiz
del Valle del Anahuác vinimos aqui.
A ganar com la sangre una vida sin par
que forje la aurora de la Humanidad.
No importa en la lucha caer.
La muerte no puede vencer.
Ya España camina al futuro[70].

Outro hino com estrofes carregadas de apelos nacionalistas e antifascistas (por parte de italianos e espanhóis) era a canção da XII Brigada Internacional, de maioria italiana. Seus combatentes, os chamados "garibaldinos", antifascistas de primeira ordem e considerados apátridas devido a sua condição de refugiados sem cidadania deviam vislumbrar nas heróicas estrofes da canção o retorno à terra pátria livre do fascio. Optamos por transcrever os trechos mais significativos:

(...) *Garibaldinos en pie y adelante*
Por la victória del pueblo español
(...) *Oh, Garibaldi, tu nombre resuena*
como la base de nuestra redención
Hijos de acero del pueblo italiano;
hombres que saben cumplir su deber,
vuestra conducta señaló el camino
a nuestro pueblo que sabrá vencer.
Tras los mares en la esclava Itália,
vuestros hermanos que el fascio aplastó
saben que vuestra victória en España
será la aurora de su liberación[71].

[70] Comisariado General de las Brigadas Internacionales. Op.cit, 1971, p. 130.
[71] Idem, p. 82. Interessante destacar que a XII BI era a única das Brigadas onde os comunistas não tinham maior preponderância.

ARCHIVO HISTORICO de la Provincia de Buenos Aires

Podemos referir ainda um outro fator de identificação entre os grupos formadores das Brigadas. Eram as denominações ou títulos adquiridos pelas unidades nacionais nas BI. Como já dissemos anteriormente, cada unidade ou grupo, procurou identificar-se com uma denominação que simbolizasse o comprometimento com a luta antifascista e nacional-revolucionária.

Como John Keegan escreveu ao tratar de uma outra unidade político-militar de elite[72], a criação de títulos e nomes das formações militares também eram elementos importantes na construção de um *esprit de corps* da unidade militar. Ao evocar uma origem no passado com a qual se identificassem, buscavam legitimar-se como os novos herdeiros de uma longa tradição.

Às vezes, a escolha do nome da unidade devia tornar-se uma tarefa complicada pois a utilização de um ídolo, ou ícone com o perfil almejado, dependia diretamente das condições históricas e da tradição de resistência das classes populares em cada país. Logo, podemos dizer que, em geral, especificidades nacionais concretas direcionaram a escolha de um elemento simbólico que melhor pudesse representar o conjunto complexo de identidades presentes no antifascismo.

Contudo, nem todos os grupos nacionais podiam contar com uma história nacional revolucionária tão rica e farta como a francesa, que remontava à re volução de 1789 e passava pela Comuna de Paris em 1871. Processos históricos significativos cuja abrangência ultrapassava a dimensão nacional francesa e européia, e que serviram de inspiração para a maioria dos revolucionários "clássicos", como Marx,

---

[72] Keegan trabalhou com as *Waffen SS*, o braço político militar multinacional das temidas *SS* alemãs. As *Waffen SS* seriam uma espécie de "negativo" das BI: sua causa era o anticomunismo. KEEGAN, John. **The Waffen SS.** New York: Ballantine, 1970, p. 135.

Engels ou Bakunin. Considerava-se, no *methier* revolucionário, a Revolução Francesa como uma precursora de todas as revoluções.

Portanto, não faltavam aos franceses (de longe o maior grupo dentro das BI) heróis e mitos revolucionários "nacionais" de amplitude "internacional" suficientes para batizar seus Batalhões e Companhias: *Batallion Comunne de Paris, Batallion Vaillant-Coutouriére, Batallion Henri Barbusse, XIV BI La Marsellaise, Batallion Pierre Brachet* e outros[73].

O mesmo podemos dizer dos ingleses, cuja longa história de luta de classes, remontava aos primórdios da Revolução Industrial. A escolha dos seus "heróis nacionais" caía naturalmente sobre os organizadores do sindicalismo e líderes do trabalhismo inglês do século XIX e XX[74].

Havia, no entanto, certos casos em que a identidade antifascista ou nacional-democrática teve de ser construída, ou melhor inventada, sem uma base concreta mais plausível. Nem tanto por falta de personagens históricos "fundadores", mas é que certos personagens, autenticamente revolucionários, não se adequavam à orientação ideológica presente na URSS dos tempos stalinianos, o que se refletia, portanto, no posicionamento ideológico dos PC's, na *Komintern*, e nas BI. A criação deste imaginário político obedecia estritamente aos propósitos de legitimação do programa político e ideológico do antifascismo.

Um fator a ser destacado é que alguns dos nomes escolhidos para ser os ídolos nacionais da classe trabalhadora e do antifascismo se encontravam mortos, o que facilitava a retomada e a recuperação total, parcial ou distorcida da sua imagem.

[73] BRADLEY, Kenneth. Op. cit., p. 8 e 31.
[74] Idem, p. 60-61.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

Era o caso de Hans Beimler, genuíno e popular dirigente comunista alemão que foi assassinado por ordens de Moscou. Sua imagem de "mártir" da causa antifascista foi amplamente explorada pela máquina de propaganda da *Komintern* e pelo comando das BI[75], sendo construída com base na admiração e popularidade que tinha entre seus companheiros de batalha.

Entretanto, parece estranho vermos o resgate da imagem do líder anarquista Buenaventura Durruti no livro de canções das Brigadas, publicado em 1938, sendo que Durruti era um ferrenho oponente dos comunistas e que estes não tinham apreço pelos anarquistas em geral. A inclusão do hino anarquista e da imagem de Durruti na galeria de heróis das BI[76], certamente não se dirigia aos voluntários estrangeiros (onde haviam muito poucos anarquistas), mas sim à massa de soldados espanhóis vindos das milícias (muitos deles anarquistas) responsáveis por cobrir os vazios das unidades internacionais, como vimos no Capítulo 3.

Ou seja, que a imagem podia ser construída ou modificada de acordo com os parâmetros estabelecidos pela *Komintern*, freqüentemente afim de agradar às variadas correntes políticas presentes na Frente Popular Antifascista.

Parece-nos também o caso dos comunistas norte-americanos, que a fim de tornar o comunismo mais aceitável frente à conservadora sociedade americana e legitimá-lo como uma manifestação autêntica do "espírito democrático" dos Estados Unidos, recorreram não à imagem de conhecidos líderes proletários como Nicola

[75] VIDAL, César. Op. cit., p. 89-90.
[76] No prólogo do livro diz o seguinte: *Este fué el cancionero, y no outro. Aqui la música, la letra y los personajes que ellos, los brigadistas, quisieron poner dentro de sus páginas.* Em síntese, a frase legitima, em linhas gerais, estes elementos como constitutivos da identidade dos internacionais.

Sacco e Bartolomeo Vanzetti ou Eugene Debs[77], mas sim a dois mitos de origem do "americanismo": os presidentes George Washington e Abraham Lincoln, considerados *founding fathers* da nação norte-americana [78].

Caso similar é dos comunistas italianos, que resgataram a imagem de Giuseppe Garibaldi, um dos fundadores da nação italiana e do *Risorgimento*, figura histórica que até a Primeira Guerra Mundial era exaltado quase que unicamente pela direita chauvinista [79].

Em contrapartida, muitos dos nomes escolhidos para nomear unidades das BI pertenciam a dirigentes e lideranças que estavam vivos e até mesmo presentes dentro das BI, tais como André Marty, o Comandante geral das BI e Georgii Dimitrov, presidente da *Komintern*, provavelmente sendo utilizados como modelos exemplares nos quais os militantes deveriam se espelhar e pautar sua conduta[80], dentro do espírito de culto a personalidade típico do stalinismo.

Em contrapartida a estas tentativas e "fabricações" de heróis e modelos ideais cabe-nos destacar a postura ética de um líder que soube impedir com sutileza a cooptação da sua imagem. Sabe–se que em determinado momento da Guerra Civil Espanhola se propôs a escolha do nome do presidente mexicano Lázaro Cárdenas como homenageado para nomear um Batalhão do Exército republicano ou talvez das BI. Ao ser consultado sobre a questão, Cárdenas respondeu da seguinte forma:

---

[77] Acreditamos que havia bons motivos para "esquecer" estes líderes: Sacco e Vanzetti eram imigrantes italianos que haviam sido executados nos EUA. Mas eram anarquistas. Eugene Debs era um socialista histórico ligado a II Internacional. Os anarquistas resgataram a imagem de Sacco e Vanzetti ao intitular uma coluna miliciana som seus nomes. Por outro lado, os socialistas norte-americanos fundaram uma "Coluna Eugene Debs", que no entanto nunca sequer chegou a Espanha. Posteriormente, alguns de seus membros ingressaram na XV BI "Abraham Lincoln" de maioria comunista. Ver CARROLL, Peter. Op. Cit.

[78] EBY, Cecil. Op. cit., p. 26.

[79] VIGEZZI, Brunello. Op. cit., p. 537 e ss.

[80] FERREIRA, Jorge. Op. cit., p. 77 e ss.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

> *Agradezco profundamente el honor que se me ofrece, pero rogaria atentamente al comandante de la división me permitiera declinar su ofrecimiento, pués considero que no puede emitirse juicio sobre hombres que aún se encuentran en le ejercício de sus responsabilidades públicas sino hasta que su obra haya sido terminada y juzgada por la história* [81].

Neste sentido, André Marty foi julgado, não somente pela história, mas sim pelos próprios comunistas ortodoxos franceses, que o expulsaram do PCF em 1952. O antigo "herói do Mar Negro" converteu-se numa vítima do próprio sistema repressivo stalinista que havia ajudado a implantar com tanto zelo, em nome da causa revolucionária. Nos livros publicados pelos autores comunistas da época, o Batalhão que levou seu nome aparecia apenas como "Batalhão Franco-Belga". E como disse César Vidal, mais uma vez se reinventava o passado para criar um novo futuro[82].

4.3 Os Voluntários Brasileiros: política e ideologia.

Praticamente desde a sua criação, as Brigadas Internacionais estiveram sujeitas a um estrito controle político, ideológico e moral, sendo seus integrantes examinados quase constantemente por um complexo e ramificado aparato policial-repressivo sob controle do PCE e da *Komintern*. Sabemos, inclusive, que na Espanha atuou ativamente um braço da NKVD e da *Obyedinyonnoy Gosudarstvennoy Politicheskoy Upravlenie* (OGPU)[83] soviética. Enquanto os voluntários internacionais davam o seu sangue pela causa antifascista na frente de batalha, na retaguarda, os agentes da *Komintern* cuidavam de aniquilar dissidentes ou supostos

[81] BAUMANN, Gino G. Op. cit., p. 150.
[82] VIDAL, César. Op. cit., p. 340.
[83] Literalmente, Diretorado Estatal Político Unificado.

dissidentes de Stalin, todos convertidos em "auxiliares" ou "espiões" à serviço do fascismo internacional.

Originalmente, a instalação de um sistema de controle para verificar a idoneidade dos voluntários que afluíam a Espanha era uma questão primordial de segurança, para evitar ou conter a infiltração de agentes policiais de vários países ocidentais (interessados em saber como funcionava por dentro a máquina comunista), de agentes provocadores ou sabotadores a serviço de Franco e de espiões alemães ou italianos. À medida que a influência soviética foi crescendo na Espanha, foi também mudando o foco dos mecanismos de controle, que passaram a agir em função das premissas soviéticas [84].

Desde o primeiro momento em que o indivíduo se apresentava como voluntário para lutar na Espanha, ele começava a ser investigado em várias instâncias. Em primeiro lugar, o PC local investigava, dentro das suas possibilidades, a origem do candidato: origem social da família, filiação política, atuação sindical e comprometimento com a causa. A aprovação vinha na forma de um parecer que apresentava o candidato ao centro recrutador.

No caso dos brasileiros não era muito diferente, embora o "pequeno" PCB não dispusesse das mesmas condições que os "grandes" PC's (como o PCF) para poder efetuar um controle de seus militantes. Mesmo assim, o esquema de vigilância interna do PCB funcionava mesmo durante a prisão (para minimizar o perigo da infiltração policial[85]), por onde haviam passado quase todos os futuros voluntários

[84] VIDAL, César. Op. cit., p. 359 e ss.
[85] Disse Delcy Silveira: *De vez em quando, a polícia colocava um espião no nosso meio.*(...) *Tínhamos um serviço de segurança bastante eficiente dentro do presídio, então passávamos a observar e conversar com o dito preso que ninguém conhecia, pedíamos informações para os companheiros fora do presídio.* SILVEIRA, Delcy. 2001, p. 20.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

(assim como parte dos quadros e dirigentes) que foram encaminhados a Espanha. Podemos dizer que, exceto raras exceções, a maioria dos voluntários já era "conhecida" e foi considerada como apta para atuar na Espanha em nome do partido.

Vejamos um exemplo destes pareceres (cartas de apresentações) na carta enviada por "Castro" (que atuou como delegado do PCB na França) a algum dos organismos de controle dos voluntários estrangeiros na Espanha apresentando David Capistrano da Costa:

> *É membro do PCB* (*SBIC*)[86] *desde 1934. Sempre na atividade. Participou ativamente e com firmeza da insurreição de novembro 1935 na Escola de Aviação Militar no Rio de Janeiro. Preso, portou-se com muita firmeza durante os 20 meses de prisão, participando das lutas e dos protestos, participou dos cursos políticos e técnico militar realizados na cadeia. Origem pequeno burguesa, camponeses pobres. Terminou o curso de mecânico com exame p/ sargento. –Praça em 1932, promovido a cabo.*
>
> *Foi mobilizado por nosso Partido para ajudar o heróico povo hespanhol a defender a democracia e expulsar os invasores fascistas e assimilar a experiência dessa luta de que nosso Partido precisa armar-se.*
>
> *Tanto no caso de conquistarmos a anistia como no de ser desencadeada a guerra civil no Brasil pelos fascistas, nosso Partido pedirá a devolução desse camarada de forma que não seja prejudicado o trabalho que estiver fazendo ahí.*
>
> *Saudações comunistas.*
>
> *Castro*
>
> *Delegado do PCB* (*SBIC*)
>
> *Paris, 11/09/37.*[87]

[86] SBIC: Seção Brasileira da Internacional Comunista
[87] Carta de apresentação de David Capistrano da Costa, por "Castro", 11/09/1937. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.

O delegado do PCB "Castro"[88] escreveu várias cartas como esta e, excetuando-se os dados pessoais de cada voluntário, o resto do conteúdo da carta (as partes por nós sublinhadas) era praticamente igual. Logo, podemos evidenciar que havia um padrão nas informações que deviam ser enviadas. Destacamos também a ênfase dada a origem social do voluntário (no original, está sublinado "camponeses pobres" e "mecânico") e a repetição de certos termos que indicavam características morais do comunista em questão: "firmeza", "atividade" ou "ativamente" e "participou" ou "participando".

No segundo parágrafo, evidenciamos que a mobilização efetuada pelo PCB em prol da luta na Espanha não foi feita somente em nome das diretivas e das palavras de ordem da *Komintern*, pois também era preciso *assimilar a experiência dessa luta de que nosso Partido precisa armar-se.* Nesse sentido, parece que o PCB, atendendo em primeiro lugar aos seus interesses políticos "nacionais", concedeu em empréstimo alguns de seus quadros ou militântes para o PCE, mas com a ressalva de que *tanto no caso de conquistarmos a anistia como no de ser desencadeada a guerra civil no Brasil pelos fascistas, nosso Partido pedirá a devolução desse camarada* (...).

É importante ressaltar que a carta data de 11 de setembro de 1937 e que Capistrano da Costa fazia parte do primeiro pequeno contingente de militares-militantes que foi enviado a Espanha pelo PCB. O grupo principal, comandado pelo ex-major Carlos da Costa Leite somente partiu para a Espanha algus meses depois de

[88] Segundo Apolônio de Carvalho, o ex-tenente Celso Tovar Bicudo de Castro servia de cicerone dos primeiros voluntários brasileiros em Paris. Concordamos com Thaís Battibugli: provavelmente ele era mesmo o tal "Castro", apesar da obviedade do seu *nom de guerre.*

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

esgotadas as possibilidades de uma ação armada por parte dos opositores ao regime de Getúlio Vargas, como já vimos no Capítulo 1.

Também observamos que a relação entre a "matriz" (*Komintern*) e a "filial" (PCB), apesar de ser vertical e centralizada, nem sempre era de plena subserviência desta com relação a aquela e nem mesmo muito harmoniosa. Pareciam existir contradições e interesses "nacionais" imediatos em jogo que posporiam o chamamento à luta "internacional" a um segundo momento. Temos indícios de que esse comportamento ocorreu também com outros partidos comunistas, como o CPUSA, que rejeitou o voluntariado de alguns de seus quadros justificando que eles eram mais valiosos no "*home front*" do que na Espanha[89]. Veremos mais adiante outros documentos que revelam a complexidade da relação entre o PCB, o PCE e a Internacional Comunista.

Ao chegar na França, sede-base do recrutamento das BI, o voluntário já devia apresentar em Paris as credenciais que atestassem sua idoneidade para poder continuar a viagem para a Espanha. Ali geralmente era entrevistado por um agente a serviço da NKVD ou da OGPU e seu currículo também era analisado. Com a aprovação final, o voluntário recebia as instruções e os meios necessários para a viagem até a Espanha. Vejamos o relato de José Gay da Cunha quando da sua chegada a Paris:

> *Depois de instalarmo-nos, consulto a caderneta de endereços e procuro um dos que me haviam dado em Montevideu, "Casa dos Sindicatos, Rue Mathurin Moreau, 8"* (*sic*)(...) *Entramos na Casa dos Sindicatos. Em uma sala, nos atende* <u>*Carmen, uma muchacha espanhola que trabalha nos*</u>

[89] Em português seria "frente interna". CARROLL, Peter. Op. cit, p. 38.

> *serviços de ajuda a Espanha Republicana. Depois de explicarmos que somos dois brasileiros que vamos a Espanha* (...) *somos surpreendidos com a notícia de que "o senhor Jack não está mais em Paris" Era justamente para esse senhor que eu levava uma cartinha de recomendação*[90].

Efetivamente, a *"Casa dos Sindicatos, avenue Mathurin Moreau, 8"*em Paris era o escritório central de recrutamento das BI. Significativamente, funcionavam no mesmo local a *Maison de Moscou* da Delegação Francesa para o Direito de Asilo e o Comitê de Defesa do Povo Espanhol. A IC havia concentrado todos os seus serviços em Paris[91].

"Carmen", a *muchacha* espanhola a quem se refere Gay da Cunha era um quadro do PCE responsável por direcionar os voluntários estrangeiros[92]. O senhor "Jack", a quem Gay da Cunha tinha de se reportar em Paris, deveria ser Arnold Reid ou Reisky, um experiente quadro do CPUSA que já havia trabalhado no México e em Cuba.

Durante um tempo Reid esteve trabalhando em Paris na organização e envio dos voluntários das BI, além de servir como elemento de ligação com a IC, mas na data em que Gay da Cunha chegou a Paris "Jack" já estava lutando com a XV BI na Espanha [93]. Tanto "Jack" quanto "Carmem" ocupavam cargos importantes no esquema da IC e tiveram relação direta ou indireta com os brasileiros, como veremos mais adiante.

---

[90] CUNHA, José Gay da. Op. cit., p. 27-28.
[91] VIDAL, César. Op. cit., p. 61 e 482.
[92] Battibugli afirma que ela era uma comunista alemã, mas não cita a fonte. Ver BATTIBUGLI, Thaís. Op. cit., p. 146.
[93] Arnold Reid morreu em combate em julho de 1938, na ofensiva do Ebro. CARROLL, Peter. Op. cit., p. 198-192. Ver também VIDAL, César. Op. cit., p. 344.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

O general Schmuel Ginzburg mais conhecido por "Walter Krivitski" foi, antes de se exilar nos EUA, chefe do Serviço Secreto Militar da URSS e serviu na Espanha. As primeiras informações que se tiveram no Ocidente sobre o funcionamento do sistema repressivo soviético se devem a ele [94]. Segundo "Krivitski", havia pontos de controle em várias cidades ("antenas"), onde militantes comunistas ou simpatizantes, atuando em organizações tais como o SVI ou os Comitês de Ajuda a Espanha Republicana, enviaram informações e relatórios sobre os voluntários internacionais para os organismos de controle competentes, tais como o Serviço de Controle de Quadros do PCE e o Comissariado Geral das BI.

A rede de informação, vigilância e espionagem montada em torno das BI era vasta e complexa, além de burocratizada ao extremo como atestam os diversos tipos de pareceres, fichas, questionários, biografias e relatórios que encontramos sobre os voluntários brasileiros nos Arquivos da IC cujos exemplos podemos observar nos Anexos.

As relações entre as organizações comunistas eram bastante complicadas, além de serem assimétricas. Ou seja, havia partidos "maiores" como o PCF ou o PCI e partidos "menores" como o CPUSA e o PCB, sendo que o PCB ainda recebia suporte financeiro do CPUSA [95]. O primeiro contingente de brasileiros chegado na Espanha em setembro-outubro de 1937, não foi considerado suficientemente

[94] Durante muito tempo, o relato de "Krivitski" foi rejeitado pelos acadêmicos, pois se suspeitava da sua objetividade ou veracidade. Com a abertura dos Arquivos de Moscou se confirmaram muitos dos procedimentos e hipóteses apontadas por ele e que antes não tinham comprovação documentada. Consequentemente, houve uma redescoberta por parte dos acadêmicos deste e outros autores considerados malditos, não só outros desertores soviéticos, mas muitos trotskistas e poumistas. Ver VIDAL, César. Op. cit., p.357-358 também BROUÉ, Pierre. **Staline et la Révolution: Le Cas Espagnol.** Paris: Fayard, 1993, p. 82, 92, 93, 106, 125, 294 e RADOSH, Ronald (org.) Op. cit., p. 20, 88, 173.

[95] A informação esta no livro de WAACK, William. **Camaradas.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 333. Lembremos que nas próprias fichas dos voluntários brasileiros consta que a passagem para a Espanha foi paga pelo CPUSA ou alguma de suas organizações satélite.

confiável do ponto de vista político pelo PCE. Parece que as cartas enviadas pelo delegado do PCB ("Castro") em Paris ao PCE não foram suficientes para comprovar a idoneidade dos comunistas brasileiros. O PCE queria um aval político mais concreto.

Mesmo com a chegada do dirigente Roberto Morena como "enviado especial" do PCB em novembro e a carta enviada do Brasil por "Arnaldo" (na verdade Lauro Reginaldo da Rocha [96]), então Secretário Nacional do PCB ao CC do PCE, em janeiro de 1938[97], a situação política dos brasileiros não mudou muito.

O próprio Morena, aliás "Claudio Ballesteros Gonzalez" ou "Vicente da Silva" foi enviado a um comitê provincial do PCE onde, isolado dos demais brasileiros, foi acompanhado de perto e avaliado pelos seu camaradas espanhóis, conforme ele mesmo escreveu numa longa carta ao CC do PCE:

> *Cumpliendo com vuestras órdenes, me encuentro trabajando en el Comité. Provincial de Partido Comunista en Alicante. De mis trabajos, pude* (*sic*) *hablar el buró y algunos compañeros del Comité Central que han venido aqui, tales como M. Fernández Valdés, que há convivido com nosotros vários dias*[98].

Na mesma carta ainda, Morena apresentava a carta recebida de "Arnaldo", do CC do PCB, como uma outra credencial que avalizaria sua posição em conjunto com o bom trabalho que estava fazendo em Alicante:

[96] Também era conhecido por "Bangu". Ver DULLES, John W. F. Op. cit., 1985, p. 36 e ss.
[97] Carta de "Arnaldo", Secretário Nacional do PCB ao CC do PCE., 14/01/1938. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL. Ver Anexo C.
[98] Carta de "Claudio Ballesteros Gonzalez" (Roberto Morena) ao CC do PCE, 20/03/1938. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

> *Adjunto os envió* (*sic*) *una carta del Comité Central del P.C. del Brasil al C.C. del P. C. Español, que desearia que fuera publicada en "Frente Rojo". Vosotros debéis tener en cuenta lo que he expuesto anteriormente, pués pienso que ahora, mejor que cuando me conocisteis en Barcelona, sabréis valuar mi ofrecimiento pues tengo el aval del Comité Provincial del Partido Comunista de Alicante, al cual he enseñado esta carta.*

É interessante destacar que a carta de "Arnaldo", além de apresentar e creditar Morena como "enviado especial" do PCB, provavelmente tinha outro objetivo: justificar perante os comunistas espanhóis (e talvez para a *Komintern*) a pequena participação brasileira, atribuindo exclusivamente a causa ao golpe "fascista" de 10 de novembro de 1937[99].

Morena ainda comentou em sua carta, *on passant*, o mau aproveitamento de David Capistrano da Costa e José Homem Correa de Sá, que sendo da Aviação estavam subaproveitados na Infantaria. Manifestou também o desejo de ver os camaradas brasileiros e poder discutir com o CC do PCE *un auxilio más eficaz y mas metódico que tenemos hasta ahora* e também, *con el fin de ponernos de acuerdo sobre la aportación del Brasil al movimiento Español*[100]. Ou seja, apesar de relegado a um segundo plano, Morena reafirmou sua boa vontade e obediência aos ditames do partido espanhol.

Neste sentido deve ter sido a desconfiança do PCE em relação a idoneidade política dos brasileiros a principal razão para que os militares brasileiros não fossem

---

[99] Carta de "Arnaldo", Secretário Nacional do PCB ao CC do PCE., 14/01/1938. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.

[100] Na mesma carta, Morena informou que uma segunda delegação brasileira se achava a caminho da Espanha. Carta de "Claudio Ballesteros Gonzalez" (Roberto Morena) ao CC do PCE, 20/03/1938. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.

colocados em posições condizentes com as suas especialidades. Por outro lado, enquanto não fosse conhecido o histórico dos militantes brasileiros, estes também não poderiam ser admitidos no PCE, o que bloqueava sua atuação política. Havia ainda outro instrumento de controle do PCE: eram as chamadas Biografias de Militantes, de preenchimento obrigatório para todos os internacionais que desejassem entrar no PCE. As informações dadas na ficha deviam ser corroboradas e checadas com outros comunistas para serem validadas[101].

A desconfiança dos comunistas espanhóis para com os comunistas brasileiros não diminuiu nem mesmo com a chegada do ex-major Carlos da Costa Leite e o segundo grupo de voluntários. Diferentemente dos seus subordinados, ele não era somente um voluntário destinado a empunhar um fuzil em combate na Espanha. Havia sido enviado pelo PCB como dirigente com tarefas políticas para cumprir em benefício do partido. Ou seja, Costa Leite, além de atuar militarmente, também procurou desempenhar na Espanha atividade política ligada ao Brasil.

Em 19 de abril de 1938, Costa Leite solicitou ao PCE que publicasse uma matéria escrita por ele dando publicidade *a la llegada de la Delegación* (*de*) *militares antifascistas brasileños, su recepción por parte del Gobierno y su incorporación voluntária al Ejército popular republicano* (...)[102].Os motivos alegados por ele para que a matéria fosse publicada parecem bastante elucidativos. O primeiro motivo era fazer valer sua autoridade enquanto dirigente da ANL, apresentando suas credenciais de membro da direção nacional da ANL e representante desta no Uruguai e Argentina, além de colaborador na preparação de uma conferência democrática

[101] Ver exemplos de Biografias de Militantes em anexo. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.
[102] Carta de Costa Leite ao Serviço de Quadros do PCE., 19/04/1938. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

continental nestes países, onde se discutiria como deter o fascismo na América e a ajuda a Espanha republicana.

Como segundo motivo ressalta que a notícia da chegada de uma delegação brasileira teria uma repercussão positiva no Brasil, tendo-se em vista que os membros da delegação eram figuras conhecidas e queridas nos círculos políticos e militares brasileiros.

O terceiro motivo seria denunciar como "provocação" a atitude dos três militares que desistiram, no último momento, de lutar na Espanha e evitar que eles fizessem na América do Sul uma campanha contra a causa republicana. Segundo ele, deveria destacar-se que a delegação foi bem acolhida na Espanha e seus membros eram os "verdadeiros representantes" do povo brasileiro. Isto deveria ser veiculado principalmente no Brasil e no Prata, para marcar uma posição política contrária à política oficial brasileira, argentina e uruguaia (todas simpáticas a Franco) frente à questão espanhola.

Por último, assinalava que a ditadura "fascista" de Vargas não conseguira ainda se consolidar e, pressionada interna e externamente, assinalava com propostas demagógicas tais como direito de asilo ou anistia aos presos políticos.

Neste sentido, Costa Leite acreditava que a noticia da recepção positiva à delegação brasileira na Espanha serviria para pressionar Vargas ainda mais, no sentido de uma anistia a presos e asilados antifascistas. Segundo ele, "nossa" (do PCB) principal reivindicação para possibilitar a construção de *um gran frente nacional brasileño y quizas continental contra la penetración fascista y por la independencia nacional de los países americanos.* Considerava que se essa frente se

concretizasse no Brasil isso representaria não somente uma ajuda a Espanha, mas no conjunto da luta contra o fascismo mundial[103].

Podemos considerar que a estratégia de luta política de Costa Leite (enquanto militar e político) se pautava, no mínimo, em três dimensões seguindo uma ordem de prioridades: em primeiro lugar no âmbito nacional, visto que estava preocupado concretamente com a luta imediata frente a ditadura estadonovista de Vargas, mesmo estando na Espanha. Em segundo lugar a luta na Espanha que, a rigor do discurso antifascista, representava a mesma luta contra o mesmo inimigo, embora em outras latitudes. Assim, o popular lema dos antifascistas italianos *"oggi in Spagna, domani in Italia"* poderia ser adaptado ao gosto brasileiro: hoje na Espanha, amanhã no Brasil.

Por último, Costa Leite contemplava efetivamente uma dimensão global da luta contra o fascismo. Neste sentido, o fascismo, representava um inimigo internacional que perpassava as fronteiras nacionais, ameaçando a integridade dos países. Logo, a luta no Brasil e na Espanha representava importantes etapas nacionais de uma luta internacional ainda abstrata, posto que não havia sido ainda travada.

Não sabemos se o PCE deu publicidade à carta de Costa Leite. Entretanto, podemos observar que a sua inserção no aparato comunista na Espanha não ocorreu de forma imediata, mas sim através de um longo processo burocrático, conforme atestado pelas correspondências trocadas entre os dirigentes do PCE e da IC a respeito de Costa Leite.

Em julho de 1938, Costa Leite foi apresentado pelo CC do PCE ao camarada "Edo". Na carta esclarecia-se que Costa Leite não havia trazido documentação mas

[103] Carta de Costa Leite ao Serviço de quadros (?) do PCE. 19/04/1938. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

destacava que *parece que alguien con autoridad le envió aqui a España. Quiere plantearos unos asuntos y aclarar su situación*[104]. Entretanto "Edo" (o comunista italiano Eduardo D'Onofrio) que era o adjunto do Comissário geral das BI, Luigi Longo[105], não se convenceu facilmente. Em agosto, o responsável pelo recrutamento das BI, o polonês Bot (aliás "Max") pediu a outro "camarada" ("Olaso", provavelmente do CC do PCE) que interferisse junto a "Edo" para regularizar a situação de Costa Leite[106].

De fato, no dia seguinte, Roberto Morena recebeu uma carta enviada pelo CC do PCE que parecia esclarecer a situação do contingente brasileiro (os grifos são nossos):

> *Hace solamente algunos dias y en la ocasión de una visita que nos hizo el camarada DA COSTA LEITE CARLOS, hemos podido obtener algunas indicaciones sérias, respecto a los camaradas brasileños encontrandose aqui en España y por consiguiente sobre ti también.*
> *Las dificultades que hemos siempre encontrado en lo que trata de los camaradas brasileños, son debidas, al hecho de que hasta ahora nadie há podido darnos informes y garantias políticas sérias que nos permitieran ser tranquilos del todo respecto a su cualidad de miembros del Partido.*
> *Ahora hemos encontrado a um camarada de confianza el cual os conoce y nos há dado informes sobre vuestra actividad pasada. Debemos de*

---

[104] Carta do CC do PCE a "Edo", 22/07/1938. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.
[105] "Edo" era homem de confiança da IC e na Espanha exerceu várias funções ligado ao comissariado político das BI. VIDAL, César. Op. cit., p. 491, 495.
[106] Carta de "Max" a "Olaso", 16/08/1938. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL. Sobre "Max" ver VIDAL, César. Op. cit., p. 481-482.

informaros que hasta ahora el Partido Comunista Brasileño no nos há escrito nunca para darnos un aval político respecto a vosotros[107].

É interessante destacarmos que tanto os informes do delegado do PCB em Paris, quanto a presença do dirigente Roberto Morena na Espanha não serviram para avalizar o perfil político dos voluntários brasileiros. Aliás, a própria carta enviada pelo Secretario Nacional do PCB, "Arnaldo", sequer foi considerada pois *hasta ahora el Partido Comunista Brasileño no nos há escrito nunca para darnos un aval político respecto a vosotros.* Quanto a posibilidade de repatriar os brasileiros, o PCE colocava a questão nos seguintes termos: o PCB deveria se dirigir ao CC do PCE. Considerando-se que entre os dirigentes do PCE estavam personalidades da IC, como o italiano Palmiro Togliatti e o ítalo-argentino Vittório Codovilla, podemos considerar que dirigir-se ao CC do PCE era quase como tratar com a *Komintern*.

Mas, se para o CC do PCE a situação dos brasileiros estava esclarecida, ainda demorou um tempo para que "Edo" se convencesse da idoneidade política dos mesmos, conforme atesta em carta enviada ao responsável pelo recrutamento das BI, "Max". Apesar destes problemas iniciais, Carlos da Costa Leite conseguiu finalmente obter a confiança de "Edo" e outros dirigentes de relevo, pois quando da desmobilização dos voluntários estrangeiros, Costa Leite se tornaria o responsável do PCE no campo de desmobilização de Cardedeu. Mais tarde, ao ser internado nos campos de refugiados na França, ele seria nomeado responsável pela direção político-militar do PC dentro do campo[108].

[107] Carta do CC do PCE para "Claudio Ballesteros Gonzalez" (Roberto Morena), 17/08/1938. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL. Ver Anexo D.
[108] Parecer sobre Carlos da Costa Leite, escrito por "Edo", 01/11/1939. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

Em Cardedeu, Costa Leite realizou intenso trabalho político. Ele emitiu pareceres sobre quase todos os brasileiros que se encontravam servindo na Espanha. Esses pareceres pouco diziam sobre a atividade militar do indivíduo, mas informavam a respeito da conduta moral e política dos voluntários. Ou seja, se antes a *Komintern* virtualmente desconhecia os camaradas brasileiros, Costa Leite se encarregou de sistematizar as informações sobre estes, desqualificando alguns ou avalizando outros que poderiam ser úteis numa luta futura no Brasil.

Por outro lado, enquanto militar, o comandante Costa Leite já tinha prática de escrever dossiês sobre seus subalternos no Brasil[109]. Vejamos alguns exemplos dos pareceres escritos por Costa Leite na Espanha, os grifos constam no original:

> 1) *Nemo Canabarro Lucas.* (*ten^te infant^a*) *antifascista* (*Brasil*) *No comunista. Estuvo preso 19 meses por el movimiento de noviembre 1935 en el Brasil. Inteligente. Tiene cultura técnica militar. Vanidoso. Mentalidad pequeño burguesa, desconoce el marxismo. Muy trabajador. Si lo ganamos - una buena adquisición. Si lo perdemos del todo - un elemento peligroso*[110].
>
> 2) *Pinto de Carvalho, Apolônio. Brasileño, capitán. Posiblemente el mejor de los militares brasileños en España.* (*Información dada por el mayor Costa Leite en conversación*)*15/1/39 A.M. Elliott*[111].
>
> *3)Manuel Coelho de Souza. No conviene entregar el Carnet, no es un tipo sério ni muy adicto al Partido. Vivió en Portugal. Informe por Da Costa Leite*[112].

[109] Todos os comandantes do Exército Brasileiro deviam escrever obrigatoriamente "juízos" sobre os seus oficiais subordinados. Ver SODRÉ, Nelson Werneck. Op. cit., p.131-132.
[110] Listagem de voluntários redigida por Carlos da Costa Leite, 16/04/1938. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL. Ver Anexo I.
[111] Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.
[112] Idem.

Costa Leite foi muito severo com alguns dos voluntários. Sobre José Homem Correa de Sá ele escreveu: *Miembro del Partido. Quizá el peor de los brasileños comunistas desde el punto de vista del Partido. Falta de interés en el trabajo político. Se desmoralizó un poco.* (...) *No muy firme políticamente.*

Cabe lembrar que Correa de Sá foi um dos primeiros voluntários brasileiros oriundos da Aviação Militar no Brasil. Além de não conseguir seus objetivos declarados, *ayudar tecnicamente al pueblo español* e *ingresar en la aviación republicana*, conforme ele escreveu em sua Biografia de Militante do PCE[113], ele foi incorporado como soldado raso de infantaria, sendo um ex-aspirante a oficial especializado. Correa de Sá foi certamente vitimado pela desconfiança geral que pairou sobre os brasileiros por não possuírem o aval político. Inconformado, ele protestou veementemente perante o Serviço de Quadros do PCE, em carta dirigida (escrita em um "portunhol" terrível) a "Carmen":

> *Estoy aqui en Albacete no se el destino que me van a dar, pero seja qual fuer* (*sic*) *yo no me quedo satisfecto* (*sic*). *La única cosa que quiero ahora es mi baja de las Brigadas e isto ya te pido insistentemente para que yo no venga a cometer un ato de desespero, porque desesperado yo ya estoy a mucho tiempo. Antes de nada, quiero mi baja de las Brigadas, despues sino huber* (*sic*) *posibilidad de yo entrar para la aviación quiero mi repatriamiento. Mas una vez te pido que me solicite a las autoridades militares a quien esteja isso afecto, para que yo no tenga que reproducir atos humillantes*[114].

[113] Biografia de militante de Jose H. Correa de Sá, 24/10/1938. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.
[114] 1° Carta de Jose H. Correa de Sá a camarada 'Carmen' do departamento de quadros do PCE, 17/02/1938. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

Correa de Sá enviou ainda uma segunda carta de protesto. Não foi atendido em suas reivindicações e passou a guerra como soldado raso. Por fim, ainda recebeu o parecer de Costa Leite para desqualificá-lo perante os colegas e o partido. A camarada "Carmen" também pagou por sua atuação. Segundo José Gay da Cunha *ela foi afastada do cargo* (...) *porque ficou constatado que o seu trabalho sectário foi a causa de um péssimo aproveitamento dos quatro latino-americanos*[115]. O partido não permitia muitas críticas nem deslizes morais. Muito menos deslizes políticos.

Os brasileiros que serviram na XII BI também tiveram sua atuação política e militar examinada pelos seus respectivos comissários políticos de Batalhão. Os pareceres (em italiano) eram ratificados em última instância pelo responsável ao nível de Brigada, que assinava sob o pseudônimo de "Nicoletto" ou "Nicoletti", como consta na ficha de José Homem Correa de Sá. Provavelmente, ele fosse o dirigente comunista italiano Giuseppe di Vittorio, que também foi um dos primeiros organizadores das BI[116]. No Anexo J temos alguns exemplos de pareceres político-militares.

A respeito da perseguição política, sabemos que pelo menos três voluntários vindos do Brasil foram acusados de trotskistas e sofreram o peso da política repressiva dos stalinistas. O primeiro deles foi o ex–tenente Alberto Roberto Bomílcar Besouchet.

O caso Besouchet é exemplar para mostrar como atuava a complexa rede de informações que sustentava o aparato repressivo dos PC's e da IC. Em 24 de janeiro

[115] CUNHA, José Gay da. Op. cit, p. 173-174.
[116] Biografia de militante de Jose H. Correa de Sá, 24/10/1938. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL. Sobre Nicoletti, ver VIDAL, César. Op. cit., p. 479-485.

de 1937, uma correspondência confidencial enviada ao Departamento de Quadros do CC do PCE reproduzia um informe chegado desde o Brasil:

> *El teniente Alberto Besouchet se encuentra actualmente en España. Después de su salida del Brasil se ha descubierto que Besouchet se ha pasado al trotzkismo* (*sic*). *El ha dejado una prueba que es una verdadera provocación contra la revolución de liberación nacional y contra el gobierno español. Si es posible encontrarlo hay que detenerlo y también urge notificar todos los camaradas a fin de que no le permitan usar el nombre del Partido Comunista del Brasil*[117].

Recomendando ainda que fosse enviada uma cópia para o Comissariado Político das BI, assinava o informe "Maria", do SVI. É bem provável que "Maria" fosse a ex-artista vanguardista italiana Tina Modotti, companheira de Vittorio Vidali ("Carlos Contreras"), homem da OGPU e que circulava na Espanha trabalhando simultaneamente para vários organismos comunistas, como o 5º Regimento do PCE e o SVI, comandando ainda uma seção especial contra o trotskismo dentro das BI[118].

Por sua vez, Modotti também operou no serviço de contra-espionagem das BI sob as ordens de Pauline Marty, a esposa do chefe supremo das BI, André Marty[119]. Besouchet tornou-se um homem marcado.

Precisamente oito meses depois, o delegado do PCB, "Castro", escreveu a "Jack" em 24/09/1937, em resposta a uma requisição prévia ("Jack" era do setor de

---

[117] Informe confidencial de "Maria" ao CC do PCE, 24/01/1937. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL. Ver Anexo E.

[118] A bibliografia sobre a GCE está repleta de menções a atuação de Vidali. Escolhemos uma referência mais recente e concisa BROUÉ, Pierre. Op. cit., p. 31, 111, 115 e 121.

[119] Para Broué, Modotti também era agente da OGPU. Ver BROUÉ, Pierre. Op. cit., p. 115 e 342. VIDAL, César. Op. cit., p. 495, 501, 503. Existem dezenas de *home pages* na Internet a respeito dos trabalhos fotográficos de Tina Modotti. No entanto, poucas delas fazem menção a tarefa desempenhada por Modotti na Espanha.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

recrutamento das BI), reafirmando a denúncia sobre a tendência "esquerdista" de Besouchet. Na carta-dossiê, "Castro" dava pistas sobre a suposta movimentação de Besouchet e informava detalhes sobre os contatos que este mantinha em Paris: com a cantora Elsie Houston, ex-mulher do poeta francês Benjamin Péret (que havia ido a Espanha) e cunhada de Mário Pedrosa, líder trotskista brasileiro.

A carta finalizava expressando que medidas deveriam ser tomadas para controlar as atividades de Besouchet e, se nada mais "sério" (Besouchet havia escrito um artigo que o PCB recusou em publicar, mas a dissidência de esquerda não) fosse encontrado contra ele, que os camaradas espanhóis o levassem a cortar relações com "o outro lado da barricada"[120]. "Castro" ainda sugeria como ideal que Besouchet denunciasse o "trotskismo" e os seus irmãos, que eram dissidentes do PCB[121], em um artigo (para ser publicado no Brasil). A carta de "Castro" sugere, portanto, que os comunistas já haviam localizado Besouchet e tinham meios de agir sobre ele.

Na verdade, as informações sobre a trajetória de Besouchet na Espanha ainda permanecem desconexas e fragmentadas. Algumas fontes dizem que serviu no *staff* do general Miaja, em Madrid, e que morreu em combate em 1938. Outros indicam que Besouchet teria se alistado nas BI onde, uma vez descoberto, teria sido executado por ordem de André Marty. Por último, também se afirma que Besouchet partiu do Brasil levando uma carta de recomendação de Mário Pedrosa apresentando-o a Andreu Nin, o chefe do POUM[122].

Costa Leite foi categórico em um parecer posterior: *Tuvo relaciones com trotzkistas* (*sic*). *Murió en los acontecimientos de Mayo* [a sublevação anarco-

[120] Na carta literalmente, *the other side of the barricade.*
[121] Carta-dossiê de "Castro" para "Jack", 24/09/1937. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.
[122] ALMEIDA, Paulo Roberto de. Op. cit., p. 49 e DULLES, John W. F. Op. cit., 1985, p. 175-176, 313.

poumista em 1937]. Contraditoriamente, em 05/07/1938 Besouchet ainda constava fichado como "trotskista" na capa da pasta nº 20949, o que nos leva a crer que ele pudesse estar vivo naquela data[123].

O que se sabe é que Besouchet morreu por causa de suas ligações com "trotskistas". Não foi a única vítima estrangeira dos stalinistas na Espanha: numerosos estrangeiros e espanhóis foram presos ilegalmente, torturados e mortos sob a acusação de "trotskismo", "espionagem" ou "traição"[124].

Em 1938, o deputado inglês John Mac Govern do *Independent Labour Party* (esquerda trabalhista), foi a Espanha chefiando a Comissão Internacional de Partidos Socialistas Revolucionários para investigar as denúncias de abusos cometidos contra os revolucionários do POUM e da CNT-FAI. Denunciou em um texto o que a comissão constatou *in loco*: mais de três mil presos e inúmeros mortos e desaparecidos[125]. Besouchet poderia estar entre eles.

Outros dois voluntários vindos do Brasil foram perseguidos sob a mesma acusação de "trotskismo": Ernest Joske e um tal de Beinermann. Sobre Beinermann, não temos muitas informações, a não ser um pequeno informe acusatório vindo do PC francês para o PCE, onde ele e Joske são acusados de serem "trotskistas ativos":

> *Nous vous prions de faire le necessaire pour aider tous les camerades brésiliens sauf Beinermann et Joske au sujet desquels on doit faire quelques réserves étant autrefois des trotskistes actifs, et quioque ils aient reconnu leurs fautes ils désirent malgré tout se rendre au Mexique,*

[123] Parecer sobre Besouchet dado por Carlos da Costa Leite, 15/01/1939. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL. Infelizmente, a tal pasta não existe nos arquivos da IC que estão em Campinas.
[124] Recomenda-se ver o trabalho de Pierre Broué, especialmente o Capítulo IX. BROUÉ, Pierre. Op. cit., p. 163 a 175.
[125] MAC GOVERN, John. **El Terror Comunista en España.** Originalmente publicado em *La Révolution Prolétarienne* Paris, n°263, 25/01/1938. Extraído de: http://www.geocities.com/CapitolHill/9444/ilp.htm [online] 18/11/2001.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Policía de Buenos Aires

> *ce qui démontre qui'ils n'ont pas renoncé a leur position. Or, nous venons de recevoir une lettre de Joske suivant laquelle il se trouve en Espagne* [126].

É bem possível que a mensagem viesse originalmente do PCB, e o PCF apenas a retransmitisse ao PCE. Ao analisarmos a ficha político-militar de Joske nas BI parece que este desempenhou satisfatoriamente as suas missões nas BI e aceitou plenamente a linha da Frente Popular proposta pelo PC, renunciando a sua posição "esquerdista". No item em que se perguntava capciosamente se o soldado aprovava e considerava *buena y justa* a política da Frente Popular, Joske respondeu secamente o esperado: *Si.*(...)*Porque unió todas las fuerzas de todas las capas democráticas, tanto burgueses como proletários, en la lucha contra el enemigo común, el fascismo* [127].

Porém , quando lhe perguntaram sobre as BI enquanto organização política e militar ele respondeu:

> *Com la idea de la creacion de B.I. se ha dado a las masas antifascistas del mundo intero* (*sic*) *una nueva arma que puede ser de grande provecho para el futuro. En España hube* (*sic*) *en las B.I. bastante sectarismo que impedió* (*sic*) *el desenvolvimiento de una buena politica de Frente Popular. Administrativamente eran malas provocando muchos desfalques y demoralisando muchos camaradas por falta de un control*

[126] "Rogamos fazer o necessário para ajudar a todos os camaradas brasileiros salvo Beiermann e Joske por causa deles terem feito pouca reserva de terem sido antigamante ativos troskistas, e ainda que tenham reconhecido seus erros, desejam, apesar de tudo, ir ao México, o que demonstra que não abandonaram sua posição. Acabamos de receber uma carta de Joske segundo a qual ele se encontra na Espanha". Carta do PCF ao PCE, 06/08/1937. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL. Ver Anexo F.

[127] Comisariado de Guerra de las BI: Ficha de Ernesto Joske, s.d., Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL

eficiente. Militarmente eran en la primera fase de guerra unidades de choque, que levantaron mucho el espiritu de combate de los camaradas españoles[128].

Numa instância menor, o Comitê do PCE da BI considerou Joske como um elemento de "boa" conduta e até como "simpatizante do partido comunista", conforme figura no Anexo K. Cabe ressaltar que um dos membros do referido comitê era o seu ex-colega de trabalho e militância na ANL no Brasil, o tcheco Jorge Cetl. Talvez este parecer positivo a respeito de Joske se tratasse em parte da boa vontade de Cetl para com um velho camarada. Mesmo assim, parece haver prevalecido a visão anterior vinda de instâncias superiores. O espírito crítico de Joske provavelmente não seria perdoado pelo partido.

Quando da retirada e internamento dos voluntários estrangeiros na França, Joske declarou que pretendia ir para qualquer lugar da América Latina[129], pois como alemão de origem judaica, o repatriamento para a Alemanha significava a morte. Nesse meio tempo, segundo afirma César Vidal, a Internacional emitiu ordens para que os partidos comunistas não prestassem auxílio para o repatriamento ou asilo àqueles elementos não alinhados com as diretrizes do partido[130]. Parte da trajetória de Joske, tal como a de Besouchet, permanece enevoada.

De acordo com Apolônio de Carvalho (que conviveu com Joske nos campos franceses de Argelés sur Mer e Gurs), já em plena Guerra Mundial, ele teria sido arrancado das prisões francesas e entregue diretamente nas mãos dos nazistas[131]. As

[128] Comisariado de Guerra de las BI: Ficha de Ernesto Joske, s.d., Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.
[129] Assim consta na sua Ficha. Ver Comisariado de Guerra de las BI: Ficha de Ernesto Joske, s.d., Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.
[130] VIDAL, César. Op. cit., p. 328.
[131] CARVALHO, Apolônio de. Op. cit., p. 168.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

autoridades francesas de Vichy, de fato entregaram milhares de refugiados considerados "apátridas" (e não reclamados por ninguém) para as autoridades nazistas, que os encaminharam para os campos da morte de Mauthausen, Buchenwald e outros [132].

Para finalizar, parece que um brasileiro teve intensa participação na repressão aos dissidentes de esquerda na Espanha. Seu nome de guerra era "Jusik", seu nome verdadeiro seria José Escoi ou Escoy, mas também não se pode afirmar com certeza, pois poderia ser outro pseudônimo. Provavelmente não teve contato algum com os voluntários brasileiros que combatiam nas frentes de batalha na Espanha e vice versa. A descoberta deste personagem é recente e ele é, possivelmente, desconhecido aqui no Brasil.

Em 1987, foi fundada na Espanha por um grupo de veteranos do POUM, a *Fundación Andreu Nin*, cujo objetivo primário era o resgate da memória do partido. Em 1989, conforme um de seus fundadores, Wilebaldo Solano, a *Fundación Andreu Nin* decidiu finalmente,

> (...)*dirigirse a todos los partidos y organizaciones de izquierda, así como a los intelectuales progresistas, para* (...) *obtener del gobierno de Gorbachov la apertura de una investigación sobre la tragedia de Nin y el acceso a los archivos soviéticos. En la URSS había comenzado el período de las grandes rehabilitaciones de los compañeros de Lenin asesinados por Stalin y en la propia prensa comenzaba a hablarse de la represión estalinista en España durante la guerra civil [contra militantes de la izquierda]* [133].

---

[132] SCHWARZSTEIN, Dora. Op. cit., p. 4
[133] SOLANO, Wilebaldo. **La Larga Marcha por la Verdad Sobre Andreu Nin.** [online] http://www.fundanin.org/boletin/htm. Diciembre 2002.

No início dos anos noventa, uma delegação da *Fundación Andreu Nin* compareceu a embaixada da URSS em Madrid e apresentou uma petição assinada por mais de trezentos intelectuais, militantes de diversas tendências políticas e líderes sindicais onde pedia ao governo soviético o esclarecimento da morte de Andreu Nin.

Depois de uma longa negociação, o governo soviético (em fase de desmoronamento) permitiu finalmente o acesso aos arquivos secretos da IC assim como ao arquivo da NKVD, especialmente no setor correspondente ao general Aleksander Orlov, um dos principáis artífices da repressão stalinista na Espanha dos anos 30.

Com base no material levantado nestes arquivos, os pesquisadores María Dolors Genovés y Llibert Ferri realizaram um documentário para a TV estatal catalã "TV3", terminado e exibido (somente na Catalunha e na França[134]) em 1992, intitulado: *Operació Nikolai*. O documentário lançou uma luz sobre as obscuras circunstâncias que envolviam a morte de Andreu Nin, tornando disponíveis documentos antes proibidos. Pierre Broué teve acesso a estes documentos. Segundo eles, Nin foi torturado e assassinado por um grupo de cinco homens da NKVD numa mansão em Alcalá de Henares, de propriedade do aristocrático comandante da Aviação Republicana, Ignácio Hidalgo de Cisneros.

O comandante da Operação "Nikolai" ("Nikolai" era obviamente Nin) era o general Orlov, também conhecido por "Xvied". Seus ajudantes eram "Pedro" (o húngaro Erno Gerö) e um técnico da NKVD, intérprete de Orlov, o brasileiro "Jusik" ou José Escoy[135]. Segundo consta nos documentos, "Jusik" havia elaborado

[134] Por mais incrível que isto possa parecer, não existe ainda versão em espanhol deste filme.
[135] BROUÉ, Pierre. Op. cit., p. 182-183.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

previamente um documento onde comprometia Nin com os franquistas para justificar a ação repressiva contra o POUM[136].

Também foi atribuída a "Jusik" a responsabilidade pela ocultação do cadáver de Nin: *N. De Alcalá de Henares en dirección a Perales de Tajuña, a medio camino, a unos cien metros de la carretera, en el campo. Bom. Xvied, Juzik, dos españoles*[137].

Além dos dados que aqui apresentamos, até o momento nada mais encontramos a respeito de "Jusik"[138]. Ao contrário dos outros voluntários brasileiros que arriscaram suas vidas em prol de um ideal, "Jusik" é um personagem inglório, obscuro, do tipo que se preferia esquecer. Mas, por outro lado, ele é representativo do clima conspirativo, policialesco e repressor, fruto do dogmatismo que dominou o movimento comunista internacional nos anos 30 sob o jugo de Stálin. E a sua história nebulosa e ao mesmo tempo instigante, ainda está por ser escrita.

4.4 O Pós Guerra Espanhol e o Destino dos Combatentes Internacionais

Ainda é impossível definir o número exato de voluntários estrangeiros que fizeram parte das BI ou do EPR na Espanha. Hoje, o número estimado mais aceito está em torno de 35.000 homens, uma média entre um valor máximo e mínimo aceitáveis, conforme colocamos na Tabela 3. Por outro lado, também se calcula que nunca houveram mais de 15.000 voluntários estrangeiros em ação na Espanha ao mesmo tempo. Quanto a origem nacional dos voluntários presume-se que eram provenientes de cinquenta e quatro países.

---

[136] GENOVÉS, Maria Dolors. **Operación Nikolai o el asesinato de Andreu Nin.** [online] http://www.fundanin.org/boletin/htm. Septiembre 2002.
[137] Idem.
[138] Estabelecemos recentemente um contato com a *Fundación Andreu Nin* e o historiador Andy Durgan, com a finalidade de obter informações a respeito de Alberto Besouchet e José Escoy, além de outros brasileiros que por ventura possam haver passado pelo POUM ou mesmo havê-lo combatido.

ARCHIVO
HISTÓRICO
de la Provincia de Buenos Aires

Aproximadamente 10.000 destes homens encontraram a morte na Espanha [139]. Muitos deles voltaram feridos ou inutilizados para o resto de suas vidas. Depois da guerra da Espanha, aproximadamente 500 voluntários estrangeiros encontravam-se prisioneiros nos campos de concentração de Franco. Entre eles três brasileiros (ou oriundos do Brasil), no campo de Miranda de Ebro: Manuel Albacete Jeminez, Andrés Jesus Sanchez e José Supedra[140]. Alguns dos prisioneiros morreram por maus tratos, mas a maioria foi expulsa ou repatriada durante os anos 40.

De outra parte, a grande maioria, ou seja, alguns milhares de combatentes internacionais permaneceram nos de campos concentração em Argelés sur Mer, Gurs, Le Vernet, Barcarés, Le Boulou, Agde, Bram, Arlés sur Tech, Prats de Mollo, Collioure e Saint Cyprién[141]. De fato, no campo de Gurs foram concentrados aqueles refugiados sem chances de repatriamento, entre eles muitos judeus alemães, antifascistas italianos e parte do pequeno contingente brasileiro, inicialmente concentrado em Argelés sur Mer.

Em março de 1939, o grupo dos militares brasileiros havia decidido que aqueles que não tivessem inquérito no Brasil tentassem regressar. Assim o fizeram cinco dos voluntários, auxiliados pelo antigo encarregado de negócios da Embaixada brasileira na Espanha republicana, Carlos da Silveira Martins Ramos. Os repatriados foram: os irmãos Delcy e Eny Silveira, Homero de Castro Jobim, Nemo Canabarro Lucas e Nelson de Souza Alves[142]. Ao chegar, estavam sendo esperados por um "comitê de recepção": a polícia política de Vargas [143].

---

[139] BAYAC, Jacques Delperrie de. Op. cit., p. 386.
[140] A informação nos foi enviada pelo historiador e ex-comissario político da XV BI Carl Geiser, via e-mail. Segundo Geiser, o documento original (escrito a mão e contrabandeado para fora do campo na época) está no *International Brigade Memorial Archive - The Marx Memorial Library* em Londres
[141] SCHWARZSTEIN, Dora. Op. cit., p. 5, 11 e ss.

Da Europa foi enviada uma lista com alguns dos nomes dos cidadãos brasileiros que haviam combatido na Espanha e que estavam reclusos na França. Portanto, a polícia brasileira estava vigiando os portos desde meados de março de 1939, ciente de que os brasileiros pudessem tentar o regresso ao país[144].

Em 23 de agosto de 1939, Stalin assinou um pacto de não agressão com a Alemanha de Hitler. O pacto surtiu efeitos imediatos entre os internacionais presos na França. O abandono da tática antifascista, que para a URSS era apenas um estratagema político, levou a rupturas e dissenções entre aqueles que haviam lutado até a morte em nome do antifascismo. Muitos comunistas, ex-combatentes da Espanha, abandonaram a linha do partido, geralmente tendendo à esquerda.

Nos Estados Unidos, por exemplo, os veteranos dissidentes tentaram inclusive montar uma contra organização paralela à associação dos veteranos da Brigada Abraham Lincoln, simultaneamente de caráter antifascista e anticomunista[145]. No entanto, provavelmente a grande maioria dos veteranos continuou ainda fiel à linha de Moscou.

Sobre sua própria postura na época, Apolônio de Carvalho afirmou: *estou ainda* (...) *entre os que aceitam as razões-chave da opção soviética: a defesa, temporária, das fronteiras do primeiro e então único Estado socialista.* Ele sintetizou também o porquê da postura de seus companheiros brasileiros: *Comunistas dos anos 30, estamos impregnados dos conceitos da História do PC(b) da URSS* (...)

---

[142] ALMEIDA, Paulo Roberto. Op. cit., p. 61.

[143] SILVEIRA, Delcy. 2001, p. 1. Prontuário nº5314 de Delcy Silveira, AESP. Prontuário nº 5293 de Nemo Canabarro Lucas, AESP.

[144] Esta lista foi anexada aos prontuários dos brasileros nos arquivos do DEOPS de SP e DESPS do RJ. Em muitos casos, é o único documento que consta no prontuário, o que indica que para ser fichado bastava haver feito parte das *Brigadas Internacionais a serviço da Hespanha republicana.* Ver Anexo N.

[145] CARROLL, Peter. Op. cit., p. 228-230.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

uma apologia do partido e do país dos sovietes[146]. De um modo geral poderíamos estender as justificativas dadas por Carvalho para a maioria dos voluntários internacionais.

Em 1° de setembro de 1939, apenas seis meses após a derrota da República Espanhola, teve início a Segunda Guerra Mundial. Os exércitos de Hitler e Stalin partilharam e ocuparam a Polônia, e os alemães, com as costas cobertas, lançaram-se à ofensiva contra as democracias ocidentais.

O PC da França, dividido e confuso, decidiu apoiar o pacto nazi-soviético e manter a fidelidade a URSS, o que o levou a ser tornado ilegal pelo governo francês. A ilegalidade dos comunistas foi sentida pelos internos de Gurs e outros campos, que deixaram de receber o apoio material das organizações paralelas ao PCF, também tornadas ilegais, o que piorou consideravelmente a situação dos prisioneiros [147].

Já vimos anteriormente que o governo francês havia recorrido aos veteranos internacionais, apelando para que se somassem à defesa armada da França, sem muito resultado. Em parte, devido a aceitação das recomendações de Moscou aos líderes comunistas na França, pois era necessário que se evitasse a participação dos ex-combatentes da Espanha em legiões militares francesas ou britânicas, já que a guerra não era mais "antifascista" e sim "interimperialista"[148]. Do ponto de vista dos comunistas, porque ajudar as democracias ocidentais se estas haviam dado às costas a URSS anteriormente?

Entretanto, alguns ex-combatentes da Espanha haviam-se incorporado às Companhias de Trabalho paramilitares que preparavam as linhas de fortificações,

[146] CARVALHO, Apolônio de. Op. cit., p. 134. O texto era a cartilha básica de formação política dos militantes do PC em todos os países. Ver FERREIRA, Jorge. Op. cit, p. 161.
[147] CARVALHO, Apolônio de. Op. cit., p. 135 e 137.
[148] VIDAL, César. Op. cit., p. 328-329.

entre eles alguns brasileiros, como Dinarco Reis, David Capistrano da Costa, Hermenegildo de Assis Brasil e Joaquim Silveira dos Santos. Eles serviram na 152° *Compagnie de Travailleurs* no norte da França[149]. Derrotado o Exército francês foram desmobilizados também. O ex-tenente Apolônio de Carvalho, perambulando por Marselha, encontrou alguns deles depois. Com a invasão da França, alguns dos ex-combatentes da Espanha decidiram aproveitar o caos reinante e fugir. Carvalho foi um deles[150].

Por outro lado, Carvalho, em contato com o consulado brasileiro de Marselha (onde tinha amizades), conseguiu a libertação de vários internacionais presos em Gurs, entre eles o seu antigo comandante Carlos da Costa Leite. Graças à intervenção de Apolônio de Carvalho perante o consulado brasileiro, Dinarco Reis, David Capistrano da Costa, Carlos da Costa Leite e Joaquim Silveira dos Santos puderam embarcar, em momentos diferentes, para a América. Contudo, o próprio Carvalho preferiu ficar na França a ter de enfrentar as prisões brasileiras [151].

Hermenegildo de Assis Brasil não retornou ao lar, pois faleceu de septicemia em Paris. José Homem Correa de Sá e José Gay da Cunha também conseguiram abandonar a França e partiram em direção a Buenos Aires, um antigo reduto dos exilados políticos brasileiros [152].

A invasão da URSS pela Alemanha em 22 de junho de 1941, apesar do desastre inicial para os soviéticos, também significou uma espécie de alívio moral para os comunistas, pois encerrou um interregno político anômalo e ideologicamente desconfortável. A partir daquele momento a luta contra o Eixo significaria, para boa

[149] *The Volunteer of Liberty, February 1941,* vol.III, n°1, p. 3.
[150] CARVALHO, Apolônio de. Op. cit., p. 137.
[151] Idem, p. 143.
[152] ALMEIDA, Paulo Roberto. Op. cit., p. 61-62.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

parte dos internacionais, a continuação em outros territórios da velha luta antifascista da guerra da Espanha[153].

Na França, os organismos da resistência clandestina contaram com numerosos veteranos da guerra da Espanha nas suas fileiras, destacando-se em atos de sabotagem e guerrilha contra os alemães. Um deles foi Apolônio de Carvalho, que se converteu em chefe do *maquis*, atuando na região sudoeste. Integrado às Forças Francesas do Interior participou da libertação de Toulouse em agosto de 1944[154].

Alguns dos veteranos se juntaram ao general De Gaulle, nas forças da França Livre, após o desembarque na Normandia. Além do mais, republicanos espanhóis refugiados na França e veteranos das BI de vários países, formaram parte do I Corpo de Exército Francês Livre, ironicamente nas unidades da Legião Estrangeira Francesa em 1944 [155].

Na Europa Oriental, diversos veteranos das BI participaram ativamente entre os *partisans*. Muitos guerrilheiros iugoslavos eram veteranos da Espanha, a começar pelo croata Josip Broz, aliás "Tito" que, a serviço da *Komintern*, trabalhou na organização política das BI em Paris[156].

Os italianos, após a queda de Mussolini em setembro de 1943, iniciaram uma violenta guerra de resistência contra os fascistas remanescentes na República de Saló e os alemães que ocupavam boa parte do território italiano. Entre seus membros mais destacados e combativos, diversos veteranos das BI, como o antigo comissário geral das Brigadas, Luigi Longo[157].

---

[153] BAYAC, Jacques Delperrie de. Op. cit., p. 387-390.
[154] Sobre a atuação de Apolônio de Carvalho na Resistência Francesa, recomenda-se a leitura da sua autobiografia. CARVALHO, Apolônio de. Op. cit., p. 144 a 167.
[155] BAYAC, Jacques Delperrie de. Op. cit, p. 326-328.
[156] CIERVA, Ricardo de la. Op. cit., p. 56-57.
[157] VIDAL, César. Op. cit., p. 335.

Veteranos ingleses e americanos ingressaram em suas respectivas forças armadas para enfrentar as forças do Eixo. Entre os norte-americanos, os antigos organizadores das unidades guerrilheiras que combatiam atrás das linhas franquistas passaram sua experiência tática para o *Office for Special Service*, que curiosamente serviria como corpo embrionário da futura CIA[158].

Porém, houveram alguns casos (raros, ao que consta) de ex-combatentes das BI que passaram para o lado contrário, lutando pelas forças do Eixo durante a Segunda Guerra Mundial. Poderia ser o reflexo de uma desilusão com o comunismo a partir das experiências na Espanha e reforçado após o pacto Hitler-Stalin[159]. Mas também poderia ser que o ideal antifascista tivesse sido superado pelo apelo nacionalista radical, como provavelmente ocorreu no caso já citado de Frank Ryan. Ou seriam apenas simples traidores da causa? De qualquer modo, ainda continuam sendo questões de difícil e variada interpretação.

Com a entrada do Brasil na guerra ao lado dos Aliados em 1942, os veteranos brasileiros exilados na Argentina ou no Uruguai julgaram que o momento seria propício para voltar ao país. Mal ou não informados da repressão que Vargas ainda empreendia contra os comunistas no Brasil[160], talvez acreditaram que Vargas estaria disposto a aceitá-los como "aliados". A manobra dos antigos combatentes antifascistas, coincidia também com a postura adotada pela URSS no plano internacional em relação à sua participação no campo aliado.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

[158] Recomenda-se a leitura de CARROLL, Peter. Op. cit., p. 254 e ss.
[159] BAYAC, Jacques Delperrie de. Op. cit., p. 330-331.
[160] Sobre a repressão aos comunistas no início dos anos 40, ver DULLES, John W. F. Op. cit., 1985, p. 200 a 222.

Assim, em abril de 1942, em Buenos Aires, membros exilados do PCB e da Internacional Comunista se reuniram e traçaram a linha da "União Nacional em torno de Vargas para a defesa do Brasil". Entre eles, Costa Leite[161].

Em entrevista ao jornal *La Razón* de Montevideo, Carlos da Costa Leite fez uma defesa das intituições nacionais e da posição assumida pelo governo Vargas frente ao nazismo. Costa Leite confirmou a recente aceitação pelos comunistas do governo Vargas e sua nova linha política "antifascista":

> *Es una posición justa y patriótica, de plena conformidad com los imperativos de la defensa nacional y continental. Por eso mismo, ya hemos declarado várias veces que estaríamos dispuestos a ocupar el puesto que nos fuera asignado en la defensa de la pátria* (...) *por la unión nacional en defensa del Brasil y para que el nazifascismo sea exterminado definitivamente en 1942, estaríamos dispuestos a qualquier sacrifício*[162].

Por último, ressaltou que para haver uma autêntica "união nacional" o governo deveria libertar os antifascistas ainda presos no Brasil. Nas suas declarações sobre o Exército brasileiro, Costa Leite reafirmou a sua antiga identidade e orgulho militar:

> *Tengo por el Ejército brasileño, en cuyas filas formé mi espíritu de ciudadano y patriota, un grán afecto y profunda admiración. Por lo demás, nuestras fuerzas armadas tienen un brillante pasado y una magnífica tradición democrática, que constituyen la mayor garantía de*

[161] DULLES, John W. F. Op. cit., 1985, p. 229-230.
[162] *La Razón, Montevideo,* 08/06/1942. In: Prontuario n° 7127 Carlos da Costa Leite, APERJ.

la unión nacional brasileña y de la defensa de la pátria y del continente [163].

Independente do grau de adesão ao comunismo, o nacionalismo continuava impregnando a base da formação dos ex-militares veteranos da Espanha. Nemo Canabarro Lucas que era antifascista e não comunista (como ressaltou com desconfiança Costa Leite nos pareceres para a IC) declarou a um jornal os motivos que o levaram a empreender tantas lutas:

> *Tenho participado de revoluções no Brasil e guerras estrangeiras, como as do Chaco e a Hespanha, levado pela compreensão e pelos sentimentos que me fizeram pela primeira vez tomar armas ao lado da nação em 1930. Estive na Hespanha combatendo pela independência do povo hespanhol, com o mesmo espírito que de 1932 a 1934 estive no Chaco, lutando pela independência do Paraguai, ameaçado de desaparecer como nação. E não me arrependo* [164].

Possivelmente, ele pretendia demonstrar que não era necessário ser comunista para lutar pela causa da Espanha Republicana. Entretanto, talvez Canabarro também fizesse estas declarações para evitar perseguições e a indesejável e perigosa pecha de "comunista", altamente discriminatória naqueles tempos. Afinal de contas, havia sido detido e fichado pela polícia em março de 1939, quando da sua chegada ao Brasil, conforme consta no Anexo O. Mas não podemos desprezar o fato de que ele

[163] *La Razón, Montevideo*, 08/06/1942. In: Prontuário n° 7127 Carlos da Costa Leite, APERJ.
[164] A Nota, 21/04/1939. Prontuário nº 2492 de Nemo Canabarro Lucas, APERJ. Em seu "Auto de Qualificação" da Polícia Civil do RJ, Canabarro Lucas declarou: *que resolveu aperfeiçoar conhecimentos militares na Espanha* (...) *uma guerra civil que se tornara uma guerra de independencia nacional do povo espanhol, dada a presença de tropas estrangeiras* (...).

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

realmente não havia se filiado ao PC (nem no Brasil, nem na Espanha) e que os próprios comunistas não o consideravam sequer "simpatizante", apenas antifascista.

No seu último parecer sobre Canabarro Lucas enviado a *Komintern*, Costa Leite afirmou que ele era um *antifascista honrado, pero bastante oportunista y vanidoso. Probablemente há venido a España más por vanidad que por outra cosa. Tipo intelectual. Ahora habla de ir a China. Políticamente no instruído*[165]. Ou seja, Canabarro ainda se aproximava muito do que os comunistas denominaram despectivamente de "aventureiro".

Quase todos os ex-militares brasileiros voluntários na Espanha tentaram lutar pelo Brasil na Segunda Guerra Mundial, mas nenhum o conseguiu. Eram homens politicamente marcados. Delcy Silveira e Homero de Castro Jobim se apresentaram no QG do III Exército em Porto Alegre, sem sucesso[166].

O grupo de Costa Leite, no Uruguai, concretizou o seu oferecimento ao governo brasileiro em setembro de 1942. Numa carta enviada do Uruguai, o grupo expressou o seu desejo de reconciliação política com o governo e de regressar ao Brasil, além de integrar-se nas forças armadas para recomeçar o interrompido combate contra o nazi-fascismo[167]. Na fronteira, a recepção do grupo pelo governo não poderia ser pior: todos foram presos, afim de cumprir os mandados judiciais pendentes desde os idos de 1935[168]. A anistia somente lhes chegaria em abril de 1945.

---

[165] Parecer de Carlos da Costa Leite sobre Nemo Canabarro Lucas, 15/01/1939. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.
[166] DULLES, John W. F. Op. cit., 1985, p. 235.
[167] Carta ao Povo e ao Governo do Brasil, desde Rivera, Uruguai, 09/09/1942. Prontuário n° 7127 Carlos da Costa Leite, APERJ.
[168] DULLES, John W. F. Op. cit., 1985, p. 235-236.

Depois da Segunda Guerra Mundial, nem todos os ex-combatentes brasileiros continuaram a seguir a linha do partido. O PCB enfrentou fortes dissidências e fraturas durante e depois da guerra mundial, estando inclusive a ponto de ser dissolvido, tal como a IC em 1943 e o CPUSA em 1944.

Em momentos diferentes, Costa Leite, Correa de Sá, Delcy Silveira, Apolônio de Carvalho e outros abandonaram o PCB. Alguns o fizeram por motivos de índole pessoal, mas a maioria o fez devido ao sectarismo dominante no partido, a intolerância de alguns dirigentes e, principalmente, pela falta de democracia interna[169]. No entanto, não renunciaram a sua postura de esquerda, ao seu nacionalismo militante, aos seus anseios democráticos e de justiça social.

Com a anistia concedida em 1945, dois deles recuperaram a patente e a condição de militar: Carlos da Costa Leite em 1951 e Nemo Canabarro Lucas em 1950[170]. Os outros veteranos somente conseguiram a sua reincorporação à reserva das Forças Armadas em 1988, com a anistia geral obtida com a promulgação da Carta Constituinte.

Depois do golpe militar de março de 1964, houve uma nova onda repressiva aos veteranos da Espanha por parte das ditaduras militares instauradas a partir do golpe. Alguns desses ex-combatentes estiveram ativos na militância política da esquerda naquele período.

Apolônio de Carvalho esteve diretamente envolvido com a luta armada. Foi membro fundador e secretário geral do Partido Comunista Brasileiro Revolucionario, uma das tantas dissidências que fragmentaram a esquerda brasileira envolvida em

[169] BATTIBUGLI, Thaís. Op. cit., p. 190. SILVEIRA, Delcy. 2001, p. 8.
[170] Prontuário n°2492 de Nemo Canabarro Lucas, APERJ. Prontuário nº 7127 Carlos da Costa Leite, APERJ.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

uma desesperada luta de guerrilhas contra a ditadura dos generais. Preso e torturado, foi enviado junto com outros presos políticos para a Argélia, em troca da vida de um diplomata sequestrado pela guerrilha[171].

David Capistrano da Costa, membro do Comitê Central do PCB, foi detido ao entrar no Brasil vindo da Tchecoslováquia e se encontra oficialmente na lista de "desaparecidos" por ação dos grupos de repressão militar no Brasil[172].

Correa de Sá foi preso duas vezes durante a ditadura. Dinarco Reis e Roberto Morena, tiveram de se exilar para escapar da repressão e talvez da morte. José Gay da Cunha foi preso em 1975, acusado de estar reorganizando o PCB em Porto Alegre. Depois, protagonizou um estranho episódio transmitido pela televisão onde aparecia fazendo propaganda a favor do regime militar e renegando o PCB[173]. Eram os custos elevados da militância política.

Quase todos os veteranos da Espanha continuaram, de uma forma ou outra, a luta pelas suas crenças políticas. Boa parte dos voluntários latino-americanos que voltaram aos seus países de origem continuaram na luta contra o que acreditavam ser o "fascismo" local. Alguns veteranos cubanos, por exemplo, fizeram parte do movimento que derrubou o ditador Fulgêncio Batista, em 1959. Muitos deles foram destacados líderes do Movimento 26 de julho, como o general Alberto Bayo, que treinou os homens de Fidel Castro quando da sua estrada no México. Outros, no entanto, tomaram um rumo contrário, como os do grupo *Joven Cuba*, liberal e anti-marxista[174].

[171] CARVALHO, Apolônio de. Op. cit., p. 200 e ss.
[172] GORENDER, Jacob. **Combate nas Trevas.** São Paulo: Ática, 1987, p. 233.
[173] BATTIBUGLI, Thaís. Op. cit., p. 201-202.
[174] BAUMANN, Gino G. Op. cit., p. 189-190.

Após a Segunda Guerra Mundial muitos voluntários do leste europeu atingiram cargos governamentais nas chamadas Repúblicas Democráticas ou estavam presentes como generais ou comandantes nas Forças Armadas do Pacto de Varsóvia: Erno Gerö e Mathias Rakosi na Hungria, Walter Ulbricht e Wilhelm Zaisser na Alemanha Oriental e, na Iugoslávia, o Marechal Josip Broz (Tito). Mas também muitos foram vítimas dos últimos expurgos e denúncias de Stalin, não somente entre os soviéticos, mas muitos europeus orientais, entre eles o próprio Tito. As dissenções no bloco soviético se mantinham, mas aquelas antigas acusações de "trotskismo" dos anos 30 se modernizaram nos anos 50: foram denominadas então de "titoismo"[175].

No lado ocidental e principalmente nos EUA sofreram fortes perseguições políticas durante o período da Guerra Fria. Os veteranos americanos das BI foram classificados como "anti-fascistas prematuros" pela Comissão de Controle de Atividades Subversivas do Congresso dos EUA. Nem a condição de "heróis de guerra" condecorados pelas Forças Armadas dos EUA durante a Segunda Guerra Mundial de alguns dos veteranos os salvou da perseguição macartista[176].

Utilizando um reducionismo extremo, o governo dos EUA considerava que ser veterano das Brigadas era um sinônimo de "comunista" e ser comunista nos EUA em plena Guerra Fria era sinônimo de alta traição[177]. Tal como muitos camaradas estrangeiros, alguns norte-americanos (comunistas ou não) sofreram vários anos no cárcere e outros tiveram de partir para o exílio.

[175] VIDAL, César. Op. cit, p. 336 e ss.
[176] CARROLL, Peter. Op. cit., p. 285 e ss.
[177] EBY, Cecil. Op. cit., p. 423-425.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALA, Miguel. & D'ELIÁ, G. **La Guerra Civil Española.** Montevideo: Fundación de Cultura Universitária, 1990.

ACADEMIA DE CIENCIAS DE LA URSS. **La Solidariedad de los Pueblos con la República Española 1936-1939.** Moscú: Progreso, 1974.

ALBA, Victor. **História del Frente Popular.** Mexico: Libromex, 1959.

ALMEIDA, Paulo Roberto. "Brasileiros na Guerra Civil Espanhola: Combatentes na luta contra o Fascismo". In: **Revista de Sociologia e Política.** Curitiba: UFPr, Junho 1999.

ALTMANN, Werner. **México e Cuba: Revolução, Nacionalismo, Política Externa.** São Leopoldo: UNISINOS, 2001.

ÁLVAREZ, Santiago. **História Política y Militar de las Brigadas Internacionales.** Madrid: Compañia Literária, 1996.

AMILIBIA, Miguel de. **La Guerra Civil Española.** Buenos Aires: Centro Editor De América Latina, 1971.

ANDERSON, Benedict. **Nação e Consciência Nacional.** São Paulo: Ática, 1989.

ANDRADE, John. **Acção Directa: Diccionário de Terrorismo e Activismo Político**. Lisboa: Hugin, 1999

ARARIPE, Tristão de Alencar. **Combate e Serviço em Campanha: Livro do Sargento.** Rio de Janeiro : s. e, 1934.

ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ARÓSTEGUI, Júlio. **La Guerra Civil Española: 50 Años Después.** Barcelona: Labor, 1985.

BARATA, Agildo. **Vida de um Revolucionário (memórias).** São Paulo: Alfa-Omega, 1978, 2 ed.

BATTIBUGLI, Thais. **A Militância Antifascista: Comunistas Brasileiros na Guerra Civil Espanhola.** Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2000.

BAUMANN, Gino Gerold. **Los Voluntários Latinoamericanos en la Guerra Civil Española.** San José: Guayacán, 1997

BAYAC, Jacques Delperrie de. **Las Brigadas Internacionales.** Madrid: Júcar, 1980.

BORGES, Vavy Pacheco. **Tenentismo e Revolução Brasileira.** São Paulo: Brasiliense, 1992.

BRADLEY, Kenneth. **The International Brigades in Spain 1936-1939.** London: Osprey Publishing, 1994.

BROUÉ, Pierre. **Staline et la Révolution.** Paris: Fayard, 1993.

BROUÉ, Pierre. **União Soviética: da Revolução ao Colapso.** Porto Alegre: Universidade, 1996.

BROUÉ, Pierre; FRASER, Ronald; VILAR, Pierre. **Metodologia Historica de la Guerra y Revolución Españolas.** Barcelona: Fontamara, 1980.

BRUSSOLO, Armando. **Tudo pelo Brasil.** São Paulo: Editorial Paulista, 1932.

BELLOTEN, Burnett. **La Revolución Española,las Izquierdas y la Lucha por el Poder.** Mexico DF: JUS, 1962.

BENITEZ, Fernando. **Lázaro Cárdenas y la Revolución Mexicana. III. El Cardenismo.** Mexico DF: Fondo de Cultura Económica, 1995.

CAMARGO, Aspácia. "A revolução das elites, conflitos regionais e centralização política". In: **Revolução de 30:Seminário Internacional.** Brasília: UNB, 1983.

CARDONÁ, Ricardo. R. & PAZOS, Carlos. F. **Ejército Popular Republicano 1936-1939: Uniformes y Pertrechos.** Madrid: Almena, 1997.

CARROLL, Peter. **The Odyssey of the Abraham Lincoln Brigade: Americans in the Spanish Civil War.** California: Stanford University Press, 1995.

CARVALHO, Apolônio de. **Vale a Pena Sonhar.** Rio de Janeiro: Rocco, 2 ed., 1997.

CARVALHO, José Murilo de. "As Forças Armadas na Primeira República: O Poder Desestabilizador". In: FAUSTO, Boris. **História Geral da Civilização Brasileira.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, Vol.2, T-3, 1990.

CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das Almas. O Imaginário da República no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ARCHIVO HISTÓRICO Provincia de Buenos Aires

CASTRO, Celso. **Os Militares e a República: Um Estudo sobre Cultura e Ação Política.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

CERQUEIRA, Gisálio F. e NEDER, Gizlene: "Ecos da Segunda República e da GCE no Brasil" In: **Tempo**. Rio de Janeiro: Departamento de História UFF, 1999, vol.4, n.8.

CIERVA, Ricardo de la. **Brigadas Internacionales 1936-1996.** Madrid: Fénix, 1997.

COLOMER, Eduardo C. **El Comisariado Político en la Guerra Española 1936-1939.** Madrid: San Martín, 1973.

COMISARIADO GENERAL DE LAS BRIGADAS INTERNACIONALES. **Canciones de las Brigadas Internacionales.** Buenos Aires: Adunar, 1971.

COURTOIS, Stéphane e PANNÉ, Jean Louis. "A sombra do NKVD sobre a Espanha". In: COURTOIS, Stéphane (org.) **O Livro Negro do Comunismo.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CUNHA, José Gay da. **Um Brasileiro na Guerra Civil Espanhola.** São Paulo: Alfa Ômega, 2 ed., 1986.

D'AZEVEDO, Soares, J. **Espanha em Sangue**. Rio de Janeiro: Cruzada da Boa Imprensa, 1936.

DIAZ-PLAJA, Fernando. **La Vida Cotidiana en la España de la Guerra Civil.** Madrid: EDAF, 1994.

Diccionário Enciclopédico Ilustrado Sopena. Barcelona: Sopena, 1977.

DIMITROV, Jorge. **El Frente Único, Vigencia Actual.** México: Cartago, 1983

DRUMMOND, José A. **O Movimento Tenentista: A Intervenção Política dos Oficiais Jovens 1922-1935**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DULLES, John W. F. **Anarquistas e Comunistas no Brasil.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

DULLES, John W. F. **O Comunismo no Brasil: 1935-1945**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

EBY, Cecil. **Voluntarios Norteamericanos en la Guerra Civil Española.** Barcelona: Acervo, 1974.

ECO, Umberto. **Como se Faz uma Tese**. São Paulo: Perspectiva, 14 ed., 1998.

ELSTOB, Peter. **A Legião Condor e a Guerra da Espanha.** Rio de Janeiro: Renes, 1978.

FERNANDEZ, Alberto E. "Judios en las Brigadas Internacionales". In: **Cuadernos Americanos**, Mexico D.F., AñoVI, n. 22, Mayo-Junio 1975.

FERREIRA, Jorge. **Prisioneiros do Mito: Cultura e Imaginário Político dos Comunistas no Brasil.** Rio de Janeiro: EDUFF, 2002.

FORJAZ, Maria Cecília S. **Tenentismo e Forças Armadas na Revolução de 1930.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

FRASER, Ronald. **Recuérdalo Tú y Recuérdalo a Otros: História Oral de la Guerra Civil Española.** Barcelona: Grijalbo Mondadori, 2 vol., 1997

FRUTOS, Victor de. **Los que no Perdieron la Guerra.** Buenos Aires: Oberón, s.d.

GARCIA-MUÑOZ, Juan Abellán. **Galeria de Aviones de la Guerra Civil Española.** Madrid: Ministério de Defensa, Instituto de História y Cultura Aeronáuticas, 1996.

GELLNER, Ernest. **Nações e Nacionalismos.** Trajectos. Lisboa: Gradiva, 1993.

GIBSON, Ian. **O Assassinato de Garcia Lorca.** São Paulo/Porto Alegre: 1988.

GORENDER, Jacob. **Combate nas Trevas. A Esquerda Brasileira: das Ilusões Perdidas a Luta Armada.** São Paulo: Atica, 1987.

HOBSBAWM, Eric J. **A Era Dos Impérios.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 3 ed., 1992.

HOBSBAWM, Eric J. **Nações e Nacionalismos.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOBSBAWM, Eric J. **A Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBSBAWM, Eric J. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

HOWSON, Gerald. **Arms for Spain: The Untold Story of the Spanish Civil War.** London: John Albemarle, 1998.

IANNI, Octávio. **A Idéia de Brasil Moderno.** São Paulo: Brasiliense, 1992.

IBARRURI, Dolores. **Guerra y Revolución en España 1936-1939.** Moscú: Progreso, 4 vol., 1966.

JACKSON, Gabriel. **A República Espanhola e a Guerra Civil 1931-1939.** Lisboa: Publicações Europa-América, v. 1, s.d.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

JACKSON, Gabriel. **Entre la Reforma y la Revolución 1931-1939.** Barcelona: Crítica, 1980.

JURADO, Carlos. C. **Resistance Warfare 1940-1945.** London: Osprey Publishing, 1985.

KEEGAN, John. **The Waffen SS.** New York: Ballantine, 1970,

KEEGAN, John. **Uma História da Guerra.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KERNIG, C. D (org.). **Marxismo y Democracia.** Madrid: Rioduero,1975.

KREMER, Ilya Semyonovich. "O Comintern". In: **História do Século XX.** São Paulo: Abril, 1973.

LEFRANC, Georges. "A França e o Frente Popular". In: **História do Século XX.** São Paulo: Abril Cultural, 1974.

LENIN, Vladimir. I. **Imperialismo: Fase Superior do Capitalismo.** São Paulo: Global, 4 ed., 1987.

LLEIXÁ, Joaquim. **Cien Años de Militarismo en España.** Barcelona: Anagrama, 1986.

LONGO, Luigi. **Las Brigadas Internacionales en España.** México DF: Era, 3 ed., 1977.

LOWENTHAL, David. "Como Conhecemos o Passado". In: **Projeto História.** São Paulo: PPGHist. PUC-SP, nov. 1998, nº 17.

MATTHEWS, Herbert. L. **Metade da Espanha Morreu.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom e BERTOLLI FILHO, Cláudio. **A Guerra Civil Espanhola.** São Paulo: Ática, 1996.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. "Guerra Civil Espanhola: Um 'Entreguerras'"? In: **O Olho da História**, v. 1, n. 1 , nov. 1995.

MERCADANTE, Paulo. **Militares e Civis: A Ética e o Compromisso.** Rio de Janeiro: Zahar, 1977

MESA, José Luis de. **Los Otros Internacionales.** Madrid: Barbarroja, 1998.

MESCHERIAKOV, Mikhail. "Las Brigadas Internacionales en España." In: **La España del Siglo XX**, Academia de Ciencias de la URSS: Moscú, 1983.

MIRANDA, David J. **Madrid, Capital Republicana.** Barcelona: Acervo, 1976.

MORAES, João Quartim de. **A Esquerda Militar no Brasil: da Coluna à Comuna.** São Paulo: Siciliano,. v. 1, 2 ed., 1994.

MORGADO, Aurelio Nuñez. **Los Sucesos de España Vistos por un Diplomático.** Buenos Aires: Rosso, 1941.

NAHÚM, Benjamín (org.). **Colección História Uruguaya 1930-1958: Crisis Política y Recuperación Económica.** Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1991, tomo 7.

NIN, Andrés. **A Guerra Civil na Espanha.** Rio de Janeiro: Laemmert, 1969.

OFICINA INFORMATIVA ESPAÑOLA. **Las Brigadas Internacionales: La Ayuda Extranjera a los Rojos Españoles.** Madrid: Aldus, 1948.

PADRÓS, Enrique S. "O Fascismo Espanhol e a Guerra Civil." In: **História; Ensino e Pesquisa.** Porto Alegre: Mercado Aberto, v. 1, n. 3., 1986.

PAZ, Abel. **O Povo em Armas.** Lisboa: Assirio & Alvim, v. 2, 1974.

PEREYRA, Carlos. **El Sujeto de la História**. Méjico DF.: Alianza Editorial, 1988.

PLÁ, Alberto. "Del Manifiesto Comunista a la Revolución Rusa". In: **História del Movimiento Obrero.** Buenos Aires: CEDAL, n ^{0} 16, 1991.

PRESTES, Anita Leocádia. **Luiz Carlos Prestes e a Aliança Nacional Libertadora**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

RADOSH, Ronald (org). **Spain Betrayed: The Soviet Union in the Spanish Civil War.** New Haven&London: Yale Univ. Press, 2001.

REIS, Dinarco. **A Luta de Classes no Brasil e o PCB**. São Paulo: Novos Rumos, v. 1, 1981.

RIES, Karl & RING, Hans. **The Legion Condor.** Atglen: Schiffer, s.d.

RODRIGUES, Leôncio M. "O PCB: os dirigentes e a organização" In: **História Geral da Civilização Brasileira.** São Paulo: Difel, 1981.

SCHWARTZ, Fernando. **La Internacionalización de la Guerra Civil Española.** Barcelona: Planeta, 1999.

SCHWARZSTEIN, Dora. **Entre Franco y Perón: Memória y Identidad del Exilio Español en Argentina**. Barcelona: Crítica, 2001.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

SHORES, Christopher. **Las Fuerzas Aeréas en la Guerra Civil Española**. Madrid: San Martín, 1979.

SILVA, Hélio. **1935: A Revolta Vermelha.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

SILVA, Hélio. **1937: Todos os Golpes se Parecem.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970.

SILVEIRA, Joel. MORAES NETO, Geneton. **Hitler/Stalin: O Pacto Maldito**. Rio de Janeiro: Record, 1989.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História Militar do Brasil.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Do Tenentismo ao Estado Novo: Memórias de um Soldado.** Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

SOUZA, Ismara I. **República Espanhola: um Modelo a ser Evitado.** São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa Oficial, 2001.

TALÓN, Vicente. **Un Episódio de la Guerra en el Aire**, España 1936-1937. Madrid: Defensa, 1997.

TAMAMES, Ramón. **La Guerra Civil Española: Una Reflexión Moral** Barcelona: Planeta, 1986.

TEMIME, Émile & BRODER, Albert & CHASTAGNARET, Gerárd. **História de la España Contemporanea. Desde 1808 Hasta Nuestros Dias.** Barcelona: Ariel, 1995.

THOMAS, Hugh. **La Guerra Civil Española**. 2 vol. Barcelona: Grijalbo Mondadori, 3 ed., 1996.

TOLSTOY, Nikolai: **A Noite das Longas Facas.** Rio de Janeiro: Renes, 1976.

TOWNSHEND, Charles (Org.) **The Oxford Illustrated History of Modern War.** New York: Oxford University Press, 1997.

TURNBULL, Peter. **The Spanish Civil War 1936 - 1939.** London: Osprey Publishing, 2 ed., 1990.

Vários. **Giral: Una História de Sangre.** Madrid: Ediciones Combate, 1940.

Vários. **PCB: Memória Fotográfica 1922-1982.** São Paulo: Brasiliense, 2 ed., 1982.

VERÍSSIMO, Érico. **Saga.** São Paulo: Globo, 21 ed., 1997.

VIANNA, Marly de Almeida G. **Revolucionários de 35.** Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1992.

VIDAL, César. **Las Brigadas Internacionales.** Madrid: Espasa-Calpe, 1998.

VIGEZZI, Brunello. "A Itália entra na Guerra". In: **História do Século XX.** São Paulo: Abril, 1973.

VIÑAS, Angel. **Franco, Hitler y el Estallido de la Guerra Civil.** Madrid: Alianza, 2001.

von OVEN, Wilhem. **Hitler y la Guerra Civil Española: Misión y Destino de la Legion Condor.** Buenos Aires: Struhart, 1987.

WAACK, William. **Camaradas.** Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1993.

WANDERLEY, Nelson Lavenére. **História da Força Aérea Brasileira.** Rio de Janeiro: IHA, 1975.

WASSERMAN, Cláudia. "A formação do Estado Nacional na América Latina: as emancipações políticas e o intrincado ordenamento dos novos países". In: WASSERMAN, Cláudia. **História da América Latina: cinco séculos.** Porto Alegre: UFRGS, 1996.

WOLIKOW, Serge. "A Concepção da História Operária diante da Abertura dos Novos Arquivos (a respeito dos Arquivos do Komintern)". In: **Cadernos AEL.** Campinas: AEL/ IFCH/ Unicamp, nº 5/6, 1996-1997.

WYDEN, Peter. **La Guerra Apasionada.** Madrid: Alcor, 1996.

ENTREVISTAS

CARVALHO, Apolônio de. **Entrevista com Apolônio de Carvalho.** (Entrevista concedida a Enrique S. Padrós, Érico P. Fernández e Jorge C. Fernández, em áudio, 60 min. Parte publicada em: Folha da História nº19, setembro 1998).

CARVALHO, Apolônio de. **Entrevista com Apolônio de Carvalho.** (Entrevistas realizadas em Setembro de 1998 na Casa de Cultura Mário Quintana. Em vídeo, 120 min.).

SILVEIRA, Delcy e JOBIM, Homero de Castro. **Entrevista com Delcy Silveira e Homero de Castro Jobim.** POA:1996 (Palestra realizada em 11 de dezembro de 1996 no ILEA, UFRGS).

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

SILVEIRA, Delcy. **Entrevista com Delcy Silveira.** POA: 1995. (Entrevista concedida a José Carlos Sebe Bom Meihy, cuja cópia foi cedida por Delcy Silveira a Jorge C. Fernández).

SILVEIRA, Delcy. **Entrevista com Delcy Silveira.** POA: 1996. (Entrevistas concedidas a Jorge C. Fernández e Carlos Goraieb em dezembro de 1996, em áudio 120 min.).

SILVEIRA, Delcy. **Entrevista com Delcy Silveira.** POA: 1997. (Entrevista concedida a Jorge C. Fernández e Gilberto Calil em setembro de 1997, em áudio 60 min.).

SILVEIRA, Delcy. **Entrevista com Delcy Silveira.** POA: 1999. (Entrevista concedida a Jorge C. Fernández em dezembro de 1999, em áudio 60 min.).

SILVEIRA, Delcy. **Entrevista com Delcy Silveira.** POA: 2001. (Série de entrevistas concedidas a Claudira Cardoso, Daniel R. Milke e Jorge C. Fernández durante o mês de agosto-setembro de 2001, em áudio 420 min.) .

INTERNET

BERCH, Victor. **Re: Brazilian Volunteers in Spain.**[online] Mensagem pessoal de Victor Berch ao autor. (08/01/2001).

DURGAN, Andy. **International Volunteers in the POUM Militias.** [online] http://www.fundanin.org (06/10/2002).

GEISER, Carl. **Re: Brazilian Volunteers in Spain.**[online] Mensagem pessoal de Carl Geiser ao autor. (06/01/2001).

GENOVÉS, Maria Dolors. **Operación Nikolai o el asesinato de Andreu Nin.** [online] http://www.fundanin.org/boletin/htm. Septiembre 2002.

MAC GOVERN, John. **El Terror Comunista en España.** Originalmente publicado em *La Révolution Prolétarienne* Paris, n°263, 25/01/1938. Extraído de: http://www.geocities.com/CapitolHill/9444/ilp.htm [online] 18/11/2001.

SOLANO, Wilebaldo. **La Larga Marcha por la Verdad Sobre Andreu Nin.** [online] http://www.fundanin.org/boletin/htm. Diciembre 2002.

VIVES, Francisco de Cabo **Un Poumista en las Brigadas Internacionales.** [online] http://www.fundanin.org/cabi.htm. (18/10/2001).

PERIÓDICOS

Estrella do Sul, Porto Alegre, 1935.

Correio do Povo, Porto Alegre, 1936-1939.

The Volunteer of Liberty (Orgão informativo da XV BI), New York, 1938-1941.

Crónica (Revista semanal), Madrid, 1935-1936.

Kölnische Illustrierte Zeitung (Revista semanal), Köln, 1939.

ARQUIVOS

Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul – AHRGS (Porto Alegre)

1929-1937. "Colégio Militar". Caixa 206-Maço 04.

1937. "Comando de Armas: Gal. Daltro Filho". Lata 271- Enc. 196.

Fundo "Documentos dos Governantes". Maço 72, 100, 122, 97, 98, 99, 73, 73^{A}, 74.

Arquivo do Estado de São Paulo – AESP (São Paulo)

Prontuários da Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo.

Apolônio de Carvalho nº 5306.

Carlos da Costa Leite nº 5290.

Delcy Silveira nº 5314.

Ernesto Joake (Yoske) nº 5306.

Hermenegildo Assis Brasil nº 5321.

Homero de Castro Jobim nº 5326.

Joaquim Silveira dos Santos nº 5300.

Jorge Cetl nº 5305

José Correa de Sá nº 5320.

José Gay da Cunha nº 5324.

ARCHIVO HISTÓRICO de la Provincia de Buenos Aires

Nelson de Souza Alves nº 5315.

Nemo Canabarro Lucas nº 5293.

Roberto Morena nº 1696.

Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro – APERJ (Rio de Janeiro)

Prontuários da Delegacia Especial de Segurança Política e Social (DESPS)– Distrito Federal

Apolônio de Carvalho nº 2687.

Alberto Roberto Bomílcar Besouchet nº 1753.

Carlos da Costa Leite nº 7127.

Celso Tovar Bicudo de Castro nº 2911.

José Gay da Cunha nº 4006.

Nemo Canabarro Lucas nº 2492.

Roberto Morena nº 15892.

Fundo pastas "Comunismo" : pasta nº 20.

Fundo "Panfletos DESPS": 429, 683, 929.

Arquivo Edgard Leuenroth – AEL (Campinas)

Coleção Arquivos da Internacional Comunista.

Rolo 10 (microfilme): "Características de los Comunistas Brasileños".

Inclui 90 documentos.